



Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Pós-graduação em Psicologia Cognitiva

Pompéia de Villachan e Lyra

*Relação de apego mãe-criança: um olhar
dinâmico e histórico-relacional*

Recife, 2007

Pompéia de Villachan e Lyra

*Relação de apego mãe-criança: um olhar
dinâmico e histórico-relacional*

Tese apresentada ao programa de pós-graduação em
psicologia cognitiva da Universidade Federal de
Pernambuco como exigência parcial para a
obtenção do título de doutor

Área de concentração: Psicologia Cognitiva

Orientador: Prof. Dr. Luciano Meira

Co-orientadora: Prof. Dra. Andréa Pantoja Garvey
(American River College, USA)

Co-orientador (estágio de doutorado): Prof. Dr. Alan Fogel
(University of Utah, USA)

Recife, 2007

Lyra, Pompéia de Villachan e
Relação de apego mãe-criança : um olhar dinâmico e histórico-
relacional. – Recife: O Autor, 2007.
263 folhas: il., fotos, tab.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco.
CFCH. Psicologia Cognitiva. Recife, 2007.

Inclui bibliografia e índice.

1. Psicologia cognitiva. 2. Teoria do apego. 3. Teorias dos
sistemas dinâmicos. Relações de apego – mãe-criança. I. Título.

159.9
150

CDU (2. ed.)
CDD (22. ed.)

UFPE
BCFCH2008/01

FOLHA DE APROVAÇÃO

Pompéia de Villachan e Lyra

Relação de Apego Mãe-Criança: Um Olhar Dinâmico e Histórico-Relacional

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Psicologia da Universidade Federal de
Pernambuco para a obtenção do título de doutor.

Área de concentração: Psicologia Cognitiva

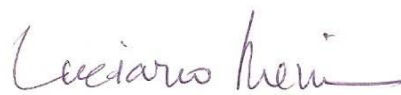
Aprovada em 11 de abril de 2007

Banca Examinadora

Prof. Dr. Luciano Rogério de Lemos Meira

Instituição: UFPE

Assinatura



Prof. Dr. Jaan Valsiner

Instituição: Clark University

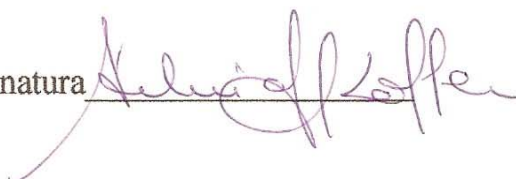
Assinatura



Profa Dra Silvia Koller

Instituição: UFRGS

Assinatura



Profa. Dra. Maria da Conceição Diniz Pereira de Lyra

Instituição: UFPE

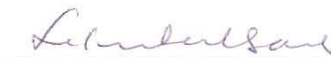
Assinatura



Profa. Dra. Selma Leitão Santos

Instituição: UFPE

Assinatura



A André e ao nosso bebê,
que tanto precisou
esperar pela realização
deste meu sonho. Meu
amor, nossa história de
apego já começou a ser
traçada, e está apenas
começando... Que Deus nos
abençoe com a sua
presença em nossas vidas!

Aos meus pais. Meu
''porto seguro''! Pela

nossa história de apego!

AGRADECIMENTOS

Este é um momento especial da construção deste trabalho. O momento em que olhando para traz e vejo como um trabalho desta natureza não se constrói solitariamente, mas em inúmeras mãos, ombros, colos, diálogos... Sinto-me abençoada por ter tido o privilégio de contar com pessoas tão especiais ao longo desta jornada, para as quais dirijo agora os meus mais sinceros agradecimentos...

A **Deus**, agradeço pela presença destas pessoas em minha vida e por me dar forças para não paralisar diante dos obstáculos, e sabedoria para aprender com as dificuldades e partilhar as alegrias!

A **André**, obrigada pela sua presença, existência, amor e companheirismo. Pela compreensão nos momentos de ausência, força e dedicação nas horas de trabalho. Sem você tudo seria muito, muito mais difícil!

Aos meus **pais, Aderaldo e Ângela Lyra**. Meu ``porto seguro'', com quem eu sei que posso contar e partilhar os momentos de dor e sofrimento e os momentos de alegrias, realizações e vitórias.
Amo Vocês!

Aos meus **irmãos (Rico e Lula),
sobrinhos (Rapha, Pri e Gui) e**

cunhadas (Nana e Fatima), pela incansável compreensão em todos os momentos de ausência e pelos abraços acolhedores nos momentos difíceis.

A **Eli**, minha amiga-irmã, comadre! Companheira de **todas** as horas, desde quando este doutorado era apenas um sonho um pouco distante.

A **Luciano Meira**, para mim, orientador exemplar! Pensador brilhante, instigador de questionamentos e respostas. Obrigada pelo suporte, disponibilidade e inequívoca participação na construção das idéias presentes neste texto.

A **Andrea Pantoja Garvey**, orientadora e amiga de tantos anos. Presente em tantos momentos de construção deste trabalho e de minha trajetória acadêmica. Minha profunda gratidão e reconhecimento.

A **Alan Fogel**, pela sua disponibilidade, atenção e cuidado. Pela apaixonante maneira de apresentar a teoria dos sistemas dinâmicos, que se tornou também a minha forma de ver o mundo.

A **Lindair Araújo**, minha querida Linda! Quem me proporcionou o prazer de conhecer a Teoria do Apego. Uma grande mulher, com quem

a cada dia venho aprendendo mais a
respeito do ser humano.

A **Bel Hazin**, obrigada pela força,
confiança, carinho e amizade.
Saiba o quanto te admiro e como
fico feliz com este estreitamento
dos nossos laços de amizade.

A **Mana, Belle, Karina**, foi muito
bom contar com vocês em mais esta
etapa de nossas vidas. Mais uma
conquista iniciada nos bons tempos
do LabCom. Quantas ``abreviações'',
heim?

A Mônica Lins (**Moniquinha**),
Fabiana Wanderley (**Fabi**), **Narinha**,
Ana Karenina, **Manda (Bryant)**, **Ale**
e **Catinha**, pela amizade, carinho e
apoio.

A **Maninha**, por me apresentar a
complexidade e dinamicidade do
fenômeno psicológico à luz da
teoria dos sistemas dinâmicos. Pela
história que vivemos ao longo de
seis anos de orientação à
iniciação científica. Obrigada por
me ajudar a construir os alicerces
de minha formação acadêmica! Sem
dúvida, você faz parte desta
história.

A **Jaan Valsiner**, parceiro
dialógico e interacional em
momentos vitais na construção
deste trabalho, desde quando a
proposta deste estudo era ainda

algo distante. Obrigada pelo
suporte, acolhimento de minhas
idéias e pelas brilhantes
colocações no momento da defesa de
minha dissertação de mestrado.

Agradeço também pelos
importantíssimos artigos de Bowlby
quando eu ainda iniciava meus
passos na investigação do apego;

Aos meus queridos e sempre mestres
Jorge Falcão e Selma Santos,
constantes parceiros dialógicos em
meus momentos de reflexão. Todo o
meu respeito, admiração, gratidão
e carinho;

A **Chel**, pelo carinho e cuidado na
leitura do texto no momento da
qualificação;

Às minhas **díades**, pela confiança e
disponibilidade em participar
deste estudo. Por terem aberto as
portas de suas casas e
disponibilizado tempo e dedicação
para a realização da pesquisa;

Aos meus **queridos alunos**, por
manterem viva em mim a vontade de
construir e partilhar
conhecimento;

Aos dirigentes da **Faculdade de
Ciências Humanas de Olinda
(Facho)**, pelo apoio em todos os
momentos que se fizeram
necessário;

Aos novos amigos, que tanto me ajudaram e me apoiaram durante a minha estadia em Salt Lake City (**Priscilla, Vito, Jane, Julie, Ryan**). Pelo suporte nos momentos de solidão e orientação nos momentos de dúvida e adaptação.

A **Vera Amélia, Elaine e Vera Lúcia**, pela paciência e disponibilidade ao longo de tantos anos;

A **Capes**, pelo apoio financeiro para a realização do estágio de doutorado 'sandwich';

A todos vocês e a todos que, de uma maneira ou de outra, estiveram ao meu lado ao longo desta caminhada.

Muito Obrigada!

RESUMO

Villachan-Lyra, Pompéia. **Relações de apego mãe-criança: Um olhar dinâmico e histórico-relacional**. 263f., Tese de Doutorado, Departamento de Psicologia, Curso de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

O presente estudo insere-se em um paradigma contemporâneo de pesquisa que concebe o desenvolvimento humano como um processo de mudança, inserido em um contexto de relações interpessoais. Enquanto um sistema dinâmico, histórico e relacional, a pessoa em desenvolvimento está continuamente co-regulando suas ações em relação às ações das outras pessoas com quem interage. Tomando por base a teoria dos sistemas dinâmicos e a perspectiva histórico-relacional, temos como objetivo geral investigar a dinâmica de funcionamento das relações de apego mãe-criança. Mais especificamente, buscamos: (1) Construir estratégias metodológicas que favorecessem a investigação da dinâmica relacional da co-construção, manutenção e modificação das relações de apego mãe-criança, do ponto de vista micro-desenvolvimental; (2) Identificar os elementos constitutivos do sistema de apego nas díades mãe-criança investigadas; e (3) Descrever a dinâmica de co-regulação das trocas comunicativas dos parceiros relacionais nos “*frames* de apego”, em duas díades que apresentam diferentes padrões relacionais de segurança em suas relações de apego. Foi realizada uma análise videográfica de três sessões das relações diádica (mãe-criança), estando os participantes engajados em uma brincadeira de construção de histórias e manipulação de pequenos bonecos representando papéis na família (pais, avós e filhos). A análise aqui empreendida foi composta por uma microanálise dos *frames* de apego (unidade de análise do presente estudo), sendo também realizada uma macroanálise (considerando as três sessões investigadas) com o objetivo de destacar as principais características relacionais do sistema de apego das díades investigadas. Foi ainda realizada uma análise qualitativa do padrão de co-regulação dos *frames* de apego, assim como uma análise da frequência dos *frames* de apego e dos padrões de co-regulação característicos da dinâmica de funcionamento do sistema de apego destas díades. Concluímos que as díades apresentaram padrões relacionais diferentes, que favoreceram a construção e manutenção de diferentes padrões de apego (seguro e inseguro). Tais padrões relacionais foram conceptualizados como configurações atratoras do sistema de apego mãe-criança. Estas configurações atratoras são construídas e modificadas a partir de um constante processo de co-regulação das ações comunicativas entre os parceiros relacionais em tempo real, podendo favorecer a construção de um senso de segurança ou insegurança em si mesmo, no parceiro relacional e na própria relação diádica. É este senso de segurança que, no presente estudo, se apresenta como representativo do fenômeno do apego. Defendemos que investigar as relações de apego sob esta lente paradigmática pode favorecer a compreensão do processo de construção e modificação das relações de apego, aspecto ainda pouco explorado pelos pesquisadores dessa área. A fim de favorecer tal investigação, propusemos também estratégias metodológicas especificamente talhadas ao estudo do apego como um fenômeno dinâmico, histórico e relacional.

Palavras chave: Relações de apego, sistemas dinâmicos, perspectiva histórico-relacional, metodologia em psicologia.

ABSTRACT

Villachan-Lyra, Pompéia. **Mother-child attachment relationship: A dynamic and historical-relational approach.** 263p., Doctor dissertation, Department of Psychology, Pós-Graduation in Cognitive Psychology, Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

The following study is embedded in a contemporary research paradigm which conceives the human development as a relational and emerging changing process. From a dynamic systems theory and relational-historical approach, the person in development is continuously co-regulating his/her actions in relation to their relational. From this perspective, the general objective of the present study is to investigate the dynamics of mother-child attachment relations. More specifically, we aim to: (1) develop methodological strategies that contribute to the investigation of the relational dynamics of co-construction, maintenance and modification of mother-child attachment relations, from the point of view of the micro-development; (2) identify the elements that constitute the mother-child attachment system; and (3) describe the dynamics of co-regulation of each mother-child dyad in the context of the *attachment frames* identified in this study. A video analysis of three sessions of mother-child interaction was conducted, while the participants were engaged in pretend play games using small dolls given by the primary investigator with the goal to represent family members (i.e., parents, grandparents and children). The analysis was composed of two levels: (1) a microanalysis of the *attachment frames* (unit of analysis of this study); and (2) a macro analysis to examine main relational characteristics of the attachment system of the mother-child dyads examined. Patterns of mother-child co-regulation were identified for each dyad and frequency of the *attachment frames* and co-regulation patterns were then calculated. Results indicated that each dyad co-created a different relational dynamics, which contributed to the construction and maintenance of their different attachment patterns, viewed herein as attractor configurations of each dyad's attachment system. We propose that investigating mother-child attachment from this theoretical framework will aid to our current understanding of the relational dynamics involved in the process of co-creation and transformation of the attachment system. We thus offered methodological strategies specifically designed for the study of attachment as a dynamic, historical and relational phenomenon.

Key words: Attachment relations, dynamic systems, historical-relational perspective, methodology in Psychology.

ÍNDICE DOS EPISÓDIOS ILUSTRATIVOS

Díade 1 - <i>Frames</i> de Apego	
Episódio 1 - Frame de cuidado (criança).....	140
Episódio 2 - Frame de cuidado (personagem).....	142
Episódios 3 e 4 - Frame de cuidado (objeto).....	144
Frame de cuidado (objeto).....	147
Episódio 5 - Frame de separação (M-C).....	150
Episódio 6 - Frame de separação (personagens).....	151
Episódio 7 - Frame de reencontro (M-C).....	155
Episódio 8 - Frame de reencontro (personagens).....	156
Díade 1 – <i>Quase-Frame</i> de Apego	
Episódio 9 - <i>Quase-Frame</i> de cuidado (personagens).....	158
Episódio 10 - <i>Quase-Frame</i> de separação (M-C).....	159
Episódio 11 - <i>Quase-Frame</i> de reencontro (personagens).....	161
Díade 2- <i>Frames</i> de Apego	
Episódio 12 - Frame de cuidado (criança).....	169
Episódio 13 - Frame de cuidado (personagem).....	171
Episódio 14 - Frame de cuidado (objeto).....	175
Episódio 15 - Frame de separação (M-C).....	177
Episódio 16 - Frame de separação (personagens).....	178
Episódio 17 - Frame de reencontro (M-C).....	183
Episódio 18 - Frame de reencontro (personagens).....	184
Díade 2 – <i>Quase-Frame</i> de Apego	
Episódio 19 - <i>Quase-Frame</i> de cuidado (personagem).....	186
Episódio 20 - <i>Quase-Frame</i> de cuidado (objeto).....	188
Episódios 21 e 22 - <i>Quase-Frame</i> de separação (M-C).....	189
Episódio 23 - <i>Quase-Frame</i> de separação (personagens).....	192
Episódio 24 - <i>Quase-Frame</i> de reencontro (personagens).....	195

ÍNDICE DAS TABELAS

Tabela 1. Frequência, tempo total de ocorrência e percentual de frequência e de tempo de ocorrência dos <i>frames</i> de apego, nas díades 1 e 2 (Sessão 1).....	Anexo1
Tabela 2. Frequência, tempo total de ocorrência e percentual de frequência e de tempo de ocorrência dos <i>frames</i> de apego, nas díades 1 e 2 (Sessão 2).....	Anexo1
Tabela 3. Frequência, tempo total de ocorrência e percentual de frequência e de tempo de ocorrência dos <i>frames</i> de apego, nas díades 1 e 2 (Sessão 3).....	Anexo1
Tabela 4. Frequência, tempo total de ocorrência e percentual de frequência e de tempo de ocorrência dos <i>frames</i> de apego, nas díades 1 e 2 (Sessões 1, 2 e 3).....	Anexo1
Tabela 5. Frequência e percentual de frequência dos <i>frames</i> de apego e dos <i>quase-frames</i> de apego, nas duas díades e nas três sessões analisadas.....	Anexo1
Tabela 6. Frequência, tempo total de ocorrência e percentuais de frequência e de tempo de ocorrência de cada um dos padrões de co-regulação nos <i>frames</i> de apego, nas duas díades (Sessão 1).....	Anexo1
Tabela 7. Frequência, tempo total de ocorrência e percentuais de frequência e de tempo de ocorrência de cada um dos padrões de co-regulação nos <i>frames</i> de apego, nas duas díades (Sessão 2).....	Anexo1
Tabela 8. Frequência, tempo total de ocorrência e percentuais de frequência e de tempo de ocorrência de cada um dos padrões de co-regulação nos <i>frames</i> de apego, nas duas díades (Sessão 3).....	Anexo 1
Tabela 9. Frequência, tempo total de ocorrência e percentuais de frequência e de tempo de ocorrência de cada um dos padrões de co-regulação nos <i>frames</i> de apego, nas duas díades (Sessões 1, 2 e 3).....	Anexo1
Tabela 10. Frequência, tempo total de ocorrência e percentuais de frequência e de tempo de ocorrência de cada um dos padrões de co-regulação nos <i>quase-frames</i> de apego, nas duas díades (Sessão 1).....	Anexo1
Tabela 11. Frequência, tempo total de ocorrência e percentuais de frequência e de tempo de ocorrência de cada um dos padrões de co-regulação nos <i>quase-frames</i> de apego, nas duas díades (Sessão 2).....	Anexo1
Tabela 12. Frequência, tempo total de ocorrência e percentuais de frequência e de tempo de ocorrência de cada um dos padrões de co-regulação nos <i>quase-frames</i> de apego, nas duas díades (Sessão 3).....	Anexo1
Tabela 13. Frequência, tempo total de ocorrência e percentuais de frequência e de tempo de ocorrência de cada um dos padrões de co-regulação nos <i>quase-frames</i> de apego, nas duas díades (Sessões 1, 2 e 3).....	Anexo1

Tabela 14. Frequência, tempo total de ocorrência e percentuais de frequência e de tempo de ocorrência de cada um dos padrões de co-regulação nos <i>frames</i> de apego e nos <i>quase-frames</i> de apego, nas duas díades (Sessão 1).....	Anexo1
Tabela 15. Frequência, tempo total de ocorrência e percentuais de frequência e de tempo de ocorrência de cada um dos padrões de co-regulação nos <i>frames</i> de apego e nos <i>quase-frames</i> de apego, nas duas díades (Sessão 2).....	Anexo1
Tabela 16. Frequência, tempo total de ocorrência e percentuais de frequência e de tempo de ocorrência de cada um dos padrões de co-regulação nos <i>frames</i> de apego e nos <i>quase-frames</i> de apego, nas duas díades (Sessão 3).....	Anexo1
Tabela 17. Frequência, tempo total de ocorrência e percentuais de frequência e de tempo de ocorrência de cada um dos padrões de co-regulação nos <i>frames</i> de apego e nos <i>quase-frames</i> de apego, nas duas díades (Sessões 1, 2 e 3).....	Anexo1
Tabela 18. Percentual de frequência e de tempo de duração do padrão de co-regulação simétrico (acordo e desacordo) de todos os <i>frames</i> de apego e <i>quase-frames</i> de apego, nas duas díades.....	137
Tabela 19. Frequência total e percentual de frequência dos <i>frames</i> de apego e <i>quase-frames</i> de apego, nas duas díades.....	168
Tabela 20. Percentual de frequência e de tempo de duração do padrão de co-regulação <i>unilateral (initiating – C)</i> , em todos os <i>frames</i> de apego e <i>quase-frames</i> de apego.....	197
Tabela 21. Percentual de frequência dos <i>frames</i> de apego e dos <i>quase-frames</i> de apego, nos episódios de separação e reencontro, nas díades 1 e 2 e considerando o somatório das três sessões investigadas.....	198
Tabela 22. Percentual de frequência e de tempo de ocorrência do padrão de co-regulação <i>simétrico seqüencial (acordo e desacordo)</i> considerando apenas os <i>frames</i> de apego.....	202
Tabela 23. Percentual de frequência e de tempo do padrão de co-regulação <i>simétrico seqüencial (acordo e desacordo)</i> considerando apenas os <i>quase-frames</i> de apego.....	202
Tabela 24. Percentual de frequência e de tempo do padrão de co-regulação <i>simétrico seqüencial (acordo e desacordo)</i> considerando todos os <i>frames</i> de apego e <i>quase-frames</i> de apego.....	203
Tabela 25. Percentual de frequência e de tempo de ocorrência do padrão de co-regulação <i>asimétrico</i> considerando todos os <i>frames</i> de apego e <i>quase-frames</i> de apego.....	203
Tabela 26. Percentual de frequência e de tempo de ocorrência do frame de apego de cuidado, nas duas díades investigadas e considerando as três sessões analisadas.....	205

SUMÁRIO

Dedicatória	iii
Agradecimentos	
Resumo	
Abstract	
Sumário	
APRESENTAÇÃO	17
1. A TEORIA DO APEGO	26
1.1. Conceitos básicos da teoria do apego	26
1.2. Formas de investigação do apego	38
1.2.1. Instrumentos atuais para a investigação do apego	41
1.3. Apego como um sistema multifacetado e relacional	46
2. APEGO E A TEORIA DOS SISTEMAS DINÂMICOS	52
2.1. Teoria dos sistemas dinâmicos: Visão geral	52
2.2. Princípios norteadores da teoria dos sistemas dinâmicos	54
2.3. Algumas implicações decorrentes da adoção desta perspectiva	67
2.4. Um olhar sistêmico ao fenômeno do apego	69
3. CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: UM OLHAR À LUZ DA PERSPECTIVA HISTÓRICO-RELACIONAL	78
3.1. Noção de desenvolvimento adotada: Retomando algumas idéias	78
3.2. Noções de comunicação e de linguagem assumidas no presente estudo	82
3.3. Princípios teórico-metodológicos da Perspectiva Histórico-Relacional	85
3.3.1. O estudo de casos	87
3.3.2. Identificação de Padrões da Relação: Os <i>Frames</i>	88
4. PLANO METODOLÓGICO	96
4.1. Perguntas norteadoras e objetivos do estudo	96
4.2. Microgênese e a realização de estudo de casos	98
4.3. Os participantes	101

4.4. Os registros videográficos.....	103
4.5. Definição da unidade de análise.....	106
4.5.1. Unidade de análise: Os <i>frames de apego</i>	110
- <i>Frames de apego</i> : Visão geral.....	110
- <i>Frames de apego</i> : Definição e exemplos.....	111
4.5.2. Os <i>quase-frames</i> de apego: Definição e exemplos.....	119
4.6. Sistema de codificação relacional: Análise dos padrões de co-regulação.....	123
4.7. Estratégias de análise.....	127
4.7.1. Microanálise: Descrição detalhada dos <i>frames</i> e dos <i>quase-frames</i> de apego.....	128
4.7.2. Macroanálise: Dinâmica de funcionamento do sistema de apego.....	130
4.7.3. Análise de frequência e de tempo de ocorrência.....	131
5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	135
5.1. Díade 1.....	136
5.1.1. <i>Frames de apego</i>	140
5.1.2. <i>Quase-frames de apego</i>	158
5.1.3. Características relacionais do sistema de apego da díade 1.....	162
5.2. Díade 2.....	167
5.2.1. <i>Frames de apego</i>	169
5.2.2. <i>Quase-frames de apego</i>	186
5.2.3. Características relacionais do sistema de apego da díade 2.....	196
6. CONCLUSÃO.....	209
6.1. Algumas contribuições metodológicas do presente estudo.....	213
6.2. As relações de apego mãe-criança sob um olhar dinâmico e histórico-relacional.....	218
6.3. Novas direções de pesquisa.....	227
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	231

ANEXOS



“Se o futuro já está, de alguma maneira, contido no presente, o qual também contém o passado, o que significa a seta do tempo? A seta do tempo é a manifestação do fato de que o futuro não está dado, que, como enfatiza o poeta Francês Paul Valery, ‘tempo é construção’” (Prigogine & Stengers, 1984, p. 16).

Apresentação

APRESENTAÇÃO

Na primeira metade do século XX (e também durante boa parte da segunda metade), as pesquisas com foco em psicologia do desenvolvimento tinham como objetivo principal o estabelecimento de normas comportamentais para cada idade, o que era realizado a partir da investigação das diversas competências da criança, cuja aquisição deveria seguir uma ordem pré-estabelecida. Tais competências eram concebidas como resultado de um processo maturacional, sendo também influenciado por determinadas características do ambiente social e emocional no qual o indivíduo em desenvolvimento se encontrava inserido. De modo geral, Van den Boom e Hoeksma (1995) e Granic (2000) destacam que tais estudos ilustram uma visão unidirecional do desenvolvimento e das relações pais-criança, segundo a qual determinados comportamentos e atitudes dos pais podem desempenhar um forte impacto no desenvolvimento de determinadas habilidades por parte da criança.

Em um momento posterior, em particular por volta da década de 1970, o papel ativo assumido pelo bebê e pela criança em seu processo de desenvolvimento passou a ser gradativamente considerado, e posteriormente inquestionável, sendo dado início a uma visão bidirecional do processo de desenvolvimento (Granic, 2000, Van den Boom & Hoeksma, 1995). Neste momento, merece menção a publicação de um importante estudo desenvolvido por Bell (1968) que propôs que pais e criança regulam seus comportamentos, sendo um influenciado pelo comportamento do outro. Neste período, dois importantes aspectos modificaram a maneira de conceber a relação mãe-bebê no início da vida, vigente até então. A primeira, diz respeito a uma mudança conceitual, e refere-se ao reconhecimento do caráter competente e comunicativo do bebê, passando este a ser concebido como um parceiro ativo na interação diádica. A segunda contribuição consiste em uma revolução metodológica

para a época, e refere-se à utilização inicial de registros videográficos para a investigação das relações sociais, o que permitiu uma análise mais detalhada das interações mãe-bebê (Figueredo, 1996). Van den Boom e Hoeksma (1995) destacam os estudos realizados por Brazelton, Koslowski e Main (1974) e Lewis e Lee-Painter (1974) como exemplos de pesquisas que seguiram nesta direção, utilizando-se de análise videográfica microgenética para investigar as interações pais-criança.

Neste contexto, por volta da década de 1970 se inicia a investigação da interação mãe-bebê e mãe-criança à luz de um novo modelo; um modelo bidirecional segundo o qual os parceiros interacionais exercem uma influência recíproca um sobre o outro. Apesar da criança ser considerada como parceiro ativo, este modelo ressalta a importância da qualidade da interação diádica no início da vida, sugerindo que a mãe apresenta-se como uma forte influência no desenvolvimento futuro do bebê. Tal influência é justificada, sobretudo, por ser o início da vida um período crucial para o desenvolvimento das habilidades sociais e emocionais do ser humano e por ser a mãe, em muitos casos, a principal parceira relacional do bebê no início de sua vida.

Neste contexto, em 1958 John Bowlby publicou a sua primeira formulação da teoria do apego (Bowlby, 1958), em um artigo intitulado *'The nature of the child's tie to his mother'*, que se tornou um marco nas pesquisas na área do apego. Em seguida, em 1969, Bowlby publica o primeiro volume (Apego) da sua trilogia "Apego, Separação e Perda", e dá início a uma tradição de estudos e pesquisas interessadas na investigação da relação afetiva precoce estabelecida entre o bebê e o responsável pelos seus cuidados iniciais – geralmente a figura materna (Bell, 1970; Bowlby, 1952; 1956a; 1956b; 1958; 1960; 1964; 1979/1997; 1981; Durbin & Bowlby, 1959; Frankel & Bates, 1990; Hazen & Durrett, 1982; Levitt, Antonucci &

Clark, 1984; Matas, Arent & Sroufe, 1978; Meins, 1997; 2000; Murphy, 1964; Naess, 1960; Paradise & Curcio, 1974; Slade, 1987; Waters, Wippman e Sroufe, 1979; dentre outros).

Valsiner (2000) ressalta que antes de formular a sua teoria do apego, as investigações de Bowlby (influenciado por sua formação psicanalítica) aproximavam-se de uma visão relacional e dinâmica das relações afetivas mãe-bebê, que eram investigadas a partir de seu trabalho clínico realizado durante os anos em que trabalhou como psiquiatra infantil na Tavistock Clinic, em Londres. As relações de apego eram assim concebidas como um contínuo processo de mútua influência entre a mãe, a criança e o meio físico e social que os cercam. No entanto, com a elaboração da teoria do apego, este fenômeno passou a ser concebido como “um produto da atividade de um certo número de sistemas comportamentais que tem a proximidade com a mãe como resultado previsível” (Bowlby, 1984, p. 193). Com o desenvolvimento posterior de instrumentos padronizados para a investigação do apego, diversos estudos passaram a investigar o apego mãe-criança a partir da observação do comportamento da criança, ou da aplicação de determinadas tarefas a esta última (e.g., Ainsworth & Wittig, 1969, Posada, Oppenheim e Waters, 1995, Waters, Crowell & Lay, 1995, Waters, Vaughn, Posada, Kondo-Ikemura, 1995). Nestes estudos, o objetivo primeiro da aplicação destes instrumentos passou a ser a classificação de estilos de apego da criança, concebido como uma característica individual. Nestas pesquisas, pouca ênfase era atribuída à dinâmica relacional entre a mãe e a criança que contribui para o desenvolvimento do estilo de apego. Ressaltamos também que o uso de instrumentos padronizados para a investigação do apego associado a uma visão bidirecional deste fenômeno relaciona-se também à

adoção de uma visão de causalidade linear entre determinados aspectos (como a sensibilidade materna) e o desenvolvimento de determinados estilos de apego.

Discutindo este processo de modificação paradigmática da teoria do apego, Valsiner (2000, p. 220) resume:

A história conceitual do apego tem procedido da seguinte maneira. Primeiro, estava em destaque a complexidade das relações entre pais e criança, destacada a partir de casos psicanalíticos (por exemplo, a descrição dos casos de Bowlby de delinquência juvenil – Bowlby, 1944). A complexidade destes casos foram substituídos pelo rótulo de “apego”, o qual é um rótulo genérico apropriado para a complexidade do fenômeno. O rótulo agora começa a operar como um descritor estático da dinâmica do fenômeno.

A partir da década de 1980 pode-se observar um crescente movimento na literatura na área de desenvolvimento na primeira infância que passa a investigar a interação mãe-bebê como um sistema dinâmico, co-regulado e mutuamente dependente de trocas entre os parceiros relacionais. De acordo com esta visão, tais trocas constroem e ao mesmo tempo carregam a história construída pelo sistema de forma partilhada ao longo do tempo. Mais especificamente, tem sido crescente o número de estudos que propõe um olhar sistêmico ao fenômeno do desenvolvimento no início da vida, à luz da teoria dos sistemas dinâmicos (e.g., Thelen e Smith, 1994, Fogel, 2003, Fogel e Thelen, 1997, Fogel e Lyra, 1997, Lewis, 1995, 2000, Lyra, 1988, 2000, Pantoja, 1996, 1998, van Geert, 1994, entre outros). A partir de uma visão baseada na teoria dos sistemas dinâmicos, as relações entre pais e crianças são então concebidas como sistemas em constante desenvolvimento, auto-organizados em momentos de estabilidade e mudança ao longo de sua história.

Baseando-se na teoria dos sistemas dinâmicos para o estudo do desenvolvimento humano, alguns autores têm destacado que esta perspectiva pode também se apresentar como bastante útil para a investigação das relações de apego no início da vida (Coleman & Watson, 2000, Fogel, 1995, 2000, Laible e Thompson, 2000, Thompson, 1995, van Geert, 1995). Seguindo nesta direção, Fogel (2000) ressalta a relevância da realização de novas pesquisas empíricas para a investigação do fenômeno do apego à luz da perspectiva de sistemas dinâmicos, que visem investigar o processo de co-construção de vínculos afetivos pela díade mãe-criança e ressaltar a importância do caráter dinâmico, aberto e co-construído deste processo.

Seguindo nesta direção e adotando a teoria dos sistemas dinâmicos como paradigma teórico-metodológico de base, a presente pesquisa busca empreender um passo neste sentido. Aqui, a relação de apego mãe-criança é compreendida como um sistema dinâmico, composto por vários elementos que se influenciam mutuamente, favorecendo o contínuo processo de co-construção e mudança deste sistema ao longo do tempo. Neste sentido, concebemos que apego refere-se à ligação afetiva co-construída entre a criança e a sua figura materna, bem como o senso de segurança e confiança co-construído e partilhado por estes parceiros relacionais. Tal senso de segurança e confiança ao mesmo tempo em que é construído a partir de ações comunicativas dos parceiros, também guia tais ações ao longo da relação diádica. Considerando a pouca realização de estudos empíricos que se dediquem à investigação do apego sob esta lente paradigmática, também se apresenta como um objetivo do presente estudo a elaboração de estratégias metodológicas que favoreçam tal investigação.

Este trabalho será apresentado em seis capítulos. No capítulo 1, serão destacados alguns conceitos básicos da teoria do apego, bem como os principais instrumentos de investigação utilizados pelos pesquisadores que se dedicam ao estudo do apego. No capítulo seguinte, serão tecidos alguns comentários sobre a teoria dos sistemas dinâmicos, sendo destacados os principais pressupostos desta teoria e a sua recente aplicação na psicologia. Neste capítulo buscaremos ainda levantar algumas considerações iniciais sobre a possibilidade de se empreender um olhar sistêmico às relações de apego mãe-criança. No terceiro capítulo será apresentada a perspectiva histórico-relacional, que serviu de base para a elaboração de algumas estratégias metodológicas que serão apresentadas no capítulo subsequente, de “plano metodológico”. Neste quarto capítulo serão apresentados os caminhos metodológicos trilhados no processo de construção dos dados, bem como a nossa unidade de análise e os passos empreendidos no processo de análise dos registros videográficos. No quinto capítulo serão apresentados e discutidos os principais resultados deste estudo e, por fim, no sexto e último capítulo iremos tecer alguns comentários conclusivos a respeito das principais contribuições da presente pesquisa, assim como sugerir alguns caminhos que possam ser trilhados por aqueles pesquisadores interessados em estudar o fenômeno do apego como um sistema dinâmico e histórico-relacional.

No entanto, antes de iniciarmos a discussão a respeito da teoria do apego, primeiro capítulo desta tese, julgamos ser importante tecermos alguns comentários a respeito da noção de desenvolvimento à qual nos filiamos no presente estudo e que guiou as escolhas teórico-metodológicas aqui realizadas para a nossa investigação das relações de apego mãe-criança.

Concepção de Desenvolvimento Assumida: Um Breve Comentário

Tal como acima apresentado, o desenvolvimento humano tem sido concebido de diferentes maneiras pelos diversos pesquisadores da área. Tendo as relações de apego mãe-criança como o foco de investigação no presente estudo, e concebendo este fenômeno como um importante aspecto do desenvolvimento no início da vida, julgamos pertinente tecer alguns comentários a respeito da noção de desenvolvimento aqui assumida. O presente estudo aproxima-se da definição de desenvolvimento apresentada por Ford e Lerner, quando tais autores ressaltam que:

O desenvolvimento humano individual envolve um processo de transformações progressivas que, através de um fluxo das interações entre as características da pessoa e do seu contexto, produz uma sucessão de mudanças relativamente duradouras, que elaboram ou aumentam a diversidade de características estruturais e funcionais da pessoa e os padrões de interações do meio, o que mantém uma organização coerente e uma unidade estrutural e funcional da pessoa como um todo (Ford & Lerner, 1992, citado em Valsiner, 1997, p. 5).

Neste sentido, concebemos o desenvolvimento como constituído por processos de mudanças e momentos de quase-estabilidade, que se organizam e aumentam de complexidade ao longo do tempo. Assim, o fenômeno do desenvolvimento é entendido como um sistema dinâmico, constituído tanto por padrões reconhecíveis de comportamento, como também pela emergência de novos estados comportamentais, a partir da reorganização dos estados anteriores, em um tempo irreversível. Desta forma, o desenvolvimento é naturalmente **irreversível**, ou

seja, o indivíduo não pode jamais retornar ou reviver uma experiência vivida previamente até mesmo porque no próprio ato de tentar reviver tal experiência, a mesma já é transformada (Valsiner, 1997, 1998, 2000). Esta concepção de desenvolvimento se apresenta como uma perspectiva contemporânea para o estudo da psicologia do desenvolvimento (Valsiner, 1998) e envolve importantes noções – como (a) novidade, (b) variabilidade; (c) tempo irreversível; (d) sistema aberto; (e) causalidade dinâmica; (f) processo histórico – que serão apresentadas ao longo deste trabalho (em particular nos capítulos 2 e 3, que se dedicam à discussão da teoria dos sistemas dinâmicos e da perspectiva histórico-relacional, respectivamente).

Assumindo esta noção de desenvolvimento, o presente estudo de propõe a investigar as relações de apego mãe-criança, à luz da teoria dos sistemas dinâmicos e da perspectiva histórico-relacional. A seguir, serão apresentadas as principais idéias da teoria do apego, bem como alguns estudos recentes que propõe conceber as relações de apego como um sistema multifacetado.

A Teoria do Apego



“O apego íntimo a outros seres humanos é o núcleo em torno do qual gira a vida de uma pessoa, não só enquanto bebê, criança pequena ou criança de escola, mas também durante a sua adolescência e maturidade, até a velhice. É desse apego íntimo que retiramos a força e o prazer da vida, e proporcionamos também força e prazer a outros. Nessas questões, a ciência atual e a sabedoria tradicional se identificam” (John Bowlby, 1969/1984, p. 350).

1. A TEORIA DO APEGO

1.1. Conceitos Básicos da Teoria do Apego

A teoria do apego resulta de um trabalho conjunto de dois importantes teóricos da psicologia do desenvolvimento, John Bowlby e Mary Ainsworth (Bowlby, 1969/1984, Ainsworth, 1968, 1989, Ainsworth & Bowlby, 1991). Como ponto de partida para a criação dessa teoria, Bowlby baseou-se na etologia, em sua experiência profissional psicanalítica e na crença da fundamental importância das relações sociais e afetivas para o desenvolvimento infantil.

Para esta teoria, o principal interesse de investigação está no comportamento da criança em relação a um determinado adulto que atua para ela como uma figura de apego. Mais especificamente,

Dizer que uma criança é apegada ou tem apego por alguém, significa que ela está fortemente disposta a buscar proximidade e contato com uma figura específica, principalmente quando está assustada, cansada ou doente. (...) A teoria do apego é uma tentativa tanto de explicar o comportamento de apego, com seu aparecimento e desaparecimento episódicos, como também os apegos duradouros que as crianças formam (e também os adultos) para com determinadas figuras (Bowlby, 1969/1984, p. 396).

De modo diferente, no presente estudo concebemos apego como um processo relacional de co-criação de um senso de confiança mútua entre os parceiros relacionais, mais especificamente entre a criança e a figura materna, principal responsável por seus cuidados ao longo do tempo. Buscando compreender o fenômeno do apego como relacional e dinâmico, aqui apego é compreendido como

uma ligação afetiva contínua entre a criança e sua figura materna. Consiste em uma construção relacional de um senso de segurança e confiança que favorece que um dos parceiros atue como base segura para o outro, a quem este recorre quando se sente vulnerável e precisa de proteção ou suporte.

Ressaltamos que para Bowlby (1969/1984) a construção das relações de apego se dá através de uma mútua influencia entre os comportamentos da mãe e da criança. Nesta direção, dois papéis são identificados: Por um lado, a figura materna poderá atuar como uma base segura, que favorecerá a autonomia da criança e, ao mesmo tempo, estará disponível para afagá-la e tranquiliza-la em uma situação em que a criança se sinta ameaçada ou temerosa. Ao mesmo tempo, a criança apresentará comportamentos específicos cujo objetivo último consiste na retomada do contato com a figura de apego, tais como o choro, o sorriso ou o agarrar-se a esta figura. A estes comportamentos dá-se o nome de comportamentos de apego (Ainsworth, 1969; Bowlby, 1985).

Comportamentos de apego. Bowlby (1969/1984) identificou vários comportamentos como relevantes no estabelecimento e manutenção do apego. Tais comportamentos incluem a troca de sorrisos e de olhares, vocalizações e trocas verbais, proximidade física, entre outros comportamentos que tendem a seduzir e manter a proximidade entre o bebê e o seu responsável. Ao longo do tempo, estes comportamentos tornam-se integrados em um sistema comportamental de apego, que posteriormente irão guiar as futuras interações estabelecidas pela mãe e seu filho. Tal sistema de apego também disponibilizará informações aos parceiros a respeito deles mesmos e da qualidade de sua relação, em um modelo interno de funcionamento (este conceito será discutido posteriormente). Por exemplo, “esta é uma relação

segura e que proporciona um sentimento de proteção?”, “eu sou cuidado de forma consistente?”, “Eu sou sensível às necessidades do meu filho?” e assim por diante. Desta forma, o desenvolvimento do apego entre os parceiros relacionais envolve uma co-construção gradual de um sistema coerente, composto pelos comportamentos de cada parceiro bem como seus processos emocionais e cognitivos (e.g., Belsky, Garduque, & Hencir, 1984; Frankel, & Bates, 1990; Matas, Arent, & Sroufe, 1978; Paradise, & Curcio, 1974; Waters, Wippman, & Sroufe, 1979).

Base segura. Ao comportamento de apego está associado um forte componente emotivo. Intensas emoções podem ser vivenciadas durante o processo de formação, manutenção, rompimento e retorno das relações de apego. Araújo e Kato (1983) fazem uma analogia entre a relação de apego e o apaixonar-se. Sugerem que a presença da figura de amor pode eliciar um enorme prazer e a perda do parceiro querido pode desencadear profundo sofrimento e ansiedade. De forma semelhante, a figura de apego é amada pelo bebê, o seu retorno é acolhido com alegria, e a sua perda ou distanciamento é vivenciado com raiva e ansiedade. Sendo assim, uma relação de apego segura é experimentada como uma fonte de conforto e segurança, que irá permitir à criança conhecer e explorar o seu mundo físico e social, sabendo que diante de algum sinal de perigo, poderá retornar a sua mãe e sentir-se novamente protegida. Nessas relações, os momentos de separação tendem a ser gradativamente vivenciados como temporários, minimizando, desta forma, o nível de sofrimento e ansiedade quando da separação da figura de apego. Assim, ao ser estabelecida uma relação de apego segura entre a mãe e seu filho, a figura de apego poderá atuar como uma base segura, que favorece que a criança se engaje em atividades de exploração do mundo externo, necessárias para uma adaptação bem sucedida às exigências do

meio. Segundo Soares (1996, p. 35), “o simples conhecimento de que a figura de apego está disponível e responsiva dá um sentimento de segurança e encoraja a criança a valorizar e a continuar com a exploração do meio”. Assim, a manutenção da proximidade e obtenção de segurança que irá promover a exploração do ambiente por parte do bebê calca-se na utilização da figura de apego como um refúgio de segurança.

Em síntese, no exercício de sua atividade de exploração, a criança poderá deparar-se com uma situação de perigo. Ao sentir-se alarmada, a criança tenderá a buscar proximidade com a figura de apego, com a finalidade de restabelecer o contato com esta e vivenciar um sentimento de segurança e conforto. Nesta situação, se esta figura encontra-se disponível e sensível às necessidades de proteção da criança, esta relação será fortalecida como uma relação de apego segura, a criança deixará de sentir medo e sentir-se-á segura para continuar a sua atividade exploratória, sabendo que diante da eminência do perigo poderá retornar ao seu “porto seguro”. Assim, o sentimento de segurança experimentado pela criança diante da disponibilidade materna poderá tranquilizá-la e favorecer a retomada de seu movimento de exploração do meio.

No entanto, se ao se deparar com uma situação de perigo a criança procurar pela sua figura de apego e esta não lhe estiver acessível, a criança tenderá a enfrentar esta situação como duplamente ameaçadora: por um lado, a criança encontra-se em uma situação ameaçadora, que precisa ser enfrentada sozinha e, por outro, questiona-se sobre a disponibilidade da figura materna, seja esta disponibilidade física ou afetiva. Assim, a figura de apego poderá passar a não ser vista pela criança como alguém sensível às suas necessidades, disponível ou confiável e as atividades

exploratórias podem passar a serem experienciadas como ameaçadoras. Muitas vezes, tais atividades podem, por si só, desencadear um estado de ansiedade e apreensão na criança, tendo em vista a sua insegurança quanto ao re-estabelecimento do contato com a figura de apego.

Visão bi-direcional do apego. Esta segurança quanto à disponibilidade materna e a possibilidade de retomada do contato com esta figura de apego se apresenta como uma importante característica das relações de apego. Desta forma, a principal função do comportamento de apego consiste na manutenção da proximidade física e emocional entre a criança em desenvolvimento e o seu principal responsável. Influenciado pela etologia, Bowlby (1969/1984) argumenta que esta proximidade física e emocional tem como origem evolucionária a sobrevivência do bebê e a sua futura adaptação às demandas do ambiente. Além disso, o vínculo de apego estabelecido entre o bebê e a sua figura materna tende a funcionar como uma espécie de modelo que, potencialmente, influenciará as futuras relações sociais estabelecidas pela criança ao longo de sua vida.

Assim sendo, concebendo o apego como um fenômeno que emerge da relação, Bowlby e Ainsworth ressaltam a importância de enfatizar a natureza bidirecional do desenvolvimento do apego (e.g. Bowlby, 1969/1984, Ainsworth, 1989). Bowlby, (1969/1984, p. 218) destaca que “Ainsworth e Schaffer estão entre os numerosos observadores que chamam a atenção para o papel muito ativo do bebê humano” (grifos nossos). Baseada em suas observações naturalísticas, Ainsworth ressaltou que um importante aspecto que a impressionava foi o quão ativos eram os bebês e o como, muitas vezes, eram eles quem tomavam a iniciativa em suas relações

com suas mães (e.g. Ainsworth & Wittig, 1969, Blehar, Lieberman & Ainsworth, 1977, Ainsworth, 1989).

Esta visão bidirecional era uma nova maneira de conceber os bebês nas décadas de 1950 e 1960. Ao mesmo tempo, Bowlby claramente ressaltou o papel central assumido pelo principal responsável pelos cuidados com o bebê (ou principal figura de apego) na medida em que este participa da co-construção diária do desenvolvimento social e emocional da criança, o qual inclui a construção da relação de apego. Em suas próprias palavras:

Embora existam provas abundantes mostrando que o tipo de cuidado que um bebê recebe de sua mãe desempenha um importante papel na determinação do modo como se desenvolve seu comportamento de apego, não se deve jamais esquecer em que medida a própria criança inicia a interação e influencia a forma que ela adota.

Desta forma, desde o momento inicial da vida do bebê, é iniciado o estabelecimento de uma relação, na qual se articulam dois papéis distintos e complementares: por um lado, o bebê em busca de atenção e cuidados que lhe proporcionem a satisfação de suas necessidades básicas, de segurança, proteção e carinho; por outro, o adulto, geralmente a figura materna, que, através da prestação de cuidados, encontra-se disponível e capaz de responder às solicitações da criança. Desta forma, ressaltamos que em sua origem, a construção do apego é concebida como um processo dinâmico e relacional entre o principal cuidador e seu filho, que tem origem no início da vida do bebê e envolve a participação ativa e a mútua influência de ambos os parceiros diádicos ao longo dos primeiros anos de vida da

criança (e.g. Ainsworth & Marvin, 1994; Bowlby, 1952, 1969/1984; Bretherton, 1992, 1995).

A figura materna – geralmente a primeira e a principal figura de apego – apresenta-se para a criança como a primeira fonte de conforto e segurança. Bowlby define como figura de apego principal a pessoa a quem a criança ficou vinculada de modo especial, devido à regularidade e qualidade apresentada nos momentos de cuidados com a criança. Esse autor salienta que, embora em nossa cultura a figura de apego principal geralmente seja a mãe, é possível que este papel possa ser assumido por outras figuras, como, por exemplo, o pai, os avós ou irmãos mais velhos, pais adotivos, tios, etc. No entanto, a construção das relações de apego entre o bebê e esta figura de apego principal não se dá de forma abrupta e imediata, mas sim por meio das inúmeras interações estabelecidas entre eles ao longo do tempo, sobretudo nos momentos de cuidado e proteção.

Estágios do desenvolvimento do apego. Segundo Bowlby (1969/1984), a formação dos primeiros vínculos afetivos se dá por meio das interações mãe-criança ao longo da primeira infância, em um processo paulatino de organização dos sistemas comportamentais e de construção de modelos internos de funcionamento. Neste processo, Bowlby e Ainsworth destacam quatro períodos através dos quais o apego é estabelecido e mantido ao longo dos primeiros anos de vida da criança (Ainsworth & Wittig, 1969; Bowlby, 1969/1984).

O primeiro período ocorre durante os primeiros três meses de vida do bebê, quando este demonstra, através de seus comportamentos, alguma diferenciação entre os estímulos sociais e não sociais, com especificidade limitada de comportamentos dirigidos ao seu principal cuidador. Neste período, os comportamentos de apego

incluem orientação do corpo, trocas de olhares, sorrisos e vocalizações e movimentos corporais em direção aos outros sociais. Durante este período, é comum observar o bebê respondendo com um sorriso para um adulto simpático, e fixando seu olhar em um objeto móvel colorido que lhe é apresentado. Bowlby argumenta que estes comportamentos sociais favorecem o estabelecimento e manutenção da proximidade física entre o bebê e sua figura de cuidado, e desta forma, se apresentam como aspectos cruciais para o estabelecimento do apego entre estes parceiros.

O segundo período de co-criação do apego é observado no período de três e seis meses de vida do bebê. A orientação do corpo do bebê e os comportamentos de apego são mais claramente direcionados para o principal cuidador. É durante esse período que o principal cuidador vai sendo concebido como uma fonte de proteção e segurança e o bebê passa a distinguir emocionalmente entre as pessoas familiares e aquelas desconhecidas.

O terceiro período tem início por volta do sétimo mês de vida do bebê e dura até, aproximadamente, três anos e meio de idade. Durante este período, o repertório de comportamentos da criança se expande e inclui os comportamentos de seguir o seu cuidador durante os momentos de separação, e demonstrar alegria nos momentos de retorno. É no início deste período que a criança mostra-se desconfortável quando diante de estranhos e ansiosa diante da experiência de separação. Por volta do final deste período, a presença física da figura materna não é mais necessária para estabelecer na criança um senso de proteção e segurança. Estas mudanças de comportamento observadas na criança na interação com a sua figura materna indicam que um vínculo de apego vem sendo estabelecido e internalizado pela criança.

Finalmente, começando na segunda metade do terceiro ano de vida da criança, ocorre o quarto período da construção do apego pontuado por Bowlby. Neste momento, a criança começa a desenvolver habilidades cognitivas para entender relações de causa e efeito entre o seu comportamento e o comportamento de sua figura materna. É durante este último período que a criança age com a intenção de alcançar um objetivo e começa a agir com a intenção de influenciar o comportamento de sua mãe, com o objetivo de manter a sua proximidade física com ela. Neste momento, a criança desenvolve uma compreensão mais refinada da sua relação com sua mãe e o comportamento de apego torna-se mais flexível. Bowlby não definiu um momento específico quando o apego é estabelecido, mas suas descrições acerca do desenvolvimento do apego sugerem que por volta do final do terceiro período é possível observar claros indicadores da formação de um vínculo de apego entre a criança e seu principal cuidador.

É importante ressaltar que apesar destes períodos parecerem enfatizar as mudanças do desenvolvimento da criança, tais mudanças são descritas como emergindo no contexto das interações mãe-criança e refletem as mudanças na qualidade desta interação ao longo do tempo. Na medida em que o vínculo de apego entre a criança e seu principal cuidador vai se desenvolvendo, a criança internaliza as experiências afetivas vivenciadas nesta relação. Tal processo de internalização das relações de apego contribui para o desenvolvimento do que Bowlby define como “modelos internos de funcionamento”. Mas o que são estes modelos?

Modelos internos de funcionamento. Tradicionalmente, modelos internos de funcionamento são concebidos como representações mentais que cada parceiro diádico constrói ao longo do tempo, com base nas interações que estabelece com as

figuras de apego (Bowlby, 1969/1984). Estas representações mentais são então utilizadas para guiar as futuras interações estabelecidas entre os parceiros relacionais, assim como favorece a construção de uma avaliação pessoal e da figura de apego (por exemplo, como a criança avalia as suas potencialidades? Ela se vê capaz de desempenhar uma determinada tarefa? Como é a sua figura de apego, é alguém disponível e sensível as suas necessidades?).

Essas representações se tornam filtros interpretativos através dos quais a criança (e os adultos) reconstrói a sua compreensão de novas experiências e relacionamentos de modo consistente com suas experiências e expectativas passadas. Modelos internos de funcionamento se constituem como pontes entre a experiência de cuidado sensível ou não vividas pela criança e o desenvolvimento de cresças e expectativas que influenciam subseqüentes experiências nas relações de apego (Thompson, 1998, p. 102).

Desta forma, tomando por base as repetidas interações diádicas, a mãe e a criança constroem modelos internos de funcionamento para a sua relação de apego. Tais modelos vêm sendo definidos como “a base da experiência com uma determinada figura de apego e reflete a qualidade do relacionamento com esta figura” (van den Boom, 2001, p. 299). Em outras palavras, ao longo do tempo, a pessoa em desenvolvimento cria, em conjunto com o seu parceiro interacional, um modelo interno de funcionamento que reflete, e ao mesmo tempo influencia, a qualidade de suas relações. Assim, os modelos internos de funcionamento tornam-se a base relacional do indivíduo para o estabelecimento de futuras relações interpessoais com sua figura de apego, bem como com outros parceiros.

Nesta perspectiva, os modelos internos de funcionamento atuam como uma espécie de “protótipo” para guiar as relações sociais estabelecidas pelos parceiros diádicos. No entanto, a exposição repetida a uma variedade de experiências relacionais cria a oportunidade para a modificação do modelo interno de funcionamento do indivíduo (Bowlby, 1973/1984). Por exemplo, a literatura de apego tem demonstrado que as experiências vividas pelo adulto, tais como a transição para a maternidade/paternidade ou o divórcio tem o potencial de alterar a qualidade do apego que a figura de apego tenha estabelecido durante os seus primeiros anos de vida com o seu principal cuidador (e.g., Bretherton, 1993, Fonagy, Steele and Steele, 1991; Hamilton, 2000; Volling & Belsky, 1992; Weinfield, Sroufe, & Egeland, 2000).

Uma vez que concebemos as relações de apego como um fenômeno sistêmico e relacional, qual a função deste conceito de modelos internos de funcionamento na perspectiva assumida no presente estudo? É possível pensar em um modelo relacional (e não exclusivamente interno) de funcionamento das relações de apego, construído e modificado a partir das interações diádicas? Neste momento, embora esta noção de modelos internos de funcionamento não seja um conceito central na investigação empreendida no presente estudo, acreditamos ser necessário um breve esclarecimento acerca da maneira como concebemos esta noção. Nesta pesquisa, estamos seguindo no caminho de investigar a pertinência de se propor um modelo relacional de funcionamento das relações de apego, no sentido do conceito de separação inclusiva proposto por Valsiner (2000) e discutido anteriormente. Um modelo construído considerando a constante e mútua dependência entre o indivíduo, a relação diádica e o contexto no qual a díade está inserida, preservando uma relação

de mútua constituição entre indivíduo e contexto e, ao mesmo tempo, a singularidade individual. Ou seja, concebemos tais modelos de funcionamento como uma qualidade do sistema de apego, construído a partir de múltiplos encontros interpessoais, através dos quais a díade desenvolve padrões quase-estáveis de experiência afetiva, que constitui um padrão relacional do sistema de apego e guia as suas interações. Tais padrões são concebidos como quase-estáveis uma vez que, se olharmos microgeneticamente para estas interações diádicas, será possível observar pequenas mudanças ocorrendo continuamente ao longo do tempo. Conseqüentemente, tais modelos de funcionamento são concebidos como padrões que estão potencialmente “abertos” para transformação, uma vez que simples comportamentos cotidianos de um parceiro podem favorecer a reorganização do sistema de apego de uma determinada díade. Desta forma, os parceiros relacionais estão inseridos em um contínuo processo de “*tornar-se*”.

Sendo assim, não partilhamos da idéia de que tais modelos são representações mentais individuais, nem mesmo padrões comportamentais individuais, mas sim um padrão relacional dinamicamente construído e continuamente modificado por parte dos parceiros ao longo do tempo. Mais especificamente, defendemos que inserido em um contexto comunicativo e relacional complexo, a construção de tais modelos não se dá sob a forma de um determinismo linear, segundo o qual a sensibilidade materna atua como um elemento determinante na construção de um sistema comportamental específico por parte da criança. Defendemos que a construção de tais modelos (ou mais especificamente, de um padrão relacional de apego) se dá através da relação dinamicamente construída com o parceiro, a partir das múltiplas significações por eles partilhadas durante sua interação ao longo do tempo. Cada um dos parceiros

interacionais, e também a própria relação de apego, se constitui numa complexa trama histórica, relacional e cultural, envolvida em um constante movimento e processo de re-construção e re-significação ao longo de sua história. Sendo assim, os modelos de funcionamento são construídos diariamente, através das constantes trocas relacionais dos parceiros, em diversos contextos comunicativos.

A seguir, serão apresentadas as principais formas de investigação tradicionalmente utilizadas nas pesquisas que se dedicam ao estudo apego.

1.2. Formas de Investigação do Apego

O primeiro estudo empírico sobre apego foi realizado por Ainsworth na Uganda (Ainsworth & Wittig, 1969). Ainsworth desenvolveu um estudo longitudinal, no qual observou 26 famílias e seus bebês em suas casas, duas vezes por semana, durante duas horas, ao longo de um período de nove meses. Baseando-se nos dados provenientes deste estudo, foram identificadas diferenças individuais na qualidade das relações mãe-bebê que pareciam estar associadas com diferentes padrões de apego. Especificamente, foram identificados três padrões de apego: 1. Bebês apegados de modo seguro – são bebês que choram pouco e freqüentemente exploram o ambiente na presença da sua mãe; 2. Bebês apegados de modo inseguro – são bebês que choram com freqüência e geralmente apresentam pouco comportamento de exploração do ambiente, mesmo quando a mãe está por perto e 3. Bebês ainda não apegados, que mostram comportamentos indiferentes em relação a sua mãe (Ainsworth & Wittig, 1969, Bretherton, 1992).

Foram realizadas descrições narrativas detalhadas das visitas realizadas nas casas dos participantes e, posteriormente, tais narrativas foram utilizadas como base

para o desenvolvimento do Procedimento de Situação Estranha (*Strange Situation Procedure* - SSP), que se refere à observação do comportamento do bebê diante de um estranho, em uma série de oito situações que envolvem a partida e o retorno da mãe do quarto onde está o bebê. O objetivo deste instrumento consiste em provocar respostas por parte do bebê que são concebidas como indicativas da qualidade da relação de apego estabelecida entre o bebê e sua principal figura de apego – geralmente a mãe. Algumas das questões que guiam as observações dos pesquisadores neste procedimento incluem: Quão perto da mãe o bebê está durante o período inicial de interação? Como o bebê responde quando uma figura estranha se aproxima dele? Como o bebê responde à partida da mãe? E como ele se comporta quando a mãe retorna ao ambiente onde o bebê está presente? (Ainsworth & Wittig, 1969).

Segundo Ainsworth, apesar das classificações do apego serem realizadas tendo por base os comportamentos apresentados pelo bebê durante o procedimento padronizado de laboratório, a compreensão do significado de cada comportamento específico baseou-se nas observações dos diferentes padrões de interações mãe-criança observados no ambiente natural (na casa dos participantes) “No sentido mais fundamental, a classificação tem por base o que nós aprendemos nas observações naturalísticas” (Ainsworth & Marvin, 1994, p. 12). Especificamente, a análise de Ainsworth mostrou o papel complementar entre os seus dados provenientes das observações em laboratório (SSP) e das observações naturalísticas. Por exemplo, os bebês que foram classificados no SSP como apresentando comportamentos ambivalentes/resistentes em relação a sua mãe durante os momentos de reunião, tenderam a manter menos relações harmoniosas com suas mães em casa, quando

comparados com aqueles bebês que procuraram proximidade, interação ou contato durante tais momentos. Desta forma, utilizando o SSP e baseando suas conclusões nas observações das relações diádicas realizadas nas casas dos participantes, Ainsworth (1982) posteriormente identificou três tipos de apego, de certa forma semelhante às suas observações em Uganda: apego seguro, apego inseguro ansioso/resistente e apego inseguro ansioso-ambivalente.

Durante o procedimento de situação estranha, bebês apegados de modo seguro mostram-se aflitos em uma situação de separação da figura materna e usualmente não são facilmente confortados por figuras estranhas. Durante momentos de reunião com a figura materna, estes bebês mostram entusiasmo com a proximidade da mãe e são rapidamente confortados por elas. Os bebês do tipo ansiosos/resistentes apresentam comportamentos de extrema aflição quando a figura materna deixa o ambiente no qual o bebê se encontra, mostram-se ansiosos pelo reestabelecimento do contato físico com ela, mas são dificilmente tranquilizados e mantêm-se ansiosos diante de longo período de separação da figura materna. O terceiro tipo de apego – ansioso-ambivalente – envolve os bebês que não demonstram ansiedade diante da ausência da figura materna. Se eles se angustiam, podem ser facilmente confortados por estranhos. No entanto, diante do retorno da figura materna, os bebês classificados como inseguros ansiosos-resistentes não apresentam comportamentos ativos na tentativa de retomar o contato com a mãe. Um quarto tipo de apego – denominado de desorganizado/desorientado – foi posteriormente identificado por Main e Solomon (1990) e inclui aqueles bebês que não apresentam padrões de comportamentos específicos de resposta e mostram-se bastante confusos durante o procedimento de situação estranha. É como se esses

bebês não apresentassem estratégias visíveis para lidar com a situação de angústia causada pelo procedimento de situação estranha.

1.2.1. Instrumentos atuais para a investigação do apego. Oppenheim e Waters (1995) ressaltam que até metade da década de 80, apego era predominantemente investigado usando-se métodos padronizados de observação, tais como o Procedimento de Situação Estranha descrito acima. Um outro conhecido instrumento para investigar apego, agora com crianças e não apenas com bebês de 12 meses, é denominado *Attachment Q-Sort*. Este instrumento consiste em 90 cartões que descrevem comportamentos específicos de crianças entre 12 e 48 meses. O procedimento de classificação do estilo de apego consiste na observação, por parte de um pesquisador treinado, do comportamento da criança em interação com sua figura de apego. Depois de duas horas de observação, o pesquisador organiza tais cartões tomando por base o critério de “mais descritivo da criança” e “menos descritivo da criança”. O estilo de apego da criança é então definido a partir das observações de dois pesquisadores. Geralmente, as descrições do *Q-Sort* são fornecidas por observadores treinados ou pelas mães, e são freqüentemente comparados com os resultados obtidos com bebês de 12 meses, no procedimento de situação estranha, como uma forma de identificar a continuidade do tipo de apego das crianças investigadas (Posada, Waters, Crowell & Lay, 1995, Vaughn, Stevenson-Hinde, Waters, Kotsaftis, Lefever, Shouldice, Trudel, & Belsky, 1992, Waters, Vaughn, Posada, Kondo-Ikemura, 1995).

Mais recentemente, o uso de narrativas de crianças em um contexto no qual um adulto coordena a situação tem se tornado um outro instrumento utilizado para classificar o estilo de apego em crianças mais velhas (Bretherton Ridgeway &

Cassidy, 1990; Bretherton, 1995; e Oppenheim & Waters, 1995). Cassidy (1988) desenvolveu o primeiro instrumento para investigar o estilo de apego de crianças, baseando-se na análise das narrativas construídas por crianças a partir dos 6 anos de idade. Posteriormente, Bretherton et al. (1990) desenvolveram a tarefa de histórias de apego incompletas, com o objetivo de investigar as narrativas de crianças de três anos de idade. A premissa básica deste procedimento consiste na classificação do apego a partir da análise das respostas apresentadas pela criança na criação das histórias sobre temas pré-estabelecidos, apresentados pelo investigador. O foco da análise nesta tarefa é direcionado para o envolvimento da criança na criação das narrativas. De forma semelhante ao procedimento de situação estranha, são elaborados temas, com o objetivo de evocar diferenças individuais nas representações mentais (ou seja, modelo interno de funcionamento) de eventos relacionados ao apego. Bretherton e cols. (1990) elaboraram um sistema de classificação desta tarefa, baseando-se no conteúdo das narrativas e o nível de envolvimento da criança no processo de criação das narrativas para indicar o estilo de apego da criança.

Não restam dúvidas que nas últimas décadas diversos pesquisadores da psicologia do desenvolvimento tem voltado sua atenção para o uso de instrumentos padronizados para o estudo do apego (e.g., Strange Situation, Q-Sort, Incomplete Attachment Stories, Adult Attachment Interview). De fato, a criação destes instrumentos estimulou a realização de diversos estudos empíricos na área do apego. Especificamente, vários estudos têm mostrado, de forma consistente, a existência de uma relação entre várias características maternas e padrões de apego mãe-bebê. Por exemplo, têm sido identificadas associações entre o tipo de apego da criança e

algumas características maternas, tais como (1) sensibilidade/responsividade da mãe diante dos sinais apresentados por seu filho (e.g., Ainsworth & Wittig, 1969, Ainsworth, 1989, Blehar, Lieberman & Ainsworth, 1977, Braungart-Rieker, Garwood, Powers & Wang, 2001, Pederson, Moran, Sitko, Campbell, Ghesquire & Acton, 1990); (2) depressão materna (e.g., Beck, 1995, 1996, Carter, Garrity-Rokous, Chazan-Cohen, Little, & Briggs-Gowan, 2001; Martins & Gaffan, 2000; Teti, Gelfand, Messinger & Isabella, 1995) ou (3) o tipo de apego que as mães estabeleceram com as suas próprias mães (e.g., Fogagy, Steele & Steele, 1991, Zeanah, Benoit, Barton, Regan, Hirshberg & Lipsitt, 1993). Nesta mesma direção, e freqüentemente utilizando o Strange Situation Procedure, vários estudos vêm realizando pesquisas trans-culturais, com o objetivo de investigar a incidência dos padrões de apego acima mencionados (e.g., Van Ijzendoorn & Kroonenberg, 1988) e o tipo de comportamento de base-segura (Kondo-Ikemura, Haaland & Synnevaag, 1995) observado em diversos contextos culturais.

Apesar da inquestionável importância dos métodos padronizados de investigação na pesquisa sobre apego, alguns autores vêm ressaltando que o desenvolvimento de tais métodos padronizados tem gradativamente redirecionado o foco de investigação do apego. Neste sentido, encontramos na literatura autores que vêm realizando estudos que se contrapõem a uma visão estática do apego, buscando ressaltar o caráter dinâmico deste fenômeno. Segundo estes autores, a investigação da dinâmica de interação das relações de apego mãe-criança em ambientes naturais (ou seminaturais) vem sendo substituída pela investigação de diferenças individuais e pela classificação de estilos de apego estáticos e individuais, em um ambiente de laboratório (e.g. Ainsworth & Marvin, 1994, Bretherton, 1995, Coleman & Watson,

2000, Pederson & Moran, 1995; Posada, Waters, Crowell & Lay, 1995; Waters, Vaughn, Posada & Kondo-Ikemura, 1995). De acordo com Pederson e Moran:

O sucesso do Procedimento de Situação Estranha conduziu os pesquisadores para fora do domínio naturalístico da casa dos participantes, para dentro de um mundo de separações e reuniões estruturadas, onde existem poucas oportunidades para o estudo da dinâmica das interações mãe-bebê (Pederson & Moran, 1995, p. 111).

Tais autores defendem que esta mudança traz consigo algumas vantagens e desvantagens. Por exemplo, por um lado, o uso de métodos padronizados de investigação alcançou um enorme sucesso entre os pesquisadores do apego na medida em que permitem identificar diferenças individuais e estabelecer uma relação preditiva entre padrões de apego apresentados pela criança e futuros produtos do seu desenvolvimento. Por outro lado, inibiu o estudo da dinâmica do estabelecimento, manutenção e mudança das relações de apego mãe-criança, da origem deste vínculo de apego em um contexto naturalístico, e da investigação do apego enquanto um fenômeno relacional e multifacetado. Discutindo o uso posterior atribuído ao procedimento de situação estranha, Ainsworth declara:

De fato, eu (Ainsworth) tenho ficado desapontada que tantos pesquisadores na área do apego tenham utilizado a Situação Estranha em detrimento da investigação do que acontece em casa, em um ambiente natural – como eu disse antes, isto demarca um afastamento do “campo de trabalho” e eu não acho isto prudente (Ainsworth & Marvin, 1994, p. 12).

De acordo com Ainsworth, um importante aspecto nos estudos sobre apego consiste na investigação de *como* diferentes padrões de relacionamentos são co-

construídos no curso das experiências particulares das crianças em utilizarem suas mães como base de segurança. Em momentos iniciais da teoria do apego, a principal maneira de estudar este aspecto do apego era através de observações das relações mãe-bebê em contexto naturalístico ou seminaturalístico. Para Ainsworth e Marvin (1994), tais observações em ambiente natural ou seminatural são concebidas como um aspecto decisivo para a compreensão da dinâmica das relações de apego mãe-bebê, que não pode ser capturada em um ambiente de laboratório. Por exemplo, fatores sócio-ecológicos e a dinâmica da relação mãe-criança em um contexto que não cause ansiedade (tal como em uma situação de brincadeira) são menos prováveis de serem observados quando do uso de métodos padronizados em um ambiente de laboratório. Desta forma, as observações realizadas nas casas das díades (tal como em um momento de brincadeira, nas rotinas de dormir e em atividades de alimentação) favorecem a compreensão de algumas características relacionais que compõe o sistema de apego da díade mãe-criança e que não são acessadas em investigações baseadas em observações padronizadas, em um contexto de laboratório. Além disso, pesquisas recentes têm demonstrado relações entre observações realizadas em casa e em ambiente de laboratório, sugerindo que observações em laboratório podem ser enriquecidas quando relacionadas com observações mais naturalísticas (e.g., Belsky e cols., 1984, Bretherton, 1995, Pederson & Moran, 1995).

Assim, faz-se importante ressaltar que a opção por um determinado método de investigação (por exemplo, aplicação de um instrumento padronizado em ambiente de laboratório ou observação microgenética realizada na casa das díades) precisa ser coerente com o foco de atenção da pesquisa a ser realizada, bem como

com a maneira como o fenômeno é concebido. Por exemplo, se a proposta do estudo consiste em identificar os tipos de apego da criança, e o apego é concebido como o sistema comportamental da criança, que a guia na busca de proximidade com a figura materna, então o Procedimento de Situação Estranha e outros métodos de investigação padronizados parecem ser satisfatórios. No entanto, se a proposta da pesquisa baseia-se na compreensão da dinâmica de co-construção, manutenção e/ou mudança da relação de apego, então é importante utilizar-se de observações microgenéticas das relações diádicas, em um ambiente que favoreça uma maior aproximação da realidade cotidiana das díades investigadas. O presente estudo encontra-se enraizado nesta segunda tradição metodológica acima referida, que enfatiza a investigação da dinâmica de interação mãe-criança como um importante aspecto a ser investigado na busca de uma maior compreensão das relações de apego mãe-criança.

1.3. Apego como um Sistema Multifacetado e Relacional

Segundo Bretherton (1995) a maior parte dos estudos que utilizam de instrumentos padronizados tende a negligenciar a característica multidimensional e relacional do sistema de apego. Isto porque instrumentos padronizados tendem a se restringir à observação a alguns elementos específicos do sistema de apego, os quais muitas vezes focalizam-se no comportamento ou da mãe ou da criança. Essa autora defende que para compreender as variações do comportamento de base segura é importante proporcionar informações mais detalhadas a respeito dos padrões de comportamento de apego exibidos pela díade mãe-criança, em diferentes ambientes e ao longo do tempo. Um dos exemplos mais claros de tal foco mais restrito e menos

relacional refere-se aos estudos que buscam demonstrar uma relação causal-linear entre a sensibilidade/responsividade materna e o tipo de apego mãe-criança (e.g., Blehar, Lieberman & Ainsworth, 1977, Braungart-Rieker, Garwood, Powers & Wang, 2001, Pederson e cols. 1990).

Por volta da metade da década de 1980 e com o objetivo de estudar apego como um sistema relacional e multifacetado, diversos estudos começaram a re-pensar a importância central atribuída ao conceito de sensibilidade/responsividade materna, propondo a existência de uma relação não linear entre a sensibilidade materna e a qualidade da relação de apego mãe-criança. Ou seja, a sensibilidade materna passou a ser concebida como um importante aspecto que compõe o sistema de apego, mas não o único aspecto, nem necessariamente o mais importante. Por exemplo, um estudo baseado em uma análise microscópica das interações de díades Euro-Americanas e da América Central revelou que sensibilidade/responsividade em excesso pode ser uma forma de superestimulação que pode estar relacionado com o apego inseguro do tipo resistente (Leyendecker, Lamb, Fracasso, Scholmerich, & Larson, 1997).

Nesta mesma direção, outros estudos têm ressaltado diversos aspectos envolvidos no processo de interação mãe-bebê que também parecem exercer um papel importante no desenvolvimento do apego mãe-criança. Alguns exemplos incluem: a expressividade emocional da mãe e do bebê (e.g., Belsky & Isabella, 1991; Izard, Haynes, Chishol, & Baak, 1991, True, Pisani & Oumar, 2001), a sincronia interacional indicando uma resposta interativa em um momento adequado (e.g., Belsky, Isabella & von Eye, 1989; Haft & Slade, 1989, Isabella & Belsky, 1991), a atribuição por parte da mãe dos pensamentos, intenções e desejos do bebê (e.g., Koren-Karie, Oppenheim, Dolev, Sher & Etzion-Carasso, 2002, Villachan-Lyra,

2002), variáveis situacionais, tal como suporte social materno (e.g., Huth-Bocks, Levendosky, Bogat & von Eye, 2004; Izard, Haynes, Chisholm & Baak, 1991), temperamento do bebê e personalidade materna (e.g. Mangelsdorf, Gunnar, Kestenbaum, Lang & Andreas, 1990, Seifer & Schiler, 1995, Seifer, Schiler, Resnick & Riordan, 1996) e regulação afetiva (e.g., Braungart-Rieker, Garwood, Powers & Wang, 2001).

Um outro aspecto destacado por Thompson (1997) diz respeito às relações pais-bebê como relações multifacetadas e que envolvem outros componentes além dos comportamentos de apego da criança (convencionalmente examinados através de comportamentos de cuidado materno). Além de promover conforto e afetos positivos na criança, os pais assumem também o papel disciplinar, intervindo quando a criança, por exemplo, engaja-se em comportamentos potencialmente perigosos ou inadequados. De acordo com esta visão, a qualidade das relações entre os pais e seus filhos é construída baseada não apenas em trocas emocionalmente positivas entre eles, mas também em experiências de conflito e desacordo. Todas estas diferentes facetas das relações pais-criança irão, de alguma forma, participar no processo de estabelecimento e manutenção/mudança das relações de apego co-construídas por tais parceiros ao longo do tempo. Assim, dependendo da situação (aflitiva versus não aflitiva para a criança), a sensibilidade materna e/ou paterna pode contribuir de modo mais ou menos relevante para o desenvolvimento do apego seguro (ou seja, sensibilidade/responsividade materna pode ser mais crucial quando a criança está com medo, ansiosa ou aflita do que quando ela está relaxada e engajada em uma atividade de brincadeira) (Thompson, 1997).

Thompson (1997) também ressalta que a sensibilidade materna na resposta às necessidades do bebê varia consideravelmente de acordo com a idade dele. Na medida em que a criança torna-se mais velha, suas necessidades mudam, de modo a favorecer também a mudança na maneira como a mãe irá responder às necessidades da criança. Em outras palavras, a sensibilidade materna para responder às demandas específicas da criança em uma determinada faixa etária (por exemplo, uma resposta imediata diante das necessidades de uma criança pequena versus um suporte mais sutil em casos de crianças mais velhas) pode se apresentar como um importante fator a considerar quando examinando o desenvolvimento de uma relação de apego segura.

Finalmente, como discutido anteriormente, sensibilidade materna deve ser considerada de modo contextualizado, mais do que em termos absolutos. Fatores como história pessoal, valores culturais e sistema de crenças, assim como o contexto da atividade e fatores sociais afetarão consideravelmente a maneira com que os pais irão responder às demandas da criança. Desta forma, ressaltamos que muitos fatores (individual, relacional e contextual) influenciam o desenvolvimento de um apego seguro entre pais e bebês. Assim, a sensibilidade materna não deve ser considerada como o único fator – ou o mais determinante – para o estabelecimento de uma relação de apego segura. No entanto, ressaltamos que considerar a existência e importância desses outros fatores não nega a importância da sensibilidade materna. De acordo com Pederson, Gleason, Moran e Bento (1998, p. 930),

A sensibilidade materna, concebida como a habilidade da mãe de reconhecer e responder de forma eficaz às necessidades e sinais comunicativos da criança, é vista como um aspecto importante destas interações; porém, outros aspectos

dos comportamentos interativos mãe-criança também deveriam ser acrescentados na busca da compreensão das relações de apego.

Acreditamos que os dados acima discutidos apontam para a importância de conceber o apego mãe-criança como um sistema dinâmico, composto por vários elementos que se influenciam mutuamente, de uma maneira não linear. Assim, concebendo apego como um fenômeno dinâmico e relacional, acreditamos não ser frutífero isolar as ações de cada parceiro diádico e ressaltar alguns elementos do sistema de apego (como, por exemplo, a sensibilidade materna ou a relação de apego que a mãe construiu com a sua própria mãe) como um determinante primário de todo o sistema (ou seja, da qualidade do apego mãe-criança). Ao mesmo tempo, acreditamos não ser frutífero apenas listar os elementos que compõe o sistema. A nosso ver, faz-se necessário compreender como tais elementos interagem em um processo de co-regulação, de modo a favorecer a compreensão do funcionamento do sistema de apego. Neste sentido, nos parece relevante propor a investigação das relações de apego à luz da perspectiva dos sistemas dinâmicos. A seguir, serão pontuados alguns aspectos centrais da teoria dos sistemas dinâmicos, e em particular, serão tecidos alguns comentários a respeito da possibilidade de investigação do fenômeno do apego à luz dessa teoria.

Apego e a Teoria dos Sistemas Dinâmicos



“O desenvolvimento humano pode ser caracterizado como um contínuo processo de estabilização e desestabilização, ao longo do tempo, de determinadas configurações atratoras”.

(Thelen & Smith, 1994, p. 61)

2. APEGO E A TEORIA DOS SISTEMAS DINÂMICOS

2.1. Teoria dos Sistemas Dinâmicos: Visão Geral

O interesse pela compreensão dos sistemas dinâmicos encontra sua origem em estudos realizados nas áreas de física e matemática, com a elaboração de um modelo matemático para explicação de sistemas complexos. Tais estudos levantaram questionamentos, entre outros aspectos, sobre: 1. o domínio da visão newtoniana vigente na física neste momento e 2. a noção da reversibilidade do tempo, ressaltando a importância do tempo, da mudança e do processo de auto-organização para o desenvolvimento dos sistemas complexos. Sistemas dinâmicos são então concebidos como sensíveis às condições iniciais, tornando os sistemas complexos imprevisíveis, uma vez que mesmo o menor grau de incerteza na especificação do estado inicial do sistema poderá crescer e gerar grandes mudanças no sistema ao longo do tempo (Kellert, 1993, van Geert, 2003). Esta característica dos sistemas dinâmicos resultou em algumas importantes implicações da adoção desta perspectiva teórica: assumir a irreversibilidade do tempo, a não linearidade e o contínuo processo de mudança dos sistemas complexos (que serão discutidas ao longo deste capítulo).

Os princípios apontados pela perspectiva sistêmica foram rapidamente introduzidos nas pesquisas realizadas em outras áreas do conhecimento (Prigogine & Stengers, 1984). Ressaltando a importância da mudança e a necessidade de compreender historicamente o fenômeno investigado, não tardou para que os princípios norteadores da perspectiva dos sistemas dinâmicos também se apresentassem como um modelo útil àqueles interessados na compreensão do desenvolvimento humano. Assim, o uso da teoria de sistemas dinâmicos, enquanto

uma metáfora (como propõe, por exemplo, Thelen & Smith, 1994, Fogel e cols, 2006, Lyra, 2000) – e não apenas como um sistema matemático (como propõe, por exemplo, van Geert, 1997 e 2000) também encontrou espaço na psicologia.

Considerando especificamente a psicologia do desenvolvimento, diferentes fenômenos têm sido estudados à luz dos princípios da teoria dos sistemas dinâmicos. Nestes estudos, o fenômeno do desenvolvimento humano é concebido como um contínuo processo de mudança, sendo esta mudança resultante de um constante processo de auto-organização do sistema ao longo do tempo, em um tempo irreversível. A auto-organização é uma característica central dos sistemas dinâmicos e pode ser definida como o movimento através do qual os componentes constitutivos dos sistemas dinâmicos mutuamente e constantemente se influenciam ao longo do tempo, levando a organizações mais complexas do sistema. (Este conceito será discutido posteriormente neste capítulo). Dentre estes estudos, podemos citar como exemplos: Thelen e Smith (1994), estudando desenvolvimento motor; Fogel e colaboradores e Lyra e colaboradores investigando o desenvolvimento da comunicação no início da vida (e.g., Fogel, 1993, Fogel e Thelen, 1987, Fogel e Lyra, 1997, Fogel, Garvey, Hsu & West-Stroming, 2006, Lyra 1997, 2000, Lyra e Souza, 2003, Silva & Lyra, 2006, Lyra & Rossetti-Ferreira, 1995, Lyra & Winegar, 1997), Lewis e colaboradores estudando desenvolvimento da personalidade (e.g. Lewis, 1995, 1997, 2000, Lewis, Lamey & Douglas, 1999 e Lewis & Junyk, 1997), Pantoja e colaboradores estudando desenvolvimento emocional no início da vida (Pantoja, 1996, 1998, Pantoja, Nelson-Goens e Fogel, 2000), Pedrosa, Carvalho e Império-Hamburger (1997) investigando desenvolvimento social na infância e van Geert (1994, 2000, 2003) com foco no desenvolvimento cognitivo.

Ressaltamos que o uso de tal perspectiva na psicologia do desenvolvimento tem se mostrado, por um lado, um grande desafio, na medida em que muitos aspectos ainda precisam ser desenvolvidos e esclarecidos para o uso “metafórico” da perspectiva dos sistemas dinâmicos para a investigação do desenvolvimento humano (Lewis, 2000). No entanto, por outro lado, também se apresenta como uma nova e importante ferramenta teórico-metodológica na busca da compreensão do processo de desenvolvimento enquanto um fenômeno sistêmico, permitindo a investigação do modo de funcionamento de um dado sistema e do seu processo de transformação tanto em uma escala de tempo real, como também em uma escala de tempo do desenvolvimento.

2.2. Princípios Norteadores da Teoria dos Sistemas Dinâmicos

Diferentemente das abordagens mais tradicionais utilizadas pela psicologia (como, por exemplo, o método experimental), a perspectiva dos sistemas dinâmicos focaliza o caráter histórico e sistêmico do fenômeno estudado, dando ênfase à investigação de *como* os elementos constituintes de um dado sistema se influenciam mutuamente e criam novos padrões de funcionamento (ou configurações atratoras) ao longo do tempo. Nesta perspectiva, os elementos do sistema não são considerados isoladamente, mas sim enquanto partes que integram um todo organizado, constituído a partir das relações dinâmicas estabelecidas por eles. É justamente a maneira particular de interação entre os elementos que compõem o sistema que levará à constituição do mesmo, favorecendo a emergência de um todo coerente. Desta forma, nenhum elemento do sistema tem prioridade ou é concebido como mais importante do que qualquer outro (Thelen & Bates, 2003).

Segundo Thelen e Smith (1994), sistemas dinâmicos são concebidos como não lineares e complexos, sendo observados tanto momentos de relativa estabilidade (estabilidade dinâmica ou quase-estabilidade) como também momentos de mudança neste sistema. Fogel e Thelen (1987) ressaltam serem justamente tais características (não linearidade e complexidade) a fonte principal tanto da estabilidade como da mudança do sistema (ou seja, a fonte principal do desenvolvimento). Dentre outras coisas, falar que um sistema não é linear implica em afirmar primeiro que ele não se constitui como a mera soma de seus elementos constitutivos, mas sim como uma reorganização destes elementos, que dará origem a uma configuração totalmente nova, que não se encontra representada por nenhum de seus elementos tomado isoladamente. Implica também a não existência uma relação direta e proporcional entre um dado efeito e a magnitude de suas conseqüências. Uma vez que sistemas dinâmicos são sensíveis às condições iniciais do sistema, pequenas perturbações podem favorecer grandes mudanças ao longo da história deste sistema (van Geert, 2003)

Tais conceitos de mudança e relativa estabilidade de estados comportamentais do sistema apresentam-se como centrais nos estudos que utilizam a perspectiva de sistemas dinâmicos na compreensão do desenvolvimento humano. De acordo com esta perspectiva, a dinâmica é um aspecto inerente ao fenômeno do desenvolvimento e, desta forma, mesmo quando se fala em momentos de estabilidade, fala-se em uma quase-estabilidade ou uma estabilidade dinâmica, visto que apesar de (a um nível macroscópico) poder se observar uma aparente estabilidade no sistema, quando este sistema é analisado em um nível microscópico, serão observadas constantes micro-mudanças (ou microvariabilidades) no mesmo. Além disso, por ser este um sistema

aberto (uma outra característica importante dos sistemas dinâmicos, já mencionada no momento da introdução desta tese, e que será discutida posteriormente neste capítulo), os sistemas dinâmicos mudam tanto pela transformação de seus próprios elementos, das relações entre os mesmos, como também pela entrada de novos elementos no sistema. Desta forma, a inclusão de um novo elemento ou a reorganização dos elementos do sistema pode interferir na dinâmica de funcionamento do sistema como um todo, levando-o a um momento de instabilidade ou mudança e, posteriormente, a um novo momento de estabilidade dinâmica ou quase-estabilidade. Desta forma, a um nível macroscópico, o sistema organiza-se em novas configurações ao longo do tempo – denominadas por configurações atratoras – nas quais podem ser identificadas certas regularidades no sistema. Ao mesmo tempo, a um nível microscópico, o sistema mantém-se ativo e dinâmico com pequenas variações continuamente ocorrendo e fazendo parte destas configurações atratoras.

Este princípio de configuração atratora é de fundamental importância e ao mesmo tempo em que permite a investigação de aspectos relativamente estáveis do sistema, também favorece a investigação daqueles que são modificados ao longo do tempo. Desta forma, torna-se viável a identificação simultânea do processo através do qual os elementos do sistema ao mesmo tempo em que se transformam, também se constituem mutuamente. Assim, a investigação de um fenômeno considerando esta noção de configuração atratora favorece a compreensão de características do sistema relacionadas ao tanto seu micro e como também ao seu macro desenvolvimento (e.g., Thelen & Smith, 1994, Lyra 2000, Pantoja, 1998). Mas como se dá este processo de transição de fases entre uma configuração atratora para outra? O que leva o sistema a mudar de um estado de estabilidade dinâmica para um outro?

Para ilustrar como a noção de atratores envolve, ao mesmo tempo, mudança e estabilidade do sistema, Pantoja (1998) e Fogel, Garvey, Hsu e West-Stroming (2006) utilizam como exemplo as diferentes configurações assumidas pela água (moléculas de H_2O). Sob diferentes circunstâncias, a água pode assumir diferentes estados (sólido, líquido e gasoso), que se constituem como diferentes configurações atradoras deste sistema. Diante da entrada de um novo elemento no sistema, no caso deste exemplo, o aumento ou a diminuição da temperatura, o sistema irá, gradativamente, se auto-organizar em uma nova configuração atradora. Neste exemplo, o que se transforma é o sistema, que assume novas configurações em função do seu constante movimento de auto-organização a partir da entrada de um novo elemento. Em todos os três estados (líquido, sólido e gasoso), três configurações atradoras deste sistema, os elementos do sistema se mantêm os mesmos. O que muda é a qualidade da relação estabelecida entre eles, diante da modificação de um único elemento, a temperatura. Mesmo considerando que estes diferentes estados sofrerão modificações em função da mudança de temperatura, os autores ressaltam que o comportamento do sistema em cada um destes estados difere qualitativamente. Desta forma, utilizando os termos da perspectiva dos sistemas dinâmicos, tais estados seriam considerados como atratores, pois representam diferentes momentos de organização do sistema, que carregam consigo determinadas características de aglutinação que favorece a auto-organização do sistema em uma dada configuração (Pantoja, 1998 e Fogel & cols, 2006).

Enquanto os atratores são definidos como configurações recorrentes e dinamicamente estáveis, nas quais um determinado sistema tende a se estabilizar, os

“*repellers*”¹ são concebidos como padrões instáveis ou transitórios do sistema, recorrentemente evitados (Fogel e Lyra, 1997, Lewis & Granic, 2000). Este se apresenta como um outro importante conceito da teoria dos sistemas dinâmicos. Abaixo são apresentados dois exemplos com o objetivo de ilustrar os conceitos de atrator e *repellor*, em um sistema de deslocamento. Na figura 1 abaixo o ponto “A” se apresenta como uma configuração atratora deste sistema de deslocamento, uma vez que este sistema tende a ser puxado e se estabilizar neste ponto, de modo a assumir uma nova configuração. Já na figura 2, o ponto “B” ilustra determinada configuração que tende a ser evitada pelo sistema. Nestes exemplos, a força da gravidade se apresenta como um parâmetro de controle, que vai conduzir o sistema a se auto-organizar no ponto “A”, evitando o ponto “B”. Mais especificamente, a bola em movimento neste exemplo tende a repousar no ponto “A” e não no ponto “B”, que tende a ser evitado.

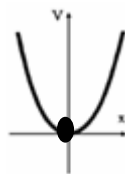


Figura 1. Atrator

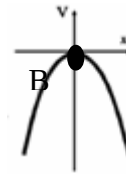


Figura 2. Repellor

Fogel e Thelen (1987) ressaltam também a importância do parâmetro de controle neste processo de auto-organização do sistema, em especial no momento de transição de fase. Segundo estes autores, a entrada de um novo elemento no sistema ou a modificação de um ou mais componentes do sistema pode agir como catalisador e favorecer a mudança do sistema como um todo, levando o sistema a assumir uma

¹ Será utilizada esta expressão na língua inglesa ao longo do presente trabalho, por não termos encontrado uma tradução para o português que tenhamos julgado adequada.

nova configuração. De acordo com a terminologia própria da teoria dos sistemas dinâmicos, “o componente do sistema que age como o agente principal de uma mudança específica é chamado de parâmetro de controle” (p. 004). No entanto, tais autores destacam que não existem elementos mais importantes no sistema, sendo todos os elementos igualmente essenciais para a emergência desta nova configuração. Portanto o parâmetro de controle serve como agente principal desencadeador da mudança (um elemento catalizador), dada a atual configuração do sistema, mas não como o elemento causador da mudança. Assim sendo, o parâmetro de controle não é concebido como mais importante do que qualquer outro componente do sistema, uma vez que esta nova configuração emerge mediante, apenas, a interação de tais componentes, e não como resultado da mudança exclusiva do parâmetro de controle. Além disso, um determinado elemento pode funcionar como parâmetro de controle de um sistema em um determinado momento e, em um momento posterior, um outro elemento pode assumir a função de parâmetro de controle (Thelen & Smith, 1994). No exemplo da água mencionado acima (Pantoja, 1998 e Fogel e cols, 2006), a temperatura seria o parâmetro controle, elemento que, ao sofrer modificação, conduz os elementos do sistema a se reorganizarem e assumirem uma nova configuração.

Como mencionado anteriormente, a aplicação das idéias da teoria dos sistemas dinâmicos, de modo geral, e em particular deste conceito de configurações atratoras na psicologia tem assumido duas formas principais. Uma primeira tradição de pesquisa tem se formado buscando desenvolver modelos matemáticos para a compreensão dos sistemas investigados, sendo atribuídos valores numéricos a determinados comportamentos. Em tais pesquisas é freqüente a realização de

simulações no computador para favorecer a compreensão do funcionamento do sistema, dado determinados valores numéricos (van Geert 2000, 2003). A segunda forma refere-se à adoção de uma abordagem metafórica, em que a idéia de configurações atratoras é utilizada como uma analogia para descrever padrões relativamente estáveis assumidos pelo sistema ao longo do tempo. Nesta segunda abordagem, podemos citar como exemplo estudos realizados por Lyra e colaboradores (e.g., Fogel & Lyra, 1997, Lyra, 2000, Lyra e Souza, 2003, Silva & Lyra, 2006, Lyra & Rossetti-Ferreira, 1995, Lyra & Winegar, 1997, Souza, Villachan-Lyra e Lyra, 1998), por Pantoja (e.g., 1996, 1998) e por Fogel e colaboradores (e.g., Fogel, 1993, Fogel e cols, 2006).

Nos estudos realizados por Lyra e colaboradores, por exemplo, o sistema comunicativo, em especial as relações mãe-criança no início da vida, são investigadas microgeneticamente, com o objetivo de compreender a dinâmica assumida por tal sistema, ao longo de um contínuo processo de co-construção. Segundo estes estudos, o sistema comunicativo no início da vida assume três principais padrões relacionais, que são denominados por “estabelecimento”, “extensão” e “abreviação”. Tais padrões são concebidos como momentos de quase-estabilidade assumidos pelo sistema de comunicação mãe-bebê, que se apresentam como configurações atratoras deste sistema. A partir da realização de uma análise comparativa entre as diferentes díades investigadas, Lyra e colaboradores ressaltam ser possível identificar em todas as díades estes mesmos momentos de quase-estabilidade. No entanto, a um nível microscópico, a dinâmica comunicativa de cada díade preserva suas particularidades e, desta forma, cada díade carrega aspectos

singulares de sua história, construída ao longo de cada um destes momentos de quase-estabilidade e de mudança do sistema.

Tal como demonstrado nos trabalhos de Lyra e colaboradores, o uso desta noção de configurações atratoras na investigação do processo de funcionamento de um dado sistema favorece a compreensão simultânea de aspectos relacionados seu ao micro e macro desenvolvimento. Segundo a teoria dos sistemas dinâmicos, para a compreensão da história de um sistema e de sua dinâmica de funcionamento se faz necessário utilizar duas escalas de tempo na análise de tais sistemas. A primeira refere-se à escala de tempo real (“o aqui e agora”), quando os dados são observados segundo a segundo, analisados de modo extremamente detalhado. A análise do sistema em tempo real proporciona a investigação das características do sistema (numa perspectiva microscópica), em seus momentos de instabilidade e mudança, bem como em seus momentos de estabilidade. Uma segunda escala de tempo utilizada para a investigação dos sistemas dinâmicos refere-se àquela chamada de tempo do desenvolvimento, que consiste em um olhar mais amplo do sistema – proporcionando uma visão dos momentos de quase-estabilidade, ou configurações atratoras, do sistema. Desta forma, a adoção destas duas escalas de tempo para a investigação dos sistemas dinâmicos permite a compreensão do sistema considerando, ao mesmo tempo, os seus momentos de estabilidade dinâmica e mudança (e.g. Thelen e Smith, 1994).

Nas palavras de Pantoja (1998, p. 27), “a teoria dos sistemas dinâmicos propõe que observações microscópicas da auto-organização dos processos de mudança (ou microdesenvolvimento) em configurações atratoras, assim como entre configurações atratoras (isto é, durante períodos de transição) são centrais ao estudo

do macrodesenvolvimento do sistema”. Por um lado, empreendendo uma análise microscópica em tempo real – segundo a segundo – é possível observar que as configurações atratoras encontram-se inseridas em um constante processo de pequenas mudanças (microdesenvolvimento). No entanto, ao observar o sistema como um todo, podem também ser identificados padrões de organização desse sistema (macrodesenvolvimento).

Vale ressaltar que a realização de uma análise macroscópica não se refere, exclusivamente, a uma análise que tem como foco de investigação da mudança da ontogênese. Este tipo de análise pode também ser empreendido com o objetivo de identificar padrões semi-estáveis de funcionamento de um determinado sistema em um curto período de tempo (Lavelli, Pantoja, Hsu, Messinger e Fogel, 2005). A escala de tempo relacionada ao macrodesenvolvimento (se horas, dias, meses ou anos) vai depender do objetivo do estudo e do nível de análise de interesse deste. São estes critérios que irão nortear a escolha do número de observações necessárias para inferência adequada do tempo do desenvolvimento em um determinado estudo. Assim sendo, na presente pesquisa, quando nos referimos a microdesenvolvimento, estamos falando da análise microscópica (segundo-a-segundo) das interações diádicas a partir da análise videográfica. Enquanto que ao nos referimos à noção de macrodesenvolvimento, pretendemos capturar as principais características da dinâmica relacional do sistema de apego de cada uma das díades investigadas, durante as três sessões investigadas. Acreditamos que este tipo de análise poderá favorecer uma melhor compreensão do funcionamento do sistema de apego ao focalizarmos na dinâmica de co-regulação dos processos relacionais que ocorrem a

níveis de micro e macrodesenvolvimento. Posteriormente (na sessão de método deste estudo) tais questões serão retomadas de modo mais detalhado.

A auto-organização se apresenta como uma característica central dos sistemas dinâmicos e consiste em um constante processo de mútua influência entre os elementos que compõem um dado sistema. Ao longo do tempo, as múltiplas relações estabelecidas pelos diferentes elementos do sistema favorecem a auto-organização de tais elementos em uma nova configuração, geralmente mais complexa que a anterior. Este conceito se configura como uma importante característica de um sistema dinâmico, pois favorece a explicação do *como* os elementos do sistema exercerem uma mútua influência entre si, de modo a permitir que o sistema se transforme e atinja novos momentos de quase-estabilidade. Segundo van Geert (2000), conceber um sistema como auto-organizado implica em compreender os momentos de quase-estabilidade deste sistema como emergentes, a partir da interação entre os diferentes elementos constitutivos deste sistema. Assim, falar que os sistemas são auto-organizados implica em considerar os elementos do sistema não como isolados ou independentes, mas, pelo contrário, como funcionando de maneira interdependente e orquestrada, de modo que a ação de um dos elementos pode interferir em toda a dinâmica interna do sistema. Nas palavras de Thelen & Smith (1994, p. 55-56),

Na auto-organização, o sistema seleciona ou é atraído para uma configuração preferida, entre diversos estados possíveis, mas a variabilidade do comportamento é um precursor essencial (...). A auto-organização não é mágica, ela ocorre devido à não-linearidade inerente ao nosso universo físico e biológico.

Seguindo nesta direção, Lewis (2000) destaca algumas características dos sistemas auto-organizados, são elas: (1) a emergência da novidade, pois, ao longo do tempo, o sistema assume novas configurações; (2) a mútua relação entre os

elementos de um sistema auto-organizado, que tornam tais sistemas mais complexos ao longo do tempo, devido à quantidade de elementos em interação e à crescente relação estabelecida entre os elementos do sistema e (3) os sistemas assumem novas configurações a partir de um movimento de reorganização interna nos momentos de instabilidade ou turbulência.

Uma vez que focaliza a investigação de sistemas abertos e auto-organizados, o estudo do fenômeno psicológico à luz da perspectiva dos sistemas dinâmicos nos remete também a considerar a mútua relação estabelecida entre o sistema e o ambiente (ou um outro sistema). De acordo com esta perspectiva, a dinâmica inerente ao sistema encontra-se estreitamente relacionada aos aspectos do ambiente no qual o sistema está inserido. Ao buscar compreender os diferentes elementos que constituem o sistema, para a perspectiva dos sistemas dinâmicos não importa se tais elementos têm sua origem no indivíduo ou no meio ambiente, a importância está na compreensão de como estes elementos se co-regulam e conduzem o sistema à mudança e à posterior reorganização, através do processo de auto-organização (semelhante à ideia de separação inclusiva proposta por Valsiner, 1997a).

Imprevisibilidade e variabilidade. Desta forma, falar em sistema auto-organizado implica também em falar de imprevisibilidade e variabilidade. Tal como mencionado anteriormente, o estudo dos sistemas dinâmicos auto-organizados focaliza tanto na dinâmica das relações estabelecidas entre os elementos do sistema, como também na investigação da emergência de novos padrões de organização deste sistema. Desta forma, a investigação de um sistema sob esta lente paradigmática permite integrar em um mesmo modelo explicativo as regularidades globais e as particularidades idiossincrásicas do sistema (e.g. Fogel & Thelen, 1987, Lyra e

Valsiner, 1998, Lyra, 2000, Thelen & Smith, 1994). Diferentemente do que é defendido pelas abordagens mecanicistas, para a perspectiva dos sistemas dinâmicos, a variabilidade é um dado importante, e não um erro do acaso. Nas palavras de Lyra (2000, p. 261), de acordo com a teoria dos sistemas dinâmicos, “a variabilidade individual não é, desta forma, interpretada como ruído a ser excluída como erro (...). Esta variabilidade constitui o próprio dado, uma vez que informa sobre a estabilidade e instabilidade relativas das variáveis coletivas do sistema em estudo”. Ao mesmo tempo, as regularidades globais não podem ser concebidas como estruturas ou fases, mas sim como regularidades temporárias, uma vez que estão imersas em uma variabilidade constante. Esta constante variabilidade, por um lado, impede a previsão precisa do produto do desenvolvimento e, por outro lado, permite que o sistema se auto-organize em uma nova configuração, favorecendo a emergência do novo (imprevisibilidade). Neste contexto, fica bastante difícil – e também desnecessário – defender a idéia de causalidade linear.

Visão de causalidade. Assim, à luz da perspectiva de sistemas dinâmicos, a visão de causalidade também se apresenta como distinta da adotada pelas perspectivas tradicionais. À luz da perspectiva dos sistemas dinâmicos, não cabe se pensar em uma relação direta de causa e efeito. A mudança na configuração do sistema ocorre devido à introdução de um novo elemento – ou à reorganização dos elementos já existentes no sistema – que gera uma nova dinâmica interna no sistema, levando o sistema a assumir uma nova configuração. Desta forma, de acordo com a perspectiva dos sistemas dinâmicos, o importante não é conhecer a causa de mudança do sistema, mas sim *o seu modo de funcionamento*. Em outras palavras, não cabe pensar que A causa B, nem mesmo que A, C e D, em conjunto, causam B, mas sim,

compreender como A, C e D interagem entre si e *tornam-se* B ao longo do tempo (Valsiner, 1997a, 2000).

Nesta perspectiva, a idéia de causalidade envolve, necessariamente, a compreensão do funcionamento do sistema em um tempo irreversível, que assumirá diferentes configurações ao longo do tempo. “Em nenhum momento, qualquer dos componentes é logicamente causal em determinar a mudança do desenvolvimento, todos os componentes e o sistema determinam o produto do sistema” (Thelen & Smith, 1994, p. 85). Desta forma, ao longo do tempo o sistema constrói uma história, caracterizada tanto pela presença de determinados elementos, como também pela maneira particular como estes elementos mutuamente se transformam ao longo do tempo. Sendo assim, esta história não se configura pelo simples somatório de seus elementos constitutivos, mas sim pela dinâmica específica de interação destes elementos, que conduzirá o sistema a se organizar em determinadas configurações atratoras. Desta forma, “compreender os diferentes atratores de um sistema em um dado período de tempo e como novos atratores emergem nos permite começar a compreender a história do sistema investigado” (Pantoja, 1996, p. 17).

Assim, o que levará os sistemas a assumirem diferentes configurações atratoras serão as diferentes relações estabelecidas entre seus elementos, assim como as diferentes formas e funções destes elementos no sistema como um todo. Desta forma, cada sistema irá construir a sua própria história, que, como destacam Lyra e Winegar (1997) carregará consigo um certo grau de determinação, uma vez que as novas configurações do sistema terão como ponto de partida as configurações anteriormente assumidas pelo sistema. No entanto, cada sistema preservará também um certo grau de indeterminação, considerando o caráter de imprevisibilidade do

sistema, visto ser impossível antecipar com certeza de que modo cada elemento reagirá à entrada de um novo elemento ou à modificação na configuração dos elementos do sistema. Sendo assim, tal como sugere Lyra e Winegar (1997), a história particular construída pelo sistema em desenvolvimento – em seus momentos de estabilidade e mudança – carregará consigo um certo grau de determinação (previsibilidade) e, ao mesmo tempo, de indeterminação (imprevisibilidade) (ver Lyra & Winegar, 1997 para uma discussão mais detalhada a este respeito).

A seguir, pretendemos apontar, brevemente, algumas implicações gerais que o pesquisador do desenvolvimento deve assumir quando opta pela adoção da perspectiva dos sistemas dinâmicos.

2.3. Algumas implicações decorrentes da adoção desta perspectiva

Utilizar a perspectiva dos sistemas dinâmicos para estudo do processo de desenvolvimento tal como acima mencionado, traz consigo algumas implicações. Conceber o desenvolvimento à luz da perspectiva dos sistemas dinâmicos implica buscar descrever o desenvolvimento a partir de uma perspectiva de múltiplas conexões possíveis e não em termos de uma relação linear de causalidade, onde o desenvolvimento é concebido como resultado de um determinado aspecto isoladamente. Diferentemente de uma visão que prevê o “estado final” de um determinado produto do desenvolvimento, adotar a perspectiva dos sistemas dinâmicos implica em assumir que o desenvolvimento não está previamente formado ou encapsulado. Pelo contrário, o conceito de auto-organização, noção central nesta perspectiva, sugere que o sistema em desenvolvimento está inserido em um contínuo processo de mudança e emergência de novos padrões. Desta forma, a

imprevisibilidade e a variabilidade emergente ao longo do tempo (e não o caráter pré-definido do fenômeno) se apresentam como características fundamentais para aqueles que se dedicam ao estudo do desenvolvimento humano sob esta lente paradigmática (Thelen & Smith, 1994).

Muito embora desenvolvimento seja concebido como a passagem de um estado anterior mais simples para um estado mais complexo como resultado de um contínuo processo de auto-organização do sistema, este estado mais complexo não é concebido como pré-determinado, mas sim como padrões relacionais e emergentes, visto ser este um sistema aberto e auto-organizado. Ou seja, a história construída pelo sistema ao longo do tempo é que irá indicar o caminho do desenvolvimento, apontando, desta forma, um certo nível de determinação (tal como discutido anteriormente). No entanto, sendo este sistema concebido como aberto, dinâmico e auto-organizado, estará também inserido em um constante processo de mudança e emergência do novo, o que implica assumir também um certo nível de indeterminação, não sendo possível, para esta concepção, assumir a noção de previsão e replicação exata do resultado do desenvolvimento (Lyra e Winegar, 1997).

Em resumo, adotar a perspectiva sistêmica, em particular a teoria dos sistemas dinâmicos, implica em assumir que a ordem emerge dinamicamente, enquanto resultado da interação de diferentes elementos que compõem o sistema, os quais se encontram em constante mudança. Neste sentido, o fenômeno do desenvolvimento é concebido como inserido em um contínuo processo de mudança, em um tempo irreversível, sendo a variabilidade uma importante e inevitável característica de tal processo. É desta maneira que concebemos o desenvolvimento e as relações de apego mãe-criança no presente estudo, que será aqui analisado tendo

como um dos referenciais teóricos a perspectiva dos sistemas dinâmicos. Neste sentido, cabem as perguntas: Como a teoria dos sistemas dinâmicos aplica-se ao estudo do apego? Como os conceitos de configuração atratora, *repellers* e auto-organização, por exemplo, podem ser operacionalizados nos estudos que investigam o apego mãe-criança?

2. 4. Um Olhar Sistêmico ao Fenômeno do Apego

Tal como mencionado anteriormente, alguns estudos na área do apego vêm questionando a relevância central atribuída à sensibilidade e responsividade materna na construção do apego mãe-criança, ressaltando a importância de se empreender uma visão multifacetada e sistêmica do fenômeno do apego (e.g. Coleman & Watson, 2000, Fogel, 2000, Laible & Thompson, 2000, Seifer, Schiller, Sameroff, Resnick & Riordan, 1996, Villachan-Lyra, Pantoja & Souza, em revisão). Tais estudos defendem que o processo de co-construção de uma relação de apego se dá a partir da interação entre múltiplos elementos que constituem o sistema de apego. É através da mútua influência que tais elementos exercem entre si, bem como a entrada de novos elementos no sistema, que o sistema de apego se auto-organiza ao longo do tempo em determinados padrões de apego.

Por exemplo, Seifer e cols. (1996) desenvolveram um estudo com o objetivo de investigar outros fatores, além da sensibilidade materna, que podem contribuir na compreensão da construção da qualidade do apego mãe-criança. Nesta pesquisa, foi destacada a importância do temperamento da criança como uma outra importante característica que pode estar relacionada à qualidade das relações de apego. Com o objetivo de questionar a centralidade e exclusiva importância da sensibilidade

materna na determinação da qualidade do apego, podemos mencionar ainda a pesquisa desenvolvida por Belsky, Fish e Isabella (1991). Estes autores sugerem que a presença de emoções positivas por parte da criança apresenta-se como um outro importante fator envolvido no processo de construção de uma relação de apego segura. Nesta mesma direção, Thompson (1997) pontua ser a sensibilidade parental uma característica importante, mas não determinante da qualidade do apego mãe-criança. Como dito anteriormente, este autor destaca a natureza multifacetada das relações de apego, ressaltando que a sensibilidade materna deve ser concebida de modo contextualizado, e não em termos absolutos. Desta forma, dependendo da natureza da tarefa ou da situação na qual a criança está envolvida e da idade da criança, por exemplo, a sensibilidade materna pode assumir diferentes formas e ser mais ou menos importante para a criança. Além do mais, fatores como história pessoal e da própria relação diádica, valores culturais e sistema de crenças, assim como a situação imediata e fatores sócio-ecológicos também poderão contribuir na maneira como os pais irão responder às demandas e necessidades da criança.

Neste sentido, parece implícito que estes autores concebem o apego mãe-criança como um sistema aberto, sendo necessário compreendê-lo enquanto inserido em um determinado contexto, e composto por diversos elementos, e não apenas a sensibilidade materna. Apesar de acharmos pertinente tecer tais comentários, e inferir que as conclusões dos estudos acima mencionados apontam para uma compreensão sistêmica e dinâmica do apego, ainda são escassos os estudos empíricos que se propõe, explicitamente, a utilizar a perspectiva dos sistemas dinâmicos para a realização de uma investigação empírica do fenômeno do apego.

Ressaltando a natureza multifacetada desse fenômeno, Coleman e Watson (2000) e Laible e Thompson (2000) conduzem uma análise teórica focalizando-se na discussão acerca da pertinência e contribuições da utilização da perspectiva dos sistemas dinâmicos como referencial teórico-metodológico para a investigação do apego mãe-criança. Tais autores ressaltam a importância de se empreender uma visão sistêmica deste fenômeno, e de se conceber a relação de apego mãe-bebê como um sistema complexo. Destacando noções centrais da teoria dos sistemas dinâmicos, estes autores defendem que esta perspectiva pode se apresentar como um paradigma teórico-metodológico bastante útil à investigação do apego. Nesta visão, apego é concebido como um sistema aberto, composto por várias dimensões, tais como: (1) o uso da figura de apego como uma base segura, cuja presença favorece o comportamento exploratório da criança, (2) o uso da figura de apego enquanto promotora de conforto durante uma situação de medo ou tristeza, (3) comportamentos de sintonia emocional entre os parceiros diádicos, (4) busca de proximidade com a figura de apego. Outras influências contextuais também são destacadas, tais como disponibilidade de suporte social familiar, níveis de estresse e assim por diante. Segundo estes autores, todos estes elementos compõem o sistema de apego e estão intrinsecamente relacionados. Desta forma, a interação entre estes diversos elementos irá resultar na manutenção e/ou reorganização do sistema de apego, favorecendo a emergência potencial da mudança nas relações de apego.

Por exemplo, se uma mãe que é geralmente sensível e responsiva nos cuidados do seu filho, repentinamente começa a se preocupar com um evento de vida estressor, como a possibilidade iminente de desemprego ou a morte de uma pessoa querida, e passa a demonstrar menos sensibilidade para com as

necessidades da criança, mudanças qualitativas no sistema de apego podem ocorrer. O comportamento da mãe pode ser interpretado pela criança como falta de preocupação ou atenção, podendo desencadear uma mudança na qualidade do sistema de apego como um todo (Coleman & Watson, 2000, p. 304).

Assim, com base nos princípios da teoria dos sistemas dinâmicos, Laible e Thompson (2000) sugerem que o modelo de auto-organização pode ser útil para a compreensão da dinâmica envolvida nas relações de apego mãe-criança. De acordo com uma visão sistêmica das relações de apego, tanto a mãe como a criança estão simultaneamente co-atuando e construindo a sua comunicação e a história de suas relações de apego ao longo do tempo. A partir desta visão, as relações de apego mãe-criança são concebidas como sistemas abertos em desenvolvimento, que apresentam momentos de estabilidade e mudança ao longo do tempo.

Diferentemente de uma visão uni e bidirecional do apego, “a partir teoria dos sistemas dinâmicos, a sensibilidade parental é um dos muitos potencialmente importantes elementos do sistema de apego” (Laible & Thompson, 2000, p. 311). Assim, no presente estudo defendemos que para uma melhor compreensão da dinâmica relacional do sistema de apego mãe-criança se faz necessário considerar diferentes características da criança, da mãe e também do contexto no qual esta relação ocorre. Em outras palavras, através do processo de co-regulação, a auto-organização dos elementos que compõem o sistema de apego irá favorecer a construção de padrões de co-atividade (ou, usando os termos da teoria dos sistemas dinâmicos, de configurações atratoras) que irão caracterizar a qualidade das relações de apego mãe-criança. Estas configurações atratoras poderão ser comparadas aos

tipos de apego seguro e inseguro, previamente identificados pela literatura de apego. Entretanto, a partir da teoria dos sistemas dinâmicos, estas configurações atratoras não são concebidas como traços individuais, mas sim como padrões relacionais, construídos e modificados a partir das relações diádicas em tempo real. Ou seja, os padrões de apego refletem uma qualidade dinâmica das relações de apego mãe-criança. Esta idéia se aproxima da proposta de Lewis e Junyk (1997), quando, em um estudo sobre personalidade destacam que à luz da teoria dos sistemas dinâmicos, as características de personalidade podem ser entendidas como configurações atratoras, dinamicamente construídas, no lugar de traços que representam uma estrutura estática e independente do contexto.

Entretanto, algumas relações de apego são mais flexíveis do que outras. Usando a noção de configuração atratora, estas diferenças podem ser explicadas a partir da compreensão de vários níveis de estabilidade destas configurações atratoras. Especificamente, em configurações atratoras mais flexíveis, a mudança de um dos elementos do sistema pode contribuir para o desenvolvimento de um outro padrão relacional (uma outra configuração atratora) ou o sistema pode se auto-organizar, de modo a manter o padrão existente anteriormente e assim, manter a configuração atratora.

Tal ênfase no reconhecimento do efeito da mútua influência entre mãe, criança e demandas do ambiente redireciona nossa atenção para a emergente dinâmica de auto-organização do sistema de apego. Ressalta também a importância de conceber esta relação de apego como um sistema aberto, composto, ao mesmo tempo, por elementos característicos dos indivíduos engajados na relação e também do ambiente sócio-histórico no qual tal relação está inserida. Conceber o sistema de

apego desta forma apresenta-se como de suma importância para a compreensão do funcionamento do sistema como um todo. Nas palavras de Coleman e Watson (2000, p. 307),

É imperativo que os pesquisadores que investigam o fenômeno do apego não busquem apenas identificar os principais elementos (tal como eventos maturacionais, comportamentos da mãe e do bebê, processos interativos e estímulo ambiental) que definem o sistema de apego, mas eles também deviam fazer um esforço para investigar o funcionamento do sistema de apego como um todo.

Fogel (2000) ratifica a ênfase dada por Coleman e Watson, sobre a importância de compreender o apego como um sistema relacional e dinâmico, argumentando que a investigação das ações da mãe e da criança como contribuições isoladas não se apresenta como uma estratégia metodológica pertinente com a adoção da perspectiva dos sistemas dinâmicos, nem com a concepção do apego como um sistema complexo. Ao invés disso, este autor defende que as atividades de ambos (mãe e criança) precisam ser vistas como orquestradas (ou, nas palavras de Fogel, co-reguladas), agindo em conjunto, em um contexto específico, para constituir um sistema multidimensional e dinâmico. Neste sentido, enfatiza a natureza complexa, dinâmica e aberta do sistema de apego mãe-criança, considerando a história relacional co-construída entre eles. Comentando a contribuição de Coleman e Watson (2000), Fogel afirma:

Eles [Coleman e Watson] referem-se à teoria dos sistemas dinâmicos como uma perspectiva ‘antielementarista’, enfatizando as conexões e relações entre os componentes, assim como as mútuas interações existentes entre os vários

subsistemas. Estas são concepções teóricas poderosas e devem ser cuidadosamente consideradas pelos pesquisadores interessados nas relações pais-criança e na mudança (Fogel, 2000, p. 318).

Seguindo nesta direção, Sroufe e Sampson (2000) também defendem ser o apego um fenômeno que integra diferentes elementos, sendo necessário, para compreender este fenômeno em sua complexidade, desenvolver uma explicação não linear e dinâmica. Segundo eles, “a teoria do apego foi, é, e sempre será compatível com os princípios dos sistemas dinâmicos” (p. 322).

Assim, concebendo o apego mãe-criança como um sistema dinâmico relacional e multifacetado, inserido em um constante processo de transformação ao longo do tempo, concordamos que a perspectiva dos sistemas dinâmicos apresenta-se como uma ferramenta conceitual útil para investigar a dinâmica e complexidade do desenvolvimento do sistema de apego. No entanto, entendemos que a realização de um estudo empírico para a investigação do sistema de apego à luz da perspectiva dos sistemas dinâmicos se coloca como um grande desafio, visto ser este um campo de investigação ainda incipiente. Desta forma, para a compreensão da dinâmica de funcionamento do sistema de apego, inicialmente será necessário definir o sistema e os principais elementos que o compõe. Que elementos são de maior centralidade para a descrição do sistema de apego? Que regularidades podemos identificar na co-construção do sistema de apego em questão? É possível identificar tais regularidades com configurações atratoras do sistema? Como os diferentes elementos que constituem o sistema se co-regulam para a emergência de padrões relacionais? O que caracteriza os momentos de estabilidade relativa e instabilidade neste sistema? Acreditamos que estas são perguntas de grande importância, que precisaram começar

a serem respondidas na busca de uma compreensão sistêmica das relações de apego mãe-criança.

Assim, com o objetivo de seguir nesta direção e favorecer uma maior compreensão destas relações de apego mãe-criança, a presente pesquisa se propõe a realizar uma investigação empírica de duas díades mãe-criança no terceiro ano de vida da criança, à luz da teoria dos sistemas dinâmicos. Especificamente, serão adotados alguns princípios teórico-metodológicos norteadores da perspectiva histórico-relacional, sendo empreendida uma análise micro e macroscópica das interações das duas díades mãe-criança, estando elas engajadas em uma atividade relacionada a seu cotidiano, em um ambiente familiar (em suas próprias casas).

Considerações Teórico- Metodológicas: Um Olhar à Luz da Perspectiva Histórico-Relacional



*“Ambos, o indivíduo e a relação, na perspectiva aqui assumida, nunca
estão completamente definidos; eles são sempre dinamicamente
constituídos como parte de um processo de mudança”.*

(Fogel, 1993, p. 3)

3. CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: UM OLHAR À LUZ DA PERSPECTIVA HISTÓRICO-RELACIONAL

Neste momento, serão apresentados alguns princípios teórico-metodológicos norteadores do presente estudo, tomando por base a perspectiva histórico-relacional (e.g., Fogel, 1993, Fogel e cols, 2006, Fogel e Lyra, 1997, Pantoja, 1996, 1998). Esta perspectiva tem por objetivo investigar os processos de mudança nas relações interpessoais, e apresenta-se como uma proposta de integração dos princípios norteadores da teoria dos sistemas dinâmicos com os princípios da análise microgenética para o estudo do desenvolvimento humano. Mais especificamente, a perspectiva histórico-relacional propõe a aplicação do método microgenético para o estudo da mudança histórica das trocas relacionais, em um contexto comunicativo.

Neste momento, antes de apresentarmos as principais idéias norteadoras desta perspectiva, julgamos importante (1) retomar à discussão a respeito da visão de desenvolvimento adotada no presente estudo, bem como (2) explicitar como, no presente estudo, estamos compreendendo comunicação e a que noção de linguagem essa concepção sobre comunicação se refere.

3.1. Noção de desenvolvimento adotada: Retomando algumas idéias

Concebendo o fenômeno do desenvolvimento como um sistema dinâmico, constituído ao mesmo tempo por padrões dinamicamente estáveis e pela emergência de novos estados comportamentais, a partir da reorganização dos estados anteriores, em um tempo irreversível, neste momento julgamos adequado comentar, mesmo que brevemente, algumas noções remetidas por tal concepção.

Uma vez que o foco de atenção para o estudo do desenvolvimento está na compreensão do processo de mudança e emergência de novos produtos do desenvolvimento, a **novidade** apresenta-se como um aspecto fundamental a ser investigado. Neste processo, o novo está constantemente emergindo. No entanto, uma vez que este novo elemento se estabiliza no sistema, deixa de ser novidade e passa a integrar um estado de relativa estabilidade do comportamento. Desta forma, a novidade torna-se usual ao mesmo tempo em que carrega a possibilidade de emergência de outros aspectos novos neste fluxo do desenvolvimento. A partir desta perspectiva, o novo está constantemente emergindo e o sujeito encontra-se sempre em um constante processo de “tornar-se” (Valsiner, 1997, 2000). Neste sentido, a emergência do novo e a dinâmica de funcionamento do sistema apresentam-se como aspectos cruciais a serem investigados ao se estudar o desenvolvimento humano. Assim, estando o foco da investigação voltado para a emergência da novidade em um sistema dinâmico e em um **tempo irreversível**, o fenômeno do desenvolvimento não pode ser definido de forma padronizada. Pelo contrário, a **variabilidade** inerente ao sistema em desenvolvimento apresenta-se como uma outra característica importante do fenômeno em desenvolvimento. Uma vez que o sistema é concebido como dinâmico e aberto, mesmo considerando que sistemas semelhantes carregam uma certa semelhança entre si, cada sistema constrói uma história única e particular ao longo do tempo, que carrega consigo aspectos singulares de sua história. Valsiner (1997) destaca três formas de variabilidade inerente ao fenômeno psicológico. São eles:

- (a) Variabilidade intraindividual, que se refere às diversas variações vividas por um sujeito ao longo da sua história, dada a irreversibilidade do tempo.

Por exemplo, as experiências rotineiras vividas por um indivíduo, como tomar café todos os dias pela manhã, no mesmo local, proporcionam uma ilusão de continuidade. No entanto, esta experiência guarda um nível de variabilidade intraindividual, uma vez que cada nova manhã quando esta pessoa toma café, esta será uma nova experiência, que preserva sua especificidade;

- (b) Variabilidade interindividual, que diz respeito a particularidades individuais, quando realizadas comparações entre pessoas. Considerando o exemplo acima, se comparamos duas pessoas em uma mesma família engajados nesta atividade de tomar café da manhã, podemos observar certas semelhanças entre elas, que caracterizam esta atividade. No entanto, também serão observadas determinadas particularidades, que caracterizam este nível de variabilidade interindividual;
- (c) Variabilidade potencial, que indica as possibilidades de mudança de um sistema em desenvolvimento. Ainda considerando o exemplo acima, imaginemos este sujeito que todos os dias ele toma café da manhã. Geralmente ocorre no mesmo local, ele tende a comer as mesmas coisas (café, pão e queijo, por exemplo). No entanto, é possível que em determinado dia, em função de um mal estar temporário, ele resolva tomar apenas um copo de leite.

Esta última forma de variabilidade explicita uma outra importante característica do desenvolvimento, que se refere ao fato de ser este um **sistema aberto**, em constante relação de troca com o contexto no qual está inserido. Desta forma, indivíduo e contexto devem ser concebidos como interdependentes e

mutuamente relacionados, sendo impossível, e indesejada, a análise do indivíduo isolado de seu contexto. Este fenômeno é denominado por Valsiner (1997, 2000) de “**separação inclusiva**”, que ressalta a existência simultânea de uma diferenciação entre objeto (indivíduo) e contexto, e a sua interdependência.

Mesmo considerando ser o foco de investigação o processo de mudança do fenômeno de desenvolvimento, Valsiner (1997) ressalta a existência (e importância) dos momentos de estabilidade do sistema em desenvolvimento, sendo estes concebidos como estados temporários, que serão progressivamente transformados em novos momentos de estabilidade. Tais momentos não são estáticos ou totalmente estáveis. Pelo contrário, carregam consigo uma certa instabilidade, inerente à dinâmica e ao fluxo de transformação do sistema. Assim, o desenvolvimento é concebido como um constante processo de mudança entre um momento de estabilidade anterior, para um posterior momento de estabilidade.

Ao adotar esta concepção de desenvolvimento acreditamos ser importante estar particularmente atento a dois aspectos. O primeiro refere-se à necessidade de compreender a **dinâmica inerente** ao sistema, destacando a inevitável transformação de determinados estados comportamentais em novas formas de comportamento. O segundo aspecto diz respeito à importância de conceber o desenvolvimento como um sistema aberto, e especificar as relações que este estabelece com o contexto. Estes aspectos são concebidos como a base propulsora para qualquer transformação do desenvolvimento e ambos são o foco de estudos do desenvolvimento baseados na teoria dos sistemas dinâmicos, como discutido anteriormente, no capítulo 2 desta tese. Esta concepção de desenvolvimento nos remete a uma visão de **causalidade sistêmica, dinâmica e histórica** para este fenômeno, que enfatiza as relações

funcionais estabelecidas entre os diferentes elementos constituintes do sistema, bem como o contínuo processo de mudança no qual está inserido ao longo de sua história.

3.2. Noções de comunicação e de linguagem assumidas no presente estudo

Muito embora esta não seja uma pesquisa focalizada no processo de desenvolvimento da linguagem, nem seja a linguagem o nosso principal objeto de estudo, julgamos pertinente neste momento tecer um breve esclarecimento acerca da noção de linguagem da qual nos aproximamos. Acreditamos que este esclarecimento se faça necessário uma vez que neste trabalho nosso objetivo consiste em investigar a dinâmica do sistema de apego mãe-criança em um contexto comunicativo.

À luz da perspectiva histórico-relacional, tomamos por base o modelo de processos contínuos da comunicação, proposto por Fogel (1993). Para tal modelo, o sistema comunicativo se configura como processo dinâmico complexo, no qual cada parceiro interacional está engajado, de maneira ativa, na co-construção de suas trocas comunicativas. De acordo com esta perspectiva, não é frutífero ou desejado separar a dinâmica comunicativa em momentos estanques, isolados, para que se possa identificar quem é o emissor, o receptor, e qual é a mensagem. Pelo contrário, para a investigação da comunicação enquanto um processo contínuo é necessário investigar o sistema de comunicação como um todo, na medida em que o mesmo emerge através de um constante processo de co-regulação entre seus elementos constituintes. Usando a terminologia da teoria dos sistemas dinâmicos, a ordem (i.e., a compreensão entre os parceiros) emerge a partir da auto-organização dos elementos constituintes do sistema comunicativo (e.g., Fogel, 1993, Fogel e cols, 2006, Lyra & Rossetti-Ferreira, 1995, Lyra, 2000). Assim, a comunicação é concebida como um

processo eminentemente social de produção de sentido. É na relação diádica que este sentido é construído, e assim não estaria necessariamente preso a sentidos prontos, pré-definidos.

Ressaltamos, ainda, que à luz da perspectiva histórico-relacional o sistema comunicativo é constituído por múltiplos elementos, como, por exemplo, a fala dos participantes, os gestos, as expressões faciais, as ações e a entonação de voz apresentada pelos parceiros interacionais, local onde ocorre a atividade. A maneira como tais elementos irão se auto-organizar está intrinsecamente relacionada à atividade na qual os parceiros estão engajados no momento da interação. Nesta perspectiva, a ação humana encontra seu significado na situação em que é produzida (Fogel, 1993, Fogel & Lyra, 1997, Fogel e cols, 2006).

No que se refere à noção de linguagem adotada, ressaltamos inicialmente que, no presente estudo, nos afastamos de uma noção clássica que concebe linguagem como exclusivamente um veículo de expressão e de comunicação, ou mesmo como um simples terceiro elemento mediador entre o sujeito e o mundo.

Aqui estamos assumindo uma concepção de comunicação segundo a qual a linguagem como ação se constitui como um elemento favorecedor da construção co-regulada de significados, bem como das transformações destes significados construídos em novos significados, donde emergiria a própria condição de constituição destes sujeitos a partir das relações comunicativas. Sem a linguagem e o outro seria impossível para o indivíduo se relacionar consigo mesmo, falar de si e mesmo reconhecer-se. Este indivíduo é concebido como resultado da história de suas relações sociais, afetivas e culturais, não sendo visto como apenas produto das circunstâncias, mas um agente que transforma as circunstâncias e se transforma, bem

como se produz nesta atividade. O homem produz linguagem e se produz simultaneamente na linguagem e nas relações. Neste contexto, a linguagem não pode ser pensada meramente como meio de interação ou de ação, deve ser concebida como historicamente construída, constituída e constituinte de sua própria história.

Sendo assim, concebemos a ação comunicativa como sendo, ao mesmo tempo, produto e processo (Vygotsky, 1984). Ou seja, ao mesmo tempo em que é influenciada pela atividade social na qual o sujeito está inserido, a ação comunicativa também influencia a história de construção destas atividades, sendo, em parte, definida pela situação de sua produção. Isto confere ao indivíduo um papel ativo neste processo, um papel de agente de sua própria participação na atividade comunicativa, bem como no contexto no qual se insere esta atividade. Desta forma, de modo semelhante ao que é proposto nos trabalhos de Lyra e colaboradores, no presente estudo as noções de comunicação e linguagem também são tomadas como equivalentes, sendo destacada a sua intrínseca natureza histórico-cultural e simbólica (Lyra, 2000).

Assim, adotando esta noção de comunicação e linguagem, no presente estudo, a opção pela adoção dos princípios teórico-metodológicos norteadores da perspectiva histórico-relacional justifica-se pelo fato de termos por objetivo a investigação microgenética do apego mãe-criança à luz da teoria dos sistemas dinâmicos. Ressaltamos também que as estratégias metodológicas propostas por esta perspectiva poderão favorecer a investigação do desenvolvimento das relações de apego mãe-criança, de modo compatível com a concepção de desenvolvimento por nós assumida. A seguir serão apresentados alguns princípios da perspectiva histórico-relacional que julgamos mais relevantes aos fins do presente estudo.

3.3. Princípios Teórico-Metodológicos da Perspectiva Histórico-Relacional

Tal como mencionado anteriormente, a perspectiva histórico-relacional se apresenta como uma abordagem teórico-metodológica, que assume como pressupostos básicos as principais noções da teoria dos sistemas dinâmicos, e da pesquisa qualitativa para o estudo da mudança no desenvolvimento humano. Em particular, esta perspectiva surgiu com o objetivo de propor o uso de princípios da análise microgenética para a investigação do processo de mudança no desenvolvimento das relações interpessoais, compreendendo tais relações como sistemas dinâmicos em desenvolvimento (e.g., Fogel, 1993, Fogel e Lyra, 1997, Fogel e cols, 2006, Lavelli e cols. 2005, Pantoja, 1996 e 1998). Para essa perspectiva, o processo de desenvolvimento das relações humanas é concebido como um processo histórico e dinamicamente construído. Este processo caracteriza-se por estar inserido em um constante movimento de construção, manutenção e transformação de padrões relacionais recorrentes e característicos da relação comunicativa (Lavelli e cols., 2005). Fazendo uso da linguagem própria à teoria dos sistemas dinâmicos, tais padrões de comunicação entre os parceiros interacionais funcionam como configurações atratoras deste sistema que se auto-organizam ao longo do tempo.

A nível teórico, uma contribuição dessa perspectiva histórico-relacional para o estudo do desenvolvimento humano encontra-se baseada na ênfase atribuída a três axiomas centrais: 1. padrões comunicativos da relação (i.e., *frames* – conceito a ser discutido posteriormente) são concebidos como configurações atratoras, 2. tais padrões comunicativos emergem através de um contínuo processo de co-construção e 3. a relação se transforma e se mantém à luz de sua história. Esta terceira ênfase favorece uma visão de desenvolvimento que leva em consideração as configurações

anteriores assumidas pelo sistema, mas ressalta também a emergência de novos padrões de auto-organização do sistema.

A nível metodológico, a perspectiva histórico-relacional propõe três estratégias centrais, são elas: 1. análise microgenética de múltiplos casos; 2. identificação de padrões de comunicação da relação, denominado de *frames*; e 3. uso de análises qualitativa e quantitativa, sendo esta última utilizada com ênfase na compreensão de trajetórias assumidas pelos padrões de comunicação da relação. As descrições qualitativas, por sua vez, apresentam-se como condição indispensável para a compreensão destas trajetórias bem como do processo de mudança histórico dos padrões comunicativos identificados (e.g., Lavelli e cols, 2005, Fogel e cols., 2006).

Considerando tais contribuições teóricas e metodológicas da perspectiva histórico-relacional, utilizamos desta perspectiva para guiar nossos estudos das relações de apego mãe-criança. Especificamente, investigamos microgeneticamente o processo de co-construção das relações de apego em duas díades mãe-criança, concebendo apego como um fenômeno relacional e histórico. Relacional por considerarmos que o apego não se apresenta como uma característica individual, por exemplo, uma característica de temperamento da criança ou mesmo uma característica de personalidade da criança, resultante da sensibilidade (ou falta de) materna. Pelo contrário, concebemos apego como constituído e atualizado na relação diádica, enquanto uma construção conjunta dos parceiros engajados nas relações de apego. Histórico por concebermos que tais relações de apego encontram-se inseridas em um constante processo de mudança, favorecendo a manutenção e/ou a transformação das qualidades de tal relação ao longo do tempo. A seguir, serão

tecidas algumas considerações a respeito de cada uma das três características metodológicas centrais propostas pela perspectiva histórico-relacional.

3.3.1. O estudo de casos. A realização de estudo de casos se apresenta como um princípio básico da perspectiva histórico-relacional, uma vez que, de acordo com esta perspectiva, apenas a partir da análise microgenética e da observação exaustiva de casos (seja indivíduo, díade ou grupos) é possível a investigação do processo de mudança no curso do desenvolvimento das relações interpessoais. Neste sentido, a análise microgenética de casos permite a investigação da mudança em diferentes níveis: inovação a nível microscópico e reorganização do sistema a nível macroscópico. Especificamente, Fogel e cols. (2006) ressaltam que uma mudança inicialmente aparece na comunicação na forma de inovações de pequenas ações dos participantes. Ao longo do tempo, esta inovação, se amplificada na relação, pode conduzir a uma re-organização do sistema comunicativo como um todo, levando-o a assumir uma nova configuração. Assim sendo, Fogel e cols (2006) ressaltam que uma contribuição da realização de estudo de casos sob uma perspectiva histórico-relacional consiste na possibilidade de integrar esses dois níveis de funcionamento do sistema: micro e macro. Por exemplo, é possível identificar pequenas variabilidades dentro de um padrão de comportamento particular (a um nível de microdesenvolvimento) e, ao mesmo tempo, compreender as diferentes configurações assumidas pelo sistema em termos de macrodesenvolvimento. Desta forma, a realização de estudos de casos permite a integração destas duas importantes escalas de tempo para o processo de desenvolvimento humano.

Consequentemente, uma outra contribuição da aplicação de estudos de casos refere-se à viabilidade de se realizar uma análise microgenética detalhada de cada caso, favorecendo assim uma maior compreensão do processo de desenvolvimento. Especificamente a perspectiva histórico-relacional propõe a identificação de um momento específico de transição do desenvolvimento a ser investigado microgeneticamente, com o objetivo de investigar como os parceiros relacionais se co-regulam durante este momento de transição. Uma vez que a investigação microgenética permite o acesso detalhado das ações dos participantes – gestos, vocalizações, uso dos artefatos e registros, expressões emocionais, dentre outras características do sistema investigado – será possível acessar as mudanças que ocorrem a nível macroscópico. Desta forma, as intensas e detalhadas observações realizadas pelos pesquisadores na análise microgenética dos estudos de casos apresenta-se como uma rica oportunidade de compreensão do sistema como um todo. Na perspectiva histórico-relacional, esta análise microgenética se dá a partir da identificação dos *frames* mais relevantes da história das interações entre os participantes, do processo de co-regulação nos momentos de transição dos *frames*, e da emergência de novas configurações do sistema ao longo do tempo. Mas o que é um *frame*?

3.3.2. Identificação de padrões da relação: os *frames*. Segundo Fogel e Lyra (1997), o conceito de *frame* foi originalmente introduzido na psicologia em um estudo realizado por Bateson (1972), quando se referia a “um contexto interpretativo que permitia a diferenciação entre figura e fundo” (p. 77). Em 1993, em seu livro intitulado “*Development through relationships*”, e assumindo uma concepção de

comunicação como um sistema contínuo, Fogel (1993, p. 36) define *frames* como “acordos consensuais co-regulados sobre um determinado tema do discurso”. Em sintonia com esta última definição de frames, de acordo com a perspectiva histórico-relacional, as relações interpessoais tendem a se organizar em padrões comunicativos partilhados pelos parceiros interacionais, sendo estes padrões concebidos como históricos e dinamicamente estáveis. A recorrente emergência de tais padrões em um sistema comunicativo tende a manter tal sistema dinamicamente estável por um determinado período de tempo. No entanto, esta estabilidade é dinâmica pois, uma vez que sob um olhar microscópico, o sistema estará sempre imerso em um constante movimento de auto-organização. São esses padrões comunicativos reconhecidos como dinamicamente estáveis ao longo do tempo que, nesta perspectiva, são denominados por *frames* (e.g., Fogel e cols, 2006, Lavelli e cols, 2005). Por exemplo, o costume cultural, recorrentemente repetido, de se beijar alguém no rosto como uma forma de cumprimento em encontros menos formais ou determinadas rotinas estabelecidas entre a mãe e seu filho (como, por exemplo, nos momentos de refeições, brincadeiras e higienização) podem também ser concebidas como exemplos de *frames*.

Fogel e cols. (2006) e Lavelli e cols. (2005) ressaltam duas importantes características dos *frames*. A primeira refere-se ao caráter de recorrência dos *frames*, que irá favorecer a identificação de certas regularidades do sistema comunicativo. A segunda diz respeito à variabilidade inerente aos momentos de co-regulação das ações comunicativas dos parceiros relacionais dentro de um mesmo frame.

A variabilidade das ações dentro de um mesmo frame em situações repetidas indica que *frames*, concebidos como atratores, tem uma estabilidade

dinâmica. (...) Esta intrínseca variabilidade também representa o potencial para a emergência de um outro nível de mudança, ou seja, micro mudanças, que começam mudando o frame existente, abrindo oportunidades para a emergência de um novo frame. O estudo microgenético é então usado para capturar a mudança no processo de desenvolvimento das relações interpessoais, através da análise microscópica da variabilidade observada nos e entre os *frames* de comunicação (Lavelli e cols, 2005, p. 50).

Imaginemos como exemplo uma determinada díade mãe-criança que implicitamente negociou que antes de dormir, a criança e a mãe se engajam em uma atividade de conversação sobre coisas que ocorreram ao longo do dia. Desta forma, todas as noites, antes da criança dormir, eles passam alguns minutos engajados nesta atividade, que pode, por exemplo, ser concebida como um “*frame de conversa antes de dormir*”. Como um padrão recorrente de atividade relacional, pode ser observado uma certa estabilidade neste padrão, uma vez que todos os dias, mais ou menos na mesma hora, a criança se deita em sua cama, a mãe se aproxima dela, senta-se na casa, faz um carinho na cabeça da criança e assim por diante e começam a conversar sobre coisas que ocorreram ao longo do dia. No entanto, se formos olhar, microgeneticamente, vários episódios deste frame vamos perceber pequenas modificações, por exemplo, no tom de voz utilizado pelos parceiros, sobre o conteúdo da conversa, sutilezas no processo de co-regulação entre a mãe e a criança e assim por diante.

Assim, *frames* são concebidos como padrões comunicativos recorrentes e co-construídos pelos parceiros relacionais, que emergem através das suas atividades cotidianas, nos quais observamos pequenas variabilidades se investigados sob um

olhar microscópico. Neste processo comunicativo, os parceiros partilham informações a respeito do que será comunicado entre eles, assim como das características específicas da atividade na qual estão inseridos (Fogel 1993, 1995, Fogel e cols, 2006). Vale ressaltar que apesar de se referir a um “acordo” entre os participantes sobre o contexto comunicativo no qual estão inseridos, a idéia de *frames* não implica nem que os parceiros estão explicitamente discutindo sobre suas interações nem mesmo que os parceiros sempre estarão em momentos de harmonia. Por exemplo, a rotina de mandar a criança tomar banho pode se configurar como um *frame* nesta relação mãe-criança. Neste contexto comunicativo, embora mãe e criança possam nunca ter conversado sobre isto, eles podem ter construído um “acordo mútuo” de que neste contexto é necessário que a mãe repita várias vezes esta ordem para que a criança possa, por fim, ir tomar banho.

Mais especificamente, na perspectiva histórico-relacional, *frames* são definidos como:

“Segmentos recorrentes de co-ação, que tem um tema coerente, que ocorrem em um lugar com determinada localização (no espaço e no tempo) e que envolve ma forma particular de co-orientação mútua entre os participantes. O tema coerente envolve significados ou objetivos, implícitos ou explícitos, sobre a natureza e o curso da comunicação. Exemplos de frames são tópicos recorrentes em uma conversa ou interação, como, por exemplo, as rotinas de contar histórias no momento de dormir” (Fogel e cols., 2006, p. 6).

Fogel e cols., (2006) destacam cinco principais características dos *frames*, são elas:

(1) atenção de pelo menos um dos parceiros interacionais para um determinado aspecto da ação ou do contexto, sendo possível identificar tanto atenção compartilhada pelos parceiros, como também frames nos quais apenas um dos parceiros tem sua atenção voltada para um determinado aspecto. Um frame ressalta apenas alguns dos vários aspectos que podem ser compartilhados pelos parceiros em uma dada atividade;

(2) engajamento dos parceiros em formas de comunicação situada, caracterizadas por: (a) um gênero específico de comunicação, (b) pela distância física entre os participantes e (c) pela localização espacial dos participantes (ou seja, local onde ocorre a interação, a distância entre os parceiros, etc.);

(3) particular co-orientação corporal entre os parceiros interacionais, que é influenciada pela mídia de comunicação (por exemplo, interação presencial, via telefone, por cartas, etc.) e pode também informar acerca do tom emocional da comunicação (por exemplo, sarcasmo, ironia, ou brincadeira);

(4) existência de um tópico coerente, que revela sobre o que versa a comunicação entre os participantes; e

(5) a configuração particular das ações (ou seja, “a atenção dos parceiros interacionais, sua localização, co-orientação e o tópico da comunicação) organiza-se em uma estabilidade dinâmica, em padrões recorrentes de comunicação” (Fogel e cols, 2006, p. 51).

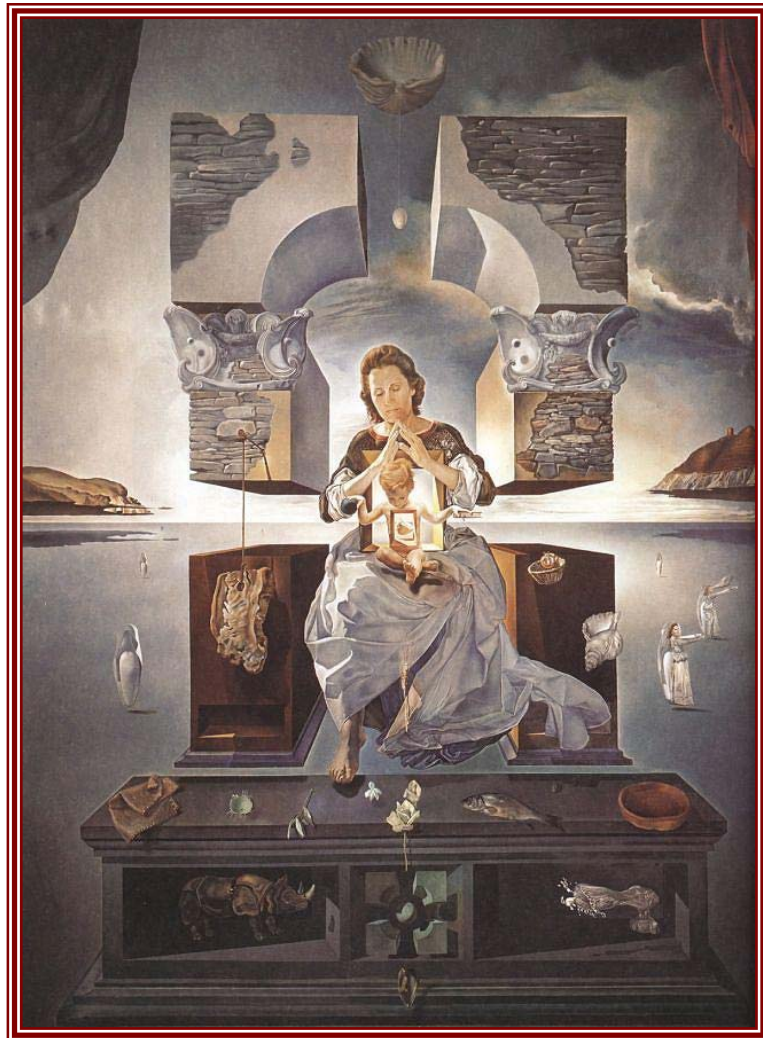
Na perspectiva histórico-relacional, a investigação dos *frames* que caracterizam as relações assume um papel de grande importância, pois viabiliza a realização de uma análise microgenética que integra as escalas de tempo real e do desenvolvimento, abordando assim a natureza relacional e histórica do desenvolvimento. A análise dos *frames* segue os seguintes passos: (1) Identificação e

classificação dos *frames* que ocorrem com mais frequência nos registros videográficos e (2) Observação das mudanças que ocorrem nos *frames*, assim como nos momentos de transição entre *frames*. Esta observação se dá em uma escala de tempo real, por meio de uma análise microscópica do processo de co-regulação dos parceiros relacionais, a partir dos registros videográficos. Neste segundo passo, a análise do padrão de co-regulação das ações dos parceiros interacionais se dá considerando tanto o próprio *frame*, como também os momentos de transições entre *frames* (Lavelli e cols, 2005 & Fogel e cols, 2006). Através da análise detalhada dos *frames* compreendemos também o funcionamento do sistema a nível macroscópico, uma vez que tal análise oferece informações a respeito do processo de manutenção e/ou modificação dos *frames* característicos do sistema. Em outras palavras, um objetivo central é o de favorecer uma maior compreensão do processo de pequenas mudanças subjacentes às relações interpessoais (microdesenvolvimento) que podem abrir possibilidades para a reorganização do sistema em uma escala de tempo do desenvolvimento (macrodesenvolvimento).

Assim, a opção pelo uso da análise microgenética, associada à escolha pela realização de estudos de caso filia-se a uma concepção de generalidade que defende a elaboração de modelos explicativos do sistema investigado, de modo geral, e em particular do desenvolvimento humano (e.g., Valsiner, 1997, 2000, Lyra, 2000). Nesta perspectiva, a generalização para um grande número de sujeitos dos resultados encontrados a não se apresenta como um objetivo a ser alcançado. De modo diferente, a utilização deste tipo de análise tem por objetivo favorecer uma melhor compreensão da trajetória assumida por um determinado sistema ao longo do tempo, considerando os seus momentos de estabilidade dinâmica e mudança. Assim, as

regularidades assumidas pelo sistema em seu curso histórico podem funcionar como hipóteses explicativas do funcionamento deste sistema, mesmo considerando que, sob um olhar microgenético, existem variabilidades inerentes às relações singulares de cada sistema. Tais hipóteses explicativas podem ser posteriormente investigadas com a microanálise de novos casos e, desta forma, contribuir para a consolidação gradual de tal modelo explicativo, que carrega consigo a existência concomitante de regularidades e particularidades no processo de desenvolvimento (e.g., Fogel e Lyra, 1997, Fogel e cols, 2006, Lavelli e cols, 2005, Lewis, 1995, Lyra, 2000, Lyra & Rossetti-Ferreira, 1995, Lyra e Valsiner, 1998, Pantoja, 1998, Valsiner, 1997, 2000). Sob este ponto de vista, o desenvolvimento é concebido como um processo dinâmico e histórico, que pode atingir um tipo genérico de organização, em termos funcionais, mas os indivíduos e as relações em desenvolvimento chegarão a tal organização trilhando caminhos diferentes e singulares no curso do seu próprio desenvolvimento. Assim, partilhando desta visão do desenvolvimento humano, a seguir será apresentada a proposta metodológica que guiará as investigações empreendidas no presente estudo. Serão destacados os objetivos e perguntas norteadoras desta investigação, bem como os caminhos trilhados para a construção e análise dos registros à luz da teoria dos sistemas dinâmicos, e das implicações teórico-metodológicas decorrentes da adoção da perspectiva histórico-relacional.

Plano Metodológico



Madona de Port Lligat, 2ª versão (Dalí, 1950)

“Se a construção de um conhecimento geral é o objetivo da metodologia (como em qualquer ciência), então metodologia não pode ser concebida como uma ‘caixa de ferramentas’ de diferentes métodos prontos. Ao invés disso, precisa ser visto como um processo de construção da mente humana na busca de generalizações”.

(Valsiner, 2000, p. 63).

4. PLANO METODOLÓGICO

4.1. Perguntas Norteadoras e Objetivos da Pesquisa

A presente pesquisa tem como fenômeno de investigação a relação de apego mãe-criança, sendo esta concebida como um sistema dinâmico, histórico e relacional. No presente estudo, concordamos com uma recente tradição de pesquisa que defende ser o apego um sistema aberto e susceptível a mudanças ao longo do tempo. O foco da atenção dos pesquisadores interessados na investigação do apego mãe-criança enquanto um fenômeno dinâmico e relacional não está apenas nas características individuais de cada participante, mas sim na dinâmica relacional da interação. É esta dinâmica relacional que favorece a co-construção de um senso de segurança e confiança tanto em si mesmo como também no parceiro relacional e na própria relação diádica.

Concebendo que as relações de apego se constituem e se transformam através da própria interação diádica ao longo do tempo, nesta pesquisa temos como objetivo geral: Investigar a dinâmica de funcionamento das relações de apego mãe-criança, sendo estas concebidas como um sistema dinâmico relacional, que se constrói e se transforma ao longo do tempo. Mais especificamente, pretendemos:

- (1) Construir estratégias metodológicas que favoreçam a investigação da dinâmica relacional da co-construção, manutenção e modificação das relações de apego mãe-criança, do ponto de vista micro-desenvolvimental;
- (2) Identificar os principais elementos constitutivos do sistema de apego das duas díades investigadas; e

(3) Descrever a dinâmica de co-regulação das trocas comunicativas dos parceiros relacionais nos *frames* de apego, em duas díades que apresentem diferentes padrões relacionais de segurança (tipicamente denominados apego seguro e apego inseguro).

Ressaltamos que neste estudo não nos propomos investigar o processo de emergência primeira do fenômeno do apego no início da vida pós-natal, mas sim a dinâmica de funcionamento da relação de apego mãe-criança em um contexto de brincadeira simbólica, durante o terceiro ano de vida da criança. Tomando por base estes objetivos, buscaremos responder às seguintes perguntas norteadoras:

- Quais os principais elementos que constituem o sistema de apego das duas díades aqui investigadas?
- Como os diferentes elementos que constituem o sistema se co-regulam de modo a favorecer a emergência, manutenção e/ou modificação de um determinado padrão relacional de apego?
- Que particularidades relacionais caracterizam a qualidade das configurações atratoras do sistema de apego nas duas díades investigadas?
- O que caracteriza os momentos de estabilidade dinâmica (os *frames* de apego) e instabilidade (os *quase-frames* de apego) neste sistema?

A nosso ver, a investigação de tais questões demanda, necessariamente, uma análise microgenética das relações de apego mãe-criança, o que nos conduz à realização de um estudo de casos. A seguir serão pontuadas algumas considerações neste sentido.

4.2. Microgênese e a Realização de Estudo de Casos

Segundo Grannot e Parziale (2002), o termo ‘microgênese’ foi originalmente proposto por Werner, em 1956 e vem sendo usado pelos pesquisadores em psicologia do desenvolvimento para se referir a um método específico para estudar microdesenvolvimento, ou seja, o desenvolvimento humano que ocorre durante um curto período de tempo. O método microgenético é caracterizado pela ênfase na densa observação de um curto período de mudanças. Baseando-se nestas observações, os pesquisadores têm acesso tanto ao processo de mudança em curso (considerando uma escala de tempo real), como também aos momentos de transição entre os padrões do desenvolvimento (considerando agora uma escala de tempo do desenvolvimento). Assim, apresenta-se como uma contribuição do método microgenético a possibilidade de investigação concomitante de períodos de transição, estabilidade e mudança do sistema (e.g., Lavelli e cols, 2005, e Grannot & Parziale, 2002). Usando os termos partilhados pela perspectiva dos sistemas dinâmicos, a partir das informações detalhadas promovidas pela microanálise de um dado sistema, será possível ao pesquisador descrever *como* ocorre o processo de auto-organização do sistema e como este sistema se organiza em momentos de estabilidade e mudança ao longo do tempo, assumindo diferentes configurações atratoras.

Considerando a necessidade da realização de observações minuciosas e exaustivas de um mesmo fenômeno, a análise microgenética é geralmente realizada tomando por base registros videográficos, uma vez que desta forma é possível este tipo de observação do fenômeno investigado em uma escala de tempo real. Segundo, por exemplo, Grannot e Parziale (2002), Lavelli e cols. (2005), Lyra (2000) esse tipo de registro e posterior análise microgenética podem favorecer uma melhor

compreensão da dinâmica de funcionamento do sistema investigado, visto que assim os registros poderão ser analisados pelos pesquisadores diversas vezes, de diferentes maneiras e de modo extremamente minucioso.

Considerando tais questões, ressaltamos que a escolha pela realização de uma análise microgenética de dois casos encontra-se estreitamente relacionada aos objetivos deste estudo, à concepção de desenvolvimento adotada, bem como com a adoção da teoria dos sistemas dinâmicos e da perspectiva histórico-relacional como um modelo teórico-metodológico. Assim, a opção pelo estudo de casos e análise videográfica reflete a assunção de que a investigação do caráter dinâmico das relações de apego é melhor empreendida a partir de uma investigação microgenética dos diferentes elementos constitutivos do sistema de apego, bem como da dinâmica inerente ao processo de auto-organização de tais elementos. Concomitantemente, defendemos que investigar o caráter histórico das relações de apego implica, necessariamente, na investigação do processo de mudança micro e macro-genéticas de tais relações. Neste sentido, concordando com Vygotsky (1984, p. 74), quando diz que “estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança. (...) é somente em movimento que um corpo mostra o que é”. Finalmente, a opção pela adoção de estudo de casos também se encontra relacionada ao fato de concebermos, no presente estudo, que compreender o fenômeno do “apego” como eminentemente relacional o que implica, necessariamente, em ter como foco de investigação a relação diádica. Ou seja, pretendemos investigar as contribuições singulares de cada parceiro para a co-construção da relação de apego e, ao mesmo tempo, a dinâmica de co-regulação estabelecida pelos parceiros diádicos ao longo de suas interações.

Corroborando com estas colocações, Fogel (2000) ressalta que a realização de estudos de casos, focalizando a investigação microscópica das relações diádicas ao longo do tempo, apresenta-se como uma estratégia metodológica produtiva para se estudar o apego mãe-criança à luz da perspectiva de sistemas dinâmicos. Ainda nesta direção, Grannot e Parziale (2002, p. 6) destacam que, “a combinação do método microgenético com a perspectiva dos sistemas dinâmicos, quando usados para o estudo do microdesenvolvimento, promove uma importante contribuição para a compreensão da natureza da mudança no desenvolvimento e na aprendizagem”.

Concordamos também com estes autores ao destacarem que a realização de pesquisas microgenéticas permite a criação de uma descrição detalhada do fenômeno investigado, de modo a capturar a dinâmica das interações diádicas, de maneira geral (e.g., Grannot & Parziale, 2002, Lavelli, Pantoja, Hsu, Messinger, & Fogel, 2005; e Pantoja, Nelson-Goens, & Fogel, 2000) e em particular daquelas envolvidas no desenvolvimento e manutenção das relações de apego (e.g., Fogel, 2000, Coleman & Watson, 2000). Desta forma, entendemos que a análise microgenética de estudo de casos favorecerá nossa compreensão de um sistema aberto, dinâmico e complexo como compreendemos ser as relações de apego mãe-criança, facilitando, assim, uma explicação da dinâmica de funcionamento deste sistema.

Neste sentido, ressaltamos que temos por objetivo compreender a dinâmica de co-construção das relações de apego em duas díades mãe-criança, buscando promover uma descrição do funcionamento do sistema de apego destas duas díades. Ou seja, pretendemos empreender uma análise que favoreça a compreensão de *como* os elementos que constituem o sistema de apego nestas díades se co-regulam e favorecem a emergência e/ou manutenção de uma determinada configuração atratora

deste sistema. Para nós, à luz da teoria dos sistemas dinâmicos e da perspectiva histórico-relacional este objetivo só pode ser alcançado por meio da realização de estudo de casos, associado à realização de uma análise interacional e microgenética das relações mãe-criança.

4.3. Os Participantes

Fizeram parte deste estudo duas díades mãe-criança, nas quais as crianças são meninos com três anos de idade (3a;7m e 3a;8m). A escolha pela investigação da díade mãe-criança, estando a criança nesta faixa etária justifica-se pelo fato de, nesta idade, ela estar em um momento de transição entre as fases 3 e 4 do desenvolvimento do apego, tal como sugere Bowlby (1969/1984). Segundo este autor, na fase 3 (entre os sete meses e três anos e meio de idade), é possível observar um movimento exploratório por parte da criança, e o uso da mãe como suporte, ou base segura, para a realização de tal exploração. Na fase 4 (a partir dos três anos e meio de vida) a criança começa a ter uma maior compreensão da relação diádica, de maneira que pode ajustar o seu comportamento em função do comportamento apresentado pela mãe. Sendo assim, durante esta quarta fase do desenvolvimento do apego, as relações de apego passam a demonstrar um caráter ainda mais recíproco. Neste momento, não apenas a mãe ajusta o seu comportamento para atender às necessidades da criança, mas esta também passa a ajustar o seu comportamento, de um modo mais elaborado, em relação ao comportamento apresentado pela mãe. Por exemplo, a criança pode passar a não chorar quando a mãe vai embora, pois compreende melhor que a separação é temporária e que também poderá criar estratégias para se sentir mais

segura, como estabelecer contato com outras figuras de apego. Acreditamos que a escolha da referida faixa etária apresenta-se também congruente com o objetivo do presente trabalho, uma vez que este estudo não se propõe a investigar a emergência primeira das relações de apego mãe-criança, mas sim as qualidades de tais relações e a dinâmica de funcionamento do sistema de apego.

A escolha por esta faixa etária residiu também no fato de ser este um período bastante explorado pelos estudos na área do apego. Como dito anteriormente, estudos clássicos têm se dedicado à aplicação de tarefas que envolvem a complementação, por parte da criança, de histórias relacionadas a temas envolvendo cuidado, separação e reencontro com as figuras de apego. Nestes estudos, o estilo de apego de crianças entre três e quatro anos é definido através da análise das ações da criança e do produto temático da complementação destas histórias, que são apresentadas à criança pelo pesquisador. No presente estudo, investigamos crianças nesta mesma faixa etária, no entanto, nosso foco de investigação não é a criança concebida isoladamente, mas sim a relação diádica, buscando conceber o apego como um fenômeno histórico, relacional e dinâmico, co-construído pelos parceiros ao longo do tempo.

Ainda um terceiro motivo nos fez escolher esta faixa etária para a realização do presente estudo. Nesta idade, a criança já se engaja em brincadeiras simbólicas, e consegue, neste contexto, elaborar de modo mais refinado sobre situações representativas do seu cotidiano. Desta forma, a análise videográfica das interações mãe-criança neste contexto de brincadeira nos proporcionou também investigar como a díade transita entre duas dimensões interacionais. Por um lado, a manipulação dos bonecos representantes dos personagens da família e o discurso projetado sobre eles

favoreceu a construção de uma dimensão que estamos aqui chamando de *brincadeira simbólica*. Por outro lado, quando o foco de atenção e o discurso de um dos parceiros relacionais estava voltado para o outro, sem a mediação dos brinquedos, favoreceu a construção de uma dimensão que estamos chamando de *interação diádica propriamente dita*. No presente estudo, defendemos que diferentes qualidades dos padrões de apego podem favorecer um trânsito diferente entre estas duas dimensões interacionais, como será discutido posteriormente na apresentação dos *frames* de apego (unidade de análise do presente estudo) e no capítulo de resultados e discussão.

4.4. Os Registros Videográficos

Os registros investigados na presente pesquisa fazem parte de um banco de dados. Estes são registros videográficos e se referem à montagem de histórias em um contexto de brincadeira, por duas díades mãe-criança, quando as crianças estavam com três anos de idade (mais especificamente três anos e sete meses e três anos e oito meses, como mencionado anteriormente). Foram realizados cinco encontros com cada uma das díades (um por semana) todos na casa das díades. Inicialmente foi feito um primeiro contato com cada uma das mães, com a finalidade de apresentá-las os objetivos gerais do estudo e obter, por escrito, o seu consentimento para a participação no mesmo. Este primeiro encontro com cada díade também teve como objetivo estabelecer um *rappport* com a mãe e com a criança. Antes de iniciar as filmagens, foi realizado um segundo encontro com cada uma das díades, com a finalidade de esclarecer os procedimentos adotados no momento da filmagem e continuar com o processo de familiarização entre o pesquisador e a díade.

Nos três encontros subsequentes, foram realizados os registros videográficos das interações mãe-criança, estando a díade engajada em uma atividade de co-construção de histórias, referentes tanto a temas previamente sugeridos pelo pesquisador como a co-construção de novos temas por parte das díades. Cada sessão apresentou uma duração aproximada de 60 minutos. Não foi dito à mãe quanto tempo durariam os registros, assim quem decidia o momento de concluir as sessões eram as próprias díades. Cada sessão foi analisada microgeneticamente com o objetivo de identificar cada um dos *frames* de apego, assim como dos *quase-frames* (como será discutido posteriormente) e também investigar a dinâmica relacional dos parceiros diádicos, bem como os padrões de co-regulação característicos de cada díade.

Os temas sugeridos às mães foram inspirados na tarefa de histórias incompletas de apego (Bretherton, Ridgeway & Cassidy, 1990). Originalmente, nesta tarefa o pesquisador apresenta à criança cinco histórias e solicita a ela que complete o final de cada uma. Tais histórias versam sobre temas pré-estabelecidos, são eles: (1) o filho derrama suco no chão durante o jantar, e a mãe reclama; (2) o filho machuca seu joelho e chora; (3) o filho “encontra” um monstro em seu quarto durante a noite; (4) os pais saem para uma viagem; e (5) os pais retornam da viagem. Estes cinco cenários têm por objetivo explorar os possíveis comportamentos de apego da criança diante dos seguintes temas: “relação com a figura de autoridade”, “amparo”, “proteção diante de um evento assustador”, “separação” da figura de apego, e “aproximação após separação”, respectivamente.

Nesta tarefa proposta por Bretherton e cols, (1990), os estilos de apego das crianças são determinados a partir da análise das respostas apresentadas pelas

crianças (e.g. Nível de elaboração das histórias, modo de manuseio dos bonecos, tom de voz, desfecho dado para a história). Entretanto, no presente estudo tais temas foram apresentados à mãe, por escrito, pelo investigador principal, no início da primeira sessão e solicitado a ela para brincar com seu filho como de costume. Sendo assim, ao longo das interações com seu filho, a mãe desenvolveria com ele histórias referentes a tais temas, utilizando os bonecos também apresentados pelo pesquisador. Ressalta-se que a escolha pela utilização, no presente estudo, dos temas propostos por Bretherton e cols, (1990) baseou-se no fato de termos julgado importante inserir as interações mãe-criança em um contexto de atividades semelhantes a ambas as díades.

Apesar de termos nos inspirado na tarefa de “*histórias incompletas de apego*” (Bretherton, e cols., 1990) para sugerir a construção de histórias referentes aos temas acima mencionados, não temos como objetivo na presente pesquisa a classificação dos estilos de apego apresentados pela criança. Pelo contrário, na análise de tais histórias pretendemos investigar, simultaneamente: (1) a contribuição particular de cada parceiro diádico (da criança e da mãe); (2) os elementos constitutivos de tais relações, bem como (3) a dinâmica de interação de tais elementos no processo de co-construção, manutenção e modificação das relações de apego. Entendemos que a investigação de tais elementos enquanto constitutivos de um sistema dinâmico – e, assim, considerando as múltiplas relações estabelecidas por eles – podem favorecer a compreensão da dinâmica relacional de manutenção e mudança no desenvolvimento das relações de apego das díades investigadas.

Desta forma, os registros que compõem o presente estudo inserem-se em um contexto seminaturalístico, que possibilitou à díade mãe-criança oportunidade de

engajar-se na co-criação de histórias. Com a finalidade de favorecer a co-construção de tais histórias e inserir essa atividade em um contexto de brincadeira (uma específica atividade situacional), foi disponibilizado às díades o seguinte material: uma família de bonecos de pano, com personagens representando o pai, a mãe, a avó, o avô e dois irmãos; e objetos representando: um bolo de aniversário, uma mesinha, quatro cadeiras, pratos e copos (para compor uma mesa de jantar), uma cama com cobertor e travesseiro, uma pedra e um carrinho.

Neste contexto, no presente estudo pretendemos: (1) identificar os principais elementos constitutivos do sistema de apego das duas díades estudadas e (2) investigar como tais elementos e co-regulam, de modo a constituir a maneira singular como cada díade mãe-criança co-constrói a qualidade de suas relações de apego. Em particular, será investigado como se dá o processo de manutenção e/ou modificação de um senso de mútua confiança e segurança entre os parceiros relacionais. Tal investigação dar-se-á a partir da compreensão da dinâmica de co-regulação diádica durante os *frames de apego* e os *quase-frames de apego*. A seguir será apresentado o que estamos entendendo por “*frames de apego*” e por “*quase-frame de apego*” no presente trabalho, que constituirá a nossa unidade mínima de análise.

4.5. Definição da Unidade de Análise

Considerando a vasta extensão do processo de co-construção das relações de apego, acreditamos ser necessária a realização de um recorte para a investigação do fenômeno em tela. Para nós, fica claro que a delimitação de uma unidade de análise apresenta-se como um recorte do fenômeno investigado. Constitui-se, desta forma, como a menor unidade representante deste fenômeno (Vygotsky, 2001), no caso do

presente estudo, das relações de apego mãe-criança, representadas pelos *frames* de apego. Antes de definirmos, especificamente, a nossa unidade de análise (ou seja, os *frames* de apego), gostaríamos de retomar este importante conceito no nosso estudo, que se refere à noção geral de *frame*.

Frames. Como mencionado anteriormente, no presente estudo concebemos a comunicação como um processo contínuo. Refere-se ao processo de engajamento entre duas (ou mais) pessoas em uma relação, no qual cada parceiro co-regula o seu comportamento (e/ou fala) em função do que a outra pessoa faz (e/ou diz). Assim, as ações comunicativas (verbais e não verbais) são organizadas de forma orquestrada com os comportamentos do parceiro relacional (Fogel, 1993). Neste contexto comunicativo, *frames* são concebidos como padrões relacionais recorrentes, co-construídos a partir da relação interpessoal e envolvem formas particulares de mútua co-orientação entre os participantes (Fogel, 1993, Fogel e cols, 2006, Pantoja, 1998). Mais especificamente, Fogel e cols. (1997) definem *frame* como “segmentos de co-ação que têm um tema coerente, que acontecem em uma localização específica, e envolvem uma co-orientação mútua entre os participantes” (p. 11, grifos nossos).

Assim, são três os principais aspectos organizadores de um *frame*: (1) um foco – ou tema – específico, (2) determinadas posturas corporais dos parceiros e (3) localizações específicas dos parceiros relacionais. Além destes aspectos, ressaltamos ainda que uma importante característica de um *frame* refere-se à orientação emocional entre os parceiros envolvidos na co-criação do *frame* (Pantoja, 1998). Assim, podemos compreender *frames* como padrões comunicativos (verbais e/ou não verbais) co-criados pelos parceiros relacionais, com um tema específico e uma determinada orientação corporal e emocional entre os parceiros relacionais. Desta

forma, a auto-organização dos elementos constituintes de um *frame* poderá favorecer a emergência de características relacionais distintas em sistemas comunicativos de diferentes parceiros relacionais.

Ressaltamos que o que é crucial na identificação de um *frame* é a investigação da relação coerente estabelecida entre os diferentes componentes da comunicação, e não os componentes em si, tomados isoladamente. Inserido em um contexto comunicativo, podemos ressaltar como possíveis componentes de um *frame*: a fala, entonação da voz dos participantes, seus gestos, vocalizações, expressões faciais (e.g., sorrisos e choramingos), posições específicas de seus corpos, maneiras de co-orientação, tópicos (não necessariamente verbais) de comunicação, artefatos envolvidos na relação diádica, dentre outros.

No que se refere especificamente ao fenômeno do apego, compreendemos que este não é algo concreto, que se pode observar diretamente ou que se encontra em uma ação específica, mas sim algo que pode ser inferido a partir da observação das relações interpessoais em um contexto comunicativo. Mais especificamente, neste trabalho compreendemos que apego refere-se ao desenvolvimento de um senso de cuidado e segurança (ou insegurança) tanto em si como em seu parceiro relacional, construído, modificado ou mantido a partir de suas relações comunicativas entre a criança e o seu principal cuidador. Desta forma, padrões de relações de apego (convencionalmente chamados na literatura por apego seguro ou inseguro) são efetivados na interação diádica através da emergência e manutenção de situações que envolvam: (1) a necessidade de cuidado e proteção, (2) a separação e o reencontro com as figuras de apego. Convencionalmente, a inferência do estilo de apego se dá a partir da observação do comportamento do bebê ou da criança durante

situações que envolvem a saída e o retorno da figura materna do ambiente onde o bebê ou a criança está (como é o caso do procedimento de situação estranha, desenvolvido por Ainsworth e Wittig, em 1969). Na investigação do estilo de apego de crianças mais velhas, com cerca de três anos, tal inferência pode ocorrer a partir da investigação dos modelos representacionais da criança (denominados “internal working models”), através da complementação por parte da criança do enredo de determinadas histórias incompletas de apego (Bretherton & cols., 1990; Bretherton, 1993, 1995; e Oppenheim & Waters, 1995). Em tais estudos, o foco de investigação está na criança e não na relação co-construída entre esta e a sua figura de apego.

No presente estudo, escolhemos cuidado, separação e reencontro como os temas centrais para identificação dos *frames* de apego aqui investigados, tal como será discutido a seguir. Ressaltamos que diferentemente dos estudos que focalizam na observação exclusiva da criança, no presente estudo o nosso foco de atenção está voltado para as características dinâmicas da relação diádica, bem como das ações comunicativas de cada parceiro para a construção desta relação, que participam na co-construção destes temas de cuidado, separação e reencontro. A seguir, iremos apresentar especificamente a noção de *frames de apego*, que no presente estudo, consiste na menor unidade representativa das relações de apego e, desta forma, se configuram como a nossa unidade de análise. Iremos apresentar também determinados padrões relacionais que estamos aqui denominando por *quase-frames de apego*, uma vez que a investigação de tais padrões também se configurou como ilustrativo da dinâmica de funcionamento do sistema de apego aqui investigado.

4.5.1. Unidade de Análise: *Frames de apego*.

Considerando o conceito de apego assumido no presente estudo e o conceito de *frame* anteriormente discutido, teremos como unidade de análise as noções de *frames de apego* e *quase-frames de apego*.

Frames de apego: Visão geral. *Frames de apego* referem-se a diferentes situações comunicativas onde os parceiros relacionais exercem cuidados (com o outro relacional, com o objeto ou com os personagens da brincadeira simbólica); ou demonstram segurança ou insegurança em momentos de separação e reencontro. Tais situações comunicativas são consideradas *frames de apego* tanto quando o foco da atenção dos parceiros relacionais está na própria interação diádica, como também quando a atenção dos parceiros está voltada para o contexto da brincadeira com os bonecos (personagens das histórias). Nestes momentos, os parceiros relacionais podem atuar como uma base de apoio para o outro, de modo a favorecer a co-construção, manutenção e/ou modificação de um senso de segurança ou insegurança (tanto em si mesmo como em seu parceiro relacional). Tal como apontado por Bowlby, o desenvolvimento de um senso de segurança poderá promover um movimento exploratório conjunto por parte dos parceiros relacionais e será inferido a partir da análise dos comportamentos (verbais e não verbais) destes parceiros nas diferentes configurações contextuais acima mencionadas (*os frames de apego*).

Destacamos que para um segmento interativo ser classificado como um *frame de apego* é necessário que seja identificado uma introdução, o seu desenrolar e um desfecho. Caso só seja identificado o início do frame, este será classificado como um *quase-frame de apego*, que será definido posteriormente. Ressaltamos que em

qualquer destes *frames* pode-se observar acordo ou desacordo entre os parceiros relacionais, no que se refere ao enredo/desenrolar e desfecho dado para a história, desde que o foco de atenção de pelo menos um dos parceiros esteja voltado para a construção (desfecho) da história.

Destacamos ainda que foi utilizado o critério de três segundos para determinar a duração mínima dos *frames* de apego (para discussão mais detalhada acerca deste critério de três segundos, ver Pantoja, 1998). Assim sendo, padrões interativos com menos de três segundos de duração não foram classificados como um *frame de apego*. O mesmo critério de duração foi utilizado para demarcar os intervalos entre os *frames*. Isto é, um intervalo de mais de três segundos indicou a quebra do frame, mesmo quando este foi observado entre dois episódios consecutivos do mesmo frame. Ressaltamos ainda que quando foi identificado sobreposição de *frames*, tal episódio foi classificado com a categoria daquele que teve uma maior duração de tempo. Seguem abaixo as ***definições dos frames de apego*** aqui analisados.

Frames de apego: Definições e exemplos. Três frames de apego foram identificados e microgeneticamente analisados: frame de cuidado; frame de separação e frame de reencontro.

Antes de definirmos cada um desses *frames*, gostaríamos de lembrar que foram disponibilizados para a díade alguns brinquedos e solicitado à mãe que se engajasse com seu filho em uma brincadeira simbólica, relacionada à co-construção de historinhas envolvendo os personagens da família. Desta forma, o foco de atenção dos parceiros relacionais estava ora voltado para tais brinquedos e ora voltado para

os próprios parceiros, levando à organização de diferentes dimensões da relação mãe-criança. Sendo assim, na análise dos frames foi observada uma constante dinâmica de figura-fundo entre estas duas dimensões contextuais desta atividade: interação simbólica envolvendo os brinquedos e interação mãe-criança. Por um lado, quando as ações comunicativas dos parceiros relacionais destacam como figura alguns artefatos (os brinquedos) e o discurso sobre tais artefatos, entendemos ser esta uma dimensão da brincadeira simbólica. Em um outro momento, podemos também observar que tais ações comunicativas destacam como figura o parceiro interacional, estando os brinquedos neste momento como fundo na interação mãe-criança. Na análise aqui empreendida tais momentos configuram o que estamos chamando da dimensão da interação mãe-criança. Considerando esta constante dinâmica de figura e fundo entre estas diferentes dimensões da interação mãe-criança, no modelo aqui proposto, cada um dos *frames* de apego foi classificado considerando tais dimensões. A seguir iremos definir cada um dos *frames* de apego, assim como suas diferentes dimensões contextuais.

Frame de Cuidado. Situações nas quais se observa um movimento explícito (demonstrado através de uma ação motora, verbalização e/ou entonação de voz) de um dos parceiros diádicos na direção de precaução, promoção e/ou manutenção do bem-estar físico e/ou emocional da criança, do personagem da brincadeira ou da integridade física dos brinquedos. O frame de cuidado poderá se configurar em três dimensões contextuais:

- **Cuidado materno (criança).** Momentos explícitos (demonstrado através de uma ação motora, verbalização e/ou entonação de voz) onde a mãe mostra um

movimento de precaução, atenção e/ou preocupação com o bem-estar da criança e/ou executa atividades de cuidado da criança. Como mencionado anteriormente, pode-se observar tanto acordo como desacordo na maneira de exercer tais cuidados. Entendemos aqui por exercer ação comunicativa (verbal ou não verbal) com o objetivo de diminuir o desconforto físico e/ou emocional da criança. O foco de atenção e as ações comunicativas dos parceiros relacionais estão voltados para o outro interacional, estando os brinquedos e demais objetos como fundo na interação diádica, o que configura a dimensão da interação mãe-criança.

Por exemplo:

1. A mãe solicita à criança ir à direção da grade na cama, verbalizando explicitamente que é para que a criança não caia da cama. A criança, por sua vez, movimenta-se na direção indicada pela mãe;
 2. A mãe diz para a criança não pisar nos brinquedos para a criança não se machucar e a criança muda a direção do seu andar, afastando-se dos brinquedos.
- **Cuidado (personagens).** Momentos explícitos (demonstrado através de uma ação motora, verbalização e/ou entonação de voz) onde pelo menos um dos parceiros diádicos mostra precaução, atenção e/ou preocupação com o bem-estar de um dos bonecos (personagens da brincadeira), seguida de uma execução do cuidado. O outro parceiro relacional pode ou não se engajar nesta mesma direção temática. No presente estudo, exercer cuidado foi entendido como qualquer ação motora, verbalização e/ou entonação de voz dos parceiros relacionais cujo objetivo seja de diminuir o desconforto físico e/ou emocional

do personagem da brincadeira simbólica. O foco de atenção e as ações comunicativas dos parceiros relacionais nestes momentos estão direcionados para os personagens das histórias, configurando a dimensão da brincadeira simbólica. Ressaltamos que a discussão entre os parceiros diádicos sobre cuidados já executados no contexto da brincadeira simbólica não constitui um frame de cuidado com os personagens.

Por exemplo:

1. A mãe (ou a criança) introduz um tema na brincadeira, dizendo que tem um monstro no quarto e mencionando que o personagem do filho está com medo. O outro parceiro, por sua vez, diz que o monstro já foi embora;
 2. No contexto da brincadeira, a mãe sugere que o personagem do filho tome cuidado para não bater a cabeça na pedra quando mergulhar na praia. A criança, por sua vez, faz o movimento como se o boneco estivesse mergulhando na água, afastando-o da pedra indicada pela mãe;
 3. Um dos parceiros diádicos diz que vai vestir (ou veste) um dos personagens, dizendo que é porque ele está com frio (ou para ele não ficar com frio) e o outro parceiro observa atentamente o boneco ser vestido.
- **Cuidado (objetos).** Momentos explícitos (demonstrado através de uma ação motora, verbalização e/ou entonação de voz) onde um dos parceiros diádicos demonstra precaução, atenção e/ou preocupação com a manutenção da integridade física dos objetos e a díade (um dos parceiros ou ambos) exerce um cuidado com o objeto. O outro parceiro relacional pode se engajar ou não na mesma direção temática. Entende-se por exercer cuidado qualquer ação motora, verbalização e/ou entonação de voz cujo objetivo seja de diminuir o

risco de danificação do objeto. Da mesma forma que o cuidado materno com a criança, aqui os brinquedos encontram-se como fundo, estando como figura o parceiro relacional e o cuidado que eles devem ter com a integridade física dos objetos.

Por exemplo:

1. Criança joga um dos brinquedos no chão e a mãe chama sua atenção, dizendo para a criança não fazer desta forma, pois assim quebra o brinquedo.
2. Criança tenta deitar-se na caminha de brinquedo e a mãe chama sua atenção, não permitindo que a criança o faça, dizendo “Assim pode quebrar o brinquedo, né, filho?”
3. Criança bate com o pé na mesinha de brinquedo, derrubando alguns pratinhos que estavam em cima dela, aponta para a mesinha e diz: “ó praí”. Mãe olha na direção apontada pela criança e diz: “Deixa aí e depois mainha arruma”.

Frame de Separação. Momentos em que se observa uma separação física entre a mãe e a criança (dimensão da interação mãe-criança), ou entre os personagens no contexto da brincadeira simbólica (dimensão da brincadeira simbólica).

- **Separação (mãe-criança).** Momentos quando a criança ou a mãe sai do ambiente (cômodo da casa) onde estão brincando. Será concebido um frame de separação todo momento que ocorrer uma separação física entre a mãe e a criança, independentemente da reação do parceiro relacional, que pode ser: 1. ignorar a partida do outro, 2. solicitar que o outro volte para o ambiente onde estão brincando, ou 3. incluir a partida na temática da brincadeira simbólica.

Por exemplo:

1. Criança ouve um barulho no lado de fora da casa e sai correndo do quarto, enquanto a mãe chama a criança para voltar, dizendo “Vem, veeeemm...”;
 2. Criança sai do quarto para esconder um dos bonecos (jogo de esconde-esconde no contexto brincadeira simbólica), enquanto a mãe observa atentamente o movimento da criança.
- **Separação (personagens).** Momentos em que um dos parceiros relacionais introduz o tema da separação entre os personagens da história através de uma ação motora, verbalização e/ou entonação de voz. O outro parceiro relacional pode ou não seguir na mesma direção temática. Ou seja, não é necessário que se observe atenção conjunta entre os parceiros diádicos no que se refere ao tema central de separação. O fundamental é que seja observada uma introdução do tema de separação entre os personagens da brincadeira, e que tal separação seja de fato efetivada no enredo da história.

Por exemplo:

1. Mãe diz que os pais – personagens da história – vão sair para uma festa e o filho vai ficar com os avós. Criança, por sua vez, movimenta o boneco do filho dizendo que ele vai dormir na casa dos avós;
2. Os personagens da mãe e da criança estão na praia e a mãe diz que o personagem da mãe vai sair pra comprar pipoca enquanto o personagem do filho fica na praia. A criança, por sua vez, fala como sendo o personagem do filho, dizendo “Não, quero pipoca não”.

Frame de Reencontro. Momentos em que se observa um reencontro físico seja entre os personagens no contexto da brincadeira (dimensão da brincadeira simbólica) ou entre a mãe e a criança (dimensão da interação mãe-criança).

- **Reencontro (mãe-criança).** Momentos quando a criança ou a mãe retorna ao ambiente (cômodo da casa) onde estavam brincando. Foi concebido um frame de Reencontro todo momento que ocorreu um reencontro físico entre a mãe e a criança após uma separação física entre estes, independentemente da reação do parceiro relacional, que pode ser: 1. ignorar o reencontro do outro, 2. acolher o outro diante do reencontro ao ambiente onde estavam brincando, ou 3. incluir o reencontro na temática da brincadeira simbólica.

Por exemplo:

1. Criança retorna ao cômodo da casa onde está brincando com a mãe, que pede para a criança não sair novamente.
 2. Criança retorna ao cômodo do quarto onde está brincando com a mãe, após esconder o boneco da avó em um outro quarto. Mãe fala como se fosse o boneco do filho, perguntando onde está a personagem da avó. Criança responde: “Está escondido, procure”.
- **Reencontro (personagens).** Momentos em que um dos parceiros relacionais introduz o tema do reencontro entre os personagens da história. O outro parceiro relacional pode seguir ou não nesta mesma direção temática. Ressaltamos não ser necessário se observar atenção conjunta entre os parceiros relacionais quanto ao enredo da história para que o episódio seja classificado como um frame de "separação entre os personagens". O fundamental é que se

identifique um desfecho para este tema de "reencontro", observando-se, no enredo da história, um recebimento explícito do personagem que voltou.

Por exemplo:

1. Um dos parceiros relacionais menciona que os pais voltaram da festa. A mãe ou a criança pega o boneco do filho, aproximando-o dos bonecos dos pais e dizendo: “A gente tava com saudaaaaadeeee!”
2. Mãe pergunta onde está o personagem da mãe e ela mesma responde: “Eita, esquecemos a mãe na praia, vamos pegar ela”. Criança pega o boneco do filho e o aproxima do boneco da mãe, fazendo como se eles estivessem de mãos dadas. Mãe, por sua vez, segura o boneco da mãe e criança segura o boneco do filho. Mãe e criança movimentam os bonecos que estão segurando, aproximando-os dos demais personagens da brincadeira.

Destacamos como critério geral para demarcar o início de um *frames* de apego a identificação do primeiro indício comportamental (verbal ou não-verbal) de que um dos parceiros diádicos introduziu algum dos elementos que caracterizam um dos frames de apego definidos acima. Simultaneamente, o critério geral para demarcar o final do frame consiste na identificação do último comportamento (seja ação motora, verbalização e/ou entonação de voz) que faz parte do frame tal como definido acima. No exemplo 1 do frame de reencontro (personagens) apresentado acima, o início do frame seria demarcado pelo primeiro comportamento relacionado à introdução do tema da volta da festa, seja o esticar o braço para pegar um dos bonecos, seja o início do turno da fala que demarca tal retorno. No final do frame, por sua vez, seria demarcado pelo final do último comportamento deste reencontro,

como o final do abraço entre os personagens da história que em seguida são engajados em uma outra atividade.

Quando são identificadas situações na interação que sugerem o início de um frame de apego, mas não se observa o desenrolar e um desfecho para tal frame, esta situação caracteriza um episódio de um *quase-frame de apego*, que será descrito a seguir.

4.5.2. Quase-frames de apego: Definição e exemplos. No presente estudo, *quase-frames* de apego são entendidos como situações nas quais um dos parceiros relacionais introduz indícios ou elementos de um dos três tipos de *frames de apego*, mas o outro parceiro não amplifica o que foi sugerido pelo outro, seguindo em uma outra direção temática ou simplesmente ignorando-o. Desta forma, tal situação interativa não se configura como um *frame de apego*, e os elementos indicativos da potencialidade de configuração do frame se dissipam. Nestes casos, podemos identificar o início do frame, mas ele se dissipa sem uma conclusão (não se observa um desenvolvimento e um desfecho para o frame, apenas sua introdução).

Fazendo uma analogia, poderíamos pensar na leitura de um livro de história infantil. Neste caso, o frame seria a leitura de toda a história infantil (com introdução, desenvolvimento e desfecho do enredo da história). O *quase-frame* seria o início da leitura da história, mas, por algum motivo, ou tal leitura é interrompida por um elemento externo ou simplesmente a atenção de um dos parceiros (ou de ambos) segue em outra direção e a leitura da historinha se dissipa e não se configura como um frame de leitura de uma história infantil. Neste caso, observa-se apenas o início do frame, mas não seu desenvolvimento e conclusão.

O critério para demarcar o início de um *quase-frame* de apego consiste na introdução, por um dos parceiros relacionais, de algum dos elementos que caracterizam um dos três tipos de *frame de apego* definidos acima. O critério para demarcar o final do *quase-frame de apego* consiste na re-orientação da atenção do parceiro relacional que tentou introduzir o tema do frame de apego. Em outras palavras, não se observa o desenrolar e uma conclusão para o frame, apenas sua introdução. Isto porque o segundo parceiro não segue na direção temática proposta pelo primeiro (ignorando o que foi proposto pelo primeiro parceiro ou sugerindo um novo tema para a interação), e o primeiro parceiro, por sua vez, muda o foco de sua atenção, seja na direção do que o segundo parceiro indica, seja em uma nova direção. A seguir será apresentado um exemplo de cada um dos possíveis *quase-frames* de apego.

Quase-frame de Cuidado materno (criança)

Ex. A mãe explicitamente diz para a criança não pisar nos brinquedos para a criança não se machucar. A criança continua andando próximo aos brinquedos e pisando em alguns. Mãe desvia sua atenção, voltando a olhar para os bonecos dos pais que estão em seu colo.

Quase-frame de Cuidado (personagem)

Ex. Criança emite sons de choro, segura o boneco do filho e fala em tom de choramingo: “Eu cáí”. Mãe pergunta o que foi e em seguida olha para os bonecos dos avós que estão sentados na mesinha de brinquedo e diz: “Eu vou tomar um cafezinho aqui”. Criança solta o boneco do menino que estava segurando e volta sua atenção para os bonecos dos avós que estão na mesinha de brinquedo.

Quase-frame de Cuidado (objeto)

Ex. Criança bate com o pé na mesinha de brinquedo, derrubando alguns pratinhos que estava em cima dela, aponta para a mesinha, aproxima-se desta e começa a pegar alguns dos pratinhos que caíram no chão, colocando-os em cima da mesinha. Mãe olha rapidamente para a mesinha e volta a olhar para os bonecos dos avós que, no contexto da brincadeira simbólica, estavam na igreja com o personagem do filho. Mãe pergunta: “E o que eles estavam fazendo na igreja?”. Criança volta sua atenção para os bonecos dos avós segurados pela mãe.

Quase-frame de Separação (mãe-criança)

Ex. Criança ouve um gato miando do lado de fora da casa e levanta-se dizendo que quer ir ver o gato. Mãe segura a criança pelo braço e a puxa levemente em sua direção, dizendo: “Vem aqui ver o bicho”. Criança aproxima-se da mãe como se quisesse olhar o gato, e a mãe puxa a criança gentilmente para que esta sente-se em seu colo. Criança senta no colo da mãe, que envolve seus braços no corpo da criança, segurando-a.

Quase-frame de Separação (personagens)

Ex. Mãe diz que os pais – personagens da história – vão sair para uma viagem e o filho vai ficar com os avós. Criança continua olhando e manipulando o boneco do filho que estava segurando, sem responder à mãe. Mãe volta a sua atenção para o boneco do filho segurado pela criança.

Quase-frame de Reencontro (mãe-criança)

Ex. A criança saiu do quarto e faz que ia voltar para este cômodo da casa, mas resolve mudar de direção antes de voltar. Ressaltamos que não foi observado este tipo de *quase-frame* de apego nos dados da presente pesquisa.

Quase-frame de Reencontro (personagens)

Ex. Mãe e criança estão engajados na atividade de arrumação da caminha de brinquedo, quando a mãe diz: “Daqui a pouco painho vai voltar de viagem e buscar o neném, não é Deco?” Criança continua arrumando a caminha de brinquedo, sem responder à mãe. Mãe repete mais duas vezes esta mesma frase e a criança continua sem responder à mãe, engajada na atividade de arrumação da caminha de brinquedo. Mãe aproxima-se da caminha de brinquedo e ajuda a criança nesta atividade.

Além da análise dos *frames* e *quase-frames de apego*, propomos que a investigação da dinâmica de co-regulação construída pela díade durante a co-construção dos *frames* e *quase-frames de apego* oferece importantes informações a respeito da dinâmica de funcionamento do sistema de apego nas duas díades investigadas. Desta forma, cada um dos episódios representativos dos *frames* e *quase-frames de apego* acima descritos foi analisado considerando também a dinâmica de co-regulação construída pela díade. A seguir iremos apresentar o modelo de codificação relacional utilizado no presente estudo e desenvolvido por Fogel e colaboradores (Fogel & Hsu, 2001, Fogel e cols. 2003) para a investigação de padrões de co-regulação de um sistema comunicativo, e utilizado no presente

estudo para a investigação dos padrões relacionais de comunicação nos *frames* e *quase-frames* de apego.

4.6. Sistema de Codificação Relacional: Análise dos Padrões de Co-Regulação

Baseado em uma visão de comunicação enquanto um processo contínuo, relacional, dinâmico e criativo, a troca comunicativa é entendida como uma construção conjunta, pertencentes a ambos os parceiros relacionais. Na perspectiva de comunicação adotada por Fogel e cols. (e.g., Fogel, 2003, Fogel e Hsu, 2001, Fogel, Koeyer, Secrist, Sipherd, Hafen & Fricke, 2003 e 2006) é infrutífero e indesejado identificar emissor e receptor de uma informação. Enquanto um processo contínuo, as ações comunicativas organizam-se em padrões relacionais que são continuamente coordenadas e criativamente co-construídas pelos parceiros. Assim, focalizando o sistema de comunicação como um todo, este sistema de codificação relacional tem por objetivo acessar os padrões de funcionamento da dinâmica da comunicação, chamados pelos autores de padrões de co-regulação. Neste sistema de classificação foram definidos cinco padrões assumidos pela dinâmica de comunicação diádica, são eles: simétrico, assimétrico, unilateral, de interrupção e não-engajado. Em anexo encontra-se um roteiro esquemático por mim desenvolvido para guiar os passos do examinador no momento de análise videográfica e classificação dos padrões de co-regulação (ver anexo 2)². A seguir, iremos definir cada um destes padrões de co-regulação, de acordo com a definição elaborada por Fogel e cols (2003).

² A construção deste roteiro esquemático foi pessoalmente discutida com o Prof. Dr. Alan Fogel, durante visita à Universidade de Utha, no período de fevereiro a junho de 2006. Durante este período, também foi por mim realizado um treinamento específico - sob orientação de Dr. Alan Fogel - para a análise de tais padrões de co-regulação, à luz do “sistema de codificação relacional” (Fogel e cols, 2003).

Simétrico. Caracterizado pela coordenação e elaboração mútua da novidade de ambos os parceiros ao longo da interação. As novas ações são criadas por uma contínua troca coordenada entre os parceiros relacionais, que se encontram com atenção conjunta para o tema do frame. Destacamos ser possível observar desacordos entre os parceiros relacionais, no entanto, ambos contribuem para a co-construção do frame, ajustando continuamente as suas ações comunicativas às mudanças contínuas das ações dos parceiros. Este padrão relacional pode ser identificado de duas formas:

Simétrico ressonante – caracterizado por um alto nível de espontaneidade e simultaneidade das ações.

Simétrico seqüencial – as ações comunicativas apresentam um caráter mais seqüencial.

Como uma sugestão complementar de classificação deste padrão relacional, no presente estudo as trocas simétricas seqüenciais foram classificadas considerando uma particularidade: o acordo ou o desacordo quanto às contribuições para a elaboração do frame. Desta forma, no presente estudo sugerimos dois tipos de trocas simétricas seqüenciais:

Simétrico seqüencial (acordo) - Contínua participação dos parceiros relacionais que concordam com o enredo do frame.

Simétrico seqüencial (desacordo) – Contínua participação dos parceiros relacionais, no entanto, eles discordam quanto ao enredo do frame.

Assimétrico. Neste padrão de co-regulação ambos os parceiros relacionais encontram-se interessados na atividade, mas apenas um deles está ativamente engajado na elaboração do tema, enquanto o outro apenas observa, não se engajando

na elaboração do mesmo, nem mesmo quando tem oportunidade de fazê-lo. Neste padrão de co-regulação também se observa atenção conjunta entre os parceiros, mas apenas um deles encontra-se ativamente engajado na elaboração do frame, o outro parceiro não responde, elabora em cima ou se engaja de nenhuma forma com a elaboração do frame, nem mesmo quando a oportunidade ocorre. Ainda assim, o observador continua com a atenção conjunta para o que o parceiro está fazendo. Na classificação deste padrão de co-regulação foi explicitado qual dos parceiros relacionais encontrava-se apenas observando a elaboração ativa do outro. Por exemplo, quando a criança era o parceiro ativo na relação, estando a mãe apenas observando, sem contribuir de nenhuma forma para a elaboração do frame, o episódio foi classificado como assimétrico (M observa).

Unilateral. Neste padrão de co-regulação não se observa atenção conjunta nem coordenação mútua entre os parceiros relacionais. Embora eles estejam engajados em um mesmo frame, cada um dos parceiros está com sua atenção voltada para algo diferente. Este padrão é observado quando apenas um dos parceiros age em relação ao outro e o segundo parceiro não elabora ou responde, nem mesmo parece agir considerando o que o parceiro sugere. Fogel e cols. (2003) ressaltam que enquanto um dos parceiros encontra-se engajado em uma atividade individual, o outro pode estar acompanhando (*following*), tentando chamar sua atenção para iniciar algo novo (*initiate*) ou demandando (*demanding*) sua atenção, o que irá caracterizar diferentes padrões de co-regulação unilateral.

Unilateral (following) – Um dos parceiros simplesmente observa ou acompanha as ações do outro, que tem sua atenção voltada para uma outra atividade.

Unilateral (initiate) – Um dos parceiros tenta ativamente introduzir um novo tópico na atividade, no entanto o outro parceiro não presta atenção ou contribui com o que foi sugerido.

Unilateral (demanding) - Um dos parceiros ativamente tenta engajar o outro em um novo tópico da atividade de modo invasivo. Pode ser observado o uso de um tom de voz de solicitação ou um tipo de toque intrusivo. Um dos parceiros solicita insistentemente a atenção do outro que não volta sua atenção para a demanda do parceiro e continua engajado na atividade que estava inicialmente. Enquanto o padrão *unilateral (initiating)* é caracterizado por uma natureza não intrusiva, este padrão *unilateral (demanding)* caracteriza um padrão de comunicação caracterizado pela insistência e até invasão.

Fogel e cols (2003, p. 7) afirmam que,

Estes três tipos de padrão unilateral de co-regulação pode ser visto como um continuum. Em um extremo, o parceiro apenas ‘está lá’, presente para o outro e disponível se necessário, mas não ativamente engajando o outro. No outro extremo, o parceiro invade o espaço do outro e é bastante insistente na tentativa de engajar o outro (aspas do original).

A partir da microanálise das relações de apego das duas díades aqui realizada, no presente estudo propomos uma sugestão complementar também para a classificação do padrão unilateral: *Unilateral (não engajado)*. Um episódio interativo foi classificado como *unilateral (não engajado)* quando um dos parceiros está ativamente engajado na elaboração de um *frame* ou *quase-frame de apego*, enquanto o outro parceiro está claramente engajado em algo diferente.

Interrupção. No padrão de co-regulação de *interrupção* as ações de um dos parceiros claramente interrompem a atividade do outro, demonstrando insatisfação; e o primeiro parceiro não regula o seu comportamento em resposta a esta expressão de desprazer.

Não engajado. Neste padrão relacional, apesar dos parceiros estarem cientes da presença do outro, eles nem se engajam em uma atividade cooperativa, nem um tenta interromper a atividade do outro. Existe uma ausência de qualquer engajamento comunicativo entre os parceiros relacionais. Este padrão de co-regulação não foi utilizado na classificação dos *frames de apego* e *quase-frames de apego* no presente estudo. Isto se deu uma vez que, por definição, para um episódio se configurar como um frame de apego pelo menos um dos parceiros precisa estar ativamente engajado na elaboração da temática referente a um dos *frames* de apego.

Não codificado. Este padrão de co-regulação só é usado para a classificação do padrão de co-regulação como, por exemplo, a imagem de um dos parceiros relacionais não está disponível no registro videográfico. A seguir, serão apresentadas as estratégias de análise dos registros videográficos utilizadas no presente estudo.

4.7. Estratégias de Análise

A análise dos registros foi realizada em dois momentos distintos, mas complementares, sendo consideradas duas escalas de tempo, a saber: (1) escala de tempo real (segundo-a-segundo), ou microanálise e (2) escala de tempo do desenvolvimento, ou macroanálise (no caso do presente estudo, as 3 sessões investigadas). Tal como discutido anteriormente, defendemos que a definição da escala de tempo relacionada ao macrodesenvolvimento (se horas, dias, meses ou

anos) vai depender do objetivo do estudo e do nível de análise de interesse deste. No presente estudo, acreditamos que a investigação macroscópica das relações de apego mãe-criança nas três sessões analisadas poderá favorecer a compreensão da dinâmica de funcionamento das interações diádicas e a identificação de características gerais da configuração atratora do sistema de apego de cada uma das díades investigadas.

Acreditamos que o uso complementar destas duas escalas de tempo no processo de análise das relações de apego apresenta-se como uma estratégia metodológica útil, pois nos permitirá a identificação dos elementos constitutivos de tais relações (a partir da microanálise), bem como promover uma maior compreensão da dinâmica de funcionamento das relações de apego (a partir da macroanálise), em seu processo de co-construção, manutenção e mudança.

4.7.1. Microanálise: Descrição detalhada dos *frames* e dos *quase-frames* de apego

Todos os registros videográficos foram analisados microgeneticamente, tendo como foco os *frames de apego* e *quase-frames de apego*. O procedimento adotado para a análise dos registros no presente estudo foi inspirado em Meira (1995) e no procedimento de análise videográfica adotado por Lyra e colaboradores (e.g., Lyra, 1988, 2000; Lyra, Pantoja, Cabral, Souza & Moutinho, 1995; Lyra & Rossetti-Ferreira, 1989; 1995, Lyra e Winegar, 1997) e de análise microgenética de *frames* proposto por Pantoja (2001) e Lavelli e cols (2005).

Especificamente, no presente estudo a microanálise dos registros videográficos, para cada díade, seguiu os seguintes passos:

1. Período de contato inicial com os registros. Neste momento, o principal objetivo consiste em criar intimidade com os dados e compreender, de modo geral, a

maneira como se dão as trocas entre os parceiros diádicos. Neste momento, o pesquisador assistiu aos registros livremente, como se estivesse assistindo a um filme. Quando sentiu necessidade, tomou notas e adiantou e/ou retornou os registros em vídeo. A ênfase consistiu em conduzir uma observação sistemática dos possíveis frames de apego, que foram classificados em um momento posterior.

2. Classificação de todos os episódios representativos dos *frames de apego* e dos *quase-frames de apego* nas três sessões investigadas.
3. Classificação dos padrões de co-regulação presente em cada um dos episódios dos *frames de apego* e dos *quase-frames de apego* classificados anteriormente.
4. Seleção e transcrição integral e detalhada de episódios prototípicos da dinâmica relacional da díade em cada um dos *frames de apego* e *quase-frames de apego* (ver capítulo de análise e discussão dos resultados deste trabalho). Neste momento, tais episódios foram analisados microgeticamente (segundo a segundo), sendo observados as ações comunicativas (verbais e não verbais) de cada um dos parceiros relacionais, bem como o tom emocional apresentado por eles;
5. Discussão destes episódios prototípicos, considerando a dinâmica de co-regulação dos elementos constitutivos do sistema de apego (ver capítulo de análise e discussão dos resultados deste trabalho);

Após a realização da microanálise das interações mãe-criança, seguindo-se as etapas acima mencionadas, foi realizada uma macroanálise da dinâmica de funcionamento do sistema de apego de cada díade.

4.7.2. Macroanálise: Dinâmica de funcionamento do sistema de apego

Neste momento da análise, os registros videográficos foram interpretados, considerando as três sessões que, em nosso estudo, representam a escala de tempo do desenvolvimento. Com este passo da análise, buscamos responder às seguintes questões: Quais as principais qualidades relacionais que caracterizam o sistema de apego em cada díade investigada? Seria pertinente afirmar que tais qualidades relacionais caracterizam a configuração atratora do sistema de apego destas duas díades? Qual é a dinâmica de co-regulação característica das relações de apego nestas díades? Quais as possíveis similaridades e diferenças entre as díades no que diz respeito as suas dinâmicas de apego?

Com este objetivo e também nos baseando na microanálise anteriormente realizada, para cada díade foi construída uma narrativa que evidencia a dinâmica de funcionamento de suas relações de apego (chamada por Pantoja, 2001, de *narrativa histórica*). Mais especificamente, foi investigado como a díade negocia e co-regula suas ações comunicativas em função das ações comunicativas do seu parceiro relacional, em cada um dos *frames de apego* e dos *quase-frames de apego*. Na construção desta narrativa, foi também considerada a orientação emocional dos parceiros relacionais em cada um dos episódios analisados. Tal orientação emocional foi inferida, por exemplo, a partir da observação dos seguintes elementos: diferenças na entonação de voz e nas expressões faciais e corporais, determinados movimentos realizados com os artefatos (como a realização de bruscos movimentos com os bonecos), o conteúdo da fala dos parceiros, emissão de choramingos. Defendemos que a investigação da maneira como se dará a co-regulação de tais elementos dentro de um *frame de apego* – assim como nos *quase-frames de apego* – poderá favorecer

uma compreensão da qualidade da dinâmica relacional do sistema de apego das duas díades investigadas. De modo geral, procuramos identificar idiossincrasias e possíveis aspectos mais gerais na maneira como cada uma das díades investigadas mantém e/ou transforma as suas relações de apego. Defendemos que este passo contribuiu também para o desenvolvimento de uma explicação do processo manutenção e modificação do sistema de apego das duas díades investigadas.

4.7.3. Análise de frequência e de tempo de ocorrência

Com o objetivo de identificar determinados padrões relacionais característicos do sistema de apego das duas díades aqui investigadas, foi também realizada uma análise de frequência e de tempo de ocorrência dos 187 episódios de *frames* de apego, 49 episódios de *quase-frames* de apego e 367 momentos de co-regulação classificados no momento da microanálise. Defendemos que, associados a uma discussão qualitativa, tais dados podem favorecer uma melhor compreensão da dinâmica de funcionamento das relações de apego mãe-criança. Sendo assim, após a realização da micro e macroanálise, tal como acima descrito, foram construídas tabelas representativas do percentual de frequência e do tempo de duração dos *frames de apego*, dos *quase-frames de apego* e dos padrões de co-regulação, para cada díade e para cada uma das sessões analisadas. Mais especificamente, foram construídas 17 tabelas, que se encontram em anexo e serão descritas a seguir.

As tabelas de 1 à 4 apresentam a frequência, o tempo total de ocorrência (em segundos) e percentual de ocorrência dos *frames* de apego, nas duas díades investigadas (ver anexo 1). A primeira coluna destas tabelas apresenta a frequência total e tempo total de duração em cada um dos *frames* de apego. A segunda coluna

apresenta o percentual de frequência e de tempo de cada um dos *frames* de apego, considerando o N total dentro de um determinado frame. Por exemplo, considerando o frame de cuidado como sendo 100%, quantos % corresponde ao frame de cuidado (criança), quantos % ao de cuidado (personagens) e quantos % ao de cuidado (objeto)? A terceira coluna apresenta tais dados, no entanto, o N corresponde ao número de episódios e tempo de frequência considerando todos os *frames* de apego. Todas as tabelas apresentam dados comparativos das duas díades, sendo as tabelas 1, 2 e 3 correspondentes a cada uma das sessões analisadas, respectivamente, e a tabela 4 corresponde ao somatório de todas as três sessões.

A tabela 5 apresenta dados comparativos acerca da frequência e do percentual de frequência dos *frames* de apego e dos *quase-frames* de apego, por tema (cuidado, separação e reencontro), para cada uma das três sessões investigadas, bem como do somatório destas três sessões (ver anexo 1).

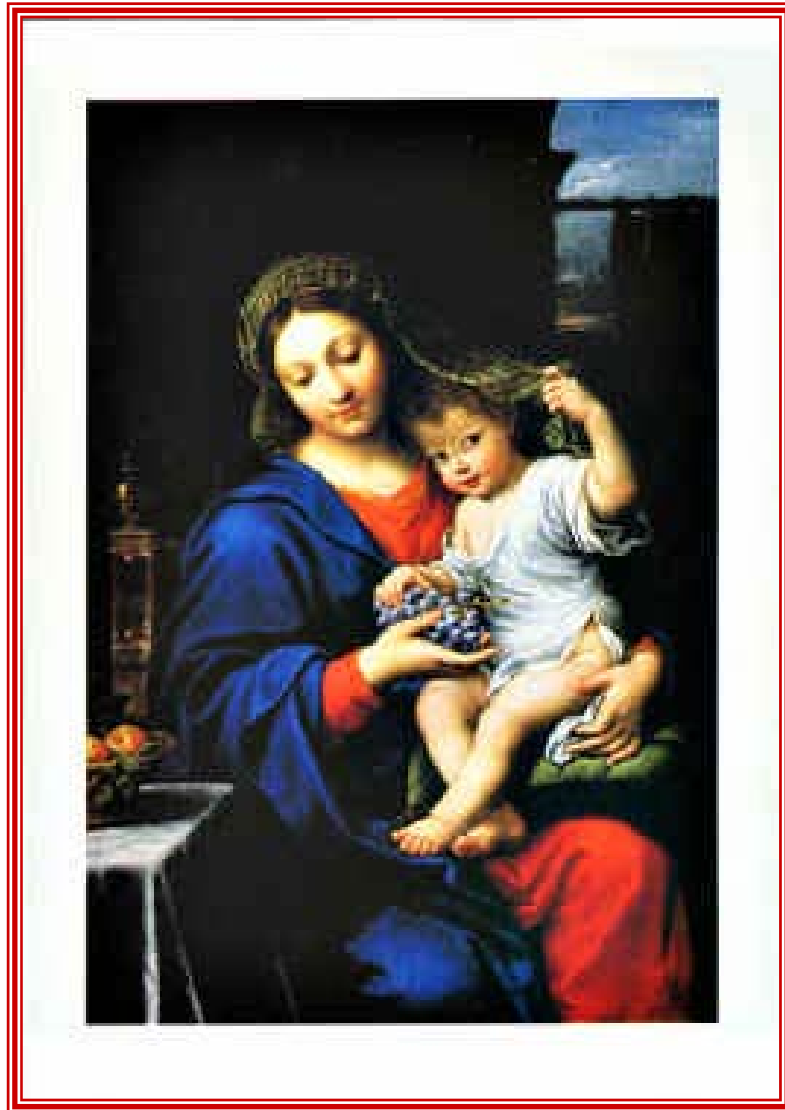
As tabelas de 6 à 9 apresentam a frequência, o tempo total de ocorrência (em segundos) e os percentuais de frequência e de tempo de ocorrência de cada um dos padrões de co-regulação nos *frames* de apego classificados. As tabelas 6, 7 e 8 abordam os dados referentes às sessões 1, 2 e 3, respectivamente, enquanto a tabela 9 apresenta tais dados considerando o somatórios das três sessões (ver anexo 1).

De forma semelhante, as tabelas de 10 à 13 apresentam a frequência, o tempo total de ocorrência (em segundos) e os percentuais de frequência e de tempo de ocorrência de cada um dos padrões de co-regulação, só que agora dos *quase-frames* de apego. As tabelas 10, 11 e 12 abordam os dados referentes às sessões 1, 2

e 3, respectivamente, enquanto a tabela 13 apresenta tais dados considerando o somatórios das três sessões (ver anexo 1).

As tabelas de 14 à 17 também apresentam a frequência, o tempo total de ocorrência (em segundos) e os percentuais de frequência e de tempo de ocorrência de cada um dos padrões de co-regulação. No entanto, nestas tabelas tais informações referem-se ao somatório dos dados relativos aos *frames* de apego e *quase-frames* de apego. As tabelas 14, 15 e 16 abordam os dados referentes às sessões 1, 2 e 3, respectivamente, enquanto que na tabela 17 encontramos as informações relacionadas ao somatórios das três sessões (ver anexo 1).

Análise e Discussão dos Resultados



Madonna of the Grapes (Mignard)

“A procura de um método torna-se um dos problemas mais importantes de todo o empreendimento para a compreensão das formas caracteristicamente humanas de atividade psicológica. Nesse caso, o método é, ao mesmo tempo, pré-requisito e produto, o instrumento e o resultado do estudo” (Vygotsky, 1984, p. 74).

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo temos por objetivo apresentar os resultados construídos na presente pesquisa. Ressaltamos que tais resultados não se referem exclusivamente ao que foi construído como produto de nossas observações videográficas das interações mãe-criança. Referem-se também à construção da maneira de como olhar para tais interações, fruto de todo um percurso teórico-metodológico empreendido ao longo da construção desta pesquisa e discutido anteriormente no capítulo de método. Em consonância com o que é proposto por Vygotsky (1984), neste trabalho o método construído apresenta-se ao mesmo tempo como ferramenta e resultado. Mais especificamente, a definição dos *frames* de apego como unidade de análise do presente estudo, bem como a proposta dos *quase-frame* de apego e algumas sugestões complementares ao modelo de co-regulação proposto por Fogel e colaboradores (2003) são, ao mesmo tempo, ferramenta e resultado.

Assim, tomando como referência as estratégias teórico-metodológicas apresentadas no capítulo de método e considerando a noção de frame de apego como a unidade de análise norteadora de nossa investigação, este capítulo apresenta a nossa proposta de uma análise relacional e sistêmica do apego mãe-criança. As características relacionais de cada uma das díades investigadas serão apresentadas considerando: (1) Episódios ilustrativos de cada um dos *frames* de apego; (2) Episódios ilustrativos dos *quase-frames* de apego; (3) A dinâmica de co-regulação diádica tanto nos *frames* de apego como nos *quase-frames* de apego e (4) Discussão das características relacionais, buscando-se ilustrar de que maneira tais características

se co-regulam de modo a favorecer a manutenção e/ou modificação da qualidade do sistema de apego de cada díade mãe-criança. Este percurso de apresentação/discussão dos resultados será seguido para cada uma das duas díades investigadas. No momento da apresentação dos *frames* de apego, serão apresentadas fotos ilustrativas da interação diádica em cada um dos *frames* apresentados. Destacamos que embora tenhamos autorização por escrito das mães para uso de suas imagens para fins acadêmicos, as fotos apresentadas ao longo do texto foram trabalhadas de modo a preservar o sigilo quanto a identidades dos participantes.

Ressaltamos ainda que no quarto momento da análise anteriormente descrito, serão também apresentadas informações quantitativas referentes à análise dos 187 *frames* de apego e dos 49 *quase-frames* de apego, assim como dos 367 momentos de co-regulação classificados. Com o objetivo de facilitar a compreensão dos dados discutidos, serão também apresentados ao longo do texto resumos das tabelas anteriormente mencionadas, de modo a facilitar o acompanhamento do leitor do aspecto específico que está sendo destacado em cada momento da análise.

5.1. DÍADE 1

É freqüente nesta díade observar tanto a mãe como a criança continuamente negociarem as suas contribuições para a história e integrarem as sugestões do parceiro na co-construção do enredo. Através desse processo, a sugestão inicial apresentada por um dos companheiros interacionais sofre ajustes sutis, mesmo em momentos de discordância, conduzindo, assim, para a co-criação da história pela díade mãe-criança. Esta dinâmica relacional apresenta-se como característica desta díade e ilustra o padrão de co-regulação *simétrico seqüencial*

(*acordo*), que foi encontrado em 81,08% do tempo total de interação diádica, tal como ilustra a tabela 18 abaixo (ver também tabela 17 para descrição da frequência de todos os padrões de co-regulação nos *fremes* de apego e *quase-frames* de apego em anexo 1).

Tabela 18. Percentual de frequência e de tempo de duração do padrão de co-regulação simétrico (*acordo* e *desacordo*) de todos os *frames* de apego e *quase-frames* de apego, nas duas díades.

DÍADES	Díade 1		Díade 2	
CO-REGULAÇÃO	Freq. (%)	Tempo (%)	Freq. (%)	Tempo (%)
Simétrico (<i>acordo</i>)	69,09	81,08	40,59	49,46
Simétrico (<i>desacordo</i>)	04,24	02,49	13,86	21,25
Total simétrico	73,44	83,56	54,46	70,61

Como pode ser observado em vários dos episódios ilustrativos dos *frames* de apego apresentados a seguir, as trocas relacionais da díade 1 tendem a ser bem seqüenciadas e pausadas, com cada parceiro esperando o outro completar o seu turno de fala para em seguida introduzir o seu. Este padrão de co-regulação simétrico seqüencial parece facilitar a compreensão da díade da posição assumida por cada um dos parceiros em suas trocas relacionais e mostra uma sincronia relacional suave entre os parceiros.

É ainda importante destacar que a mãe parece assumir o que estamos chamando de uma posição “centrada na criança” para a co-construção da história, posição esta que é mantida e amplificada pela iniciativa da criança em adicionar novos elementos à história. Por exemplo, depois de a mãe introduzir uma idéia para a história (o segurança vai chegar para prender o pai que está nu no hospital ou a

criança se machucou porque bateu na pedra, como nos episódios 5 e 2, respectivamente) ela espera pela resposta da criança e/ou coloca questões para esta como uma maneira de encoraja-la a acrescentar novos elementos na história. A criança, enquanto um participante ativo na co-criação da história, não hesita em continuar o enredo (dizendo, por exemplo – como ocorre no episódio 5 -, que agora a criança [ela própria] é o médico – e não a enfermeira como sugerido pela mãe - da história que vai chamar o segurança para prender o pai que está nu no hospital).

Ressaltamos que, ao mesmo tempo em que a mãe assume esta posição “centrada na criança” ela também assume uma posição assertiva e firme em momentos de cuidado com a criança e com o objeto (que podem se configurar como momentos de disciplina). Ou seja, quando a mãe identifica a necessidade de exercer algum cuidado seja com a criança, seja com os objetos da brincadeira, a mãe se mantém firme na posição por ela assumida, mesmo quando esta posição vai de encontro ao que a criança deseja. Este aspecto pode ser identificado, por exemplo, nos episódios 3 e 4 (cuidado – objeto), anteriormente mencionados, e em outros episódios de cuidado com a criança e com o objeto.

Assim, aqui podemos observar um elemento importante no sistema de apego desta díade mãe-criança. A mãe favorece a co-construção de uma atmosfera que dá à criança a oportunidade de conceber a sua própria idéia para a história como algo importante a ser incluído no enredo co-construído pelos parceiros ao mesmo tempo em que se apresenta firme quando se faz necessário a realização de algum cuidado com a criança. A análise microscópica das interações desta díade nos levou a identificar que o cuidado com a criança parece se configurar como um parâmetro controle no sistema de apego desta díade, sendo este um importante elemento que

pode conduzir o sistema a uma re-organização sempre que tais cuidados se fazem necessário.

Isto ficou evidente na sessão 3 desta díade, quando a criança parecia estar resfriada e sempre que o seu nariz começava a escorrer, um dos parceiros relacionais interrompiam a atividade para limpar o nariz da criança (classificado como *frame* de cuidado com a criança). Isto fica evidente na análise de frequência dos *frames* de cuidado (criança) [ver também tabela 5 em anexo1]. Por exemplo, nas sessões 1 e 2 foram classificados 6 e 5 episódios de cuidado (criança), respectivamente, enquanto na sessão 3, 12 destes episódios foram identificados (note que o dobro dos episódios classificados nas sessões 1 e 2). No que se refere aos *quase-frames* de apego, também podemos identificar uma diferença importante, uma vez que o total de *quase-frames* na sessão 1 foi 4, na sessão 2 foi 2, enquanto na sessão 3 foi 8, mais uma vez, o dobro do número de episódios encontrados nas outras duas sessões.

Em nossa interpretação, sugerimos que estes números ratificam o que foi dito anteriormente, ou seja, que a necessidade do cuidado com a criança nesta díade se apresenta como um importante elemento organizador do sistema de apego (um parâmetro controle). A realização de tais cuidados levou a uma re-organização da relação diádica e, inclusive, à interrupção da brincadeira em alguns casos (o que poderia gerar *quase-frames*). Assim, propomos que esta característica diádica de abertura à elaboração da criança e este papel de cuidador exercido pela mãe favorece a reafirmação de um senso de mútua segurança e confiança, favorecendo a manutenção de uma relação de apego segura, o que seria uma configuração atratora deste sistema.

Isto posto, com o objetivo de ilustrar a dinâmica relacional desta díade, bem como os *frames* de apego, a seguir será apresentado um episódio ilustrativo de cada um dos *frames* de apego e dos *quase-frames* de apego da díade 1. Cada um destes episódios será brevemente comentado, incluindo a descrição do padrão de co-regulação presente em cada um deles. Em seguida, serão apresentadas algumas das características relacionais da díade 1, buscando discutir de que maneira tais características relacionais se co-regulam de modo a favorecer a co-construção/manutenção do sistema de apego desta díade.

5.1.1. Frames de Apego – Díade 1

Episódio 1. Frame de Cuidado (criança)

Marcação temporal: Sessão 1 - (1:28:29 – 1:28:35)

Duração: 6 seg.

Contexto: Mãe sentada no chão, de frente para a cama da criança, que está deitada na cama de bruços, com a cabeça para fora da cama, inclinada na direção do chão. Criança está com o braço esquerdo esticado, tentando pegar um saco sob o qual estão algumas panelinhas de brinquedo que estão no chão. Mãe e criança estão engajados em uma brincadeira na qual estas panelinhas representam o dinheiro. Mãe coloca a mão esquerda em cima destas panelinhas que estão no chão e diz, em tom de brincadeira: ***Não pode pegar, este dinheiro é meu.***



Criança sorri e inclina-se ainda mais na direção do chão, tentando pegar as panelinhas.

Início do frame

Neste momento, mãe estica seu braço direito colocando-o nas costas da criança, balança sua mão nas costas da criança e diz:

M: Cuidado para não cair doidão. (Mãe inclina-se na direção da criança, aproximando bastante o seu rosto do rosto da criança, que alcança o saco que está no chão e o pega, voltando a ficar deitado na cama, ainda de bruços, mas não mais inclinado na direção do chão. Só então a mãe retira sua mão das costas da criança que diz:)

C: Ah, consegui pegaaar. (Mãe e criança se olham).

Este episódio ilustra uma importante característica desta díade. Note neste exemplo que a mãe demonstra cuidado com o bem estar da criança, apoiando suas costas para evitar que a criança se desequilibre e caia e, ao mesmo tempo, atua como um suporte para que a criança conclua aquilo que deseja e que fazia parte da brincadeira com a mãe, que era pegar o saco que estava no chão. Por um lado, a criança demonstra confiança no cuidado que a mãe lhe está oferecendo ao apoiar suas costas, o que favorece o seu movimento de exploração e subsequente conquista da criança. Esta conquista, por sua vez, parece se configurar como um evento que favorece a co-construção/manutenção de uma autoconfiança por parte da criança em suas potencialidades e possibilidades de lidar e superar desafios, podendo esta contar com a figura materna para atuar como uma base segura neste processo.

No que se refere ao padrão de co-regulação, este episódio foi classificado como *simétrico seqüencial do tipo acordo*, sendo observado uma concordância entre os parceiros quanto as suas trocas relacionais. Cada parceiro co-regulou suas ações levando em consideração as ações do seu parceiro relacional.

Episódio 2. Frame de Cuidado (personagem)

Marcação temporal: Sessão 1 - 0:34:21 – 0:35:13

Duração: 52 seg.

Contexto: Mãe e criança estão sentados no chão, um de frente para o outro. Entre eles está a pedra dada pelo pesquisador junto com os brinquedos. Mãe pega os bonecos da avó e do menino, os movimenta e diz: **M: Vamos passear nós dois?** (C balança a cabeça afirmativamente, olhando para o chão). **Vamos procurar painho.** (Mãe movimenta os bonecos da avó e do menino, fazendo os mesmos andar, e cantarola a música do chapeuzinho vermelho. Criança olha para os bonecos movimentados pela Mãe. Tinha uma pedra no meio do caminho, Mãe faz o boneco do menino subir em cima da pedra e cair no chão). **Ai, meu joeelho!!!! Essa pedra feia.** (Mãe faz uma expressão de dor. O seu tom de voz imita alguém que está choramingando. Criança observa, esboça sorriso, levanta-se e se aproxima da pedra e da mãe, ajoelhando-se próximo à pedra. Por duas vezes, a mãe olha para a criança e depois para os bonecos, como se estivesse monitorando as reações da criança).

Início do frame

C: Voinha vai bater. (Criança fala em tom de voz carinhoso, pega a boneco da avó e a aproxima da pedra. Criança pega a mão do boneco da avó e bate com ela na pedra).

Note que a criança aceita a sugestão temática dada pela mãe e a diáde caminha na direção de uma construção conjunta para o enredo da história.



M: Voinha vai bater na pedra, é?

C: Sua pedra, pá, pá (criança, segurando a mão do boneco da avó faz como se estivesse batendo na pedra. Mãe pega o boneco do menino e diz):

M: A pedra machucou o meu joelho, olha eu aqui voinha, a pedra machucou o meu joelho (Mãe fala com voz de choramingo, aproxima o boneco do menino da criança, que pega o boneco no colo, levanta a bermuda do boneco e faz como se estivesse passando remédio no joelho machucado).

M: Precisa cuidar do joelho, ele machucou o joelhinho na pedra.

M: Eu vou botar essa pedra lá longe, pra ninguém machucar o joelho de novo, tá netinho? (Criança, ainda segurando o joelho do boneco do menino, olha para a mãe e para a pedra e balança a cabeça afirmativamente. Mãe coloca a pedra longe da criança).

M: Pronto. (Mãe aproxima o boneco da avó da criança, que está sentado ao seu lado).

M: Como é que está o seu joelho? (fala movimentando o boneco da avó e o aproximando do menino)

C: Doe. (Criança fala com expressão séria, e com tom de voz sereno – sem choro – olha para o boneco da avó e aproxima o boneco do menino do boneco da avó)

M: Doe? E agora? (fala movimentando o boneco da avó)

Note que a mãe coloca para a criança uma pergunta e deixa que esta decida o encaminhamento dado para o enredo da história. A criança, por sua vez, responde à pergunta da mãe.

C: Passe bis colosso (Criança fala olhando para o boneco da avó)

M: Parece o que? (Criança segura o boneco da avó que a mãe estava segurando, mãe solta este boneco e criança o pega da mão da mãe).

Mãe busca dar sentido ao que foi dito pela criança, mantendo sua atenção nesta.

C: Bote o remédio biscoosso, tá? (Criança pega os dois bonecos na mesma mão, o menino e a avó e fala olhando para o boneco da avó. Mãe olha para a criança).

M: Tá! (Mãe faz uma expressão de dúvida e sorri. Mãe parece não entender qual é o remédio biscoosso, mas parece aceitar a sugestão da criança).

Depois do frame

C: Agora pode ir pra pracinha! (Criança fala olhando e segurando os bonecos da avó e do menino).

M: Pra passear, né?

Neste episódio, gostaríamos de destacar que, embora a personagem do filho tenha se machucado, ele é facilmente consolado pelo cuidador (no caso, a personagem da avó). Assim, na brincadeira simbólica apesar de não ser a mãe quem cuida da criança, a díade encontra uma alternativa envolvendo um outro cuidador da família para cuidar das necessidades da criança (ou seja, a personagem da avó coloca o remédio no joelho da criança, de maneira atenciosa e carinhosa).

Vale destacar também que um tom de voz tranquilizador e de carinho é usado pela criança (que está representado a personagem da avó) nos cuidados com o filho (que está sendo representado na brincadeira pela mãe). Assim, o tom emocional que permeia a co-criação desta história inclui acolhimento, carinho e cuidado com o joelho machucado.

No que se refere ao padrão de co-regulação, todo este episódio foi classificado como *simétrico seqüencial (acordo)*. Podemos observar uma exploração conjunta do enredo da história, onde ambos os parceiros contribuem para o desenvolvimento de um movimento exploratório por parte da díade no processo de co-construção da história. A mãe permite o movimento exploratório da criança (a introdução de uma novidade na co-construção da história) e também parece dar suporte para que tal movimento ocorra.

Episódios 3 e 4. Frame de Cuidado (objeto)

Episódios 3

Marcação temporal: Sessão 1 - 00:57:59 – 00:58:25

Duração: 26 seg.

Contexto: Criança em pé, em cima da cama, com os braços estendidos ao longo do corpo e mãe deitada no chão. Criança faz leves movimentos com a boca, e fala algo em tom de voz muito baixo, inaudível para registro. Mãe deitada no chão, diz: **M: Eu não tô ouvindo nada.** Depois de alguns segundos, mãe levanta-se, sentando no chão, e diz: **M: Acordei!** Criança se debruça na direção da grade da cama, aproximando-se da mãe.

C: Dorme ainda. (Logo depois, criança senta-se em um banco, que está em cima da cama).

M: Por quê?

C: Olha o céu! (Criança aponta para cima. Mãe olha para a direção apontada pela criança e diz:)

M: Tá noite ainda, é? (Mãe e criança se olham, enquanto a criança abaixa o braço)

C: É. (Criança continua sentada no banco, em cima de dois bonecos da família, que estavam no banco. Mãe olha para a criança que está terminando de voltar o seu braço para a posição estendida ao longo do seu corpo. Mãe estica o seu braço direito, movimentando os dedos, e diz, em tom de voz tranquilo e afirmativo).

Note que a mãe demonstra atenção ao que a criança está dizendo e aguarda esta concluir o seu turno de fala e ação para apenas em seguida introduzir o tema de cuidado com o objeto que pode também ser considerado um momento de disciplina.



Início do frame

M: Saia de cima desse banquinho aí, senão eu tiro esse banquinho, tá certo? (Criança se levanta imediatamente do banco e retira os bonecos que estavam em cima do banco, onde ela estava sentada, e senta-se novamente no banco. Enquanto a criança está se sentando novamente no banco, mãe diz, olhando para a criança).

M: Não, mainha não quer que você sente aí não. Saia de cima desse banquinho!

C: Não tem nada. (Mãe fala no mesmo tom de voz anterior, tranqüilo e afirmativo. Criança, sentada no banco, movimentava os ombros para cima, em tom de interrogação).

Note como a díade parece negociar a saída do banco de cima da cama.

M: Eu sei que não tem nada, mas é que vai ficar marcando o seu colchãozinho, aí em baixo. Não é não? (Mãe fala no mesmo tom de voz anterior e estica o seu braço direito, tocando no colchão da cama. Enquanto a mãe fala, criança fica em pé na cama, segurando o banco perto do seu bumbum, como se ainda permanecesse sentado, e olha para o colchão).

M: Deixa eu tirar esse banco sujo daí de cima. Eu só botei porque você disse que era muito importante. (Enquanto a mãe fala, criança pega o banco e o entrega a sua mãe, que o coloca no chão, longe dela).

Em seguida, observa-se um retorno suave ao tema da brincadeira na qual a díade estava engajada antes da mãe introduzir o frame de cuidado. Criança toma a iniciativa para retornar ao tema anterior da brincadeira, mãe co-regula suas ações na direção temática indicada pela criança.

M: Pronto. (Mãe volta a olhar para a criança).

Depois do frame

C: Tem que dormir ainda (Mãe e criança continuam se olhando)

M: Tu daí a pouco manda o solzinho acordar pra eu acordar?

C: Eu coloco o sol aí (Criança faz um movimento com o braço e a mão direita, como se estivesse introduzindo algo. Mãe e criança continuam se olhando. Criança esboça um sorriso)

M: Pronto. Bote o sol aí daí a pouco, tá?

C: Tá.

Neste episódio podem ser observadas claras trocas de turno, não sendo identificados momentos de sobreposição ou mesmo interrupção da fala do parceiro relacional. Sob o nosso ponto de vista, neste episódio a díade se engaja em um processo argumentativo – a criança contra-argumenta com o objetivo de manter o banco em cima da cama – e a mãe, por sua vez, explica o seu ponto de vista sobre a importância da retirada do banco de cima da cama. Este diálogo se dá de forma tranqüila, sem ser observado um clima de conflito emocional entre os parceiros. Note

que eles administram suavemente os seus diferentes posicionamentos, sendo observado um clima tranqüilo e agradável de negociação.

O frame do cuidado com o objeto é introduzido pela mãe e mesmo sendo algo que de início a criança não concordava em fazer, esta segue na direção temática proposta pela mãe. Considerando os padrões de co-regulação, este episódio foi classificado como compondo momentos de acordo e desacordo entre os parceiros diádicos, sendo, desta forma, classificado como possuindo dois momentos de co-regulação *simétrica seqüencial (acordo)* intercalado por um momento de *desacordo*.

Episódio 4

Marcação temporal: Sessão 1 - 00:55:35 – 00:56:01

Duração: 26 seg.

Contexto: A mãe está sentada no chão, em frente à cama da criança. A criança está em pé, em cima de sua cama, virada de costas para a mãe e de frente para a cama e lençóis de brinquedo (em miniatura). Enquanto isso ocorre o seguinte diálogo:



C: *É porque eu vou dormir.* (A criança está em pé em sua cama, em frente à cama de brinquedo e virada de costas para sua mãe, que está olhando para a criança. A criança está segurando o lençol de brinquedo com as suas duas mãos, olhando para a mãe e para o lençol. Usando um tom de voz carinhoso, a mãe diz:)



M: Vai dormir é filho? (A mãe continua olhando para a criança, que está segurando o lençol por suas extremidades superiores).

Mais uma vez, no curso das interações diádicas, a mãe adiciona a contribuição da criança para o enredo da história na forma de pergunta.

C: Tirar um cochilo aqui. (A criança abaixa-se e deita-se na cama de brinquedo, segurando o lençol de brinquedo com a mão direita e tentando cobrir-se com ele, colocando-o em suas costas. A mãe olha para a criança, sorri e diz:)

Início do frame

M: Ei filho, você é grande demais, saia de cima da cama pra não quebrar... Quem pode dormir aí nesta cama é o outro filho, o pequenininho. (A mãe usa um tom de voz gentil, sorrindo e toca no pé da criança. A criança continua deitado na cama de brinquedo, e continua também tentando se cobrir com o lençol de brinquedo. A criança então se levanta, fica abaixada próximo à cama de brinquedo, segura o lençol de brinquedo em apenas uma das extremidades e novamente deita-se nesta cama, dizendo:)

C: Cobre aí.

M: Alex, assim não. (A mãe usa um tom de voz incisivo e toca no pé da criança com sua mão direita, olhando para a criança, que está deitada de bruços na cama de brinquedo, com o lençol de brinquedo em suas costas. A criança fica de pé, coloca o lençol de brinquedo em cima da cama de brinquedo e vira-se em direção à mãe, ficando de frente para ela).

Note como a mãe utiliza um tom de voz diferente, tocando no corpo da criança para destacar o seu posicionamento. A criança, por sua vez, parece reconhecer que a mãe está colocando uma regra que precisa ser respeitada.

M: Assim você quebra a caminha, né filho? (Mãe e criança se olham, ambos com uma expressão facial de seriedade. A criança então olha para o boneco que a mãe está segurando, enquanto a mãe diz em tom de voz carinhoso, olhando para a criança).

Uma vez que a criança reconhece e concorda com a regra estabelecida pela mãe, ela retorna a falar em um tom de voz carinhoso.

C: É né mãe? Me dá agora. (A criança olha para o boneco que está sendo segurado pela mãe, que estende os braços na direção da criança. Criança pega o boneco e o coloca em cima da cama).

Essa passagem ilustra um frame de cuidado (objeto) no qual uma situação de disciplina se instaura, sendo observado um desacordo entre mãe e

criança. Apesar de tanto a mãe como a criança parecerem sensíveis às posições assumidas pelo parceiro interacional, a atmosfera de disciplina é mantida pela mãe, enquanto a criança escuta o que está sendo pontuado por esta.

Neste segmento, algumas qualidades da dinâmica de negociação desta díade em um momento de disciplina são exemplificadas. Note que a mãe usa algumas estratégias para controlar o comportamento não desejado da criança – deitar em cima da cama de miniatura. Ela altera seu tom de voz, falando em um tom mais duro e tocando no pé da criança. Até neste momento de disciplina podemos observar indícios de uma relação de apego caracterizada por respeito e confiança mútua, em que a mãe pode colocar a regra, explicando a razão para isto, e esta é acatada pela criança. Este aspecto nos leva a conceber que o sistema de apego construído por esta díade permite a emergência de situações de conflito que são resolvidas através da negociação diádica. Embora a mãe interrompa a co-construção da história para reafirmar a proibição da criança deitar-se na cama de brinquedo, isto acontece sem a criação de um embate entre eles.

Este evento ilustra uma situação que envolve mais do que um desacordo sobre o enredo da história. A mãe interrompe a seqüência da história e deixa claro para a criança a existência de uma determinada restrição da brincadeira (ou seja, não é permitido à criança deitar-se na cama de brinquedo para não quebrá-la). Vale notar, no entanto, que mesmo quando a co-criação da história pela díade é interrompida pela mãe, a solução diádica para o “problema” ocorre de maneira calma e não ameaçadora, e a díade suavemente retorna à co-construção da história (conforme sugerido quando a criança estende seus braços na direção do boneco segurado pela mãe).

No que se refere à dinâmica de co-regulação neste episódio, foi observado que durante todo o tempo mãe e criança co-regularam suas ações considerando o que estava sendo colocado pelo parceiro. Em um momento inicial a díade apresentou um desacordo, na medida em que a criança insistiu em deitar-se na caminha de brinquedo e este momento foi classificado como *simétrico seqüencial (desacordo)*. No entanto, na medida em que a mãe mostrou-se firme e decidida na colocação da proibição da criança deitar-se na caminha de brinquedo, esta parece ter aceitado a autoridade materna e seguiu no caminho apontado pela mãe. Este momento foi classificado como *simétrico seqüencial (acordo)*.

Episódio 5. Frame de Separação (M-C)

Marcação temporal: Sessão 1 - 0:29:36 – 0:29:43

Duração: 7 seg.

Contexto: Mãe e criança estão sentados no chão, um de frente ao outro. Entre eles estão os bonecos da mãe, deitada na caminha de brinquedo e com o boneco do filho embaixo do seu vestido, fazendo como se ela estivesse grávida. No contexto da brincadeira todos estão no hospital, pois a personagem da mãe está grávida. E o boneco do pai está sem roupa. Mãe e criança olham para o boneco do pai enquanto a mãe diz: ***Olha, eu estou escutando um barulho. Daqui a pouco eu acho que vai chegar a enfermeira aqui nesse hospital.*** (criança olha para traz e pega em uma outra cadeirinha enquanto a mãe fala. Mãe e criança estão sérios e se olham).



M: E o que ela vai fazer quando ela vê esse pai nu no hospital? Criança continua olhando para traz, mas parece atenta ao que a mãe está falando. Mãe diz: ***Em Alex?*** (criança esboça sorriso e sussurra algo). ***M: O que será que ela vai fazer?*** (mãe continua séria, olhando para a criança. Mãe e criança se olham). ***M: Eu acho que ela vai chamar o segurança e mandar levar o pai preso porque ele ta nu no hospital.*** (Criança olha para o boneco do pai, que continua deitado de costas nas cadeiras, e o pega). Criança diz: ***C: É, né?*** ***M: É?*** (Mãe olhando para a criança que olha para o boneco do pai e esboça um sorriso)

Início do frame

C: *Aí sai. Aí eu tava, eu sou o médico* (Criança levanta-se e sai do quarto, mãe observa a criança, esboça um sorriso e diz:)

M: *Tá certo* (Mãe sorri e depois de uma breve pausa grita:)

M: *Ô doutor.* (pausa de alguns segundos e depois a criança volta para o quarto. M e C se olham – aqui se dá início a um novo frame de apego, “frame de reencontro M-C”).

Neste episódio, o frame de separação (M-C) ocorre inserido no contexto da brincadeira simbólica. Criança sai do quarto para retornar a este cômodo da casa como sendo um personagem da história – “o médico”. É importante notar que, no contexto da brincadeira simbólica, a mãe introduz um novo tema (a chegada da enfermeira no hospital para prender a personagem do pai, que está nu no hospital), mas deixa a criança livre para aceitar ou rejeitar a sua sugestão, apresentando esta sugestão seguida pela pergunta: “É?” quando esta sugestão foi aceita pela criança. Ao mesmo tempo, a criança aceita a sugestão da mãe (de que alguém vai vir prender o pai por estar nu no hospital), mas apresenta a sua própria contribuição à história, modificando a sugestão da mãe e no lugar da enfermeira é o médico quem vai “analisar o caso”.

Todo este episódio foi classificado como co-regulação *simétrico seqüencial (acordo)*, uma vez que durante todo o episódio é observado que cada parceiro co-regula suas ações levando em consideração as ações do outro, em sintonia com estas.

Episódio 6. Frame de Separação (personagens)

Marcação temporal: Sessão 1 - 0:41:07 – 0:42:32

Duração: 85 seg.

Contexto: Mãe e criança estão sentados no chão, um de frente para o outro. Entre a mãe e a criança estão os bonecos do avô e do menino sentados à mesa, o boneco do

pai, no chão próximo à criança, que está segurando o boneco da mãe com sua mão direita e o boneco da menina com sua mão esquerda.

Início do frame

C: *Aí, foi pra festa* (C fala algo inaudível). (Ao falar isso, mãe e criança olham para o boneco da menina que a criança gentilmente coloca no chão, próximo à mãe e pega o boneco do pai. Mãe olha para a criança, que segura os bonecos do pai e da mãe. Criança aproxima-se da mãe e fica de joelhos ao seu lado. Para isto, criança apóia-se na perna da mãe que olha atentamente para a criança, enquanto fala:)



M: *Aí os dois foram para a festa, foi?* (Mãe e criança se olham. Mãe continua sentada na mesma posição e criança está ajoelhada, ao lado direito da mãe, segurando o boneco do pai com sua mão esquerda e o boneco da mãe com sua mão direita. Mãe olha para a criança, que olha para os lados enquanto ocorre o seguinte diálogo:).

C: *Pra essa daqui.*

M: *Pra essa festa. E aonde é a festa?*

Note que a mãe, mais uma vez, no lugar de dirigir a direção a ser dada no enredo da história, estimula a criança a assumir este lugar, inserindo perguntas a esta e favorecendo um movimento de co-construção criativa por parte da criança.

C: *É não, eu tenho que ir pro carro, filha.* (Ao falar, criança balança os ombros e os braços e olha para o lado esquerdo da mãe. Neste momento, mãe de imediato vira-se nesta direção e pega o carro de brinquedo que está do seu lado esquerdo, colocando-o próximo da criança).

Note que, de imediato, a mãe co-regula suas ações na direção temática apontada pela criança.

M: *Sim. O carro ta aqui.* (Mãe sorri e criança esboça sorriso ao direcionar-se para o carro. Criança senta-se de costas para a mãe e de frente para o carro e coloca o boneco da mãe em cima do carro e o boneco do pai no chão, próximo a ele. Enquanto isso, mãe observa a criança e fala:)

M: *Como é que vai pra festa sem o carro, não é verdade?*

C: Não é, né filha? (Criança continua de costas para a mãe, tentando colocar o boneco da avó sentada no carro. Mãe olha na direção da mesinha de brinquedo onde estão os bonecos do avô e do menino).

M: Eu posso arrumar aqui a cama pra Alexandre e o vovô? (Criança olha na direção da mesinha, ainda segurando o boneco da mãe).

C: Pode. (Criança balança a cabeça afirmativamente. Mãe olha para a mesinha e enquanto a criança esta falando, começa a retirar os pratinhos da mesinha e diz:)

M: Não é? Eles já comeram. Enquanto você leva o pai e a mãe para a festa. (Criança volta sua atenção para o carro e para os bonecos da mãe e do pai. Criança olha rapidamente para a mãe, que retira os pratinhos da mesinha. Criança coloca o boneco da mãe deitado em cima do carro. Mãe olha para a mesinha e criança para o carro e o boneco dos pais. Silencio de 10 segundos).

C: O pai é que vai dirigindo, e não a mãe. E sim o pai, não a mãe. (enquanto fala isso, criança continua olhando e mexendo no boneco da mãe, colocando-o no carrinho. Em seguida, pega o boneco do pai e o coloca deitado em cima do boneco da mãe).

M: É? (Mãe termina de retirar os bonecos do avô e do menino da mesinha e puxa a caminha de brinquedo para junto dela, e coloca o boneco do avô deitado na caminha e o boneco do menino deitado na mesinha, e o cobre um lençol de brinquedo. Criança continua olhando para o carrinho e os bonecos dos pais).

Vale notar que mesmo com a atenção voltada para uma outra direção que não a que está sendo focalizada pela criança, a mãe continua atenta ao que esta está dizendo e responde quando a criança faz um comentário.

C: E sim o pai, e não a mãe. E sim o pai... já ta dirigindo o carro, vrummm, vrummm (C olha para o carrinho e o empurra gentilmente na direção de um banquinho que está no canto direito do quarto. Neste momento, mãe termina de cobrir o boneco do menino. É como se ela estivesse organizando o quarto de dormir dos bonecos. Ao terminar, olha para a criança e diz:)

M: Olha aqui em casa o que esta acontecendo enquanto os dois foram para a festa. (diante da fala da mãe, criança olha imediatamente na direção pontuada por esta, deixa o carro com os bonecos dos pais próximos ao banquinho e se aproxima da mãe e dos bonecos do avô e do menino deitados respectivamente na caminha e na mesinha. Mãe sorri e mãe e criança olham nesta direção).

Vale notar neste episódio que a característica diádica acerca do papel da criança de condutor da temática na brincadeira simbólica se repete. A mãe, mais uma vez, introduz perguntas ao longo do episódio no sentido de favorecer a

participação ativa da criança na co-construção do enredo da história e a criança, por sua vez, amplifica este movimento da mãe introduzindo suas sugestões e movimentando os bonecos.

Um outro aspecto interessante de ser observado refere-se ao fato da mãe ter dividido a sua atenção ao longo deste episódio para um outro aspecto da brincadeira (a mãe foi organizar os bonecos do avô e do filho que, no contexto da brincadeira simbólica, ficaram em casa enquanto os pais foram para a festa). No entanto, antes de desviar sua atenção para este outro aspecto, a mãe comunica isto para a criança e pede permissão a esta, quando pergunta: **M: Eu posso arrumar aqui a cama pra Alexandre** (nome dado pela díade ao personagem da criança na brincadeira) **e o vovô?** Só depois de a criança dizer que pode é que a mãe volta a sua atenção para os outros bonecos e brinquedos. Vele ressaltar ainda que mesmo com sua atenção voltada para este outro aspecto da brincadeira, a mãe continua atenta à criança, como se a estivesse monitorando e diante de uma colocação da criança, a mãe a responde prontamente, demonstrando a sua atenção ao que está sendo dito e feito pela criança (**C: O pai é que vai dirigindo, e não a mãe. E sim o pai, não a mãe. M: É?**). Este aspecto parece falar da disponibilidade materna em responder e atender às necessidades da criança.

Considerando os padrões de co-regulação, a maior parte deste episódio (48 seg.) foi classificada como *simétrico seqüencial (acordo)*. No entanto, por alguns segundos (37 seg.) a mãe estava engajada na atividade de arrumação da casa enquanto os pais estavam viajando, o que nos levou a classificar este segmento como *unilateral (não engajado – M)*, uma vez que avaliamos que neste momento a mãe

não estava diretamente engajada no frame de separação dos personagens – embora parecesse atenta à criança, como colocado anteriormente.

Episódio 7. Frame de Reencontro (M-C)

Marcação temporal: Sessão 1 - 0:29:54 – 0:30:03

Duração: 9 seg.

Contexto: Mãe sentada no chão, com o boneco do pai a sua frente, deitado em cima de duas cadeiras, sem roupa. Criança havia saído do quarto, “fingindo ser o médico”. Criança retorna ao quarto e para na porta de entrada do quarto, olhando para a Mãe. Em seguida, se aproxima dela e se ajoelha em sua frente.



Início do frame

M: Ô doutor. (pausa de alguns segundos e depois a criança volta para o quarto. Mãe e criança se olham).

M: Olha pra isso doutor. (Criança fica em pé na porta do quarto, de frente para a mãe). **Venha cá pra você ver.** (Criança coloca as mãos na cintura, anda até a mãe e ajoelha-se na frente dela, ao lado das cadeiras onde o pai está deitado de costas. Criança olha para a mãe e fala:)

Este frame apresenta-se como uma continuidade temática e cronológica ao frame apresentado no episódio 4 (frame de separação M-C), no qual a criança sai do quarto para retornar em seguida representando o médico no contexto da brincadeira. Da mesma forma que no episódio 4, neste episódio o reencontro mãe-criança ocorre dentro do contexto da brincadeira simbólica e ao regressar ao quarto a criança é recebida pela mãe como se ela fosse o médico da história. Mãe, referindo-se à criança, diz: ***Olha pra isso doutor. Venha cá pra você ver.***

Considerando que durante todo o episódio os parceiros encontraram-se inseridos em um movimento de co-regular suas ações tomando como referência as ações realizadas pelo parceiro relacional, todo este episódio foi classificado como *simétrico seqüencial (acordo)*.

Episódio 8. Frame de Reencontro (Personagens)

Marcação temporal: Sessão 1 - 1:08:57 – 1:09:19

Duração: 22 seg.

Contexto: Mãe sentada no chão, segurando o boneco do menino com a mão direita e da menina com a mão esquerda. Criança sentada na cama, de frente para a mãe. Em cima da cama estão os bonecos dos pais e dos avós que, no contexto da brincadeira simbólica, estão no céu.



Início do frame

M: Cadê nosso vovô e nossa vovó? (Mãe fala olhando e segurando os bonecos do menino e da menina. Criança também olha para estes bonecos, sorri e balança suas pernas. Durante a fala da mãe, criança vira-se de lado direito, olha para os bonecos dos avós e diz:)

C: Ta aqui, no céu. (Depois de olhar para os bonecos dos avós, criança olha novamente para os bonecos dos filhos, que estão sendo segurados pela mãe, que também olha para estes bonecos).

M: Vamos trazer eles praqui pra terra? (Mãe fala movimentando os bonecos dos meninos que esta segurando. Mais uma vez, ainda durante a fala da mãe, criança novamente se volta para os bonecos dos avós e em seguida diz:).

C: Vou pegar eles, toma. (Criança pega o boneco do avô e com o seu braço esquerdo, o aproxima da mãe, que passa a segurar os dois bonecos (do menino e da menina) com a mão esquerda e estica seu braço direito na direção da criança, pegando o boneco do avô da mão desta, que solta o boneco quando a mãe o segura).

Note aqui como mãe e criança co-regulam suas ações em relação às ações do outro.

M: Voinho, que saudades! Smack. (Mãe aproxima o boneco do avô dos bonecos dos meninos e faz como se eles estivessem se beijando. Mãe sorri e usa um tom de voz de alegria. Criança olha atentamente para os bonecos, sorri e balança as pernas).

Note aqui a atmosfera de prazer e carinho criada pelos parceiros relacionais para o acolhimento dos personagens dos avós no contexto da brincadeira simbólica

M: Cadê voinha? (Mãe fala olhando para os bonecos que esta segurando. Durante a fala da mãe, criança esboça sorriso e inclina-se novamente na cama e agora pega o boneco da avó, enquanto fala:)

C: Voinha tá aqui também. (Neste momento, mãe começa a balançar os bonecos do avô e dos meninos, e diz:)

M: Queremos voinha, queremos voinha (Mãe fala de forma cadenciada, movimentando os bonecos dos filhos e do avô que está segurando. Criança volta-se novamente para a cama, na direção onde esta o boneco da avó, pega este boneco e o joga no colo da mãe, que o pega. Mãe segura os bonecos dos avós com sua mão direita e os bonecos dos meninos com sua mão esquerda, uns de frente para os outros. Mãe e criança olham para os bonecos, enquanto a mãe diz:)

M: Voinha, que saudade! Nos três estávamos com saudades de vocês. (Neste momento, criança estica seu braço direito na direção dos bonecos. Mãe aproxima os bonecos da criança, que segura e pega o boneco da avó da mão da mãe).

Neste episódio vale destacar o tom emocional usado pelos parceiros relacionais (sendo observado sorrisos e tom de voz carinhoso usado tanto pela mãe como também pela criança) que favoreceu a criação de uma atmosfera prazerosa de acolhimento dos personagens dos avós, no contexto da brincadeira simbólica.

Como é característico nesta díade, neste episódio também se pode observar o papel da criança de condutor da temática na brincadeira simbólica. A mãe, mais uma vez, introduz sugestões e perguntas ao longo do episódio no sentido de favorecer a participação ativa da criança na co-construção do enredo da história e a criança, por

sua vez, amplifica este movimento da mãe introduzindo suas sugestões e movimentando os bonecos. Desta forma, durante todo este episódio pode ser observada a participação ativa dos parceiros relacionais, assim como uma grande sintonia entre eles, o que nos levou a classificar este episódio como do padrão de co-regulação *simétrica seqüencial (acordo)*.

5.1.2. Quase-Frames de Apego

Neste momento, serão apresentados episódios ilustrativos da dinâmica relacional observada nos *quase-frames* de apego na díade 1. Ressaltamos, no entanto, que em nenhuma das três sessões analisadas desta díade foi identificado um episódio dos seguintes *quase-frames* de apego: Cuidado (criança); Cuidado (objeto); Separação (personagem) e Reencontro (M-C). Esta ressalva se faz importante para informar o leitor que, em função disto, a seguir serão apresentadas apenas ilustrações dos demais *quase-frames* de apego. No que se refere especificamente ao *quase-frame*, buscaremos demonstrar também de que maneira se deu a re-organização da interação diádica de modo a conduzir à dissipação do frame.

Episódio 9. Quase-Frame de Cuidado (personagem)

Marcação temporal: Sessão 1 – 0:46:34 – 0:46:43

Duração: 9 seg.

Contexto: Mãe está sentada no chão, de frente para a cama da criança e para esta, que está ajoelhada no chão, de costas para a mãe, pendurando os bonecos do menino e da mãe pelo cabelo na grade da cama. No contexto da brincadeira simbólica os personagens do menino e da mãe estão no céu. O boneco do menino cai no chão e em seguida a criança solta o boneco da mãe no chão, dizendo: **Pow, caiu do céu.** Mãe observa atentamente. Quando a criança diz que eles caíram do céu, mãe pergunta: **Os dois caíram do céu?** De imediato, mãe se estica e com seu braço esquerdo, pega o boneco do pai, aproximando-o do boneco da mãe e diz:

Introdução do frame

M: Deixa eu ver se vocês se machucaram, vem pra cá, o que foi que aconteceu com vocês dois? (Criança olha na direção da mãe, que pega os bonecos da mãe e do menino e os coloca deitados no chão, na sua frente. Criança vira-se na direção da mãe, ficando sentada na sua frente).

Dissipação do frame

C: A gente vai pro céu de novo. (Criança pega o boneco do menino pelo cabelo e fica tentando encontrar um fio para levá-lo para o céu pendurado pelo cabelo. Mãe desvia a atenção e parece falar com alguém que chega à porta do quarto. Tanto a mãe como a criança desviam a atenção do frame de cuidado do personagem).

Na introdução deste episódio do frame de cuidado (personagem) pode-se identificar que os parceiros relacionais co-regulam suas ações em consonância com a ação comunicativa do outro, o que caracteriza o padrão de co-regulação *simétrico sequencial (acordo)*. No entanto, tanto a mãe como a criança dispersam sua atenção e o cuidado com o personagem – que caiu do céu – não chega a ser efetivado, o que caracteriza um *quase-frame* de cuidado (personagem). Ou seja, o cuidado com o personagem foi anunciado, mas não efetivado por qualquer dos parceiros relacionais.

Episódio 10. Quase-Frame de Separação (M-C)

Marcação temporal: Sessão 1 - 0:30:10 – 0:30:17

Duração: 7 seg.

Contexto: Mãe sentada no chão, com o boneco do pai a sua frente, deitado em cima de duas cadeiras, sem roupa. Criança havia voltado ao quarto, “fingindo ser o médico”. Neste contexto, antes do frame ocorre o seguinte diálogo:

M: Ô doutor. (Pausa de alguns segundos e depois a criança volta para o quarto. Mãe e criança se olham). **Olha pra isso doutor.** (Criança fica em pé na porta do quarto, de frente para a mãe). **Venha cá pra você ver.** (Criança anda até a mãe e se ajoelha na frente dela, com as mãos na cintura, ao lado das cadeiras onde o pai está deitado de costas. Criança olha para a mãe e fala:)

C: Bota ele do outro lado.

M: Boto doutor. (Mãe fala usando um tom de voz de obediência e vida o boneco do pai, colocando-o de barriga para cima. Em seguida, criança olha para o boneco do pai, nu faz uma cara de espanto. Mãe observa atentamente).

Introdução do frame

C: Haaa, tá nu!!! (C levanta-se e sai correndo em direção a porta do quarto, dando a entender que vai sair do quarto. Mãe sorri).

C: Vou chamar o segurança, que é pra colocar ele... (criança interrompe sua própria fala e mexe no seu short, na parte do bumbum. Mãe estava falando a seguinte frase:)

M: O segurança fica naquela cadeira ali (mãe aponta para a cadeira que fica ao lado da cama, junto do computador, no entanto, quando a criança para de falar, mãe interrompe sua fala também e pergunta: **O que foi?**).

Dissipação do frame

A criança desiste de sair do quarto e segue na direção apontada pela mãe, sentando-se na cadeira do computador.

Este frame apresenta-se como uma continuidade temática e cronológica ao frame apresentado nos episódios 4 e 6 (frame de separação e reencontro M-C, respectivamente), no qual a criança sai do quarto para retornar em seguida representando o médico no contexto da brincadeira. Da mesma forma que nos episódios 4 e 6, também neste episódio a separação incompleta mãe-criança ocorre dentro do contexto da brincadeira simbólica e foi classificado como caracterizando um padrão de co-regulação *simétrica seqüencial (acordo)*, uma vez que fica evidenciado que ambos os parceiros co-regulam suas ações considerando as ações de seu parceiro interacional.

Vale ressaltar que este frame foi interrompido depois da criança mexer em seu short, que parecia estar lhe incomodando. Neste momento, a mãe presta atenção a esta ação da criança e pergunta: **O que foi?** Apesar de não podermos afirmar que este frame de separação (M-C) tenha sido dissipado a partir deste elemento do

sistema, este episódio parece destacar uma importante característica desta díade, a saber, o cuidado com a criança, que quando emerge no sistema tende a se configurar como elemento organizador da relação desta díade. Este aspecto será discutido posteriormente na sessão que destaca as características relacionais do sistema de apego da díade 1.

Episódio 11. Quase-Frame de Reencontro (personagem)

Marcação temporal: Sessão 1 – 0:43:38 – 0:43:45

Duração: 7 seg.

Contexto: Mãe sentada no chão, olhando para a criança, que esta ao seu lado direito, há cerca de 1 metro de distância, do lado direito da mãe. Do lado esquerdo da mãe estão os bonecos dos avós deitados na caminha e o boneco do menino, deitado na mesinha. Criança está segurando os bonecos dos pais, que “estão na festa, dançando forró”.

Introdução do frame

M: Eita, ta na hora de voltar pra casa. (Quando a mãe fala, criança olha para ela, segurando os bonecos dos pais. Diante da fala da mãe, criança levanta-se, ajoelhando-se e coloca os bonecos do pai e da mãe deitados no banquinho que está próximo a ela e diz:)

Dissipação do frame

C: Eita. Eles vão dormir.

M: É? (Mãe observa criança)

Observa-se um intervalo de cerca de três segundos entre este episódio e o próximo episódio, pois, na sequência, a criança decide na direção sugerida pela mãe, ou seja, que os bonecos dos pais irão voltar da festa para casa, caracterizando o início de um novo frame de reencontro (personagens). No entanto, como foi observado este intervalo de três segundos, de acordo com as definições dos *frames* e *quase-frames*, isto caracterizou este episódio como um *quase-frame* de reencontro (personagens).

No que se refere ao padrão de co-regulação, este episódio foi classificado como composto por dois padrões de co-regulação, a saber: *simétrico seqüencial (acordo)* e *simétrico seqüencial (desacordo)*.

5.1.3. Características Relacionais do Sistema de Apego da Díade 1

De modo geral, observamos nesta díade um tom emocional de acolhimento, atenção e cuidado em todos os *frames* de apego. Defendemos que a presença desta qualidade de tom emocional favorece a criação de uma atmosfera prazerosa, influenciando o comportamento do parceiro relacional, o fluxo da história e a co-construção de um senso de confiança, cuidado e aceitação na relação de apego. Da mesma forma, uma vez que a presença deste tom emocional apresenta-se como uma característica comum à relação diádica, isto parece ratificar a existência de uma característica do sistema de apego desta díade, a atenção materna e o senso de mútua confiança e respeito. Sendo assim, defendemos que este tom emocional apresenta-se como um outro importante elemento do sistema de apego. Por exemplo, no episódio 2 (frame de cuidado – personagem) a dor da personagem do neto é minimizada pela atmosfera de atenção e cuidado carinhoso, a qual conduz a díade a um final prazeroso de ir passear.

Assim, esta dinâmica relacional evidencia um sistema de apego no qual pode ser observado uma atmosfera de confiança e segurança. Por um lado, a criança demonstra-se confortável e confiante em inserir suas sugestões para o enredo da história e a mãe, por sua vez, amplifica tais sugestões dadas pela criança. Podemos aqui sugerir que neste sistema de apego, a figura materna atua como uma base segura para a criança, favorecendo seu movimento de exploração, o que, por sua vez, pode

estar relacionado ao rico conteúdo criativo evidenciado na co-construção diádica das histórias no contexto da brincadeira simbólica.

Indicações de um sistema de apego permeado pela mútua confiança e respeito também pode ser identificado em outros contextos além das situações de cuidado e proteção. Tal como sugerido por Thompson (1997), os pais também assumem o papel disciplinar, intervindo quando a criança se engaja em comportamentos potencialmente perigosos ou inapropriados. Esta é uma outra faceta importante das relações pais-criança que irá contribuir para o desenvolvimento de seus vínculos de apego, considerando que o engajamento neste tipo de situação que forneça um contexto adicional para que a díade mãe-criança possa explorar suas experiências de disponibilidade, cuidado e respeito.

Como colocado anteriormente, no episódio 3 (frame de cuidado - objeto) fica claro que a mãe não permite que a criança dê continuidade a sua proposta de deitar-se na cama de brinquedo. No entanto, o sistema de apego desta díade está construído de modo a permitir a “convivência harmoniosa” de situações de conflito e disciplina. A qualidade da relação de apego desta díade demonstra não ser ameaçada pela presença de conflito de perspectiva entre mãe e criança ou mesmo de determinadas proibições por parte da mãe. Os parceiros interacionais constroem um ambiente de negociação e respeito mesmo quando discordam sobre algo, esteja relacionado quer ao tema que dará continuidade ao enredo da história no contexto da brincadeira simbólica, quer a um comportamento da criança considerado indesejado ou inadequado pela mãe (como deitar na caminha de brinquedo, por exemplo).

Desta forma, entendemos que este evento ilustra bem as duas dimensões da interação diádica pontuada anteriormente na descrição da unidade de análise. Em

uma primeira dimensão, a brincadeira de faz-de-conta (ou brincadeira simbólica) que é interrompida pela mãe para introduzir uma regra disciplinar para a criança; Em uma outra dimensão, a dinâmica interacional que perpassa a relação de apego desta díade, fora do contexto da brincadeira de faz-de-conta (ou seja, a própria relação mãe-criança). Nesta segunda dimensão, mesmo considerando a presença do comportamento disciplinar da mãe, com o objetivo de reafirmar a diferença entre comportamentos permitidos e não permitidos, continuamos a observar uma atmosfera de respeito mútuo, confiança e segurança entre os parceiros diádicos, evidenciada, por exemplo, pela serenidade no tom de voz utilizado dos parceiros diádicos, pela troca de turnos seqüenciada e pela maneira tranqüila que os parceiros negociam um desfecho para a situação. Tais dados indicam que esses momentos de desacordo não ameaçam a base da relação de apego desta díade, demonstrando uma grande estabilidade da configuração atratora de uma relação de apego segura. No contexto de disciplina, a criança demonstra-se disponível para re-organizar o seu comportamento na direção do que é solicitado pela mãe, sugerindo que a criança também reconhece o papel de autoridade materna. Neste sentido, esta situação de disciplina também confirma esta qualidade da relação de apego e o senso de segurança co-construída pela díade e uma configuração atratora de uma relação de apego segura.

Ressaltamos ainda que essa dinâmica relacional evidencia que nesta díade a mãe atua, ao mesmo tempo, como uma fonte de cuidado e conforto, e também de suporte para as ações da criança. Este aspecto é evidenciado no episódio 1, ilustrativo do frame de cuidado com a criança, no qual a criança colocou-se em perigo, debruçando-se em direção ao chão para alcançar um saco que estava no chão e a

mãe, por sua vez, apoiou as costas da criança, tirando-a do perigo e dando suporte para que ela conseguisse alcançar o seu objetivo, que era pegar o saco do chão. Ao pegar o saco, mãe e criança se olham e a criança diz: **Ah, *consegui pegaaar***, demonstrando satisfação com a sua conquista. Sugerimos que, através das interações diádicas em tempo real (segundo a segundo), esta dinâmica de co-regulação favorece a manutenção de um sistema de apego no qual a criança percebe a si mesma como capaz e confiante em se lançar a um desafio, uma vez que sabe que sua figura materna irá lhe proteger e lhe dará suporte em tal desafio.

Além deste aspecto, podemos identificar também um alto nível de sincronia interacional e expressividade de emoções positivas nas interações desta díade. Defendemos que estas características relacionais também se apresentam como importantes elementos do sistema de apego desta díade e contribuem, mais uma vez, para a manutenção deste sistema de apego permeado pela confiança e respeito mútuo, no qual cada parceiro relacional pode sentir-se livre para contribuir para a co-criação da história.

Neste sentido, sugerimos que, ao longo de suas interações, tanto a mãe como a criança participa da contínua co-construção de um sistema de apego que favorece a confiança mútua entre eles, permitindo que o desacordo emerja sem gerar rivalidade ou uma atmosfera tensa de embate na relação. Ao invés disso, a díade alcança a convergência de seus pontos de vista de modo harmonioso, elaborando uma história que leva em consideração a contribuição de cada parceiro e a dinâmica relacional estabelecida entre eles. Cada situação negociada pela díade nesta dinâmica interacional favorece a co-construção de uma configuração atratora de confiança e respeito mútuo cada vez mais estável. Assim, faz-se importante ressaltar que o que

caracteriza a qualidade interacional da relação desta díade não é a presença ou ausência de conflito, mas a abertura para a negociação de seus diferentes pontos de vista e a consideração da posição adotada pelo outro.

De modo geral, as interações diádicas ocorrem de modo sincrônico e suave, e algumas características diádicas tornam-se recorrentes ao longo da interação, tais como: sensibilidade materna, expressão de emoções positivas, regulação afetiva entre os parceiros relacionais, contribuição ativa por parte da criança para o enredo da história e atmosfera de respeito e confiança mútua. Desta forma, estes diferentes elementos do sistema de apego desta díade se influenciam mutuamente em diferentes contextos, inclusive em situações de desacordo e disciplina. Em particular, observamos que tanto a mãe como a criança expressam emoções positivas e direcionam carinho ao outro, bem como prestam atenção no outro e são usualmente sensíveis ao que é dito pelo parceiro relacional.

Baseando-nos nas ilustrações acima, concluímos que a maneira como esta díade mãe-criança organiza suas interações favorece a co-construção de uma relação caracterizada por um senso de confiança mútua, permeada por um clima emocional positivo. Este senso de confiança mútua favorece a co-construção de uma relação na qual tanto a mãe como a criança apresenta posições específicas, e ao mesmo tempo complementares, permanecendo abertos para a emergência da novidade. Por um lado, a criança percebe sua mãe como promotora de conforto e da co-construção de um ambiente confiável, de modo a favorecer o desenvolvimento do seu comportamento exploratório e criativo. A mãe, por sua vez, concebe o seu filho como um parceiro competente e criativo, e o encoraja a explorar seu comportamento

exploratório, dando suporte e incorporando as contribuições da criança na co-construção das histórias.

5.2. DÍADE 2

De modo geral, foi observado que esta díade estabelece poucos momentos de longas troca de olhares e quando acontece o contato de olhar, este tende a ser breve e não acompanhado por outros elementos, tais como sorrisos e carinhos. Um dos parceiros logo desvia o olhar. Um outro importante elemento do sistema de apego desta díade refere-se à qualidade da troca de turnos entre os parceiros relacionais. Nesta díade, muitas vezes a troca de turnos de fala se apresenta confusa e sobreposta, sendo freqüentemente observado que tanto a mãe como a criança interrompe a fala do parceiro e/ou retiram objetos da mão do outro, o que evidencia certa desincronia entre os parceiros diádicos. Este aspecto é também evidenciado quando o parceiro, em várias situações, introduz uma novidade no contexto da brincadeira simbólica que não é percebido ou valorizado pelo outro. O episódio 19 – ilustrativo do *quase-frame* de cuidado (personagem), apresentado a seguir – ilustra bem este aspecto quando a criança pega o boneco do neném, emite sons de choro e diz: ***Eu caí***, e na sequência a mãe, segurando o boneco do avô, diz que vai tomar um cafezinho.

Um outro aspecto característico da díade 2 refere-se ao fluxo de co-construção das histórias. Por vezes, fica difícil compreender a sequência lógica subjacente à co-construção das histórias no contexto da brincadeira simbólica. Para algumas histórias são dados desfechos abruptos, sendo também freqüente encontrarmos histórias que não possuem um enredo completo, com início, meio e fim, sendo estas classificadas como *quase-frames* de apego, como ilustra a tabela 19

abaixo (ver também tabela 5, em anexo1, para descrição da frequência e percentual de ocorrência de todos os *quase-frames*).

Tabela 19. Frequência total e percentual de frequência dos *frames* de apego e *quase-frames* de apego, nas duas díades.

DÍADES	Díade 1	Díade 2
<i>FRAMES</i>	Freq. (%)	Freq. (%)
Total geral (Frame de apego)	88,98	67,89
Total geral (<i>Quase-frame</i> de apego)	11,02	<u>32,11</u>

Às vezes, a sequência lógica da história também fica confusa, quando, por exemplo, a personagem da mãe está viajando e, diante da necessidade de cuidado por parte da personagem do neném, (no episódio 13, ilustrativo do frame de cuidado - personagem), a criança decide inserir a personagem da mãe no enredo da história, pegando este boneco sem a introdução de qualquer contexto que subsidie esta decisão.

A seguir, assim como foi realizado com a díade 1, neste momento será apresentado um episódio ilustrativo de cada um dos *frames* de apego e dos *quase-frames* de apego da díade 2. Cada um destes episódios será brevemente comentado, incluindo a descrição do padrão de co-regulação presente em cada um deles. Em seguida, serão apresentadas algumas das características relacionais da díade 2, buscando discutir de que maneira tais características relacionais se co-regulam de modo a favorecer a co-construção/manutenção do sistema de apego desta díade.

5.2.1. Frames de Apego

Episódio 12. Frame de Cuidado (Criança)

Marcação temporal: Sessão 3 (0:14:22 – 0:14:29)

Duração: 7 seg.

Contexto: Criança está sentada no chão, ao lado da sua cama e segurando o boneco do neném com sua mão direita, apoiando este boneco em cima da cama. Mãe está ajoelhada ao lado da criança, com seu corpo inclinado para frente e segurando o travesseiro de brinquedo. Na frente da criança estão os bonecos dos avós e a criança está segurando o boneco do filho com a mão esquerda. Mãe e criança estão olhando para o boneco do neném segurado pela criança. Antes do início do frame ocorre o seguinte diálogo:



C: *Eu quero ir passear.* (Criança movimenta o boneco do neném que está segurando, olha para este boneco e em seguida olha para baixo, fazendo um bico com a boca, enchendo as bochechas de ar, como se estivesse chateado. Mãe continua olhando para o boneco do neném segurado pela criança e diz:)

M: *Mas não tá na hora de passear não, só depois.* (Enquanto a mãe está falando, criança volta a movimentar o boneco do neném para cima e para baixo. Mãe continua olhando para o boneco segurado pela criança. Logo depois que a mãe termina de falar, criança para de movimentar o boneco do neném, abaixa a cabeça e emite sons de choramingo).



Início do frame

Mãe aproxima-se ainda mais da criança e lhe dá um beijo no rosto. Neste momento a criança volta a movimentar o boneco do neném e afasta-se da mãe, inclinando seu corpo para mais próximo da cama e mais distante da mãe, que volta a sua posição inicial e sorri. Em seguida, a mãe diz:

M: Tu tá chorando é? (Enquanto a mãe fala, a criança continua de cabeça baixa e emitindo sons de choramingo. Enquanto fala, a mãe volta a se inclinar na direção da criança e dá um cheiro em sua perna enquanto a criança continua na mesma posição – inclinada na direção da cama).

C: Não, é o neném. (Neste momento, criança para de emitir sons de choramingo, levanta a cabeça, movimenta os dois bonecos que está segurando – o do neném com a mão direita e o do filho com a mão esquerda e esboça um sorriso. Mãe olha para a criança e em seguida afasta-se um pouco da criança, diminuindo a inclinação que havia feito na direção desta. Mãe pega o boneco do pai que estava no chão a sua frente. Criança continua movimentando o boneco do neném enquanto falam o seguinte:)

M: Há, é o neném é?

C: É. (Enquanto a criança está falando, a mãe pega o boneco do pai e diz:)

Fim do frame

M: Ta bom, então vamos passear, mas quando você e eu voltarmos da praça a gente vai dormir e você vai ficar sozinho no seu quarto, ta certo? (o início desta fala da mãe se sobrepõe à última fala da criança, sendo esta interrompida pela fala da mãe).

Este é o único episódio de cuidado com a criança identificado nas três sessões analisadas desta díade. Neste episódio podemos observar a co-construção de uma atmosfera de cuidado por parte da mãe, que demonstra atenção e carinho pela criança, explicitado no tom de voz carinhoso e nos momentos de beijo e cheiro que a mãe dá na criança. A criança, por sua vez, recebe o carinho da mãe, mas em um dado momento parece esquivar-se do beijo da mãe e emite sons de choramingo e desconforto.

Um aspecto interessante de ser destacado neste episódio refere-se ao mal entendido entre a mãe e a criança, quando a mãe pergunta se a criança está chorando.

Isto fica explícito quando a mãe pergunta: ***Tu tá chorando é?*** Neste momento, a criança dá a entender que estava com sua atenção voltada para a dimensão simbólica, quando, diante desta pergunta da mãe, muda seu tom de voz, para de emitir sons de choramingo, levanta a cabeça e responde: ***C: Não, é o neném.***

Durante o desenrolar do episódio podemos observar que cada parceiro organiza suas ações levando em consideração as ações do parceiro relacional, levando-nos a classificar este episódio como apresentando co-regulação do padrão *simétrico seqüencial (acordo)*. No entanto, vale ressaltar que em alguns momentos durante o episódio e claramente no turno que se seguiu ao fim do episódio, pôde ser observada sobreposição entre turnos de fala e a interrupção, por parte da mãe, do turno de fala da criança.

Episódio 13. Frame de Cuidado (Personagem)

Marcação temporal: Sessão 1 - 0:43:02 – 0:44:08

Duração: 66 seg.

Contexto: Mãe e criança estão sentadas no chão. Criança sentada de pernas cruzadas, em frente à pedra e segurando o boneco da avó com sua mão direita. Mãe sentada ao lado esquerdo da criança, segurando o boneco do avô que está com o boneco do neném “em suas costas”, embaixo de sua camisa. Eles estão brincando de mergulhar os bonecos na praia. Mãe balança o boneco do avô de costas, em cima da pedra de modo que o boneco do neném cai, em cima da pedra. Mãe diz:

M: *Eita, o neném caiu na pedra. E agora Deco?* (De imediato, a criança larga o boneco da avó que estava segurando e pega o boneco do menino que caiu no chão. Criança olha para este boneco com expressão de tristeza. Mãe olha para o boneco do avô. Mãe fecha a camisa do avô e o deixa deitado no chão).



Início do frame

C: Mamãe, mamãe, mamãe eu caí da pedra! (Criança vira-se de costas e pega o boneco da mãe, que está no carrinho no fundo do quarto. Vale ressaltar que no contexto da brincadeira as personagens do pai e da mãe haviam viajado e por isso estavam no carrinho, distante dos demais bonecos. Criança aproxima os dois bonecos – o da mãe e o do menino – e fala em tom de voz de choramingo. Mãe olha para a criança e diz:).



M: Foi mesmo neném? Aonde? (Mãe fala usando em tom de voz agudo, olhando para a criança, que olha para os bonecos da mãe e do menino).

C: Aqui. (Criança franze a testa e faz um bico com a boca, fazendo expressão de choro e aponta para a pedra, com a mão que está segurando o boneco da mãe. Criança olha para a mãe, que está olhando para o boneco do avô).

M: Na pedra. O que é que a gente vai fazer agora, neném? (Mãe fala em tom de voz agudo e carinhoso. Mãe olha para a criança, que está olhando para o boneco da mãe).

Note que a criança introduz uma sugestão para o enredo da história e esta é aceita pela mãe que continua incentivando, na forma de pergunta, a criança a definir o encaminhamento a ser dado quanto aos cuidados com a personagem do neném.

C: Tu pode ficar aqui mamãe? (Criança fala em um tom de voz carinhoso. Mãe olha para a criança, que aproxima os bonecos da avó e do menino entre si e continua olhando para estes bonecos).

M: Eu fico neném. Bora botar remedinho? (Mãe pega o boneco da mãe da mão da criança, que o solta, entregando-o à mãe. Criança também aproxima o boneco do menino da mãe, entregando-lhe também este boneco. Mãe larga o boneco da mãe no chão e pega o boneco do menino. Mãe fala em um tom de voz carinhoso).

Observe que neste momento, a mãe mais uma vez aceita a sugestão da criança e também sugere uma novidade para o enredo da história, novidade esta aceita pela criança. Tanto a mãe como a criança utiliza um tom de voz carinhoso.

C: Bora! (Criança olha para o lado e percebe que o boneco do pai caiu do carrinho, no momento em que a criança foi pegar o boneco da mãe. Criança volta sua atenção para esta direção, enquanto a mãe está atenta na atividade de colocar remédio no boneco do menino. No diálogo que segue, mãe e criança encontram-se engajados em atividades totalmente distintas).

M: Bora botar remedinho em neném, bora pegar aqui o remedinho.

C: Oxi, caiu o pai, ó.

M: Pronto neném, botou remedinho neném, pronto. Vai ficar bom já. (Mãe fala em tom de voz agudo, como se estivesse falando com o neném. Mãe pega o boneco da mãe e aproxima este boneco do boneco do menino, como se o colocasse no colo da mãe.).

Note como na troca de turnos acima mãe e criança estão com a atenção voltada para aspectos diferentes. A criança tenta introduzir algo novo, o que não é amplificado pela mãe, que continua com sua atenção voltada ao cuidado com a personagem do menino que se machucou.

C: Ó praí. (Criança refere-se ao boneco do pai, que caiu no chão. Criança olha para o boneco e depois olha para a mãe, que permanece olhando para o boneco do menino. Neste momento, criança volta sua atenção para o boneco do menino e diz:).

Note que a criança insiste em tentar chamar a atenção da mãe para o boneco do pai que caiu e a mãe novamente não presta atenção à sugestão da criança, mantendo sua atenção no cuidado à personagem do neném que caiu da pedra na brincadeira simbólica.

C: Dormir, dormir filho. (Criança pega o boneco do pai, o segura e fala olhando para o boneco do menino, que está no colo do boneco da mãe. Mãe olha e segura os bonecos da mãe e do menino).

M: Dorme neném. Quer mimi quer neném? (Mãe fala em tom de voz carinhoso, olhando para os bonecos que está segurando).

C: Quero. Tá doendo, aaa! (Criança emite sons de choro). **Dormir, bota pra dormir.** (Criança pega o boneco do menino do colo do boneco da mãe e o coloca deitado na caminha).

M: Bota na caminha dele mamãe, hahaha! (Mãe e criança falam ao mesmo tempo. Mãe fala em tom de voz carinhoso enquanto a criança uma um tom de voz de choramingo).

C: É aqui, ó. Que tá doendo aqui. (O boneco do menino estava deitado de costas, criança o coloca deitado de frente e aponta para o joelho deste boneco. Criança permanece segurando o boneco do pai. A mãe, que continua segurando o boneco da mãe, fala ao mesmo tempo que a criança enquanto se aproxima da caminha de brinquedo e começa a colocar o boneco da mãe sentada ao lado desta caminha).

Note que a criança retorna sua atenção ao tema do cuidado com o neném e novamente sugere a introdução de uma novidade, mostrando onde está doendo, que não é amplificada pela mãe. Neste momento, embora tanto a mãe como a criança estejam voltados para o cuidado com o neném, eles demonstram estar com atenção voltada para diferentes aspectos da brincadeira.

M: *Eu vou ficar aqui juntinho de tu, tá neném?* (Criança acompanha este movimento da mãe com o olhar e em seguida fala:)

C: *É pra viajar ela.* (Criança faz um bico com a boca e aponta para o boneco da mãe).

M: *Eu já cheguei de via... Ela já chegou de viagem Deco, ela vai ficar tomando conta do neném. O neném ficou dodói, não foi?* (Mãe termina de colocar o boneco da mãe sentado ao lado da caminha e olha para o outro lado. Criança olha para o boneco do pai, aproxima-o da caminha e também o coloca sentado do outro lado da caminha, e diz:)

C: *E o papai também.*

Note que mais uma vez, a criança tenta introduzir uma novidade ao enredo da história, mas mãe e criança estão com o foco de sua atenção para lugares diferentes.

M: *O neném ficou dodói, não foi Deco?* (Mãe parece não dar atenção ao que a criança diz, olha para o lado, depois para os bonecos).

C: *O papai também.*

Neste episódio observa-se que o cuidado com o personagem do menino foi realizado de modo atento e carinhoso, tanto pela mãe como pela criança. Para a realização dos cuidados com a personagem do menino que se machucou, a criança recorre à personagem da mãe, que no contexto da brincadeira simbólica estava viajando. Esta decisão da criança é amplificada pela mãe que segue nesta direção temática sugerida pela criança.

De modo geral, neste episódio pode ser identificada uma característica desta idade. No início do episódio a mãe incentiva a criança, na forma de perguntas, a decidir sobre o enredo a ser dado na brincadeira simbólica, dando espaço para que ela conduzisse o desenrolar da história. No entanto, ao longo do episódio a mãe parece passar a decidir a este respeito.

Assim, neste episódio pode ser observado tanto momentos nos quais se observa que cada um dos parceiros co-regula suas ações tomando por referência as

ações do outro (*co-regulação simétrico seqüencial – acordo*) como também momentos nos quais se pode observar que cada um dos parceiros tem a atenção voltada para diferentes aspectos. Por três momentos neste episódio pode ser observada também uma tentativa por parte da criança em introduzir algo no desenrolar da história, e esta sugestão da criança não é amplificada pela mãe, que não presta atenção ao que está sendo colocado pela criança. Estes momentos foram classificados como padrão de co-regulação *unilateral (initiating - C)*. Nestes momentos foi frequentemente identificado sobreposição de fala entre os parceiros. Foi também identificado um momento neste episódio onde apesar dos parceiros regularem suas ações tomando como referência as ações do parceiro, observa-se um desacordo entre eles. Mais especificamente, no momento em que a criança sugere que a personagem da mãe vai viajar e a mãe discorda desta sugestão temática da criança, e diz: ***Eu já cheguei de via... Ela já chegou de viagem Deco, ela vai ficar tomando conta do neném. O neném ficou dodói, não foi?***

Episódio 14. Frame de Cuidado (objeto)

Marcação temporal: Sessão 1 - 0:12:07– 0:12:17

Duração: 10 seg.

Contexto: Mãe e criança estão sentadas, um ao lado do outro, ambos apoiados na cama da criança. Mãe segurando o boneco da avó e criança segurando os bonecos do neném e do avô. No contexto da brincadeira simbólica, os bonecos estão na igreja, que é em cima da cama da criança. No chão, próximo à criança e entre a mãe e a criança, está a mesinha de brinquedo, com os copos e pratos de brinquedo em cima dela.



Início do frame

C: O prali. (Ao se movimentar para levantar-se, criança estica sua perna direita, que bate na mesinha de brinquedo, derrubando alguns copos de brinquedo no chão. De imediato, a criança olha nesta direção e aponta para a mesinha).

C: Bora colocar aqui, a mesa (Criança solta os bonecos que estava segurando e se volta na direção da mesinha e começa a pegar os copos que caíram no chão).

M: Deixa a mesa aí, depois mainha arruma, bora. (Mãe olha nesta direção, toca rapidamente nos objetos em cima da mesa e continua segurando o boneco da avó com sua mão direita. Mãe retorna sua atenção para os bonecos em cima da cama. Criança continua olhando e mexendo nos objetos que estavam em cima da mesinha e só olha novamente na direção dos bonecos em cima da cama quando a mãe conclui a seguinte frase:)

M: Cadê o padre? Bora pra missa. Chegou na missa. Vovô ta com o neném, ó.

Neste episódio observamos que o cuidado com o objeto foi introduzido e realizado pela criança. No entanto, embora o cuidado com o objeto tenha sido iniciado pela criança, esta desvia sua atenção do cuidado quando a mãe chama sua atenção para os personagens dos avós que, no contexto da brincadeira simbólica, estão na igreja com o neném.

No que se refere à co-regulação, este episódio foi classificado como constituído por dois padrões. Inicialmente *simétrico seqüencial (acordo)*, uma vez que a criança chama a atenção da mãe para a mesinha de brinquedo e esta interrompe o que estava fazendo para olhar nesta direção. Em seguida, observa-se também um momento no qual a criança e a mãe estão com atenção voltada para diferentes aspectos e a mãe tenta engajar a criança na brincadeira simbólica, tentando introduzir o tema do passeio do neném com os avós na igreja. Este momento foi classificado como *unilateral (initiating – M)*.

Episódio 15. Frame de Separação (M-C)

Marcação temporal: Sessão 3 - 0:00:03 – 0:00:08

Duração: 5 seg.

Contexto: Mãe e criança estão sentadas no chão, estando a criança de costas para a câmera e a mãe um pouco à frente da criança e no seu lado esquerdo e de lado para a câmera. Mãe está terminando de prender o cabelo e criança tirando os brinquedos do saco onde ficam guardados.

***Início do frame***

Criança emite sons de choramingo, levanta-se e sai correndo do quarto. Quando a criança sai do quarto, mãe começa a se levantar e grita:

M: Veeem rapaz, vovó foi comprar mais bomboooooom. (Mãe sai do quarto. Criança choraminga).

Este episódio apresenta-se ilustrativo da maneira como esta díade lida com os *frames* de separação entre mãe e criança. Enquanto a criança demonstra interesse em sair do quarto, a mãe busca evitar este afastamento, tentando interrompê-lo. Neste contexto, a dinâmica de co-regulação características deste episódio foi *interrupção (M)*, onde mãe e criança não têm atenção conjunta e a mãe tenta interromper este afastamento. É interessante notar que ocorre um movimento oposto nos episódios ilustrativos do frame de separação mãe-criança (episódio 15) e no episódio 16 de separação entre os personagens. No episódio 15, acima descrito, é observado um movimento da criança de separação enquanto a mãe busca evitar tal movimento. Na

separação entre os personagens no contexto da brincadeira simbólica, descrito a seguir episódio 16, é identificado justamente o oposto. A mãe introduz e insiste no tema da viagem dos pais, que demandará uma separação entre estes e a personagem do filho, e a criança, por sua vez, tenta evitar esta separação, tal como pode ser visto a seguir.

Episódio 16. Frame de Separação (Personagem)

Marcação temporal: Sessão 1 – 0:34:01 – 0:36:12

Duração: 131 seg.

Contexto: Mãe e criança estão sentadas no chão, um de frente para o outro. Mãe está encostada na cama da criança e esta está sentada em sua frente. Mãe está segurando o boneco do neném, arrumando sua bermuda que a criança havia tirado e criança está segurando o boneco da mãe.

Início do frame

M: Pronto neném. Neném, tu vai ficar com vovô e vovó, tá certo? (Mãe entrega o boneco do menino para a criança e pega o boneco do pai da mão da criança. Criança emite sons de choramingo, faz uma expressão de choro, e fica fazendo bruscos movimentos com o boneco do neném, pra cima e pra baixo, batendo-o no chão).



M: E painho e mainha vai ali comprar muito brinquedo, e amanhã a gente vem, tá certo? Tu vai dormir com vovó e vovô, na caminha com vovó e vovô, tá certo? (Mãe fala olhando e movimentando os bonecos dos pais. Criança pára de balançar o boneco do menino e olha, com uma expressão de seriedade, para os bonecos dos pais e por duas vezes olha rapidamente para o boneco do neném que está segurando).

C: *E mãe fica aqui dor..., a filha fica aqui..., olha a cama da filha.* (Criança pega o boneco da menina, que está no chão, e o coloca deitado em cima de uma tampa de caixa, que está ao seu lado. Mãe e criança olham para este boneco e para a tampa apontada pela criança. Mãe continua segurando os bonecos dos pais, e a criança o boneco do menino).

M: *Eita, cama bonita. Bora?*

M: *Tá bom neném? Boa noite, tá? Tu fica com vovó?* (Mãe aproxima os bonecos dos pais da criança, que olha para eles e diz:).

C: *Tá bom.* (Criança fala em tom de voz triste).

M: *Ta?* (Mãe fala ao mesmo tempo da criança, que olha para os bonecos dos pais segurados pela mãe)

C: *Fico.* (Mãe olha para a criança, que olha para o boneco do menino).

M: *Tu não chora não?* (Mãe olha para a criança que olha, ora para o boneco da mãe, ora para o boneco do menino)

C: *Choro não.* (Criança vira-se de costas para a mãe. Mãe permanece segurando os bonecos dos pais na frente da criança)

M: *Tá certo. Então a gente vai. Tá certo? Tchau. Vai dormir na cama de vovó, cadê a cama? Bota a cama pra cá, juntinho da do neném, da tua irmãzinha, pra ela não chorar.* (Criança vira-se de costas para a mãe e pega a cama de brinquedo, trazendo-a para perto da mãe. Criança demonstra dificuldade nesta tarefa, mãe não percebe e pega um carrinho)

C: *Ó praqui.* (Criança, de costas para a mãe e tentando trazer a caminha de brinquedo para perto da mãe, enquanto isso, mãe diz:)

Note que a criança tenta introduzir algo que não é percebido ou amplificado pela mãe, que continua com seu foco de atenção na temática principal da brincadeira simbólica – “a viagem dos pais”.

M: *Tchau Deco, tchau neném, daqui a pouco a gente vem, tá certo? Amanhã.* (Mãe pega o carrinho e coloca os bonecos dos pais em cima. Criança está arrumando o lençol na caminha de brinquedo).

C: *Deixa eu arrumar aqui.* (Criança retira o colchãozinho da caminha e depois coloca-o, cobrindo-o com um lençolzinho. Mãe e criança falam ao mesmo tempo).

Note que mãe e criança estão com atenção voltada para diferentes aspectos da brincadeira simbólica. Mãe está atenta aos bonecos dos pais, colocando-os no carrinho de brinquedo enquanto a criança está atenta à caminha de brinquedo, arrumando-a.

M: *Amanhã a gente volta, tá certo neném? Tá neném?* (Mãe coloca o carro, com os bonecos dos pais dentro, de frente para a criança. Criança olha para os bonecos e fala em tom de choro).

C: (sons de choro) *Vai viajar, é? É?* (Criança fala em tom de choro, olhando para os lados, como se estivesse procurando algo).

Neste momento, a criança demonstra voltar sua atenção para o tema da viagem dos pais e emite sons de choro.

M: *Vou. Tá neném? Beijo, tchau.* (Mãe começa a andar com o carrinho. Criança pega o boneco do menino que estava no chão e intercepta o carrinho, colocando este boneco na frente do carro e dizendo em tom de choro:)

C: *Vai... vai viajar é?* (Criança fala segurando o boneco do neném na frente do boneco dos pais. Mãe aproxima o boneco do pai do boneco do neném segurado pela criança e faz um barulho de um beijo).

M: *Vou. Amanhã a gente vem, tá? Tu vai ficar com vovó e vovô, tá bom?*

Breve pausa

C: *Toma o cafééééé!!!* (Criança franze a testa, e contrai os músculos do rosto e novamente aproxima e afasta o boneco do neném do boneco do pai, segurado pela mãe).

M: *Eu já tomei, neném. Tu não vai chorar não?* (Mãe faz leves movimentos com os bonecos dos pais. Neste momento, criança novamente aproxima o boneco do neném do boneco do pai e interrompe a fala da mãe, dizendo:)

C: *Então, então, então... come o almoço!!!!* (Criança interrompe a fala da mãe e fala aproximando e afastando o boneco do menino dos bonecos dos pais. Criança uma um tom de voz de choramingo e faz um bico com a boca).

M: *Tu não vai chorar não?*

C: *Come almoço mãe... éééé, painhoouu.* (Mais uma vez, a fala da criança interrompe a fala da mãe, e aproxima o boneco do neném do boneco do pai. Mãe e criança olham para os bonecos dos pais e do neném).

Note que a criança parece estar usando algumas estratégias para evitar a partida dos personagens dos pais e a mãe não co-regula suas ações levando em consideração esta solicitação da criança.

M: *Eu já almocei neném, oxe, eu já almocei, tomei café e tudo. Amanhã a gente volta tá?* (Mãe olha para os bonecos, fazendo leves movimentos com eles. Criança olha para o boneco do menino, que ele está segurando).

C: *Almoçou não.* (Mais uma vez a criança fala ao mesmo tempo que a mãe, tentando interromper a sua fala e aproxima e afasta o boneco do neném do boneco da mãe)

C: *Vai, vai, a mãe, a mãe fica fazendo o almoço do filho.* (Criança uma um tom de voz imperativo e estica o seu braço na direção dos bonecos e pega o boneco da mãe, tomando-o da mão da mãe e trazendo para junto de si. Mãe estica seu braço esquerdo na direção da criança, que afasta ainda mais o boneco da mãe, que se estica mais e toma o boneco da mãe da mão da criança e, interrompendo-a enquanto diz:).

M: *Não. Quem vai fazer o almoço é a vovó. Eu não quero não. Eu vou passear e comprar um monte de presente para tu, ta neném?* (Criança faz expressão de tristeza e olha para baixo. Mãe coloca o boneco da mãe novamente no carro, junto do boneco do pai. Criança observa atentamente).

Criança parece perceber que nada que ela fizer irá demover a mãe da temática por ela decidida para a história decidindo então seguir na direção temática sugerida pela mãe.

C: *Não, quero não. Eu quero ... é... uma escada bem pequeninha, como essa daqui ó, pra eu subir, subir, subir.* (Mãe olha para a criança, que fala segurando o boneco do menino e olhando, ora para os lados, ora para o boneco do menino). Mãe interrompe a criança e diz: ***Tá bom, eu vou comprar uma escadinha de brinquedo pra você, tá neném?!*** (Mãe e criança falam ao mesmo tempo, mãe olhando para os bonecos dos pais e criança olhando para o boneco do neném).

Mais uma vez, mãe e criança parecem estar com diferentes focos de atenção, como se cada um estivesse na sua própria história.

M: *Eu vou embora, tchau neném, Tchaaaau, tchaaaau nenéem, até amanhã.* (Mãe fala movimentando o carrinho, fazendo-o se afastar da criança, criança volta a olhar para os bonecos no carrinho e que faz um movimento de aproximação do boneco do neném, fazendo como se ele estivesse seguindo o carrinho e dando beijos nos pais).

Tal como ilustrado em outros episódios, neste também pode ser observado que a criança toma a iniciativa para introduzir novidades no enredo da história, no

entanto, muitas vezes a mãe não co-regula suas ações tomando por base a sugestão dada pela criança, sendo a mãe quem decide sobre o caminho a ser dado ao enredo da história. Neste contexto, depois de tentar por algumas vezes introduzir uma diferente direção temática ao enredo da história na brincadeira, a criança termina concordando com a mãe e seguindo no caminho temático proposto por ela.

No episódio ilustrativo do frame de afastamento dos personagens acima descrito, por exemplo, a criança termina por aceitar o afastamento dos pais, dizendo que fica com os avós, enquanto os pais vão viajar. No entanto, ainda em um outro momento deste mesmo episódio, a criança sugere que a personagem da mãe vá fazer o almoço e a mãe, por sua vez, afirma que não, que quem vai fazer o almoço é a personagem da avó. Aqui, parece evidente que a criança apresenta estratégias para evitar ou adiar o afastamento dos pais no contexto da brincadeira simbólica, e tais sugestões não são amplificadas pela mãe, que se mantém firme em sua sugestão temática para o enredo da história. Situações semelhantes podem ser observadas em outros momentos das interações desta díade, em particular nos *frames* de separação (personagens). Vale ressaltar ainda ser constante ao longo do episódio momentos nos quais um dos parceiros interrompe o turno de fala do outro, assim como é frequentemente observado sobreposição de turnos entre eles.

No que se refere ao processo de co-regulação, neste episódio foram classificados vários padrões de co-regulação, mais precisamente sete diferentes momentos de co-regulação. A díade transita entre momentos de troca *simétrica* (*acordo e desacordo*) e *assimétrica* (*C observa*) - quando estão com a atenção conjunta para a temática do afastamento. Foram também identificados momentos nos quais a criança desvia sua atenção deste tema, sendo tais momentos classificados

como *unilateral (não engajado – C)*. Este grande número de padrões de co-regulação em um mesmo episódio parece demonstrar uma não sintonia entre os parceiros no que se refere ao desfecho a ser dado à história na brincadeira simbólica. Mãe e criança demonstram ter diferentes sugestões para este enredo e utilizam diferentes estratégias para manter as suas sugestões. Vale ressaltar que antes deste episódio do frame de separação (personagens) ocorrem quatro episódios do *quase-frames* de separação (personagem), nos quais a mãe tenta introduzir a separação dos personagens, mas a criança termina interrompendo esta temática sugerida pela mãe. Um destes está transcrito no episódio 21, na sessão de *quase-frames* de apego da díade 2, neste capítulo.

Episódio 17. Frame de Reencontro (M-C)

Marcação temporal: Sessão 3 – 0:29:55 – 0:30:01

Duração: 6 seg.

Contexto: Logo depois do episódio ilustrativo do *quase-frame* de reencontro (personagem) (episódio 22), a criança levanta-se e sai do quarto e mãe diz: **Vem, vem, vem, vem. Pode nãããã, veem. Vêem.** Mãe está sentada no chão, encostada na cama da criança e segurando os bonecos dos avós, um em cada mão. Criança está fora do quarto.



Início do frame

M: Fica aqui com ele. (Criança volta ao quarto e pára na porta. Quando a mãe fala a criança começa a andar em sua direção e se acocora no chão, na frente da mãe, que continua segurando os bonecos dos avós, enquanto a criança pega o boneco do neném e um martelinho de brinquedo, fazendo o neném ficar em cima do martelo como se fosse um cavalo, enquanto isso, alguém fora do quarto fala com a mãe, que dirige a sua atenção nesta direção).

Note que depois que a criança volta para o quarto, mãe e criança estão com a atenção voltada para pontos diferentes. Assim, é interessante destacar neste episódio que diante do chamado da mãe, a criança retorna ao quarto, no entanto, os parceiros se engajam em diferentes atividades. No que se refere ao padrão de co-regulação, este episódio foi classificado como *simétrico seqüencial (acordo)*, uma vez que a criança retorna ao quarto diante do chamado da mãe, embora depois da criança voltar ao quarto cada um dos parceiros tenha sua atenção voltada para diferentes aspectos da brincadeira simbólica.

Episódio 18. Frame de Reencontro (personagem)

Marcação temporal: Sessão 1 – 0:10:39 – 0:10:49

Duração: 10 seg.

Contexto: Criança está sentada na cama, segurando o boneco do avô e de frente para a mãe, que está ajoelhada no chão, de frente para a criança e segurando a boneca da avó com sua mão direita e a boneca da mãe com sua mão esquerda. No contexto da brincadeira simbólica, a personagem da avó está chegando na casa da personagem da mãe.



Início do frame

M: Ah mamãe, bom dia mamãe. (Mãe movimenta o boneco da mãe em direção à boneca da avó, olhando para estes bonecos. Quando a mãe começa a falar, a criança acocora-se próximo da mãe e aproxima o boneco do avô dos bonecos da avó e da mãe, dizendo:)

C: Booomm diiaaia, eu sou o vovô. (Criança fala em um tom de voz muito alto, quase gritando e coloca o boneco do avô próximo ao boneco da mãe segurado pela mãe, que aproxima ainda mais o boneco da mãe do boneco do avô fazendo como se eles estivessem se abraçando. Mãe e criança esboçam um sorriso e olham para estes bonecos).

M: Bom dia. (Mãe emite um som de beijo. Mãe e criança olham para os bonecos da mãe e do avô, em seguida, criança também emite um som de um beijo e responde:)

C: Bom dia. (Enquanto a criança fala e solta o beijo, mãe a interrompe e afasta um pouco o boneco da mãe do boneco do avô e explica:)

Depois do frame

M: Papai, olha, papai dele, esse é papai dele, dessa daqui, agora é vovô do neném ele. Ele e essa é vovô do neném, ta certo? (Criança ainda está aproximando o boneco do avô do boneco da mãe e soltando um beijo. Neste momento, mãe afasta um pouco o boneco da mãe, inclina-se na direção da criança, que se afasta um pouco e olha para o boneco do avô. Em seguida, mãe aproxima o boneco da avó do boneco do avô segurado pela criança, que olha para estes bonecos).

C: Eu sei. (Criança levanta-se, afastando-se da mãe e aproximando-se do boneco do neném que está deitado na caminha de brinquedo).

Como é característico nesta díade, neste episódio também pode ser observado um certo direcionamento por parte da mãe do enredo da história. É a mãe quem introduz a chegada da personagem da avó na casa da mãe. De imediato esta proposta temática é aceita pela criança, que introduz a personagem do avô ao tema do reencontro, co-regulando suas ações tomando por referência as ações da mãe, o que caracterizou a co-regulação deste episódio como do padrão *simétrico seqüencial (acordo)*.

Podemos observar neste episódio que tanto a mãe como a criança usa um tom de voz de alegria. Pode ser identificado a co-construção de um clima emocional prazeroso de acolhimento das personagens dos avós que chegam na casa da personagem da mãe. No entanto, este momento de acolhimento da chegada das personagens dos avós na brincadeira simbólica é interrompido pela mãe para explicar à criança a relação de parentesco entre os membros da família. Esta quebra se dá de forma abrupta e conduz a díade para o final do frame de reencontro (personagens).

5.2.2. Quase-Frames de Apego

Ressaltamos que na díade 2, em nenhuma das três sessões analisadas foi identificado um episódio dos seguintes *quase-frames* de apego: Cuidado (criança) e Reencontro (M-C). A seguir, serão apresentadas ilustrações dos demais *quase-frames* de apego.

Episódio 19. Quase-Frame de Cuidado (personagem)

Marcação temporal: Sessão 1 - 0:26:12 – 0:26:33

Duração: 21 seg.

Contexto: Mãe e criança estão sentadas no chão, com a mesinha e os bonecos no chão, entre eles. Criança está segurando os bonecos do menino e da avó. Mãe sentada na frente da criança, olhando para uma almofada que está à sua frente.

Introdução do frame

C: Mamãe, mamãe, henhenhen (Criança olha para os bonecos da avó e do menino que está segurando e fala como se estivesse chorando. M olha para a almofada que estava ajeitando e depois olha para a criança).

M: O que foi neném? (Mãe olha para a criança, que continua emitindo sons de choro, solta o boneco da avó e pega o boneco da mãe que está no chão, ao seu lado).

C: Caí, henhenhen (choramingos), caí henhenhen (choramingos) (Criança continua emitindo sons de choro e olhando para os bonecos do menino e da mãe. Criança parece falar como se fosse o boneco do menino. Mãe olha para a criança e depois olha para o boneco da avó que está no chão e o pega).

Dissipação do frame

M: Bora neném, vovô vai tomar um cafezinho muito gostoso agora (Criança continua emitindo sons de choro e olhando para o boneco do menino, que está segurando. Mãe coloca o boneco da avó em pé, ao lado do boneco do avô, que está sentado à mesa).

M: Tem café pra mim? (Criança larga o boneco do menino e olha na direção da mesa, onde estão os bonecos dos avós).

C: Tem, ó aqui. (Mãe e criança olham para os pratinhos e copinhos que estão em cima da mesinha. Criança aponta para um dos copinhos).

Neste episódio fica claro que a criança introduz na brincadeira simbólica a queda da personagem do neném, emitindo, inclusive, sons de choramingo. Vale ressaltar que em um momento inicial a mãe presta atenção à criança quando responde: **O que foi neném?** No entanto, logo em seguida a mãe desvia sua atenção deste tema introduzido pela criança e introduz um novo tema para a brincadeira (**o avô vai tomar um cafezinho**). Neste momento a criança ainda continua emitindo sons de choro segurando o boneco do menino, mas em seguida desvia sua atenção para o que está sendo proposto pela mãe, favorecendo a dissipação do frame de cuidado (personagem), tornando este episódio um *quase-frame* de cuidado (personagem).

Tal como colocado em momentos anteriores, este episódio ratifica a característica desta díade do que estamos chamando “centrada na mãe”. Ou seja, neste episódio fica mais uma vez evidente que a mãe parece direcionar tanto o enredo que será dado às histórias na brincadeira simbólica, como também o tema a ser

focalizado por eles. Este episódio ilustra também uma insensibilidade dos personagens cuidadores do menino no contexto da brincadeira simbólica, uma vez que não percebeu a necessidade deste de cuidado e atenção por ter se machucado.

No que se refere aos padrões de co-regulação, este episódio foi classificado como *unilateral (initiating – C)*, uma vez que fica evidenciado que mãe e criança têm sua atenção voltada para diferentes aspectos da brincadeira simbólica, e que é a criança que tenta introduzir o tema específico de cuidado com o personagem.

Episódio 20. Quase-Frame de Cuidado (objeto)

Marcação temporal: Sessão 1 - 0:12:50 – 0:12:54

Duração: 4 seg.

Contexto: Mãe e criança estão sentadas no chão, encostados na cama, de frente para esta. Em cima da cama estão os bonecos dos avós e do neném que no contexto da brincadeira simbólica tinham ido para a igreja. No chão, próximo à mãe e à criança está a mesinha de brinquedo com os pratinhos e copinhos de brinquedo em cima dela.

Introdução do frame

Ao tentar se levantar, a criança bate com o pé direito na mesa, derrubando alguns pratinhos e copinhos. Criança estava falando algo e interrompe sua fala quando bate com seu pé na mesinha. Criança olha para a mesa e pega um dos pratinhos que caiu no chão. Mãe olha na direção da mesa e em seguida volta sua atenção para os bonecos dos avós que estão em cima da cama e diz:

Dissipação do frame

M: Bora rezar. Tu sabe rezar neném? (Criança, que estava olhando na direção da mesinha, olha para a mãe e em seguida para os bonecos que estão em cima da cama).

C: Sabo.

Semelhante ao que é observado no episódio anterior, neste episódio novamente a criança tenta introduzir algo que não é amplificado pela mãe, conduzindo, desta forma, o episódio para um *quase-frame*. Neste caso, a criança bate com seu pé na mesinha de brinquedo e faz menção de organizar os objetos que

caíram no chão. Neste momento, a mãe chama a atenção da criança para o tema da brincadeira simbólica na qual eles estavam engajados e a criança volta sua atenção nesta direção. No que se refere ao padrão de co-regulação, este episódio também foi classificado como *unilateral (initiating – C)*, uma vez que a criança dá indícios de realizar o cuidado com os objetos, introduzindo este aspecto à relação, mas a mãe não amplifica esta sugestão da criança.

Episódios 21 e 22. Quase-Frame de Separação (M-C)

Marcação temporal: Sessão 1 - 0:36:52 – 0:37:12 e 0:37:18 – 0:37:37

Duração: 20 seg. e 19 seg.

Contexto: Mãe e criança estão sentados no chão, um de frente para o outro. Mãe encostada na cama. Mãe e criança estão engajados em uma atividade de arrumar a caminha de brinquedo. Tem um gato miando do lado de fora da casa e uma pessoa grita: “**Passa, passa!!!**” Serão apresentados dois episódios subsequentes, com apenas 5 segundos de interrupção, do *quase-frame* de separação (M-C).

Introdução do frame – episódio 21

Após este grito, criança olha na direção do som e levanta-se. Mãe de imediato segura o braço da criança, olha também na direção do som e diz:

M: Psiiiu!!

M: Vem cá, olha, vem ver aqui, vem ver o bichinho, senta aqui. (Mãe olha para a criança e segura o seu braço, balançando o boneco do avô. Criança acocora-se e continua olhando para fora do quarto - direção de onde vem o som).

Dissipação do frame

M: Tem um bicho lá fora pra gente matar, visse neném? (Mãe aproxima o boneco do avô da criança. Mãe e criança olham para o boneco do avô e em seguida mãe olha para a criança, que olha para o chão).

C: Eu vou ver o gato (Mãe continua segurando o boneco do avô na frente da criança com sua mão direita e o braço da criança com sua mão esquerda, criança se levanta mais uma vez. Mãe continua segurando a criança pela mão. M interrompe a criança e diz:)

M: Olha, olha o gato ali, olha, correu, vem ver Deco, vem ver, vem ver, vem ver. (Mãe e criança se olham rapidamente. Mãe puxa a criança para perto de si. Criança dá um passo largo para não pisar nos brinquedos que estão à sua frente. Criança continua olhando para fora do quarto, com cara emburrada).

M: Senta aqui pra gente contar uma historinha pro neném, pro neném dormir com a vovó dele, ta certo? Ele ta chorando. (Quando criança se aproxima da mãe, esta o coloca sentada em seu colo e o segura. Mãe pega o boneco do neném e o entrega à criança, que o segura. Criança continua olhando para fora do quarto).

Neste momento é observado um intervalo de 5 segundos, o que caracteriza a quebra do frame. Na seqüência, a criança volta a introduzir sua vontade de sair do quarto para ver o gato, dando início, desta forma, a mais um frame de separação (M-C). No entanto, mais uma vez a mãe não permite que a criança saia do quarto e chama a atenção da criança para a brincadeira simbólica, caracterizando assim o *quase-frame*, pois a separação entre a mãe e a criança não é efetivada.

Introdução do frame – episódio 22

C: Deixa eu veeeerr. (Criança tenta levantar-se do colo da mãe, que não deixa, puxando-o novamente para o seu colo. Mãe e criança olham para fora do quarto, onde está o irmão da criança. Mãe segura a criança sentada em seu colo, criança choraminga e, tentando se soltar dos braços da mãe, diz:) **Sai. Para.**

Irmão: Ele ta novinho. Vem ver.

M: Cala a boca Rafael, pode não. (Mãe fala sussurrando, e segurando a criança em seu colo com seu braço esquerdo).

C: Deixa eu ver. (Criança usa um tom de voz de raiva e fala enquanto faz esforço para se soltar dos braços da mãe e levantar-se. Mãe continua segurando a criança em seu colo. Mãe e C olham para fora do quarto).

M: É o passarinho que ta lá fora. Fecha a porta Rafael, pra ele não entrar. (Criança consegue se levantar do colo da mãe. Mãe, com suas duas mãos, coloca a criança sentada em seu colo novamente. Mãe olha para a criança, que continua olhando para fora do quarto).

Irmão: É um gato.

Dissipação do frame

M: Olha, o neném vai chegar aqui, ó. (Mãe aproxima os bonecos da avó e do neném da criança, que olha para o boneco). **O neném ta chorando Deco, porque a vovó, mainha dele foi embora, bora.** (Criança emite sons de choramingo, olha para o boneco da avó e em seguida pega o boneco da mãe – que, de acordo com a brincadeira anterior, estava viajando). **M: Bora dormir na caminha de neném? Daqui a pouco mainha chega, né? Daqui a pouco mainha chega** (Criança interrompe a mãe e diz: **C: O neném vai chorar**). (Criança aproxima o boneco da mãe da caminha de brinquedo e depois o coloca de volta no caminhão – de onde havia pego o boneco. Criança fala como se estivesse chorando).

Nos episódios ilustrativos dos *quase-frames* de separação (M-C) e (personagens) observe que os papéis adotados pela mãe e pela criança parecem se inverter. Enquanto no episódio ilustrativo da separação (personagens) – ver episódio 23 abaixo – a mãe introduz o tema do afastamento entre as personagens e a criança demonstra desconforto com este tema e apresenta estratégias para evitá-lo. Em ambos os episódios ilustrativos do frame de separação (M-C) acima apresentados é a criança quem introduz o frame explicitando querer sair do quarto e a mãe busca estratégias para evitar que a criança saia. A mãe tenta chamar a atenção da criança para a brincadeira simbólica, introduzindo a temática da chegada do bicho no contexto da brincadeira simbólica. A criança, por sua vez, é enfática sobre a sua vontade de sair do quarto para ir ver o gato que está miando. Isto fica explícito tanto no discurso da criança, como também em suas expressões emocionais e em seu tom de voz de irritação diante do impedimento da mãe, que em um determinado momento do frame, segura a criança em seu colo, impedindo-a de levantar.

Como é característico nesta díade, este episódio também se apresenta como ilustrativo do que estamos chamando de relação “direcionada na mãe”. Ou seja, também neste episódio, parece ser a mãe quem decide o direcionamento dado à interação. Embora demonstre discordar da mãe em um momento inicial, a criança termina por “ceder” e seguir na direção apontada pela mãe na co-construção do enredo da história e da própria interação diádica.

Nestes episódios ilustrativos, foram classificados dois momentos de co-regulação *interrupção (M)*, nos quais os parceiros não têm atenção conjunta e a mãe de fato interrompe o movimento da criança de sair do quarto. Foi também classificado um momento de co-regulação do tipo *unilateral (initiating – M)*. Neste

momento, mãe e criança estão com atenção voltada para diferentes aspectos e a mãe tenta chamar a atenção da criança para a brincadeira simbólica. No entanto, a criança continua olhando para fora do quarto e explicitando a sua vontade de ir ver o gato.

Episódio 23. Quase-Frame de Separação (personagem)

Marcação temporal: Sessão 1 - 0:33:01 – 0:33:43

Duração: 42 seg.

Contexto: Mãe e criança sentados no chão, um de frente para o outro. Mãe encostada na cama da criança, segurando os bonecos do pai da avó encostados em seu colo. Os bonecos da mãe, do avô e da menina estão deitados no chão.

Introdução do frame

M: Vovó e Vovô vai passear, sabe pra onde? (Mãe e criança olham para os bonecos e mãe segura os bonecos da avó e do pai)

C: Vão não. Vai pra... (Criança balança a cabeça negativamente em movimentos bruscos e olha para os lados, como se estivesse pensando. Mãe olha brevemente para a criança)

M: Pra onde? (Mãe olha para a criança, que está olhando para trás de si).

C: Vai... vai... dormir. (Criança olha para os lados, como se estivesse procurando algo. Mãe segura o boneco da avó e pega o boneco do avô, que estava no chão, ao seu lado. Criança olha para este último boneco)

Note que a mãe introduz o tema da separação e criança resiste a entrada deste tema. Criança propõe um tema alternativo ao que a mãe sugere (“todos vão dormir”) e a mãe ignora a sugestão da criança.

M: Vovó e vovô vai ficar com o neném. (Mãe fala olhando e segurando os bonecos do pai e da mãe. Quando a mãe fala ‘neném’, criança estica-se na direção deste boneco e pega o boneco do menino, que estava próximo ao boneco do avô. Mãe encosta o boneco do avô na cama. Criança emite sons de choro)

M: E o pai, a mamãe dele vai passear, vai viajar lá longe. (Criança novamente começa a emitir sons de choro e puxa o boneco do pai da mão da mãe, que não solta o boneco. Criança faz uma expressão de choro e de sofrimento. Mãe olha para o boneco do pai e criança para o boneco do menino).

M: Daqui a pouco, amanhã vem, tá certo neném? (Mãe aproxima o boneco da mãe do boneco do pai, olhando para estes. Criança olha para o boneco do menino e continua a emitir sons, como se o menino estivesse chorando).

M: Olha neném, a gente vai ali e daqui a pouco a gente vem, visse? (Mãe fala olhando para os bonecos dos pais que está segurando, e em rápidos relances olha para a criança. Criança, com expressão de tristeza, olha para o boneco do menino)

C: Nãaaaaooo! Fica aqui!!! (Criança fala como se estivesse chorando, faz uma expressão de choro, e fica fazendo bruscos movimentos com o boneco do menino, pra cima e pra baixo, batendo-o no chão. Enquanto faz estes movimentos, criança continua a emitir sons de choro).

Note que a criança está tentando evitar o afastamento do personagem dos pais, sugerindo um desenrolar diferente para o enredo da história, o que não é aceito pela mãe, que mantém a sua proposta.

M: Mainha e painho vai viajar pra comprar muito brinquedo pra tu, tá certo? (Mãe fala movimentando os bonecos dos pais e olhando para a criança. Criança olha para o boneco do menino e faz uma expressão de tristeza).

C: Ó pra aqui mamãe.

Dissipação do frame

M: O que foi neném?

C: Ó pra aqui.

M: O que foi?

C: Ó pra aqui. (Durante este diálogo, criança olha para o boneco do menino e tira a sua roupa. Mãe olha para o boneco apontado pela criança).

M: Ele tá com a bundinha de fora, é neném? Bora ajeitar neném. (Criança aproxima o boneco do menino, que está sem roupa, da mãe, que olha para este boneco, vestindo-o. Breve pausa – Mãe solta os bonecos do pai e da mãe e segura o boneco do menino, vestindo-o. Enquanto isso, criança olha ora para o boneco, ora para os lados. Criança pega o boneco do pai que a mãe soltou, deixando-o no chão).

Neste episódio podemos observar um típico *quase-frame* de separação desta díade. Como é característico nesta díade, diante do tema da separação entre os personagens a criança fala em tom de choramingo e apresenta sugestões para a mãe com o objetivo de adiar ou evitar tal separação. Tais sugestões geralmente não são amplificadas pela mãe, que se mantém firme no enredo que ela decide para a história. Especificamente neste episódio, podemos observar que a mãe introduz o tema da separação e, de imediato, a criança explicita a sua discordância sobre a introdução

deste tema. Isto pode ser observado logo no início do episódio quando a mãe diz: **Vovó e Vovô vai passear, sabe pra onde?** e a criança, por sua vez, coloca: **Vão não. Vai pra... dormir.** Neste momento, a criança sugere uma nova direção para o enredo da história, mas esta sugestão é ignorada pela mãe, que mantém o tema da viagem das personagens dos pais. Depois de novamente explicitar o seu desagrado quanto à separação entre os personagens, quando diz: **Nãaaaaooo! Fica aqui!!!**, a criança parece encontrar uma estratégia eficiente para evitar (ou adiar) este tema. A criança retira o short do boneco do neném e insistentemente o mostra a mãe, que termina por interromper a sequência do tema de afastamento e volta a sua atenção para o boneco mostrado pela criança. Neste momento, a díade interrompe o frame de separação (personagens), tornando-o um *quase-frame*.

Vale ressaltar que este episódio foi precedido por três consecutivos *quase-frames* de separação (personagens) e logo em seguida, a mãe volta sua atenção novamente para o tema da viagem dos pais, conduzindo a relação para um frame de separação (personagem), ilustrado no episódio 16.

No que se refere ao processo de co-regulação, como é característico nos *frames* de separação desta díade, este episódio foi composto por dois padrões de co-regulação. Em um momento inicial, os parceiros estavam com atenção conjunta para o enredo da história e co-regulam suas ações tomando como referência as ações do outro, no entanto apresentando um desacordo quanto a tal enredo. Este momento foi classificado como *simétrico sequencial (desacordo)*. Posteriormente, a criança desvia sua atenção para o boneco do neném, retirando sua roupa e tentando chamar a atenção da mãe para este boneco, enquanto esta continua atenta ao tema da viagem. Este momento foi classificado como *unilateral (initiating – C)*.

Episódio 24. Quase-Frame de Reencontro (personagem)

Marcação temporal: Sessão 3 – 0:29:42 – 0:29:46

Duração: 4 seg.

Contexto: Mãe e criança estão sentadas no chão. Mãe está encostada na cama da criança e esta está sentada do seu lado direito. Do lado esquerdo da mãe estão os bonecos dos pais no carrinho de brinquedo, que no contexto da brincadeira simbólica haviam viajado. Mãe está segurando o boneco do neném.

Imediatamente antes deste frame ocorre um frame de separação (personagens), no qual a criança apresentou algumas estratégias parecendo tentar evitar tal separação.

Introdução do frame

C: Mainha vooooltaaaaa (Criança usa um tom de voz de sofrimento, pega o boneco do neném da mão da mãe e se estica na direção do carrinho de brinquedo, onde estão os bonecos dos pais. Mãe segura o braço da criança, olha para ela e diz:)

Dissipação do frame

M: Não, depois. Depois a mainha vai voltar. (Mãe segura os bonecos dos avós ao mesmo tempo em que a criança se levanta e sai do quarto, dando início a um frame de separação M-C)

Considerando a dimensão da brincadeira simbólica, é interessante destacar, neste episódio, por um lado, a maneira como a criança busca o estabelecer o reencontro entre a personagem do neném que está segurando com a personagem da mãe, usando um tom de voz de sofrimento e se esticando na direção onde estão os personagens dos pais. Por outro lado, a mãe não permite que este reencontro se efetive no contexto da brincadeira nem busca consolar a personagem do neném pela ausência da personagem da mãe, informando à criança que só depois a personagem da mãe vai voltar.

Considerando agora a dimensão da relação mãe-criança propriamente dita, neste episódio mais uma vez pode ser observada uma característica desta díade. Novamente a criança introduz algo no contexto da brincadeira simbólica que não é aceito pela mãe, que termina por decidir o enredo da história. Faz-se interessante

também notar neste episódio que diante da proibição da mãe da sugestão da criança, esta sai do quarto, parecendo contestar tal atitude.

No que se refere ao padrão de co-regulação deste episódio, podemos observar que ambos os parceiros co-regulam suas ações considerando as ações do parceiro relacional, no entanto, eles discordam quanto ao enredo a ser dado na história, bem como quem determina a direção do enredo. Desta forma, este episódio foi classificado como *simétrico seqüencial (desacordo)*

5.2.3. Características Relacionais do Sistema de Apego da Díade 2

É característico desta díade o fato da criança sugerir algo para o enredo da história no contexto da brincadeira simbólica e esta sugestão não ser amplificada pela mãe, seja na forma de uma discordância explícita, seja ignorando tal sugestão. Geralmente, depois de insistir um pouco em sua sugestão temática, a criança tende a concordar com o que é colocado pela mãe, seguindo na direção temática por ela proposta. Este se apresenta como um outro importante elemento do sistema de apego desta díade que pode ser observado em vários dos episódios ilustrativos dos *frames* de apego apresentados anteriormente. Ressaltamos que esta não amplificação, por parte da mãe, das sugestões da criança fica ainda mais marcada quando observamos a freqüente dinâmica do padrão de regulação *unilateral (initiating – C)*, tal como ilustra a tabela 20 abaixo (ver também tabela 17 para descrição da freqüência de todos os padrões de co-regulação em anexo1).

Tabela 20. Percentual de frequência e de tempo de duração do padrão de co-regulação *unilateral (initiating – C)*, em todos os *frames* de apego e *quase-frames* de apego.

DÍADES	Díade 1		Díade 2	
CO-REGULAÇÃO	Freq. (%)	Tempo (%)	Freq. (%)	Tempo (%)
Unilateral (Initiating – C)	03,64	<u>0,45</u>	14,85	<u>10,26</u>

Considerando as três sessões analisadas, 14,85% dos momentos de co-regulação nesta díade foram classificados como *unilateral (initiating – C)*, o que significou que durante 10.26% do tempo total de interação desta díade a criança está sugerindo algo para o enredo da história que não é amplificado pela mãe, estando os parceiros diádicos com a atenção direcionada para diferentes aspectos da brincadeira. Como mostra a tabela 20 acima, na díade 1 este padrão de co-regulação caracterizou apenas em 0,45 % do tempo de interação diádica.

Diante destes dados, cabe uma pergunta: Será que este movimento de introduzir novos temas ao enredo da história não poderia estar retratando um movimento de maior iniciativa por parte da criança? A resposta é: Não necessariamente, pois a criança pode tomar uma iniciativa e esta ser amplificada pela mãe, o que levaria para uma dinâmica de co-regulação simétrico seqüencial. Em nossa compreensão, o que este dado mostra é que, na díade 2, frequentemente a criança sugere algo que não é amplificado pela mãe, ou seja, nestes momentos a mãe não co-regula suas ações tomando como referência a sugestão da criança. No entanto, como dito anteriormente, na dinâmica de co-regulação simétrica seqüencial (acordo), ambos os parceiros co-regulam suas ações tomando como referência o que

é colocado pelo outro, o que também pode evidenciar um movimento de iniciativa por parte dos parceiros relacionais.

Vale ressaltar também o freqüente número de *quase-frames* de apego classificados nas três sessões desta díade (32,11%, em comparação à 11,02% na díade 1 – ver tabela 19 acima). No que se refere especificamente ao frame de separação (personagem), enquanto não foram observados *quase-frames* na díade 1, na díade 2, 60% destes *quase-frames* foram, tal como ilustra a tabela 21, abaixo (ver também tabela 5, em anexo1 para descrição da freqüência e percentual de ocorrência de todos os *frames* de apego e *quase-frames* de apego).

Tabela 21. Percentual de freqüência dos *frames* de apego e dos *quase-frames* de apego, nos episódios de separação e reencontro, nas díades 1 e 2 e considerando o somatório das três sessões investigadas.

	DÍADE 1	DÍADE 2
Separação (M-C) – Frame de apego	66,67%	66,67%
Separação (M-C) – <i>Quase-frame</i>	33,33%	33,33%
Separação (personagens) – Frame de apego	100%	40%
Separação (personagens) – <i>Quase-frame</i>	0%	<u>60%</u>
Total Separação – Frame de apego	96,3%	53,33%
Total Separação – <i>Quase-frame</i>	3,57%	46,67%
Reencontro (M-C) – Frame de apego	100%	100%
Reencontro (M-C) – <i>Quase-frame</i>	0%	0%
Reencontro (personagens) – Frame de apego	82,14%	52,94%
Reencontro (personagens) – <i>Quase-frame</i>	<u>17,86%</u>	<u>47,06%</u>
Total Reencontro – Frame de apego	83,33%	57,89%
Total Reencontro – <i>Quase-frame</i>	16,67%	42,11%

Considerando agora os *frames* de reencontro (personagem), foram classificados 17,86% de *quase-frames* na díade 1, em comparação a 47,06% na díade 2. Assim, concebendo os *frames* de apego como configurações atratoras do sistema de apego mãe-criança em uma dimensão de tempo real, defendemos que estes dados demonstram, por um lado, uma grande estabilidade de tais configurações atratoras na díade 1 e uma certa instabilidade na díade 2, mais especificamente nos *frames* de separação (personagem) e reencontro (personagem) que, em nossa interpretação, apresentam-se como “*repellers*” no sistema de apego da díade 2.

Lembramos ainda que uma importante característica em sistemas dinâmicos, tal como o sistema de apego mãe-criança, é a sensibilidade às condições iniciais do sistema. Em sistemas de apego instáveis (tal como este construído pela díade 2), pequenas modificações no sistema podem conduzir à um maior nível de instabilidade ao longo do tempo. Este maior nível de instabilidade, por sua vez, poderia levar à interrupção do frame de apego mais frequentemente, caracterizando-se assim um *quase-frame*. Na análise aqui empreendida, defendemos que a partir das contribuições de cada um dos parceiros em tempo real, a díade caminha na direção da estabilização do sistema em um dado estado atrator (frame de apego), sendo algumas configurações relacionais evitadas pelos parceiros diádicos. No caso da díade 2, o grande número de *quase-frames* de separação e reencontro (46,67% e 42,11% respectivamente – ver tabela 21 acima) sugerem que tais configurações são evitadas pelos parceiros relacionais e podem ilustrar o alto nível de instabilidade de tais configurações nesta díade. Tais dados sugerem que a díade 2 caracteriza-se por um padrão de relação de apego instável, de modo que a entrada de um dado elemento (e.g., sugestão de mudar o enredo da história) pode favorecer rápida desestabilização

do sistema, antes do mesmo ter se auto-organizado em um padrão específico (isto é, um determinado frame de apego ou padrão de co-regulação).

Esta instabilidade das relações de apego da díade 2 também é evidenciada (1) pela presença de quase todos os padrões de co-regulação, (2) pela presença de vários padrões de co-regulação em um mesmo episódio e também (3) pela rápida duração e abrupta transição entre os padrões de co-regulação em um mesmo episódio (ver anexo 1). Sendo assim, esta flutuação entre vários padrões de co-regulação por parte da díade 2 constitui mais um indício de que esta díade apresenta um padrão relacional instável.

Considerando ainda os *quase-frames*, um dado interessante refere-se ao fato de que, na díade 2 com exceção do episódio ilustrativo do *quase-frame* de separação (personagem), todos os demais episódios ilustrativos dos *quase-frames* foram introduzidos pela criança e interrompidos pela mãe. Nestes episódios, a mãe chama a atenção da criança para um outro aspecto da brincadeira, dissipando, desta forma, o frame e tornando-o um *quase-frame*. Este aspecto pode ser observado nos episódios ilustrativos dos *quase-frames* apresentados anteriormente. No que se refere especificamente ao frame de separação (personagem) os papéis exercidos pelos parceiros relacionais parecem se inverter, sendo a mãe quem introduz (e insiste) na temática da viagem dos pais e a criança quem evita e tenta interromper tal história no contexto da brincadeira.

Assim, diferentemente do que foi percebido na díade 1, na díade 2 podemos constatar um movimento da mãe de direcionar o enredo da história e frequentemente não aceitar as sugestões de enredo propostas pela criança. A mãe tende a direcionar a criança a seguir a sequência lógica que ela mesma propõe para a história e a díade

termina por conduzir sua interação nesta direção. A isto estamos chamando de “interação direcionada pela mãe”. Frequentemente a mãe parece não perceber a sugestão da criança para o enredo da história e, quando percebe, muitas vezes questiona as decisões e sugestões dadas pela criança, por vezes em tom de desaprovação. Este aspecto pode ser observado em uma passagem da interação quando diante da pergunta da mãe do que as personagens da história iam fazer recorrentemente a criança sugeria que os bonecos iam dormir e a mãe questiona dizendo: “Dormir?!? De novo?!? Não”. Nesta dinâmica interacional, é freqüente também a díade apresentar momentos de desacordo, o que foi classificado como co-regulação *simétrico seqüencial (desacordo)*. Nestes momentos, observamos que tanto a mãe como a criança co-regulam suas ações levando em consideração o que está sendo colocado pelo parceiro, no entanto, eles discordam seja quanto ao enredo a ser dado à história na dimensão da brincadeira simbólica, seja na dimensão da interação diádica propriamente dita.

Este aspecto apresenta-se como um outro importante elemento do sistema de apego desta díade e pode ser também evidenciado na análise de freqüência realizada. Considerando especificamente os *frames* de apego, nas três sessões investigadas constatamos que durante 14,51% do tempo de interação desta díade os parceiros interacionais estavam engajados em uma dinâmica interacional de desacordo – dinâmica de co-regulação *simétrico seqüencial (desacordo)*, tal como ilustra a tabela 22 abaixo (ver também tabela 9, em anexo1 para descrição da freqüência e percentual de tempo de ocorrência de todos os padrões de co-regulação nos *frames* de apego).

Tabela 22. Percentual de frequência e de tempo de ocorrência do padrão de co-regulação *simétrico seqüencial (acordo e desacordo)* considerando apenas os *frames* de apego.

DÍADES	Díade 1		Díade 2	
CO-REGULAÇÃO	Freq. (%)	Tempo (%)	Freq. (%)	Tempo (%)
Simétrico (acordo)	70,55	82,71	47,26	60,71
Simétrico (desacordo)	4,11	2,56	10,96	<u>14,51</u>
Total Simétrico	74,77	85,28	58,22	75,22

Este aspecto fica ainda mais evidenciado nos *quase-frames*, quando este desacordo é evidenciado em 37,89% do tempo de interações da díade 2 (ver tabela 23 abaixo). [ver também tabela 13, em anexo1 para descrição da frequência e percentual de tempo de ocorrência de todos os padrões de co-regulação nos *quase-frames* de apego].

Tabela 23. Percentual de frequência e de tempo do padrão de co-regulação *simétrico seqüencial (acordo e desacordo)* considerando apenas os *quase-frames* de apego.

DÍADES	Díade 1		Díade 2	
CO-REGULAÇÃO	Freq. (%)	Tempo (%)	Freq. (%)	Tempo (%)
Simétrico (acordo)	57,89	61,58	22,81	19,72
Simétrico (desacordo)	5,26	1,58	21,05	<u>37,89</u>
Total Simétrico	63,26	63,16	43,86	57,61

Considerando agora ao mesmo tempo tanto os *frames* de apego como os *quase-frames*, durante 21,25% do tempo a díade 2 esteve engajada em uma dinâmica de co-regulação caracterizada pelo desacordo entre os parceiros, o que ocorreu em

2,49% do tempo de interação da díade 1, tal como ilustra a tabela 24 abaixo (ver também tabela 17 para descrição da frequência de todos os padrões de co-regulação, considerando tanto os *frames* de apego, como também os *quase-frames* de apego em anexo1)

Tabela 24. Percentual de frequência e de tempo do padrão de co-regulação *simétrico seqüencial (acordo e desacordo)* considerando todos os *frames* de apego e *quase-frames* de apego.

DÍADES	Díade 1		Díade 2	
CO-REGULAÇÃO	Freq. (%)	Tempo (%)	Freq. (%)	Tempo (%)
Simétrico (acordo)	69,09	81,08	40,59	49,36
Simétrico (desacordo)	04,24	<u>02,49</u>	13,86	<u>21,25</u>
Total Simétrico	73,33	83,56	54,46	70,61

Ressaltamos ainda que ao longo das interações diádicas, são também frequentemente observados momentos nos quais mãe e criança estão com atenção conjunta ao enredo da história, sendo a mãe quem o está conduzindo e a criança apenas observa. Tal dinâmica interacional caracteriza o processo de co-regulação *assimétrico (C observa)* e foi observada em 8,09% do tempo de interação da díade 2 e em . Tais dados encontram-se ilustrados na tabela 25 abaixo.

Tabela 25. Percentual de frequência e de tempo de ocorrência do padrão de co-regulação *assimétrico* considerando todos os *frames* de apego e *quase-frames* de apego.

DÍADES	Díade 1		Díade 2	
CO-REGULAÇÃO	Freq. (%)	Tempo (%)	Freq. (%)	Tempo (%)
Assimétrico (C observa)	4,24	2,90	11,39	<u>8,09</u>

É interessante notar também a dinâmica de interação diádica em particular nos *frames* de separação. Tal como mencionado anteriormente, a postura dos parceiros parecem se inverter nos *frames* de separação (M-C) e (personagens). Os *frames* de separação mãe-criança são sempre introduzidos pela criança, cabendo à mãe tentar interromper ou adiar a decisão da criança de sair do quarto, enquanto que os *frames* de separação entre os personagens são sempre introduzidos pela mãe, sendo a criança quem apresenta estratégias com o objetivo de evitar ou interromper tal temática no contexto da brincadeira simbólica. Neste sentido, muitas vezes a criança de fato interrompe esta temática da brincadeira simbólica, tornando o *quase-frame* de separação, mas a mãe insiste nesta temática. É interessante notar que, em função disso, nesta díade geralmente um frame de separação (personagens) é antecedido por um *quase-frame* de separação (personagem). Este aspecto é ilustrado nos episódios 23 e 16, respectivamente episódios ilustrativos dos *quase-frames* de separação (personagem) e separação (personagem).

Um outro aspecto a ser destacado refere-se ao foco de atenção dos parceiros diádicos, em particular nos *frames* de cuidado. À semelhança com o que foi observado na díade 1, na díade 2 cerca de 55% do tempo de interação classificado esteve direcionado aos *frames* de cuidado. No entanto, neste aspecto uma importante diferença entre as duas díades é evidenciada. Na díade 1, destes 55% do tempo, 10,70% referem-se ao frame de cuidado com a criança, 38,33% do tempo ao frame de cuidado com os personagens e 6,59% do tempo ao frame de cuidado com o objeto. Já na díade 2, destes 55% do tempo de interação classificado, 53,97% refere-se ao frame de cuidado com os personagens, sendo apenas 0,45% direcionado ao frame de cuidado com a criança e 0,90% ao frame de cuidado com os objetos (ver

tabela 26 abaixo). [ver também tabela 4, em anexo1 para descrição da frequência e percentual de tempo de ocorrência de todos os *frames* de apego, nas duas díades investigadas].

Tabela 26. Percentual de frequência e de tempo de ocorrência do frame de apego de cuidado, nas duas díades investigadas e considerando as três sessões analisadas.

DÍADES	Díade 1		Díade 2	
<i>FRAMES</i>	Frq. (%)	Tempo (%)	Frq. (%)	Tempo (%)
Cuidado (criança)	20,35	<u>10,70</u>	1,43	<u>0,45</u>
Cuidado (personagens)	23,89	<u>38,33</u>	62,86	<u>53,97</u>
Cuidado (objeto)	9,73	<u>6,59</u>	2,86	<u>0,90</u>
Total do Frame de Cuidado	53,98	55,61	67,14	55,33

Concebemos que estes dados ressaltam uma importante característica relacional de ambas as díades. Como discutido anteriormente, o cuidado com a criança parece se apresentar como um parâmetro controle na díade 1, ou seja, um importante elemento favorecedor de uma re-organização do sistema e a díade transita com bastante suavidade entre as dimensões da brincadeira simbólica e da relação mãe-criança propriamente dita. Já na díade 2, a dimensão da brincadeira simbólica se destaca ao longo da interação diádica, parecendo ser esta dimensão favorecedora da troca afetiva entre os parceiros, sendo identificado apenas um momento de cuidado com a criança.

Os momentos de disciplinamento encontrados nas interações da díade 2 foram evidenciados, sobretudo, nos *frames* de separação (M-C) quando a criança saía do quarto e a mãe a chamava de volta, justificando: **“Vem, veeeem. Pode não”**.

O tom emocional das interações diádicas oscila, sendo observados alguns momentos de trocas de carinhos entre os parceiros e uma atmosfera de cuidado e carinho (geralmente nos *frames* de cuidado) como também são freqüentes momentos nos quais o tom emocional da brincadeira simbólica é de sofrimento e irritação por parte das personagens do neném e do filho, frequentemente conduzidos pela criança (geralmente nos *frames* de separação). É constante também a criança falar como se estas personagens estivessem choramingando e, tanto a mãe como a criança utiliza o verbo chorar em suas falas com bastante freqüência. Este aspecto é claramente exemplificado no episódio 23, que ilustra o *quase-frame* de separação (personagens), quando a criança fala em tom de choro e faz bruscos movimentos com o boneco do neném, batendo-o contra o chão. Estes se apresentam como importantes elementos que constituem o sistema de apego nesta díade. Assim, nas interações da díade 2 geralmente os episódios referentes aos *frames* de cuidado e reencontro favorecem a co-construção de uma atmosfera de atenção, cuidado e carinho e estes momentos são permeados por um tom de voz carinhoso de ambos os parceiros, favorecendo um desfecho de atenção e cuidado. Enquanto os episódios referentes ao *frames* de separação são geralmente permeados por choramingos e um tom de voz de tristeza e irritação, favorecendo a co-construção de uma atmosfera emocional de emoções negativas e desconforto.

Esta dinâmica interacional parece favorecer a co-construção e manutenção de um sistema de apego permeado pela insegurança, por parte da criança, tanto acerca da pertinência de suas contribuições como também dos momentos de afastamento dos cuidadores. Como mencionado acima, no sistema de apego desta díade, observamos uma ambivalência quanto ao clima emocional que permeia as relações

diádicas, sendo observado tanto momentos de uma atmosfera prazerosa de cuidado e acolhimento como também, em outros momentos, uma atmosfera de insegurança e irritação.

A dinâmica de interação “direcionada pela mãe” característica desta díade, também descrita anteriormente, parece dificultar o uso da figura materna como uma base segura, favorecedora de um movimento exploratório por parte da criança. A dinâmica de interação de, por um lado, a mãe estar ela mesma brincando com os bonecos e decidindo o enredo da história e a criança, por outro lado, observar este movimento da mãe ou tentar inserir algo na história que não é amplificado pela mãe favorece a manutenção de um sistema de apego no qual as contribuições da criança geralmente não são valorizadas pelos parceiros relacionais, podendo conduzir este sistema para uma atmosfera de insegurança e dependência. Nesta direção, na análise destas interações, chama atenção também a simplicidade dos enredos das histórias construídas no contexto da brincadeira simbólica, sendo constatada uma certa circularidade e repetição, assim como um conteúdo criativo empobrecido, bem diferente do que é observado na díade 1.

Conclusão



Virgin and child (Mignard)

Torna-se difícil falarmos em conclusão no momento em que necessitamos elaborar mais questionamentos em detrimento da formação de respostas (únicas e definitivas). Porém, guardamos a certeza que concluir um estudo nem sempre implica em esgotar as questões iniciais que nortearam a nossa caminhada (Hazin, 2000, p. 180).

6. CONCLUSÃO

De acordo com a perspectiva tradicional na investigação do apego, o comportamento do principal cuidador – em especial a sensibilidade materna às necessidades do bebê – tende a favorecer a construção de um padrão de apego seguro ou inseguro por parte da criança. Nesta perspectiva, as mães que interpretam com precisão os sinais de seus filhos e atendem apropriada e responsivamente a tais sinais tendem a ter filhos apegados de modo seguro. Esta se apresenta como uma visão unidirecional e causalista do apego mãe-criança, que defende que se a mãe é sensível aos cuidados com seu filho, então a criança irá desenvolver um estilo de apego seguro (e.g. Bretherton, 1993, Crittenden, 1992).

Mais recentemente, alguns pesquisadores têm sugerido que determinadas características do bebê (como temperamento, por exemplo) também podem influenciar a relação diádica e, conseqüentemente, o apego da criança. De acordo com esta visão, algumas vezes as figuras parentais influenciam no comportamento da criança e em outros momentos é o comportamento da criança que influencia o comportamento dos pais. Neste contexto, tanto as ações dos pais como as ações da criança são concebidas como unidades discretas que se influenciam mutuamente ao longo do tempo, sendo esta uma visão bi-direcional do apego (e.g. Maccoby, 1992). De acordo com esta perspectiva, através das interações mãe-criança em tempo real e dependendo da sensibilidade materna e de determinadas características da criança esta irá construir modelos representacionais (“internal working models”) informativos sobre si mesma, sobre sua principal figura de apego e

sobre o próprio ambiente no qual está inserido. Tais modelos irão guiar os comportamentos futuros da criança. Laible e Thompson (2000, p. 304) destacam existir uma robusta literatura interessada na investigação do apego da criança que defende que:

se o cuidador responder carinhosamente para a criança, a proteger e respeitar suas necessidades de exploração autônoma com suporte, a criança irá construir um modelo interno de si mesma como adorável, protegida e capaz e irá responder ao seu parceiro com afeição e carinho.

Estes estudos assumem uma visão de causalidade linear, porém bi-direcional, segundo a qual o estilo de apego seguro é determinado pela sensibilidade materna que, por sua vez, pode também ser influenciada por características da criança. De acordo com esta visão de causalidade, é possível, inclusive, prever futuras aquisições no desenvolvimento social e da personalidade da criança a partir da definição de tal estilo de apego. Esta também se apresenta como uma visão conservadora do apego, segundo a qual embora seja possível a ocorrência de pequenas mudanças em tais modelos ao longo do tempo, estes tendem a se manter estáveis ao longo da vida da criança. No entanto, as pesquisas realizadas sob esta lente paradigmática não explicam como estas mudanças ocorrem, nem também como determinados comportamentos de apego organizam-se em padrões de apego específicos, tais como estilos de apego seguro ou inseguro. Como os comportamentos de apego se organizam em padrões de apego? Como a interação mãe-criança constrói uma um senso de segurança entre os parceiros relacionais? Quais os elementos que constituem um sistema de apego mãe-criança? Como estes elementos constroem, mantém e/ou modificam determinados padrões relacionais?

Questões como estas parecem ser respondidas, pelo menos em parte, se adotado um modelo sistêmico e relacional para a investigação das relações de apego mãe-criança. Algumas das contribuições deste modelo à investigação das relações de apego vêm sendo destacadas por alguns autores em artigos teóricos, tais como os de Coleman e Watson (2000), Fogel (1995, 2000) e Laible e Thompson (2000). De acordo com esta visão dinâmica e sistêmica, ambos, tanto a criança como a mãe, estão simultaneamente co-atuando e co-construindo a sua relação de apego através de processos comunicativos. Nesta perspectiva, a relação de apego mãe-criança é concebida como um sistema em desenvolvimento, com momentos de quase-estabilidade (uma estabilidade dinâmica) e mudança, ao longo do tempo (real e do desenvolvimento). Enquanto um sistema dinâmico, a mãe, a criança e o contexto no qual a atividade relacional ocorre constituem o sistema de apego.

Através das trocas relacionais entre os parceiros diádicos, os elementos constituintes do sistema de apego irão se auto-organizar e favorecer a co-construção de uma configuração atratora que caracteriza a qualidade das relações de apego da díade mãe-criança. Esta configuração atratora pode ser comparada ao que, em uma perspectiva tradicional, seria chamada de estilos de apego (configuração atratora em uma dimensão de tempo do desenvolvimento). Ressaltamos que a partir da teoria dos sistemas dinâmicos e da perspectiva histórico-relacional, estas configurações atratoras não são concebidas como uma característica pessoal e estática de personalidade, mas, ao contrário, como um padrão relacional, co-construído e modificado através das interações diádicas em uma dimensão de tempo real. Destacamos ainda que estas configurações atratoras são dinamicamente estáveis. Ou seja, “embora preservem o seu caráter de constante transformação ao longo do tempo

e sejam criadas e mantidas por meio da dinâmica cooperativa do sistema, podem ser persistentes e padrões altamente regulares para os quais o sistema ativamente retorna” (Fogel, 1995, p. 223).

Dependendo do quão profundo e estável seja a configuração atratora, a mudança em um dos elementos do sistema ou a entrada de um novo elemento pode conduzir o sistema ou para um outro padrão de apego (uma outra configuração atratora) ou o sistema pode se auto-organizar de modo a manter a configuração atual. Por exemplo, pensemos em um determinado evento como o fato da figura materna passar a trabalhar os três expedientes, de modo a ficar mais tempo longe da criança. Assim, dependendo do grau de estabilidade e profundidade de uma determinada configuração atratora (por exemplo, um senso de confiança mútua entre os parceiros relacionais), este novo elemento no sistema de apego pode: (1) conduzir o sistema para uma nova configuração atratora (gerando, por exemplo, um senso de insegurança e desconfiança), ou (2) auto-organizar seus elementos e manter a configuração atratora já existente.

Assim, concebendo esta complexidade e historicidade inerente às relações de apego, concordamos com Laible e Thompson (2000) quando afirmam que as pesquisas nesta área precisam rever alguns de seus achados usando ferramentas empíricas apropriadas para investigar sistemas dinâmicos. É justamente neste paradigma teórico-metodológico que o presente trabalho se ancora, buscando lançar algumas idéias iniciais que venham a contribuir para responder às questões acima apresentadas, a saber: Como os comportamentos de apego se organizam em padrões de apego? Como a interação mãe-criança constrói uma relação de apego? Quais os

elementos que constituem um sistema de apego mãe-criança? Como estes elementos constroem, mantêm e/ou modificam determinados padrões relacionais?

Desta forma, concebendo o desenvolvimento humano como um contínuo processo de mudança e as relações de apego como um importante elemento de tal processo, nossos objetivos gerais nesta pesquisa consistiram em: (1) destacar as contribuições de uma análise interacional e sistêmica à investigação das relações de apego mãe-criança, sendo tais relações concebidas como um sistema histórico-relacional e dinâmico; e (2) desenvolver estratégias metodológicas que favorecessem a investigação de tal fenômeno à luz deste olhar histórico-relacional e sistêmico. A seguir iremos destacar as principais contribuições que achamos que o presente estudo pode trazer para o campo de investigação das relações de apego mãe-criança.

6.1. Algumas Contribuições Metodológicas do Presente Estudo

Sabemos que investigar um sistema dinâmico em desenvolvimento traz consigo uma série de implicações como, por exemplo: 1. a focalização no estudo do processo de mudança e 2. conceber tal sistema como aberto. Neste tipo de sistema, são as interações estabelecidas pelos seus elementos constituintes (em interação com o contexto no qual está inserido) que favorecem o constante movimento de transformação e emergência do novo. Neste sentido, a nosso ver, a construção de uma proposta metodológica para a investigação do apego, sendo este concebido como um sistema relacional e dinâmico, em constante desenvolvimento se constitui como um longo processo e um grande desafio.

Assim sendo, o percurso metodológico proposto no presente estudo se apresenta, ao mesmo tempo, como ferramenta e resultado. Ou seja, as estratégias metodológicas construídas permitiram a análise do fenômeno do apego a partir de um olhar relacional e sistêmico, e, ao mesmo tempo, são também parte dos resultados deste estudo. Destacamos a seguir duas contribuições metodológicas do presente estudo: 1. Definição dos *frames* de apego como unidade de análise e 2. Contribuição ao modelo de co-regulação de Fogel e cols. (2003).

Definição dos *frames* de apego como unidade de análise. Baseando-nos na perspectiva histórico-relacional para a investigação do processo de mudança no desenvolvimento das relações interpessoais (e.g., Fogel, 1993, Fogel e Lyra, 1997, Fogel e cols, 2006, Pantoja, 1997, Lavelli e cols. 2005), e em particular das relações de apego mãe-criança, propomos no presente estudo a idéia de *frames* de apego como o menor conjunto de ações que mantém as qualidades típicas do fenômeno-alvo, ou seja, as relações de apego mãe-criança. Como dito anteriormente, *frames* referem-se a padrões relacionais dinamicamente estáveis, segmentos recorrentes de co-ação entre os parceiros envolvidos na interação, caracterizados pela atenção e engajamento dos parceiros que co-orientam suas ações para um tópico específico. No caso dos *frames* de apego aqui investigados, os tópicos referem-se a cuidado, separação e reencontro. A escolha por tais tópicos na construção dos *frames* de apego se deu por defendermos que tais aspectos favorecem a emergência de situações que levam à negociação e co-construção de um senso de mútua confiança e segurança. Tais temas são também compatíveis com os aspectos investigados pelos pesquisadores na área de apego. No entanto, a investigação de tais aspectos na forma dos *frames* de apego oferece uma vantagem aos métodos tradicionais.

Especificamente, a análise destes *frames* nos permite uma investigação microscópica da dinâmica de co-construção, manutenção e/ou modificação do sistema de apego, sendo possível investigar a contribuição de cada parceiro para a co-construção da história da sua relação de apego. Defendemos que, à luz da teoria dos sistemas dinâmicos, a investigação dos *frames* de apego pode ser útil para a compreensão do sistema de apego mãe-criança, considerando a organização deste sistema tanto ao longo do tempo do desenvolvimento como também a auto-organização de seus elementos constituintes em uma dimensão de tempo real.

Esta noção de *frames* de apego nos permitiu também investigar o fenômeno do apego a partir da análise da relação diádica, e não da atuação de um indivíduo tomado isoladamente. Em outras palavras, a análise microscópica da contribuição de cada parceiro relacional ao longo da interação diádica e da dinâmica de co-regulação por eles assumida nos possibilitou analisar o fenômeno do apego a partir da investigação do processo de co-construção de um senso de segurança e confiança por parte dos parceiros. Permitiu-nos investigar também o movimento exploratório por eles assumido, bem como o papel de cada um dos parceiros neste movimento.

Defendemos também que a análise de tais contribuições em tempo real pode favorecer a investigação das configurações atratoras do sistema de apego, assim como dos “*repellers*” - configurações evitadas pelos parceiros diádicos - que podem ser ilustrados com os *quase-frames* de apego. Mais especificamente, a partir da contribuição de cada parceiro relacional e da dinâmica de co-regulação dos parceiros a contribuição dada por cada um deles pode ser amplificada ou ignorada pelo outro, favorecendo a condução da relação de apego na direção de um estado atrator (um frame de apego) ou interrompendo tal percurso e gerando um *quase-frame* de apego.

Uma Contribuição ao Modelo de Co-Regulação de Fogel e cols (2003). O sistema de codificação relacional, desenvolvido por Fogel e cols. (2003) está ancorado em uma visão de comunicação enquanto um processo contínuo e relacional (Fogel, 1993, Fogel e cols. 2006). Tal sistema tem por objetivo favorecer a investigação de padrões relacionais de comunicação (co-regulação), considerando o sistema de comunicação como um todo. Foi originalmente elaborado para a investigação do sistema de comunicação mãe-bebê, mas, como os próprios autores destacam, este sistema de codificação pode ser adaptado ao sistema comunicativo investigado, como, por exemplo, para a análise de grupos maiores e outras faixas etárias.

Assim, este sistema de codificação foi adaptado para utilização no presente estudo, considerando tanto a natureza do fenômeno (as relações de apego mãe-criança) como também a idade dos participantes³. Foram duas as adaptações realizadas a este modelo.

A primeira refere-se à dinâmica de co-regulação *simétrica seqüencial*, que, segundo Fogel e cols (2003) consiste no constante ajustamento mútuo das ações comunicativas dos parceiros relacionais, estando tais parceiros atentos a um mesmo tema (no caso do presente estudo, aos *frames* de apego) e elaborando criativamente sobre este tema. A partir da análise videográfica das duas díades investigadas no presente estudo, percebemos uma importante diferença na dinâmica de co-regulação simétrica seqüencial nestas duas díades. Foi observado um constante movimento de discordância entre os parceiros relacionais, em particular na díade 2, sobretudo nos *frames* de separação. Esta observação nos levou a crer que este constante movimento

³Ressaltamos que tal adaptação foi pessoalmente discutida com o prof. Dr. Alan Fogel durante visita à Universidade de Utah, durante os meses de fevereiro a junho de 2006.

de discordância poderia se apresentar como um importante elemento do sistema de apego, em particular em uma configuração atratora mais instável, que seria chamada em uma literatura tradicional como configurando um estilo de apego inseguro. Desta forma, na análise aqui empreendida foram definidos dois padrões de co-regulação simétrica seqüencial: Acordo e desacordo. Defendemos que a análise destes padrões de co-regulação nos permitiu compreender importantes características relacionais das duas díades investigadas, tal como ilustrado, sobretudo, nas tabelas 9, 13 e 17 e na apresentação das características do sistema de apego de cada díade no capítulo 5, discutido anteriormente.

A segunda adaptação refere-se a um subtipo de co-regulação *unilateral*, mais especificamente, sugerimos no presente estudo a inclusão de uma dinâmica de co-regulação *unilateral não engajada*, quando apenas um dos parceiros mantém a atenção para o tópico do frame de apego, estando o outro com atenção dispersa ou voltada para um outro aspecto. No contexto da brincadeira simbólica, a co-regulação *unilateral não engajada* seria um padrão de co-regulação que ilustra que um dos parceiros está brincando sozinho, e o outro não está prestando atenção a tal brincadeira.

Ressaltamos que o uso do modelo de co-regulação proposto por Fogel e cols. (2003) para o estudo das relações de apego foi utilizado no presente estudo com o objetivo de demonstrar a lógica deste tipo de análise para a investigação do sistema de apego mãe-criança, bem como as possíveis contribuições deste modelo para a compreensão deste sistema. No entanto, sugerimos fortemente que novos estudos sejam realizados nesta direção, ampliando tal discussão e incluindo treinamento e acordo entre observadores para as análises videográficas realizadas.

6.2. As Relações de Apego Mãe-Criança sob um Olhar Dinâmico e Histórico-Relacional

Neste momento, iremos destacar algumas contribuições que a investigação das relações de apego mãe-criança enquanto um sistema histórico-relacional e dinâmico pode trazer para uma melhor compreensão deste fenômeno.

Delimitação do sistema. Partindo de uma perspectiva sistêmica para o estudo das relações de apego, um primeiro aspecto a ser destacado refere-se à importância da delimitação do sistema. À luz da teoria dos sistemas dinâmicos para a investigação do apego, tanto a mãe como a criança são parte de um mesmo sistema, estando estes intrinsecamente relacionados ao contexto de sua atividade. Sendo assim, indivíduo e contexto são concebidos como interdependentes e mutuamente relacionados, sendo impossível, e indesejado, a análise do indivíduo isolado de seu contexto. Desta forma, na presente pesquisa adotamos a idéia de “separação inclusiva”, proposta por Valsiner (1997, 2000), segundo a qual no processo de desenvolvimento humano existe uma diferenciação entre indivíduo e contexto, mas estes são concebidos como mutuamente interdependentes. De modo semelhante às idéias defendidas pela teoria dos sistemas dinâmicos, este autor defende que adotar a idéia de separação inclusiva na pesquisa do desenvolvimento humano implica em conceber tal desenvolvimento como um sistema aberto, estando o indivíduo em constantes trocas comunicativas com o seu contexto, constituindo-o e sendo constituído pelo mesmo.

Assim, ressaltamos que o sistema de apego mãe-criança apresenta-se como multifacetado, composto por diversos elementos que envolvem, ao mesmo tempo, as

ações comunicativas de cada parceiro (como, por exemplo, discurso, gestos, expressões emocionais, tons de voz), e os elementos específicos do contexto no qual desenvolvem suas atividades (como, por exemplo, o local, tipo de atividade, artefatos envolvidos nesta atividade).

Momentos de estabilidade dinâmica e instabilidade do sistema de apego mãe-criança. A história do sistema de apego mãe-criança é construída a partir da auto-organização de seus elementos constitutivos, através de um constante processo de co-regulação entre os parceiros relacionais, que conduzirá a momentos de estabilidade dinâmica e instabilidade do sistema. Tal como mencionado anteriormente, estes momentos de estabilidade dinâmica são considerados como configurações atratoras do sistema. No presente estudo, defendemos que a compreensão de como estes momentos de estabilidade são construídos e modificados no sistema de apego apresenta-se como uma importante contribuição para a investigação das relações de apego mãe-criança à luz da teoria de sistemas dinâmicos. Tal compreensão pode ajudar a entender como determinados comportamentos de apego se co-regulam em padrões específicos de apego (tais como estilos de apego seguro e inseguro).

Ancorando-se na teoria dos sistemas dinâmicos para o estudo das relações de apego, Laible e Thompson (2000) propõem conceber os “estilos de apego” - tal como denominado por uma literatura tradicional do apego - como configurações atratoras do sistema de apego mãe-criança. Tais configurações são concebidas como dinamicamente estáveis, recorrentes e resilientes, nas quais o sistema tende a se manter. No entanto, convencionalmente, estes estilos de apego são atribuídos ao indivíduo, como uma característica singular. Ressaltamos que conceber tais padrões de apego como configurações atratoras do sistema de apego mãe-criança implica,

necessariamente, em atribuir um olhar relacional e dinâmico ao fenômeno do apego, diferentemente do que é convencionalmente adotado nas pesquisas tradicionais que investigam o apego. Desta forma, concordamos com esta proposta de Laible e Thompson e, no presente estudo, sugerimos ser possível e adequado considerar dois níveis de configurações atratoras no sistema de apego:

(1) O padrão geral característico do sistema de apego, - tal como acima descrito - se apresenta como configuração atratora do sistema em uma dimensão de tempo do desenvolvimento.

(2) Os frames de apego também se apresentam como configurações atratoras do sistema, só que em uma dimensão de tempo real. Esta se apresenta como uma contribuição específica do presente estudo.

No entanto, destacamos que à semelhança do que vem sendo realizado por alguns estudos que se dedicam à investigação do desenvolvimento humano à luz da teoria dos sistemas dinâmicos (tal como mencionado anteriormente) o uso desta noção de configurações atratoras no presente estudo também se dá de forma metafórica. Uma vez que estamos lidando com sistemas sociais extremamente completos, seus atratores são muito menos regulares e estáveis do que aqueles característicos de sistemas matemáticos puros (van Geert 2003). Ressaltamos também que não faz parte de nossos objetivos propor modelos matemáticos explicativos do sistema de apego mãe-criança.

Sendo assim, defendemos que a microanálise de tais *frames* favorece a compreensão das minúcias relacionais que formam, mantém ou transformam padrões gerais no sistema de apego. Por exemplo, a partir das trocas relacionais segundo a segundo, os parceiros co-regulam suas ações comunicativas sobre um determinado

tópico (os *frames* de apego) e ao longo destas interações constroem, mantêm ou modificam um padrão relacional com determinadas características gerais (tal como apego seguro ou inseguro) ao nível de tempo do desenvolvimento. Assim, sugerimos que a análise microscópica (em tempo real), aliada a uma análise macroscópica (em tempo do desenvolvimento), se apresenta como um instrumento viável e útil para se compreender o processo de co-construção e organização do sistema de apego mãe-criança. Por um lado, possibilita investigar o processo dinâmico de transformação das relações de apego, e por outro lado a emergência de novos padrões organizacionais, característicos dos sistemas em desenvolvimento.

Uma maneira de demonstrar a contribuição de uma abordagem que considera ambas as escalas de tempo, tal como acima discutido, consiste na investigação das configurações atratoras e das configurações evitadas pelo sistema. Da mesma forma que o sistema se auto-organiza de modo a se estabilizar em determinadas configurações preferidas (as configurações atratoras), também podemos observar determinadas configurações frequentemente evitadas pelo sistema, que de acordo com a teoria dos sistemas dinâmicos são denominadas de “*repellers*”. No presente estudo, sugerimos que os *quase-frames* de apego podem ilustrar, em uma dimensão de tempo real, tais configurações evitadas pelo sistema de apego mãe-criança. Defendemos que a investigação de tais *quase-frames* favorecem a compreensão de algumas importantes características do sistema de apego, em particular de seus momentos de maior instabilidade. Por exemplo, um padrão de apego caracterizado pela insegurança pode revelar um sistema de apego que envolve diversos padrões instáveis ou configurações a serem evitadas – como no caso do frame de separação na díade 2, discutido anteriormente -, gerando diversos *quase-frames* de apego

(“repellors”). Assim, diante desta dinâmica de funcionamento da díade 2, mesmo pequenas perturbações no sistema podem conduzi-lo a flutuar entre diversas configurações atratoras e organizar-se em configurações instáveis (como os *quase-frames* de apego), tal como discutido no capítulo anterior. Ressaltamos que, de acordo com a teoria dos sistemas dinâmicos, as configurações atratoras irão apresentar níveis diferentes de estabilidade e instabilidade (Thelen & Smith, 1989), podendo o nível de estabilidade de uma determinada configuração atratora variar dependendo de vários fatores, entre eles da natureza das inter-relações entre os elementos do sistema em uma dimensão de tempo real. Como sugere Laible e Thompson (2000, p. 318):

Ao invés de serem fixos e estáveis, os padrões de apego são *dinâmicos* e assim mais flexíveis, adaptáveis e influenciados pelo contexto do que sugere a teoria tradicional do apego. As relações de apego são organizadas ao longo da vida, não apenas para acomodar novas habilidades da criança, mais também para incorporar mudanças nos papéis parentais.

Desta forma, à luz da teoria dos sistemas dinâmicos e da perspectiva histórico-relacional, o padrão geral do sistema de apego mãe-criança (configuração atratora) não se manterá, necessariamente, estável ao longo do tempo. A estabilidade de uma determinada configuração atratora em um sistema de apego – o que seria concebido por uma perspectiva tradicional como “estilos de apego” – pode permitir que a díade negocie momentos de dificuldade sem modificar o seu estado atrator (tal como ilustrado nas trocas relacionais da díade 1, no presente estudo). No entanto, dependendo de como a díade construiu a sua relação de apego, este estado atrator pode ser mais instável e vulnerável a modificações no sistema, fazendo com que a

entrada de um elemento estressor, como uma separação conjugal dos pais, por exemplo, possa conduzir a díade a uma reorganização do seu sistema de apego e à co-construção de uma diferente configuração atratora – um diferente “estilo de apego”. Neste sentido, o sujeito em desenvolvimento e o próprio sistema de apego mãe-criança encontram-se inseridos em um constante processo de “*tornar-se*”, tal como sugere Valsiner (2000).

Parâmetro controle. À luz da teoria dos sistemas dinâmicos, parâmetro controle se refere ao componente do sistema que age como o agente principal de uma reorganização específica do sistema, em um dado momento histórico deste sistema. Lembramos que este não se refere a um elemento causador desta reorganização nem tão pouco o principal elemento do sistema, uma vez que uma nova configuração emerge mediante, apenas, a interação harmônica dos componentes do sistema, e não como resultado da mudança exclusiva do parâmetro controle. Trata-se de um elemento catalisador da emergência da mudança ou da organização do sistema em uma dada configuração atratora.

Por exemplo, a análise microscópica das interações da díade 1, apresentada anteriormente, nos levou a sugerir que a sensibilidade materna (cuidado com a criança por parte da mãe) se configurou como um parâmetro controle no sistema de apego desta díade. Em nossa leitura, este se constituiu como um importante elemento que pôde conduzir o sistema de apego desta díade a uma re-organização sempre que tais cuidados se fizeram necessários e também favoreceu a manutenção de um senso de confiança e segurança por parte dos parceiros relacionais (uma configuração atratora neste sistema). No entanto, ressaltamos que isto não implica em se adotar uma visão de causalidade linear entre sensibilidade materna e aquisição de um

determinado estilo de apego ou padrão relacional de apego. Concebendo o sistema de apego como dinâmico e histórico-relacional, defendemos que embora a sensibilidade materna possa se apresentar como um importante elemento neste sistema, a dinâmica do fluxo interacional e a emergência de uma dada configuração relacional vai depender da interação dinâmica entre os vários elementos do sistema. Ressaltamos também que dependendo do contexto da atividade, da história do sistema ao longo do tempo e da modificação dos elementos do sistema (por exemplo, a idade da criança) a função deste elemento (sensibilidade materna) no sistema pode ser modificada. Como mencionado anteriormente, um determinado elemento pode funcionar como parâmetro controle de um sistema em um determinado momento e, em um momento posterior, um outro elemento emergir e assumir a função de parâmetro controle (Thelen & Smith, 1994). Este aspecto nos remete a uma outra importante contribuição que este olhar dinâmico, histórico e relacional pode trazer para a investigação do sistema de apego mãe-criança: A adoção de uma noção de causalidade sistêmica e histórica.

Causalidade sistêmica e histórica. Uma outra contribuição que um olhar ancorado na teoria dos sistemas dinâmicos pode oferecer refere-se à visão de causalidade assumida. Uma robusta e tradicional literatura na área do apego defende que o estilo de apego seguro da criança pode predizer futuras aquisições do desenvolvimento infantil (e.g. Beck, 1995, 1996; Hazen, & Durrett, 1982; Izard, 1989; Meins, 1997, 2000). Contrapondo-se a esta visão, alguns autores ressaltam que, via de regra, em tais estudos observa-se a adoção de uma visão de causalidade linear, ou seja, que é o estilo de apego da criança que irá predizer futuras aquisições de seu desenvolvimento (e.g., Coleman e Watson, 2000, Fogel, 2000, Laible e

Thompson, 2000, Valsiner, 2000). Estes autores também destacam que mesmo entre os estudos empíricos tradicionais na área de apego esta esperada forte relação de predição entre o estilo de apego da criança e seu futuro desenvolvimento sócio-emocional apresenta-se modesta e inconsistente. Esta visão de causalidade linear entre estilo de apego e futuras aquisições do desenvolvimento torna-se ainda mais inconsistente e contraditória se concebemos o fenômeno do apego como histórico-relacional e dinâmico, e o processo de desenvolvimento humano como um contínuo processo de mudança ao longo do tempo.

Assim, nos ancorado em uma perspectiva histórico-relacional e sistêmica para a investigação das relações de apego mãe-criança, no presente estudo sugerimos a adoção de uma visão de causalidade sistêmica e histórica. Causalidade sistêmica, pois são consideradas as diversas influências e as múltiplas relações estabelecidas pelos elementos do sistema, sendo destacados os aspectos funcionais e dinâmicos deste (e.g., Fogel, 1997, Laible & Thompson, 2000, Valsiner, 2000). Assim sendo, são as relações funcionais estabelecidas entre os elementos do sistema que proporcionam a emergência de diferentes produtos. Causalidade histórica, pois considera a dinâmica relacional das trocas entre os parceiros diádicos ao longo do tempo, ressaltando que tais trocas revelam, ao mesmo tempo, um certo nível de determinação e indeterminação do fenômeno do desenvolvimento humano (Lyra & Winegar, 1997). De acordo com estes autores, “determinação e indeterminação são interconectados através da natureza histórica da dinâmica das interações sociais” (p. 99).

Tais autores sugerem que ao longo das trocas relacionais entre os parceiros diádicos, podemos observar um fechamento cada vez maior das inúmeras

possibilidades de ações dos parceiros, que pode ser devido a esta dinâmica processual de co-construção diádica, a qual progressivamente cria significados partilhados entre os parceiros. Ao mesmo tempo, por ser este um sistema aberto e dinâmico, as trocas relacionais preservam um certo nível de imprevisibilidade (indeterminação), uma vez que a entrada de um novo elemento ou a modificação de um dos elementos do sistema pode conduzi-lo a uma nova configuração, não prevista inicialmente. Assim, mesmo considerando o alto nível de imprevisibilidade dos sistemas dinâmicos e abertos, a teoria dos sistemas dinâmicos reconhece que as organizações prévias dos elementos de um sistema guiam à futura auto-organização de tal sistema (Lewis, 1997). Sendo assim, com base nesta proposta de Lyra e Winegar (1997), defendemos que o sistema de apego mãe-criança é, ao mesmo tempo, flexível e auto-organizado em função da dinâmica de co-regulação de seus elementos, mas também moldado tanto pelos seus elementos como também pela história de auto-organização de tais elementos. A auto-organização das ações comunicativas em um sistema de apego resulta tanto de uma delimitação imposta por cada parceiro ao outro, como também por outras delimitações contextuais e orgânicas, bem como a própria história da interação e suas influências históricas e culturais.

Desta forma, ao propor uma visão de causalidade sistêmica e histórica para o processo de co-construção das relações de apego, defendemos que a qualidade das relações de apego mãe-criança e futuras aquisições no desenvolvimento serão definidas considerando: (1) as relações funcionais estabelecidas pelos diferentes elementos do sistema e (2) a história de tais relações construída ao longo do tempo.

A partir do exposto, concluímos que a teoria dos sistemas dinâmicos, associada à perspectiva histórico-relacional oferece estratégias teórico-metodológicas que permitem investigar o caráter processual e dinâmico que defendemos ser característico e inerente às relações de apego no início da vida. A partir desta perspectiva, características de cada parceiro relacional, assim como elementos contextuais podem ser investigados, considerando a mútua influência que exercem uns sobre os outros, favorecendo a compreensão da emergência, manutenção e modificação de um determinado padrão relacional. Ressaltamos, no entanto, que a investigação do apego mãe-criança sob esta perspectiva se apresenta como uma proposta ainda incipiente na comunidade científica. Sendo assim, sugerimos fortemente que, à luz da teoria dos sistemas dinâmicos e da perspectiva histórico-relacional, novas pesquisas sejam feitas com o objetivo de investigar o apego enquanto um fenômeno sistêmico e relacional. A seguir, serão apresentadas algumas sugestões de futuras pesquisas, para dar continuidade à investigação do sistema de apego mãe-criança sob esta lente paradigmática.

6.3. Novas Direções de Pesquisa

Isto posto, defendemos que a investigação do processo de emergência, manutenção e modificação das relações de apego mãe-criança, sendo esta concebida como um fenômeno relacional demanda, necessariamente, uma metodologia compatível com a investigação do processo de mudança. No presente estudo, sugerimos que a investigação dos *frames* de apego e do processo de co-regulação característico das relações diádicas pode oferecer importantes informações sobre o sistema de apego mãe-criança. A nosso ver, a adoção de tais estratégias

metodológicas favorece a investigação de novos aspectos relacionais que não são foco dos estudos que concebem o apego como uma característica pessoal da criança, produto da sensibilidade materna. Sugerimos que a investigação do apego como um sistema dinâmico e sob uma lente histórico-relacional se configura como um vasto programa de pesquisa, um caminho ainda pouco explorado pelos pesquisadores que se dedicam ao estudo do apego. Sendo assim, neste trabalho, muito mais do que buscarmos respostas únicas e definitivas, nosso objetivo foi formular novas perguntas e sugerir alguns caminhos a serem trilhados.

Focalizando a pesquisa na análise da relação diádica em um contexto de brincadeira simbólica, sugerimos que novas pesquisas sejam realizadas, investigado como a díade transita entre diferentes configurações semióticas. Por exemplo, que características relacionais estão envolvidas nos momentos de transição entre os *frames* de apego que relacionados à brincadeira simbólica (cuidado, separação e reencontro – personagens) e aqueles focalizados na interação mãe-criança (como nos *frames* de cuidado – criança e separação e reencontro M-C)? Estas dimensões podem estar ilustrando a possibilidade de cada díade de criar diferentes contextos comunicativos para a produção de sentido. Julgamos interessante investigar se a organização do sistema de apego em uma determinada configuração atratora estaria relacionada à co-construção de diferentes contextos comunicativos (como dimensão da brincadeira simbólica e da interação mãe-criança propriamente dita).

Tal como mencionado anteriormente, no que se refere ao uso do modelo de codificação relacional proposto por Fogel e cols (2003) para a investigação dos padrões relacionais do sistema de apego, sugerimos também que novas pesquisas sejam realizadas, incluindo inclusive, o treinamento de observadores e a realização

de acordo entre observadores para as análises videográficas realizadas no presente estudo. Considerando ainda este modelo proposto por Fogel, um outro aspecto que sugerimos que seja investigado em futuras pesquisas refere-se à dinâmica de co-regulação em cada um dos *frames* de apego, assim como nos *quase-frames* de apego. Por exemplo, em um sistema de apego caracterizado pela insegurança, será que a dinâmica de co-regulação *unilateral initiating* ou *demanding* é mais frequentemente observada no frame de apego característico da separação? No presente estudo tivemos indícios de que sim, mas este não se constituiu como um de nossos objetivos e poderá ser melhor investigado em futuros estudos.

Um outro aspecto interessante de ser investigado refere-se à realização de uma análise multidimensional dos dados produzidos na análise videográfica das interações diádicas, considerando ao mesmo tempo os *frames* de apego, os *quase-frames* de apego e os padrões de co-regulação, tendo a noção de configurações atratoras e *repellers* como conceitos norteadores na análise dos resultados. Este se apresenta como o próximo passo a ser por mim empreendido na continuidade do meu programa de pesquisa.

Sugerimos também a investigação das relações mãe-criança no contexto de suas atividades cotidianas. Por exemplo, mãe e criança poderiam ser filmadas em sua casa, durante uma hora semanal, em atividades cotidianas, como na hora do almoço, ou ao longo do dia, quando se façam presentes atividades partilhadas como tomar banho, ver televisão, brincar, realizar tarefas escolares, etc. Estas interações poderiam ser analisadas considerando os *frames* de apego e os *quase-frames* de apego, assim como a dinâmica de co-regulação em cada episódio classificado.

No presente estudo, tivemos por objetivo demonstrar possíveis contribuições teórico-metodológicas que um olhar sistêmico e histórico-relacional pode trazer para aqueles que buscam compreender o processo de construção das relações de apego no início da vida. Entretanto, como pontuado anteriormente, estamos cientes da vastidão desta proposta e de que outras questões que não as abordadas no presente estudo emergem ao se conceber o fenômeno do apego sob esta lente paradigmática. A investigação do apego à luz desta perspectiva se constitui como um vasto programa de pesquisa, que pretendo dar continuidade ao longo de minha trajetória acadêmica. No entanto, compartilhando da idéia presente em um trecho de um poema de Fernando Sabino, neste momento eu gostaria de destacar que:

De tudo, ficam 3 coisas:

A certeza de que estamos sempre começando,

A certeza de que é preciso continuar, e

A certeza de que seremos interrompidos antes de terminar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M. (1982) Attachment: retrospect and prospect. In: C.M. Parkes & J. Stevenson-Hinde (eds.) *The place of attachment in human behavior*. New York: Basic Books.
- Ainsworth, M. D. S. (1968). Object relations, dependency, and attachment: A theoretical review of the infant mother relationship. *Child Development*, 40, 969-1025.
- Ainsworth, M. (1969). Object Relations, Dependency, and Attachment: A Theoretical Review of the Infant-Mother Relationship. *Child Development*, 40, 969-1025.
- Ainsworth, M. D. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Ainsworth, M. D. S., & Bowlby, J. (1991), An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46, 331-341.
- Ainsworth, M. D. S., & Marvin. (1994). On the shaping of attachment theory and research: An interview with Mary D. S. Ainsworth. In Waters, E. Vaughn, B. E., Posada, G. & Kondo-Ikemura, K. (Eds.). *Monographs of The Society for Research in Child development*, serial 244, vol. 60, n 2-3, 03-21.
- Ainsworth, M.D.S. & Wittig, B.A. (1969). Attachment and exploratory behavior in one-year-olds in a strange situation. In B. M. Foss (Ed.), *Determinants of infant behavior*, cap. 4, (pp. 111-136). London: Methuen
- Araújo, L. & Kato, R. A. F. (1983). *A desordem afetiva primária na situação de perda por morte*. Monografia apresentada à disciplina Seminários de Psicologia do Desenvolvimento. Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Beck, C. T. (1995). The effects of postpartum depression on maternal-infant interaction: a meta-analysis. *Nursing Research*, 44, 5, 298-304.
- Beck, C. T. (1996). Postpartum depressed mothers' experiences interacting with their children. *Nursing Research*, 45, 2, 98-104.
- Bell, R. Q. (1968). A reinterpretation of the direction of effects in studies of socialization. *Psychological Review*, 75, 81-95.
- Bell, S. M. (1970). The development of the concept of object as related to infant-mother attachment. *Child Development*, 41, 291-311.

- Belsky, J., Garduque, L. & Hencir, E. (1984). Assessing performance: Competence, and executive capacity in infant play: Relations to home environment and security of attachment. *American Psychological Association*, 20, 3, 406-417.
- Belsky, J., Isabella, R. A., & von Eye, A. (1989). Origins of infant-mother attachment: An examination of interactional synchrony during the infant's first year. *Developmental Psychology*, 25 (1), 12-21.
- Blehar, M. C., Lieberman, A. F., & Ainsworth, M. D. S. (1977). Early face-to-face interaction and its relation to later infant-mother attachment. *Child Development*, 48, 182-194.
- Bowlby, J. (1952). *Maternal Care and Mental Health. Report prepared on behalf of the World Health Organization*. Geneva: World Health Organization.
- Bowlby, J. (1952). *Maternal Care and Mental Health. Reporte prepared on behalf of the World Health Organization*. Geneva: World Health Organization.
- Bowlby, J. (1956a). Practical advice on new baby jealousy. *Child-Family Digest*, 14, 25-29.
- Bowlby, J. (1956b). The growth of independence in the young child. *Health Congress of the Royal Society of Health*, Blackpool.
- Bowlby, J. (1958). A note on mother-child separation as a mental health hazard. *British journal of medical psychology*, 31, 247-248.
- Bowlby, J. (1958). The nature of the child's tie to his mother. *Journal of Psycho-Anal.* 39, 350-373.
- Bowlby, J. (1960). Symposium on 'psycho-analysis and ethology': Ethology and the development of object relations. *International Journal of Psychoanalysis*, 41, 313-317.
- Bowlby, J. (1964). Note on Dr Lois Murphy's paper. *International Journal of Psychoanalysis*, 45, 44-46.
- Bowlby, J. (1969/1984). *Apego e perda – volume 1: Apego*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1973/1984). *Apego e perda – volume 2: Separação*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1979/1997). *Formação e rompimento de laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1981). A contribution by John Bowlby. *Bulletin of the Royal College of*

- Psychiatry*, 5, 2-4.
- Bowlby, J.M. (1985). Interview with John Bowlby. *Bethlem and Maudsley Gazette*, 32, 20-23.
- Braungart-Rieker, J. M., Garwood, M.M., Powers B. P. & Wang, X. (2001). Parental Sensitivity, Infant Affect, and Affect Regulation: Predictors of Later Attachment. *Child Development*, v72 i1 p252.
- Bretherton, I. (1990). Open communication and internal working models: Their role in attachment relationships. In R. Thompson (Ed.), *Socioemotional development (Nebraska Symposium, 1987)*. Lincoln, NE: University of Nebraska Press.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and marry Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28, 759-775. Reprinted in from R. Parke, P. Ornstein, J. Reiser, & C. Zahn-Waxler (Eds.) (1994). *A century of developmental psychology*. (pp. 431-471).
- Bretherton, I. (1993). From dialogue to internal working models: The co-construction of self in relation. In C. Nelson, (Ed.) *Minnesota Symposium on Child Psychology*. Vol. 26. Memory and affect in development (pp. 237-263). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Bretherton, I. (1995). Commentary – Communication perspective on attachment relationships and internal working models. In E. Waters, B. E. Vaughn, G. Posada, & K. Kondo-Ikemura, (Eds.). *Monographs of The Society for Research in Child development, serial 244*, vol. 60, n 2-3, 310-329.
- Bretherton, I., Ridgeway, D., & Cassidy, J. (1990). Assessing internal working models in the attachment relationship: An attachment story completion task for 3-year-olds. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M. Cummings (Eds.), *Attachment during the preschool years* (pp. 272- 308). Chicago: University of Chicago Press.
- Carter, A.S., Garrity-Rokous, F.E., Chazan-Cohen, R., Little, C., & Briggs-Gowan, M. J. (2001). Maternal depression and co morbidity: Predicting early parenting, attachment security, and toddler social-emotional problems and competencies. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 40, 18-26.
- Cassidy, J. (1988). Child-mother attachment and the self in six-year-olds. *Child Development*, 59, 121-134.
- Coleman, P.K, & Watson, A. (2000). Infant attachment as a dynamic system. *Human Development*, 43, 295-313.
- Crittenden, P. M. (1992). Quality of attachment in the preschool years. *Development and Psychopathology*, 4, 209-241.

- Durbin, E. F. M & Bowlby, J. (1959). *Personal aggressiveness and war*. London: Lund Humphries.
- Figueiredo, B. (1996). A interação mãe-bebê. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 1 117-132.
- Fogel, A. & Lyra, M. C. D. P. (1997). Dynamics of development in relationships. Em F. Masterpasqua e P. A. Perna (Eds.), *The psychological meaning of chaos* (pp. 75-94). Washington, DC: American Psychological Association.
- Fogel, A. (1993). *Developing through relationships*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Fogel, A. (1995). A relational perspective on attachment. Em W. Koops, J. B. Hoeksma e van den Boon (Eds.). *Development of interaction and attachment: Traditional and non-traditional approaches*. Amsterdam: Royal Netherlands Academy of Arts and Sciences.
- Fogel, A., & Thelen, E. (1987). The development of early expressive and communicative action: Re-interpreting the evidence from a dynamic systems perspective. *Developmental Psychology*, 23, 747-761.
- Fogel, A., de Koeyer, I., Secrist, C., Sipherd, A., Hafen, T., & Fricke, M. (2003). *The Revised Relational Coding system*. Unpublished Manuscript, Department of Psychology, University of Utah.
- Fogel, A., Garvey, A.P., Hsu, H., & West-Stroming, D. (2006). Change processes in relationships: Relational-historical research on a dynamic system of communication. Book manuscript submitted for publication.
- Fogel, A. (2000). Systems, attachment, and relationships. *Human Development*, 43, 314-320.
- Fonagy, P., Steele, H. & Steele, M. (1991). Maternal representations of attachment during pregnancy predict the organization of infant-mother attachment at one year of age. *Child Development*, 62, pp. 891- 915.
- Fonagy, P., Steele, H., & Steele, M. (1991). Maternal representations of attachment during pregnancy predict the organization of infant-mother attachment at one year of age. *Child Development*, 62, pp. 891-905.
- Frankel, K. A. & Bates, J. E. (1990). Mother-toddler problem solving: Antecedents in attachment, home behavior, and temperament. *Child Development*, 61, 810-819.
- Frankel, K. A. & Bates, J. E. (1990). Mother-toddler problem solving: Antecedents in attachment, home behavior, and temperament. *Child Development*, 61, 810-819.

- Haft, W.L., and Slade, A. (1989). Affect attunement and maternal attachment: A pilot study. *Infant Mental Health Journal*, 10 (3), 157-172.
- Hamilton, C.E. (2000). Continuity and discontinuity of attachment from infancy through adolescence. *Child Development*, 71, 690-694.
- Hazen, N. L. & Durrett, M. E. (1982). Relationship of security of attachment to exploration and cognitive mapping abilities in 2-year-old. *Developmental Psychology*, 18, 5, 751-759.
- Hazen, N. L. & Durrett, M. E. (1982). Relationship of security of attachment to exploration and cognitive mapping abilities in 2-year-old. *Developmental Psychology*, 18, 5, 751-759.
- Hazin, I. (2000). *Auto-estima e desempenho em matemática: uma contribuição ao debate acerca das relações entre cognição e afetividade*. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco.
- Hsu, H.C., & Fogel, A. (2001). Infant vocal development in a dynamic mother-infant communication system. *Infancy*, 2(1), 87-109
- Isabella, R. A. & Belsky, J. (1991). Interactional synchrony and the origins of infant-mother attachment: a replication study. *Child Development*, 62 (2), p. 373-412.
- Izard, C. E. (1989). Studies of the development of emotion-cognition relations. *Cognition and Emotion*, 3, 4, 257-266.
- Izard, C. E., Haynes, O. M., Chisholm, G., & Baak, K. (1991). Emotional determinants of infant-mother attachment. *Child Development*, 62, 906-917.
- Kellert, S. H. (1993). *In the wake of chaos*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Koren-Karie, N., Oppenheim, D., Smadar, D., Efrat, S. & Etzion-Carasso, A. (2002). Mothers' insightfulness regarding their infants' internal experience: Relations with maternal sensitivity and infant attachment. *Developmental Psychology*, 38(4), 534-543.
- Laible, D. J. & Thompson, R. (2000). Attachment and self-organization. Em. M. D. Lewis & I. Granic. *Emotion, development and self-organization: Dynamic systems approaches to emotional development* (pp. 298-323. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lavelli, M., Pantoja, A.P.F., Hsu, H., Messinger, D. & Fogel, A. (2005). Using microgenetic designs to study change processes: A relational-historical approach. In D. M. Teti (Ed.), *Handbook of research methods in developmental psychology*.

- Baltimore, MD: Blackwell Publishers.
- Levitt, M. J., Antonucci, T. C. & Clark, M. C. (1984). Object-person permanence and attachment: another look. *Merrill-Palmer Quarterly*, 30, 1, 1-10.
- Lewis, M. D. (1995). Cognition-emotion feedback and the self-organization of developmental paths. *Human Development*, 38, 71-102.
- Lewis, M. D. (1997). Personality self-organization: Cascading constraints on cognition-emotion interaction: Em F. Alan, Lyra, M. C. D. P. & Valsiner, J. (orgs.) *Dynamics and indeterminism in developmental and social processes*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Lewis, M. D. (2000). The promise of dynamic systems approaches for an integrated account of human development. *Child Development*, 71 (1), 36-43.
- Lewis, M. D. & Granic, I. (2000). A new approach to the study of emotional development. Em M. D. Lewis & I. Granic. (Eds). *Emotion, development and self-organization: Dynamic systems approaches to emotional development* (pp. 1-12). Cambridge: Cambridge University Press.
- Lewis, M. D. & Junyk, N. (1997). The self-organization of psychological defenses. Em F. Masterpasqua e P. Perna (orgs.) *The psychological meaning of chaos*. Washington: American Psychological Association (pp. 41-69).
- Lewis, M. D., Lamey, A. V. & Douglas, L. (1999). A new dynamic systems method for the analysis of early socioemotional development. *Developmental Science*, 2(4), 458-476.
- Leyendecker, B., Lamb, M. C., F racasso, M. P., Scholmerich, A. & Larson, C. (1997). Playful interaction and the antecedents of attachment: A longitudinal study of Central American and Euro-American mothers and infants. *Merrill-Palmer Quarterly*, 43 (1), 24-47.
- Lyra, M. C. D. P., & Rossetti-Ferreira, M. C. (1989). Processos dialógicos e a construção da partilha na díade mãe-bebê. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 16, 47-64.
- Lyra, M. C. D. P. & Rossetti-Ferreira, M. C. (1995). Transformation and construction in social interaction: A new perspective of analysis of the mother-infant dyad. Em J. Valsiner (Ed.), *Child Development in Culturally Structured Environments. Vol. 3. Comparative-Cultural and Constructivist Perspectives* (pp. 147-173). Norwood, N. J.: Ablex.
- Lyra, M. C. D. P. & Winnegar, L. T. (1997). Processual dynamics of interactions though time: Adult-child interactions and process of development. Em A. Fogel, M. C. D. P. Lyra & J. valsiner (Orgs.), *Dynamics and indeterminism in developmental and social process*. Norwood, N J: Ablex.

- Lyra, M. C. D. P. & Souza, M. (2003). Dynamics of dialogue and emergence of self in early communication. In I. E. Josephs (org.), *Dialogicality in development, Vol. 5, Child Development within Culturally Structured Environments*. Westport, Connecticut: Praeger Publishers, (p. 51-68).
- Lyra, M. C. D. P. (1988). *Transformação e construção na interação social: a díade mãe-bebê*. Tese de Doutorado não publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Lyra, M. C. D. P. (2000). Desenvolvimento de um sistema de relações historicamente construído: contribuições da comunicação no início da vida. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 13, (02), 257-268.
- Lyra, M. C. D. P. e Valsiner, J. (1998). Introduction: Process approach in sociogenesis. Em. M. C. D. P. Lyra e J. Valsiner (Eds.). *Child Development Within Culturally Structured Environments: Construction of Psychological Processes in Interpersonal Communication*. Vol 4. Stamford: Ablex Publishing Corporation.
- Lyra, M. C. D. P., Pantoja, A. P. F., Cabral, E. A., Souza, M., Moutinho, A. K. (1995). A produção vocal do bebê: construção partilhada pela díade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 11, (1), 1-6.
- Mangelsdorf, S., Gunnar, M., Kestenbaum, R., Lang, S., & Andreas, D.(1990). Infant proness-to-distress temperament, maternal personality, and mother-infant attachment: Associations and goodness of fit. *Child Development*, 61, 820-831.
- Main, M., & Solomon, J. (1990). Procedures for identifying infants as disorganized/disoriented during the Ainsworth Strange Situation. In M. Greenberg, D. Cicchetti & E. M. Cummings (Eds.). *Attachment during the preschool years* (pp. 121-160). Chicago: Univ. Chicago Press.
- Martins, C., & Gaffan, E.A. (2000). Effects of early maternal depression on patterns of infant-mother attachment: A meta-analytic investigation. *Journal of Child Psychology & Psychiatry & Allied Disciplines*, 41, 737-746.
- Matas, L. Arent, R. A. & Sroufe, A. (1978). Continuity of adaptation in second year: The relationship between quality of attachment and later competence. *Child development*, 49, 547-556.
- Matas, L. Arent, R. A. & Sroufe, A. (1978). Continuity of adaptation in second year: The relationship between quality of attachment and later competence. *Child development*, 49, 547-556.
- Meins (2000). Is maternal cognition a better predictor of preschool development than security of attachment? Simposium apresentado na *British Psychological Society*

- Developmental Section Annual Conference*, University of Bristol.
- Meins (2000). Is maternal cognition a better predictor of preschool development than security of attachment? Symposium apresentado na *British Psychological Society Developmental Section Annual Conference*, University of Bristol.
- Meins, E. (1997). *Security of Attachment and the Social Development of Cognition*. East Susses: Psychology Press.
- Meins, E. (1997). *Security of Attachment and the Social Development of Cognition*. East Susses: Psychology Press.
- Meira, L. (1995). Análise microgenética e videografia: Ferramentas de pesquisa em psicologia cognitiva. *Temas de Psicologia*, 1 (3), 59-71.
- Murphy, L. B. (1964). Some aspects of the first relationship. *International Journal of Psychoanalysis*, 45, 31-43.
- Naess, S. (1960). Mother-child separation and delinquency. *The British Journal of Delinquency*, 10, 22-35.
- Oppenheim, D. & Waters, H. S. (1995). Narrative processes and attachment representations: Issues of development and assessment. In Waters, E. Vaughn, B. E., Posada, G. & Kondo-Ikemura, K. (Eds.). *Monographs of The Society for Research in Child development*, serial 244, vol. 60, n 2-3, 197-215.
- Pantoja, A. P. F. (1996). *Relational-historical change processes in early mother-infant communication: A qualitative investigation*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Utah, Salt Lake City.
- Pantoja. A. P. F. (1998). *Emotional life development from a relational-historical approach: The story of one mother-infant dyad*. Tese de Doutorado, apresentada ao Departamento de Psicologia da Universidade de Utah.
- Pantoja, A. P. (2001). Emotional development from a relational historical approach: The story of one mother-infant dyad. Unpublished doctoral dissertation. University of Utah, U.S.A.
- Pantoja, A. P. F., Nelson-Goes, G. C. & Fogel, A. (2000). A dynamical system approach to the study of early emotional development in the context of mother-infant communication. In A. F. Kalverboer & A. Gramsberben (Eds.) *Brain and behavior in human devemopment: The organization of emotional life in the early years*. Cambridge: University press.
- Paradise, E. B. & Curcio, F. (1974). Relationship of Cognitive and Affective Behaviors to Fear of Strangers in Male Infants. *Developmental psychology*, 10, (2), 476-483.
- Paradise, E. B. & Curcio, F. (1974). Relationship of Cognitive and Affective

- Behaviors to Fear of Strangers in Male Infants. *Developmental psychology*, 10, 2, 476-483.
- Pederson, D. & Moran, G. (1995). A categorical description of infant-mother relationships in the home and its relation to q-sort measures of infant-mother interaction. Em Waters, E. Vaughn, B. E., Posada, G. & Kondo-Ikemura, K. (Eds.). *Monographs of The Society for Research in Child development*, serial 244, vol. 60, n 2-3, 111-132.
- Pederson, D. R., Moran, G., Sitko, C. & Campbell, K. (1990). Maternal sensitivity and the security of infant-mother attachment: A Q-sort study. *Child Development*, 61, 1974-1983.
- Pedrosa, I. & Carvalho, A. M. A. (1997). From disordered to ordered movement: Attractor configuration and development. Em F. Alan, Lyra, M. C. D. P. & Valsiner, J. (orgs.) *Dynamics and indeterminism in developmental and social processes*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Pederson, D.R., Gleason, K.E., Moran, G., & Bento, S. (1998). Maternal attachment representations, maternal sensitivity, and the infant-mother attachment relationship. *Developmental Psychology*, 34 (5), 925-933.
- Posada, G., Gao, Y., Wu, F., Posada, R. Tascon, M. Shoelmerich, A., Sagi, A., Kondo-Ikemura, K., Haaland, W. & Synnevaag, B. (1995). The secure-base phenomenon across cultures: Children's behavior, mothers' preferences, and experts' concepts. Em Waters, E. Vaughn, B. E., Posada, G. & Kondo-Ikemura, K. (Eds.). *Monographs of The Society for Research in Child development*, serial 244, vol. 60, n 2-3, 27-48.
- Posada, G., Waters, E. Crowell, J. & Lay, K. (1995). Is it easier to use a secure mother as a secure base? Attachment Q-sort correlates of the adult attachment interview. Em Waters, E. Vaughn, B. E., Posada, G. & Kondo-Ikemura, K. (Eds.). *Monographs of The Society for Research in Child development*, serial 244, vol. 60, n 2-3, 133-145.
- Prigogine, I. E Stengers, I. (1984) *Order out of Chaos*. New York: Bantam Books.
- Seifer, R. & Schiller, M. (1995). The role of parenting sensitivity, infant temperament, and dyadic interaction in attachment theory and assessment. In Waters, E. Vaughn, B. E., Posada, G. & Kondo-Ikemura, K. (Eds.). *Monographs of The Society for Research in Child development*, serial 244, vol. 60, n 2-3, 146-174.
- Seifer, R., Schiller, M., Sameroff, A.J., Resnick, S., & Riordan, K. (1996). Attachment, maternal sensitivity, and infant temperament during the first year of life. *Developmental Psychology*, 32, 12-25.

- Silva, M. S. & Lyra, M.C.D.P. Developmental Pathways in the Construction of the Give-and-take Game: A Dynamic Systems Approach to the Study of Mother-Infant Communication (revisto e a ser submetido). New Direction for Child Development, Inglaterra, 2006.
- Silva, M. S. (1999). *Desenvolvimento da comunicação mãe-bebê mediada por objetos: Um estudo de dois casos*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Federal de Pernambuco.
- Slade, A. (1987). Quality of attachment and early symbolic play. *Developmental Psychology*, 23, 1, 78-85.
- Smith, L. B. & Samuelson, L. K. (2003). Different is good: Connectionism and dynamic systems theory are complementary emergent approaches to development. *Developmental Science*, 6(4), 434-439.
- Soares, I. (1996). *Representação do apego na idade adulta e na adolescência*. Braga, Serviços de Publicações, Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho.
- Souza, M., Villachan-Lyra, P. & Lyra, M. C. D. P. (1998). Emergence of abbreviation in early mother-infant communication. *Education Research Information Center - Eric* no 419585, 1998.
- Sroufe, L. A. & Sampson, M. C. (2000). Attachment theory and systems concepts. *Human Development*, 43, 321-326.
- Teti, D.M., Gelfand, D.M., Messinger, D.S., & Isabella, R. (1995). Maternal depression and the quality of early attachment: An examination of infants, preschoolers, and their mothers. *Developmental Psychology*, 31, 364-376.
- Thelen, E. & Bates, E. (2003). Connectionism and dynamic systems: Are they really different? *Developmental Science*, 6(4), 378-391.
- Thelen, E. & Smith, L. B. (1994). *A dynamic systems approach to the development of cognition and action*. Massachusetts: MIT Press.
- Thompson, R. A. (1995). Attachment in context. Em W. Koops, J. B. Hoeksma & D. C van den Boom. *Development of interaction and attachment: Tradition and non-traditional approaches*. Amsterdam: Royal Netherlands Academy of Arts and Sciences.
- Thompson, R. (1997). Sensitivity and security: New questions to ponder. *Child Development*, 68, 595-597.

- Thompson, R. (1998). The development of the person: Social understanding, relationships, self and conscience. Em W. Damon & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology* (6th Ed.), Vol. 3. *Social, emotional, and personality development* (N. Eisenberg, Vol. Ed.). New York: Wiley.
- Thompson, R. Lamb, M. & Estes, D. (1982). Stability of infant-mother attachment and its relationship to changing life circumstances in an unselected middle-class sample. *Child Development*, 53, 144-148.
- True, M. M., Pisani, L. & Oumar, F. (2001). Infant-mother attachment among the Dogon of Mali. *Child Development*, 7(5), 1451(16).
- True, M. M., Pisani, L. & Oumar, F. (2001). Infant-mother attachment among the Dogon of Mali. *Child Development*, 72 (5), 1451-1466.
- Valsiner, J. (1997). *Culture and the development of children's action: A theory of human development*. New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Valsiner, J. (1998). *The development of the concept of development: Historical and epistemological perspectives*. Em W. Damin & R. Lerner (eds.). *Handbook of child psychology*. 5th edition. Vol 1. *Theoretical Models of Human Development*. New Your: Wiley, pp. 189-232.
- Valsiner, J. (2000). *Culture and human development*. London: SAGE Publications.
- van den Boom, D. (2001). First attachments: Theory and research. In G. Bremner and A. Fogel (Eds.), *Infant Development* (pp. 296-325). Oxford: Blackwell Publishers.
- Van den Boom, D. C. & Hoeksma, J. B. (1995). How is development conceptualized in mother-child interaction research? Em W. Koops, J. B. Hoeksma & D. C van den Boom. *Development of interaction and attachment: Tradition and non-traditional approaches*. Amsterdam: Royal Netherlands Academy of Arts and Sciences.
- Van Geert, P. (1994). *Dynamic system of development: Change between complexity and caos*. New York: Harvester.
- Van Geert, P. (1995). The development of attachment and attachment-related competences: A dynamic model. Em W. Koops, J. B. Hoeksma & D. C van den Boom. *Development of interaction and attachment: Tradition and non-traditional approaches*. Amsterdam: Royal Netherlands Academy of Arts and Sciences.
- Van Geert, P. (2000). The dynamics of general developmental mechanisms: From Piaget and Vygotsky to Dynamic Systems Models. *Current Directions in*

- Psychological Science*, 9 (2), 64-68.
- Van Geert, P. (2003). Dynamic systems approaches and modeling of developmental processes. In J. Valsiner and K. J. Conolly (Eds.), *Handbook of developmental Psychology*. London: Sage. (pp. 640-672).
- Van Ijzendoorn, M. H., & Kroonenberg, P. M. (1988). Cross-cultural patterns of attachment; A meta-analysis of the Strange Situation. *Child Development*, 59, 147-156.
- Vaughn, B., Stevenson-Hinde, J., Waters, E., Kotsaftis, A., Lefever, G., Shouldice, A., Trudel, M., & Belsky, J. (1992). Attachment security and temperament in infancy and early childhood: Some conceptual clarifications. *Developmental Psychology*, 28, 463-473.
- Villachan-Lyra, P. (2002). Estilos de apego, peculiaridades interacionais e aquisição da teoria da mente. Unpublished master's thesis. Federal University of Pernambuco, Brazil.
- Villachan-Lyra, P.V., & Pantoja, A.P.F. & Silva, M. S. (em revisão). Attachment co-creation in the third year of life: A relational-historical approach. To appear on M.C.D.P. Lyra, C. Lightfoot & J. Valsiner (Eds.), *Challenges and strategies for studying human development in cultural contexts*, vol. 8, *Advances in child development within culturally structured environments*. Westport, CT: Greenwood Publishing Group.
- Volling, B. L., & Belsky, J. (1992). The contribution of mother-child and father-child relationships to the quality of sibling interaction: A longitudinal study. *Child Development*, 63, 1209-1222.
- Volling, B. L., & Belsky, J. (1992). The contribution of mother-child and father-child relationships to the quality of sibling interaction: A longitudinal study. *Child Development*, 63, 1209-1222.
- Vondra, J., Dowdell, H. & Shaw, D. (1999). Stability and change in infant attachment in a low-income sample. Em Joan Vondra & Douglas Barnett (Eds.). *Monographs of The Society for Research in Child development*, serial 258 vol. 64, n-3, 119-144.
- Vygotsky, L. S. (1984). A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (2001). A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes.
- Waters, E. (1978). The reliability and stability of individual differences in Infant-mother attachment. *Child Development*, 49, 520-616.

- Waters, E., Wippman, J. & Sroufe, L. A. (1979). Attachment, positive affect, and competence in the peer group: Two studies in construct validation. *Child Development*, 50, 821-829.
- Waters, E., Vaughn, B. E., Posada, G. & Kondo-Ikemura, K. (1995). Appendix D – Scoring key for Q-Sort criteria and derived scales in the attachment Q-Set and the attachment Q-Set for infant macaques item sets. Em Waters, E. Vaughn, B. E., Posada, G. & Kondo-Ikemura, K. (Eds.). *Monographs of The Society for Research in Child development, serial 244*, vol. 60,n 2-3, 280-299.
- Waters, E., Vaughn, B. E., Posada, G. & Kondo-Ikemura, K. (1995). Appendix D – Scoring key for Q-Sort criteria and derived scales in the attachment Q-Set and the attachment Q-Set for infant macaques item sets. Em Waters, E. Vaughn, B. E., Posada, G. & Kondo-Ikemura, K. (Eds.). *Monographs of The Society for Research in Child development, serial 244*, vol. 60,n 2-3, 280-299.
- Weinfield, N.S., Sroufe, L.A. & Egeland, B. (2000). Attachment from infancy to early adulthood in a high-risk sample: Continuity, discontinuity, and their correlates. *Child Development*, 71, 695-702.
- Yan, Z. & Fischer, K. (2002). Always under construction: Dynamic variations in adult cognitive microdevelopment. *Human Development*, 45: 141-160.
- Zeanah, C. H., Benoit, D., Barton, M., Regan, C., Hirshberg, L. M. & Lipsitt, L. P. (1993). Representations of attachment in mothers and their one-year-old infants. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry* 32 (2), 278(9).

ANEXOS

ANEXO 1

TABELAS

Tabela 1. Frequência, tempo total ocorrência (em seg.) e percentual de frequência e de tempo de ocorrência dos frames de apego, nas díades 1 e 2 (Sessão 1)

DÍADES	Frequência e tempo em cada Frame				% de Frames (N=Configuração)				% de Frame (N=Total)			
	Díade 1		Díade 2		Díade 1		Díade 2		Díade 1		Díade 2	
FRAMES	Freq.	Tempo (seg.)	Freq.	Tempo (seg.)	Freq. (%)	Tempo (%)	Freq. (%)	Tempo (%)	Freq. (%)	Tempo (%)	Freq. (%)	Tempo (%)
Cuidado (criança)	06	64	0	0	33,33	14,61	0,00	0,00	16,22	6,64	0,00	0,00
Cuidado (personagens)	07	276	20	299	38,89	63,01	90,91	95,53	18,92	28,63	60,61	41,47
Cuidado (objeto)	05	98	02	14	27,78	22,37	9,09	4,47	13,51	10,17	6,06	1,94
Total – Cuidado	18	438	22	313	100,00	100,00	100,00	100,00	48,65	45,44	66,67	43,41
Separação (M-C)	02	20	01	03	25,00	10,36	14,29	0,87	5,41	2,07	3,03	0,42
Separação (personagens)	06	173	06	342	75,00	89,64	85,71	99,13	16,22	17,95	18,18	47,43
Total Separação	08	193	07	345	100,00	100,00	100,00	100,00	21,62	20,02	21,21	47,85
Reencontro (M-C)	02	23	0	0	18,18	6,91	0,00	0,00	5,41	2,39	0,00	0,00
Reencontro (personagens)	09	310	04	63	81,82	93,09	100,00	100,00	24,32	32,16	12,12	8,74
Total Reencontro	11	333	04	63	100,00	100,00	100,00	100,00	29,73	34,54	12,12	8,74
Total Geral	37	964	33	721					100,00	100,00	100,00	100,00

Tabela 2. Frequência, tempo total ocorrência (em seg.) e percentual de frequência e de tempo de ocorrência dos frames de apego, nas díades 1 e 2 (Sessão 2)

DÍADES	Frequência e tempo em cada Frame				% de Frames (N=Configuração)				% de Frame (N=Total)			
	Díade 1		Díade 2		Díade 1		Díade 2		Díade 1		Díade 2	
FRAMES	Freq.	Tempo (seg.)	Freq.	Tempo (seg.)	Freq. (%)	Tempo (%)	Freq. (%)	Tempo (%)	Freq. (%)	Tempo (%)	Freq. (%)	Tempo (%)
Cuidado (criança)	05	57	0	0	35,71	20,14	00,00	00,00	18,52	10,50	00,00	00,00
Cuidado (personagens)	06	191	13	235	42,86	67,49	100,00	100,00	22,22	35,17	65,00	53,29
Cuidado (objeto)	03	35	0	0	21,43	12,37	00,00	00,00	11,11	06,45	00,00	00,00
Total – Cuidado	14	283	13	235	100,00	100,00	100,00	100,00	51,85	52,12	65,00	53,29
Separação (M-C)	0	0	01	10	00,00	00,00	50,00	10,87	00,00	00,00	05,00	02,27
Separação (personagens)	06	74	01	82	100,00	100,00	50,00	89,13	22,22	13,63	05,00	18,59
Total Separação	06	74	02	92	100,00	100,00	100,00	100,00	22,22	13,63	10,00	20,86
Reencontro (M-C)	0	0	01	07	00,00	00,00	20,00	06,14	00,00	00,00	05,00	01,59
Reencontro (personagens)	07	186	04	107	100,00	100,00	80,00	93,86	25,93	34,25	20,00	24,26
Total Reencontro	07	186	05	114	100,00	100,00	100,00	100,00	25,93	34,25	25,00	25,85
Total Geral	27	543	20	441					100,00	100,00	100,00	100,00

Tabela 3. Frequência, tempo total ocorrência (em seg.) e percentual de frequência e de tempo de ocorrência dos frames de apego, nas díades 1 e 2 (Sessão 3)

DÍADES	Frequência e tempo em cada Frame				% de Frames (N=Configuração)				% de Frame (N=Total)			
	Díade 1		Díade 2		Díade 1		Díade 2		Díade 1		Díade 2	
FRAMES	Freq.	Tempo (seg.)	Freq.	Tempo (seg.)	Freq. (%)	Tempo (%)	Freq. (%)	Tempo (%)	Freq. (%)	Tempo (%)	Freq. (%)	Tempo (%)
Cuidado (criança)	12	121	01	07	41,38	22,53	8,33	2,27	24,49	16,03	5,88	1,81
Cuidado (personagens)	14	400	11	302	48,28	74,49	91,67	97,73	28,57	52,98	64,71	78,04
Cuidado (objeto)	03	16	0	0	10,34	2,98	0,00	0,00	6,12	2,12	0,00	0,00
Total – Cuidado	29	537	12	309	100,00	100,00	100,00	100,00	59,18	71,13	70,59	79,84
Separação (M-C)	0	0	02	11	0,00	0,00	66,67	21,57	0,00	0,00	11,76	2,84
Separação (personagens)	13	159	01	40	100,00	100,00	33,33	78,43	26,53	21,06	5,88	10,34
Total Separação	13	159	03	51	100,00	100,00	100,00	100,00	26,53	21,06	17,65	13,18
Reencontro (M-C)	0	0	01	06	0,00	0,00	50,00	22,22	0,00	0,00	5,88	1,55
Reencontro (personagens)	07	59	01	21	100,00	100,00	50,00	77,78	14,29	7,81	5,88	5,43
Total Reencontro	07	59	02	27	100,00	100,00	100,00	100,00	14,29	7,81	11,76	6,98
Total Geral	49	755	17	387					100,00	100,00	100,00	100,00

Tabela 4. Frequência, tempo total ocorrência (em seg.) e percentual de frequência e de tempo de ocorrência dos frames de apego, nas díades 1 e 2 (Sessões 1, 2 e 3)

DÍADES	Frequência e tempo em cada Frame				% de Frames (N=Configuração)				% de Frame (N=Total)			
	Díade 1		Díade 2		Díade 1		Díade 2		Díade 1		Díade 2	
FRAMES	Freq.	Tempo (seg.)	Freq.	Tempo (seg.)	Freq. (%)	Tempo (%)	Freq. (%)	Tempo (%)	Freq. (%)	Tempo (%)	Freq. (%)	Tempo (%)
Cuidado (criança)	23	242	01	07	37,70	19,24	2,13	0,82	20,35	10,70	1,43	0,45
Cuidado (personagens)	27	867	44	836	44,26	68,92	93,62	97,55	23,89	38,33	62,86	53,97
Cuidado (objeto)	11	149	02	14	18,03	11,84	4,26	1,63	9,73	6,59	2,86	0,90
Total – Cuidado	61	1258	47	857	100,00	100,00	100,00	100,00	53,98	55,61	67,14	55,33
Separação (M-C)	02	20	04	24	7,41	4,69	33,33	4,92	1,77	0,88	5,71	1,55
Separação (personagens)	25	406	08	464	92,59	95,31	66,67	95,08	22,12	17,95	11,43	29,95
Total Separação	27	426	12	488	100,00	100,00	100,00	100,00	23,89	18,83	17,14	31,50
Reencontro (M-C)	02	23	02	13	8,00	3,98	18,18	6,37	1,77	1,02	2,86	0,84
Reencontro (personagens)	23	555	09	191	92,00	96,02	81,82	93,63	20,35	24,54	12,86	12,33
Total Reencontro	25	578	11	204	100,00	100,00	100,00	100,00	22,12	25,55	15,71	13,17
Total Geral	113	2262	70	1549					100,00	100,00	100,00	100,00

Tabela 5. Frequência e percentual de frequência dos frames de apego e dos quase-frames de apego, nas duas díades e nas três sessões analisadas

FRAMES	Sessão 1				Sessão 2				Sessão 3				TOTAL GERAL					
	DÍADES		Díade 1		Díade 2		Díade 1		Díade 2		Díade 1		Díade 2		Díade 1		Díade 2	
	Freq. Total	Freq. %	Freq. Total	Freq. %	Freq. Total	Freq. %	Freq. Total	Freq. %	Freq. Total	Freq. %	Freq. Total	Freq. %	Freq. Total	Freq. %	Freq. Total	Freq. %	Freq. Total	Freq. %
Frame de Cuidado (criança)	06	100,00	00	00,00	05	100,00	00	00,00	12	100,00	01	100,00	23	100,00	01	100,00		
Quase-frame de Cuidado (criança)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00		
Frame de Cuidado (personagens)	07	77,78	20	83,33	06	85,71	13	72,22	14	73,68	11	84,62	27	77,14	44	80,00		
Quase-frame de Cuidado (personagens)	02	22,22	04	16,67	01	14,29	05	27,78	05	26,32	02	15,38	08	22,86	11	20,00		
Frame de Cuidado (objeto)	05	100,00	02	66,67	03	100,00	00	00,00	03	100,00	00	00,00	11	100,00	02	50,00		
Quase-frame de Cuidado (objeto)	00	00,00	01	33,33	00	00,00	00	00,00	00	00,00	01	100,00	00	00,00	02	50,00		
Total – Frame de Cuidado	18	90,00	22	81,48	14	93,33	13	72,22	29	85,29	12	80,00	61	88,41	47	78,33		
Total – Quase-frame de Cuidado	02	10,00	05	18,52	01	06,67	05	27,78	05	14,71	03	20,00	08	11,59	13	21,67		
Frame de Separação (M-C)	02	66,67	01	33,33	00	00,00	01	100,00	00	00,00	02	100,00	02	66,67	04	66,67		
Quase-frame de Separação (M-C)	01	33,33	02	66,67	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00	01	33,33	02	33,33		
Frame de Separação (personagens)	06	100,00	06	54,55	06	100,00	01	25,00	13	100,00	01	20,00	25	100,00	08	40,00		
Quase-frame de Separação (personagens)	00	00,00	05	45,45	00	00,00	03	75,00	00	00,00	04	80,00	00	00,00	12	60,00		
Total - Frame de Separação	08	88,89	07	50,00	06	100,00	02	40,00	13	100,00	03	42,86	27	96,43	16	53,33		
Total - Quase-frame de Separação	01	11,11	07	50,00	00	00,00	03	60,00	00	00,00	04	57,14	01	03,57	14	46,67		
Frame de Reencontro (M-C)	02	100,00	00	00,00	00	00,00	01	100,00	00	00,00	01	100,00	02	100,00	02	100,00		
Quase-frame de Reencontro (M-C)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00		
Frame de Reencontro (personagens)	09	90,00	04	40,00	07	87,50	04	80,00	07	70,00	01	50,00	23	82,14	09	52,94		
Quase-frame de Reencontro (personagens)	01	10,00	06	60,00	01	12,50	01	20,00	03	30,00	01	50,00	05	17,86	08	47,06		
Total - Frame de Reencontro	11	91,67	04	40,00	07	87,50	05	83,33	07	70,00	02	66,67	25	83,33	11	57,89		
Total - Quase-frame de Reencontro	01	08,33	06	60,00	01	12,50	01	16,67	03	30,00	01	33,33	05	16,67	08	42,11		
Total Geral - Frame de Apego	37	90,24	33	64,71	27	93,10	20	68,97	49	85,96	17	68,00	113	88,98	74	67,89		
Total Geral - Quase-Frame de Apego	04	09,76	18	35,29	02	06,90	09	31,03	08	14,04	08	32,00	14	11,02	35	32,11		

Tabela 6 - Frequência, tempo total de ocorrência e percentuais de frequência e de tempo de ocorrência de cada um dos padrões de co-regulação nos frames de apego, nas duas díades (sessão 1)

DÍADES	Díade 1				Díade 2			
	Freq. Total	Freq. (%)	Tempo (seg.)	Tempo (%)	Freq. Total	Freq. (%)	Tempo (seg.)	Tempo (%)
CO-REGULAÇÃO								
Simétrico (acordo)	36	73,47	805	83,51	33	47,14	398	55,28
Simétrico (desacordo)	03	6,12	22	2,28	09	12,86	157	21,81
Total Simétrico	39	79,59	827	85,79	42	60,00	555	77,08
Assimétrico (C observa)	01	2,04	07	0,73	05	7,14	32	4,44
Assimétrico (M observa)	00	0,00	00	0,00	01	1,43	03	0,42
Total Assimétrico	01	2,04	07	0,73	06	8,57	35	4,86
Unilateral (Following – M)	03	6,12	55	5,71	01	1,43	07	0,97
Unilateral (Following – C)	00	0,00	00	0,00	00	0,00	00	0,00
Unilateral (Initiating – M)	00	0,00	00	0,00	01	1,43	04	0,56
Unilateral (Initiating – C)	00	0,00	00	0,00	07	10,00	54	7,50
Unilateral (Demanding – M)	00	0,00	00	0,00	00	0,00	00	0,00
Unilateral (Demanding – C)	00	0,00	00	0,00	01	1,43	11	1,53
Unilateral (Não engajado – M)	03	6,12	58	6,02	03	4,29	10	1,39
Unilateral (Não engajado – C)	00	0,00	00	0,00	07	10,00	39	5,42
Total Unilateral	06	12,24	113	11,72	20	28,57	125	17,36
Interrupção (C interrompe)	00	0,00	00	0,00	01	1,43	02	0,28
Interrupção (M interrompe)	00	0,00	00	0,00	01	1,43	03	0,42
Total Interrupção	00	0,00	00	0,00	02	2,86	05	0,69
Não Codificado	03	6,12	17	1,76	00	0,00	00	0,00
TOTAL GERAL	49	100,00	964	100,00	70	100,00	720	100,00

Tabela 7 - Frequência, tempo total de ocorrência e percentuais de frequência e de tempo de ocorrência de cada um dos padrões de co-regulação nos frames de apego, nas duas díades (sessão 2)

DÍADES	Díade 1				Díade 2			
	Freq. Total	Freq. (%)	Tempo (seg.)	Tempo (%)	Freq. Total	Freq. (%)	Tempo (seg.)	Tempo (%)
CO-REGULAÇÃO								
Simétrico (acordo)	23	57,50	450	82,87	21	50,00	262	64,06
Simétrico (desacordo)	00	0,00	00	0,00	04	9,52	31	7,58
Total Simétrico	23	57,50	450	82,87	25	59,52	293	71,64
Assimétrico (C observa)	01	2,50	10	1,84	05	11,90	48	11,74
Assimétrico (M observa)	00	0,00	00	0,00	00	0,00	00	0,00
Total Assimétrico	01	2,50	10	1,84	05	11,90	48	11,74
Unilateral (Following – M)	00	0,00	00	0,00	00	0,00	00	0,00
Unilateral (Following – C)	04	10,00	68	12,52	00	0,00	00	0,00
Unilateral (Initiating – M)	04	10,00	08	1,47	01	2,38	02	0,49
Unilateral (Initiating – C)	04	10,00	03	0,55	08	19,05	47	11,49
Unilateral (Demanding – M)	00	0,00	00	0,00	00	0,00	00	0,00
Unilateral (Demanding – C)	00	0,00	00	0,00	00	0,00	00	0,00
Unilateral (Não engajado – M)	00	0,00	00	0,00	00	0,00	00	0,00
Unilateral (Não engajado – C)	04	10,00	04	0,74	01	2,38	08	1,96
Total Unilateral	16	40,00	83	15,29	10	23,81	57	13,94
Interrupção (C interrompe)	00	0,00	00	0,00	01	2,38	04	0,98
Interrupção (M interrompe)	00	0,00	00	0,00	00	0,00	00	0,00
Total Interrupção	00	0,00	00	0,00	01	2,38	04	0,98
Não Codificado	00	0,00	00	0,00	01	2,38	07	1,71
TOTAL GERAL	40	100,00	543	100,00	42	100,00	409	100,00

Tabela 8 - Frequência, tempo total de ocorrência e percentuais de frequência e de tempo de ocorrência de cada um dos padrões de co-regulação nos frames de apego, nas duas díades (sessão 3)

DÍADES	Díade 1				Díade 2			
	Freq. Total	Freq. (%)	Tempo (seg.)	Tempo (%)	Freq. Total	Freq. (%)	Tempo (seg.)	Tempo (%)
CO-REGULAÇÃO								
Simétrico (acordo)	44	77,19	616	81,59	15	44,12	227	68,37
Simétrico (desacordo)	03	05,26	36	04,77	03	08,82	24	07,23
Total Simétrico	47	82,46	652	86,36	18	52,94	251	75,60
Assimétrico (C observa)	04	07,02	30	03,97	06	17,65	24	07,23
Assimétrico (M observa)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Total Assimétrico	04	07,02	30	03,97	06	17,65	24	07,23
Unilateral (Following – M)	01	01,75	05	00,66	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Following – C)	02	03,51	51	06,75	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Initiating – M)	02	03,51	12	01,59	02	05,88	09	02,71
Unilateral (Initiating – C)	01	01,75	05	00,66	05	14,71	26	07,83
Unilateral (Demanding – M)	00	00,00	00	00,00	01	02,94	06	01,81
Unilateral (Demanding – C)	00	00,00	00	00,00	01	02,94	11	03,31
Unilateral (Não engajado – M)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Não engajado – C)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Total Unilateral	06	10,53	73	09,67	09	26,47	52	15,66
Interrupção (C interrompe)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Interrupção (M interrompe)	00	00,00	00	00,00	01	02,94	05	01,51
Total Interrupção	00	00,00	00	00,00	01	02,94	05	01,51
Não Codificado	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
TOTAL GERAL	57	100,00	755	100,00	34	100,00	332	100,00

Tabela 9 - Frequência, tempo total de ocorrência e percentuais de frequência e de tempo de ocorrência de cada um dos padrões de co-regulação nos frames de apego, nas duas díades (sessão 1, 2 e 3)

DÍADES	Díade 1				Díade 2			
CO-REGULAÇÃO	Freq. Total	Freq. (%)	Tempo (seg.)	Tempo (%)	Freq. Total	Freq. (%)	Tempo (seg.)	Tempo (%)
Simétrico (acordo)	103	72,03	1871	82,71	69	47,26	887	60,71
Simétrico (desacordo)	06	04,20	58	02,56	16	10,96	212	14,51
Total Simétrico	109	76,22	1929	85,28	85	58,22	1099	75,22
Assimétrico (C observa)	06	04,20	47	02,08	16	10,96	104	07,12
Assimétrico (M observa)	00	00,00	00	00,00	01	00,68	03	00,21
Total Assimétrico	06	04,20	47	02,08	17	11,64	107	07,32
Unilateral (Following – M)	04	02,80	60	02,65	01	00,68	07	00,48
Unilateral (Following – C)	06	04,20	119	05,26	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Initiating – M)	06	04,20	20	00,88	04	02,74	15	01,03
Unilateral (Initiating – C)	05	03,50	08	00,35	20	13,70	127	08,69
Unilateral (Demanding – M)	00	00,00	00	00,00	01	00,68	06	00,41
Unilateral (Demanding – C)	00	00,00	00	00,00	02	01,37	22	01,51
Unilateral (Não engajado – M)	00	00,00	58	02,56	03	02,05	10	00,68
Unilateral (Não engajado – C)	04	02,80	04	00,18	08	05,48	47	03,22
Total Unilateral	25	17,48	269	11,89	39	26,71	234	16,02
Interrupção (C interrompe)	00	00,00	00	00,00	02	01,37	06	00,41
Interrupção (M interrompe)	00	00,00	00	00,00	02	01,37	08	00,55
Total Interrupção	00	00,00	00	00,00	04	02,74	14	00,96
Não Codificado	03	02,10	17	00,75	01	00,68	07	00,48
TOTAL GERAL	143	100,00	2262	100,00	146	100,00	1461	100,00

Tabela 10 - Frequência, tempo total de ocorrência e percentuais de frequência e de tempo de ocorrência de cada um dos padrões de co-regulação nos quase-frames de apego, nas duas díades (sessão 1)

DÍADES	Díade 1				Díade 2			
	Freq. Total	Freq. (%)	Tempo (seg.)	Tempo (%)	Freq. Total	Freq. (%)	Tempo (seg.)	Tempo (%)
CO-REGULAÇÃO								
Simétrico (acordo)	04	80,00	23	88,46	09	32,14	61	20,54
Simétrico (desacordo)	01	20,00	03	11,54	06	21,43	139	46,80
Total Simétrico	05	100,00	26	100,00	15	53,57	200	67,34
Assimétrico (C observa)	00	00,00	00	00,00	02	07,14	10	03,37
Assimétrico (M observa)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Total Assimétrico	00	00,00	00	00,00	02	07,14	10	03,37
Unilateral (Following – M)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Following – C)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Initiating – M)	00	00,00	00	00,00	02	07,14	09	03,03
Unilateral (Initiating – C)	00	00,00	00	00,00	03	10,71	22	07,41
Unilateral (Demanding – M)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Demanding – C)	00	00,00	00	00,00	01	03,57	09	03,03
Unilateral (Não engajado – M)	00	00,00	00	00,00	01	03,57	04	01,35
Unilateral (Não engajado – C)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Total Unilateral	00	00,00	00	00,00	07	25,00	44	14,81
Interrupção (C interrompe)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Interrupção (M interrompe)	00	00,00	00	00,00	04	14,29	43	14,48
Total Interrupção	00	00,00	00	00,00	04	14,29	43	14,48
Não Codificado	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
TOTAL GERAL	05	100,00	26	100,00	28	100,00	297	100,00

Tabela 11 - Frequência, tempo total de ocorrência e percentuais de frequência e de tempo de ocorrência de cada um dos padrões de co-regulação nos quase-frames de apego, nas duas díades (sessão 2)

DÍADES	Díade 1				Díade 2			
	Freq. Total	Freq. (%)	Tempo (seg.)	Tempo (%)	Freq. Total	Freq. (%)	Tempo (seg.)	Tempo (%)
CO-REGULAÇÃO								
Simétrico (acordo)	00	00,00	00	00,00	04	25,00	53	33,97
Simétrico (desacordo)	00	00,00	00	00,00	03	18,75	28	17,95
Total Simétrico	00	00,00	00	00,00	07	43,75	81	51,92
Assimétrico (C observa)	01	50,00	24	88,89	02	12,50	12	07,69
Assimétrico (M observa)	00	00,00	00	00,00	01	06,25	03	01,92
Total Assimétrico	01	50,00	24	88,89	03	18,75	15	09,62
Unilateral (Following – M)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Following – C)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Initiating – M)	00	00,00	00	00,00	01	06,25	07	04,49
Unilateral (Initiating – C)	01	50,00	03	11,11	03	18,75	35	22,44
Unilateral (Demanding – M)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Demanding – C)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Não engajado – M)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Não engajado – C)	00	00,00	00	00,00	01	06,25	09	05,77
Total Unilateral	01	50,00	03	11,11	05	31,25	51	32,69
Interrupção (C interrompe)	00	00,00	00	00,00	01	06,25	09	05,77
Interrupção (M interrompe)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Total Interrupção	00	00,00	00	00,00	01	06,25	09	05,77
Não Codificado	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
TOTAL GERAL	02	100,00	27	100,00	16	100,00	156	100,00

Tabela 12 - Frequência, tempo total de ocorrência e percentuais de frequência e de tempo de ocorrência de cada um dos padrões de co-regulação nos quase-frames de apego, nas duas díades (sessão 3)

DÍADES	Díade 1				Díade 2			
	Freq. Total	Freq. (%)	Tempo (seg.)	Tempo (%)	Freq. Total	Freq. (%)	Tempo (seg.)	Tempo (%)
CO-REGULAÇÃO								
Simétrico (acordo)	07	58,33	94	68,61	00	00,00	00	00,00
Simétrico (desacordo)	00	00,00	00	00,00	03	23,08	52	41,60
Total Simétrico	07	58,33	94	68,61	03	23,08	52	41,60
Assimétrico (C observa)	01	08,33	03	02,19	03	23,08	38	30,40
Assimétrico (M observa)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Total Assimétrico	01	08,33	03	02,19	03	23,08	38	30,40
Unilateral (Following – M)	01	08,33	22	16,06	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Following – C)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Initiating – M)	03	25,00	18	13,14	03	23,08	11	08,80
Unilateral (Initiating – C)	00	00,00	00	00,00	04	30,77	24	19,20
Unilateral (Demanding – M)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Demanding – C)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Não engajado – M)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Não engajado – C)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Total Unilateral	04	33,33	40	29,20	07	53,85	35	28,00
Interrupção (C interrompe)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Interrupção (M interrompe)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Total Interrupção	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Não Codificado	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
TOTAL GERAL	12	100,00	137	100,00	13	100,00	125	100,00

Tabela 13 - Frequência, tempo total de ocorrência e percentuais de frequência e de tempo de ocorrência de cada um dos padrões de co-regulação nos quase-frames de apego, nas duas díades (sessão 1, 2 e 3)

DÍADES	Díade 1				Díade 2			
	Freq. Total	Freq. (%)	Tempo (seg.)	Tempo (%)	Freq. Total	Freq. (%)	Tempo (seg.)	Tempo (%)
CO-REGULAÇÃO								
Simétrico (acordo)	11	57,89	117	61,58	13	22,81	114	19,72
Simétrico (desacordo)	01	05,26	03	01,58	12	21,05	219	37,89
Total Simétrico	12	63,16	120	63,16	25	43,86	333	57,61
Assimétrico (C observa)	02	10,53	27	14,21	07	12,28	60	10,38
Assimétrico (M observa)	00	00,00	00	00,00	01	01,75	03	00,52
Total Assimétrico	02	10,53	27	14,21	08	14,04	63	10,90
Unilateral (Following – M)	01	05,26	22	11,58	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Following – C)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Initiating – M)	03	15,79	18	09,47	06	10,53	27	04,67
Unilateral (Initiating – C)	01	05,26	03	01,58	10	17,54	81	14,01
Unilateral (Demanding – M)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Demanding – C)	00	00,00	00	00,00	01	01,75	09	01,56
Unilateral (Não engajado – M)	00	00,00	00	00,00	01	01,75	04	00,69
Unilateral (Não engajado – C)	00	00,00	00	00,00	01	01,75	09	01,56
Total Unilateral	05	26,32	43	22,63	19	33,33	130	22,49
Interrupção (C interrompe)	00	00,00	00	00,00	01	01,75	09	01,56
Interrupção (M interrompe)	00	00,00	00	00,00	04	07,02	43	07,44
Total Interrupção	00	00,00	00	00,00	05	08,77	52	09,00
Não Codificado	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
TOTAL GERAL	19	100,00	190	100,00	57	100,00	578	100,00

Tabela 14 - Frequência, tempo total de ocorrência e percentuais de frequência e de tempo de ocorrência de cada um dos padrões de co-regulação nos frames de apego e nos quase-frames de apego, nas duas díades (sessão 1)

DÍADES	Díade 1				Díade 2			
	Freq. Total	Freq. (%)	Tempo (seg.)	Tempo (%)	Freq. Total	Freq. (%)	Tempo (seg.)	Tempo (%)
CO-REGULAÇÃO								
Simétrico (acordo)	40	74,07	828	83,64	42	42,86	459	45,13
Simétrico (desacordo)	04	07,41	25	02,53	15	15,31	296	29,11
Total Simétrico	44	81,48	853	86,16	57	58,16	755	74,24
Assimétrico (C observa)	01	01,85	07	00,71	07	07,14	42	04,13
Assimétrico (M observa)	00	00,00	00	00,00	01	01,02	03	00,29
Total Assimétrico	01	01,85	07	00,71	08	08,16	45	04,42
Unilateral (Following – M)	03	05,56	55	05,56	01	01,02	07	00,69
Unilateral (Following – C)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Initiating – M)	00	00,00	00	00,00	03	03,06	13	01,28
Unilateral (Initiating – C)	00	00,00	00	00,00	10	10,20	76	07,47
Unilateral (Demanding – M)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Demanding – C)	00	00,00	00	00,00	02	02,04	20	01,97
Unilateral (Não engajado – M)	03	05,56	58	05,86	04	04,08	14	01,38
Unilateral (Não engajado – C)	00	00,00	00	00,00	07	07,14	39	03,83
Total Unilateral	06	11,11	113	11,41	27	27,55	169	16,62
Interrupção (C interrompe)	00	00,00	00	00,00	01	01,02	02	00,20
Interrupção (M interrompe)	00	00,00	00	00,00	05	05,10	46	04,52
Total Interrupção	00	00,00	00	00,00	06	06,12	48	04,72
Não Codificado	03	05,56	17	01,72	00	00,00	00	00,00
TOTAL GERAL	54	100,00	990	100,00	98	100,00	1017	100,00

Tabela 15 - Frequência, tempo total de ocorrência e percentuais de frequência e de tempo de ocorrência de cada um dos padrões de co-regulação nos frames de apego e nos quase-frames de apego, nas duas díades (sessão 2)

DÍADES	Díade 1				Díade 2			
	Freq. Total	Freq. (%)	Tempo (seg.)	Tempo (%)	Freq. Total	Freq. (%)	Tempo (seg.)	Tempo (%)
CO-REGULAÇÃO								
Simétrico (acordo)	23	54,76	450	78,95	25	43,10	315	55,75
Simétrico (desacordo)	00	00,00	00	00,00	07	12,07	59	10,44
Total Simétrico	23	54,76	450	78,95	32	55,17	374	66,19
Assimétrico (C observa)	02	04,76	34	05,96	07	12,07	60	10,62
Assimétrico (M observa)	00	00,00	00	00,00	01	01,72	03	00,53
Total Assimétrico	02	04,76	34	05,96	08	13,79	63	11,15
Unilateral (Following – M)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Following – C)	04	09,52	68	11,93	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Initiating – M)	04	09,52	08	01,40	02	03,45	09	01,59
Unilateral (Initiating – C)	05	11,90	06	01,05	11	18,97	82	14,51
Unilateral (Demanding – M)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Demanding – C)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Não engajado – M)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Não engajado – C)	04	09,52	04	00,70	02	03,45	17	03,01
Total Unilateral	17	40,48	86	15,09	15	25,86	108	19,12
Interrupção (C interrompe)	00	00,00	00	00,00	02	03,45	13	02,30
Interrupção (M interrompe)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Total Interrupção	00	00,00	00	00,00	02	03,45	13	02,30
Não Codificado	00	00,00	00	00,00	01	01,72	07	01,24
TOTAL GERAL	42	100,00	570	100,00	58	100,00	565	100,00

Tabela 16 - Frequência, tempo total de ocorrência e percentuais de frequência e de tempo de ocorrência de cada um dos padrões de co-regulação nos frames de apego e nos quase-frames de apego, nas duas díades (sessão 3)

DÍADES	Díade 1				Díade 2			
	Freq. Total	Freq. (%)	Tempo (seg.)	Tempo (%)	Freq. Total	Freq. (%)	Tempo (seg.)	Tempo (%)
CO-REGULAÇÃO								
Simétrico (acordo)	51	73,91	710	79,60	15	32,61	227	50,90
Simétrico (desacordo)	03	04,35	36	04,04	06	13,04	76	17,04
Total Simétrico	54	78,26	746	83,63	21	45,65	303	67,94
Assimétrico (C observa)	04	05,80	30	03,36	09	19,57	62	13,90
Assimétrico (M observa)	01	01,45	03	00,34	00	00,00	00	00,00
Total Assimétrico	05	07,25	33	03,70	09	19,57	62	13,90
Unilateral (Following – M)	02	02,90	27	03,03	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Following – C)	02	02,90	51	05,72	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Initiating – M)	05	07,25	30	03,36	05	10,87	20	04,48
Unilateral (Initiating – C)	01	01,45	05	00,56	09	19,57	50	11,21
Unilateral (Demanding – M)	00	00,00	00	00,00	01	02,17	06	01,35
Unilateral (Demanding – C)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Não engajado – M)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Não engajado – C)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Total Unilateral	10	14,49	113	12,67	15	32,61	76	17,04
Interrupção (C interrompe)	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
Interrupção (M interrompe)	00	00,00	00	00,00	01	02,17	05	01,12
Total Interrupção	00	00,00	00	00,00	01	02,17	05	01,12
Não Codificado	00	00,00	00	00,00	00	00,00	00	00,00
TOTAL GERAL	69	100,00	892	100,00	46	100,00	446	100,00

Tabela 17 - Frequência, tempo total de ocorrência e percentuais de frequência e de tempo de ocorrência de cada um dos padrões de co-regulação nos frames de apego e nos quase-frames de apego, nas duas díades (sessões 1, 2 e 3)

	DÍADES		Díade 1		Díade 2			
	Freq. Total	Freq. (%)	Tempo (seg.)	Tempo (%)	Freq. Total	Freq. (%)	Tempo (seg.)	Tempo (%)
CO-REGULAÇÃO								
Simétrico (acordo)	114	69,09	1988	81,08	82	40,59	1001	49,36
Simétrico (desacordo)	07	04,24	61	02,49	28	13,86	431	21,25
Total Simétrico	121	73,33	2049	83,56	110	54,46	1432	70,61
Assimétrico (C observa)	07	04,24	71	02,90	23	11,39	164	08,09
Assimétrico (M observa)	01	00,61	03	00,12	02	00,99	06	00,30
Total Assimétrico	08	04,85	74	03,02	25	12,38	170	08,38
Unilateral (Following – M)	05	03,03	82	03,34	01	00,50	07	00,35
Unilateral (Following – C)	06	03,64	119	04,85	00	00,00	00	00,00
Unilateral (Initiating – M)	09	05,45	38	01,55	10	04,95	42	02,07
Unilateral (Initiating – C)	06	03,64	11	00,45	30	14,85	208	10,26
Unilateral (Demanding – M)	00	00,00	00	00,00	01	00,50	06	00,30
Unilateral (Demanding – C)	00	00,00	00	00,00	02	00,99	20	00,99
Unilateral (Não engajado – M)	03	01,82	58	02,37	04	01,98	14	00,69
Unilateral (Não engajado – C)	04	02,42	04	00,16	09	04,46	56	02,76
Total Unilateral	33	20,00	312	12,72	57	28,22	353	17,41
Interrupção (C interrompe)	00	00,00	00	00,00	03	01,49	15	00,74
Interrupção (M interrompe)	00	00,00	00	00,00	06	02,97	51	02,51
Total Interrupção	00	00,00	00	00,00	09	04,46	66	03,25
Não Codificado	03	01,82	17	00,69	01	00,50	07	00,35
TOTAL GERAL	165	100,00	2452	100,00	202	100,00	2028	100,00

ANEXO 2

Diagrama ilustrativo das principais características dos padrões de co-regulação

